René Guénon

O Rei do Mundo

Le Roi du Monde
Paris 1927

O REI DO MUNDO

ÍNDICE

PÁGINA

Prefácio .....
INTRODUÇÃO
Governo Mundial..... 1
Diretório Oculto e um Executivo..... 7
A Lenda do Cavalo Branco..... 10
O REI DO MUNDO
Palavras Necessárias..... 11
Capítulo I – Noções da Agartha no Ocidente..... 23
Comentários..... 25
Notas e Comentários- Os tempos esperados já chegaram... .. 37
Capítulo II - Realeza e Pontificado..... 38
Comentários..... 41
Capítulo III - A Shekinah e Metraton..... 50
Comentários..... 54
Capítulo IV - As três funções Supremas..... 82
Comentários de Tratamentos..... 86
Tratamento Mental..... 88
Subdivisão do Tratamento Mental..... 90
Eficácia da Fé 92
Resumo do modo Operatório..... 95
Conclusão..... 98
Capítulo V – Simbolismo do Graal..... 103
Capitulo VI – Melki-Tsedeq..... 107
JHS e o Rei do Mundo..... 113
O Santo Cálice no Culto de Melki-tsedek 114
O Senhor das duas faces 117
Agartha e as escrituras Sagradas..... 117
Capítulo VII – Luz, Morada da Imortalidade..... 119
Capítulo VIII – O Centro Supremo durante a Kalli-Yuga..... 123
O Rei do Mundo e os Mundos Subterrâneos – A bibliografia
Hodierna e as Tradições Milenares..... 126
Três Mundos e seis dimensões 127
Onde se processa a evolução..... 128
O Templo do Caijah em Duat..... 128
A sede da Agartha e o testemunho de Saint'Yves 129
Os Infra Mundos na Tradição Egípcia 130

A Importância dos Rituais..... 131
Críticas passíveis de críticas. A Missão de Helena P. Blavatsky
Quem são os legítimos representantes Agarthinos?.. 133
CAPÍTULO IX – Onphalus e Betilos 135
CAPÍTULO X – Nomes e representações simbólicas 139

O REI DO MUNDO

PREFÁCIO

A Humanidade esta próxima dos maiores acontecimentos de sua história multimilenar, porque já estão a seus pés, no limiar desse admirável Mundo Novo, Advento de Maytréia, da Estrela da Manhã, tão celebrado pelos augustos Mestres, pelas sibilas do futuro, constantes dos rituais maçônicos do REEA, nos seus últimos graus, indicando claramente a atuação dos “Nove”, - cujo conteúdo deve se ler por trás da palavra que mata com o espírito que vivifica - já é possível dizerem-se certas coisas, sem infringir a Lei que a tudo e a todos rege. Coisas espantosas e estranhas, sem dúvida, mas que por si só, saneiam tantas soluções de continuidade - principalmente com os comentários aqui feitos pelo Professor Henrique José de Souza - no processo evolutivo do homem - que é a transformação de vida energia em vida consciência - e desenrolam o indispensável fio de “Ariadne” no labirinto de tantos fatos esquisitos até agora parecendo inexplicáveis.

Desde a muito, certos mistérios passíveis de serem profanados com a sua revelação pública, apenas se sussurravam aos ouvidos de alguns privilegiados e iniciados, e ainda inscritos em letras de fogo, quase que de boca a ouvido ou ainda nas páginas dos livros sagrados ou em “cartas revelações”, o seu sentido permanecia velado aos profanos, pois que só com estado de consciência em nível capaz poderá ser interpretado.

O mistério do Rei do Mundo fora aflorado, em época recente, por Saint-Yves d’Alveydre, com Ossendowsky, e alguns outros como o Marquês de Riviere, Raymond Bernard em sua obra “A Terra Ôca”, onde são tecidos uma série de considerações, as mais oportunas, acerca dos reinos subterrâneos, morada dos homens perfeitos, o mundo da Agartha em sua capital Shamballah, sede de comando do Rei do Mundo.

O ilustre cabalista Renê Guénon, que teve por Mestre Secreto, ilustre e famoso Rabino, quem oferece circunspectas e gerais informações dos transcendentes problemas que se referem à Agartha e ao Rei do Mundo, e um dado ressalta, em definitivo, dessa obra extraordinária de erudição, ainda que perfeitamente assimilável: o da existência duma tradição inequívoca, no espaço e no tempo, constituída pelo testemunho coletivo e que se radica como prova de consenso universal. Existe uma “Terra Santa”, uma “Jerusalém Celeste”, “Terra de Salém”, protótipo de todas as terras Santas e poderoso Centro de irradiação cósmica, centro zelosamente guardado pelas então genuínas Confrarias Iniciáticas, que não só guardavam mas que iniciavam profanos capazes ao estado de consciência prontos a oferecer seu trabalho à Obra do Eterno na Face da Terra, como de quem a Ordem dos Templários foi exemplo manifesto ao instituir-se como fiel “Guardiã da Terra Santa” como é tradição.

Ora, da identidade e concordância das tradições ou da sua universalidade, decorre, naturalmente, a idéia da existência duma Fonte Única, original que expressa, na linguagem hierática de todas as tradições e através dos seus símbolos, lendas e mitos, a realidade dessa misteriosa “Terra Santa” e de seu Chefe Supremo, conhecido na Índia como o Jagrat-Dwipa.

Contudo, este Ser Supremo possui outros nomes, porque as suas funções são múltiplas e complexas. Assim, como soberano Oculto dos seres da face da

Terra era denominado pelos tibetanos como Rygden-Djiepo – hoje seu nome é bem outro, que deixo de mencionar, aguardando que o tempo o revele...Como o Senhor Supremo das Ordens Secretas autenticamente Iniciáticas, isto é, de âmbito solar, Ele é Melki-Tsedek, pois que todas as duma Ordem Primordial, a Ordem ou Igreja de Melki-Tsedek.Ordens Iniciáticas dimanam

Neste ponto, evoco o saudoso Professor Henrique José de Souza, com seus comentários e esclarecimentos aqui apresentados, revelando como funciona e como ocorre a atuação dos poderes divinos, ou sejam os de cima, divinos ou celestiais para os de baixo, na face da terra. René Guenon só disse o que foi permitido então pela Lei, através seu mestre o Sábio Rabino – porque hoje, como anunciava Blavatsky *em sua Doutrina Secreta:**"No século XX um outro Ser mais instruído e mais apto será enviado para dar provas finais e irrefutáveis de que existe uma ciência chamada Gupta-Vidya";* - que, diga-se de passagem, na sua atuação como revelador veio esclarecer ou dar ciência quanto ao mistério de Metatron e Shekinah, pelos seus comentários apresentados neste trabalho quanto às hierarquias Criadoras, atuando em Shamballah, Agartha, Duat, através dos Santuários ou templos do Caijá e Mekatulan...através da atual Igreja de Melki-Tsedek, aspecto esotérico ou oculto da hoje, Sociedade Brasileira de Eubiose, antes Sociedade Teosófica Brasileira, que continua trabalhando para o advento de Maytréia, também como Ordem do Santo Graal.

Melki-Tsedek, na sua dupla função de Soberano e Pontifice é na realidade o alfa e o ômega de toda evolução em processo em nosso globo, como organizador supremo das instituições humanas, de todas as civilizações, dado que determina os seus biótipos, as SUS formas arquetipais. E alguns dirigentes humanos, os que na verdade servem os planos da ideação Arcânica, são efetivamente expressões, diretas ou indiretas, da sua vontade, como Manifestação Ideoplástica do Homem Cósmico que é Jehovah.

Como o afirma Parasana a Maitri (Maytréia), no Vishnu-Purana: "coroado e exaltado pelos próprios deuses e pelos seres celestes que eternamente honram as suas virtudes excelsas, encontra-se o Mantenedor do Mundo. Ele detém as Forças Cósmicas. Ele torna possível a existência de nosso globo". Ou como ouviu da boca do seu Guru o grande místico e erudito Jean Marquês de Rivière, autor da obra "O Homem dos Monastérios Tibetanos": ..."e agora, meu filho, no silêncio de todas as coisas existe um mistério muito mais profundo que tudo o que mais,. Sabei que reina sobre a Terra, e muito acima dela, o Lama dos Lamas. Aquele diante do qual o próprio Trachi-Lama se prosterna na maior das reverências. Aquele a quem chamamos o Senhor dos Três Mundos. Mas seu reino terrestre mantém-se oculto à visão dos homens"

Neste momento nada melhor do que iniciarmos a leitura atenta do magistral livro de René Guenon com os comentários do Professor Henrique José de Souza e mais...Não há duvida que os tempos esperados chegaram e o advento de Maytréia está bem próximo. A luz existia conquanto disfarçada sob a cegueira. É hora de que comece a iluminar-nos o Caminho da Iniciação e seus mistérios.

AUGUSTINHO KOSCHDOSKI, Grau 33, do REEA, portador da Comenda Pedro I, Benemérito e Grande Benemérito da Loja Adonai 1377 e Loja Maçônica Professor Henrique José de Souza de Estudos e Pesquisas. Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Eubiose e Ordem do Santo Graal; Ex-Clérigo da Fraternidade Rosicruciana Antiqua e Eclésia Gnóstica.

Rua Senador Dantas, 117, Conj 1.213, tel 2215-7890 e 2215-7898, CEP 20.031-201 – RIO DE JANEIRO - 2010

GOVERNO MUNDIAL

A humanidade não está sozinha no mundo. Tem o direito do Livre Arbítrio, mas, até onde burla as Leis Universais está limitada por um determinismo cósmico.

Muito se têm falado a respeito de diferentes grupos de mestres que existem fisicamente e mesmo não fisicamente.

Quantos desses mestres esotéricos existem hoje? Como eles influenciam os buscadores, e qual é o efeito produzido por eles no mundo?

Existem muitas dificuldades para a existência do conhecimento espiritual. A primeira é que ele não pode ser expresso adequadamente. Mesmo quando alguém chega a conhecê-lo, não é capaz de expressá-lo. Assim, o que tem sido conhecido não pode ser expresso com facilidade.

Alguém sabe algo e existem buscadores que querem saber também, mas o conhecimento não pode ser comunicado. Todo conhecimento que é transmitido nós o recebemos como informação. O fato de você querer conhecê-lo e de alguma outra pessoa que conhece querer transmiti-lo a você não significa que a comunicação seja possível. A própria natureza do conhecimento espiritual é tal que, no momento em que o Mestre tenta expressá-lo, sente que ele não pode ser expresso. Assim, os grupos esotéricos são necessários para comunicá-lo, como disse, como informação.

Os grupos esotéricos, as escolas Iniciáticas ou os Grandes Instrutores expressam os conhecimentos transcendentais conscientes e, com este estado de consciência transmitem seus conhecimentos; mas, os discípulos, os buscadores os recebem como informação. O Mestre não ensina, o discípulo é que aprende vivenciando, experienciando, experimentando, praticando, realizando em estado de consciência compatível para transformar em conhecimento as informações recebidas.

“Grupo esotérico” significa um grupo especificamente treinado “iniciáticamente” para receber um determinado sistema de conhecimento. Como exemplo podemos fazer uma analogia.

Einstein referiu-se muitas vezes ao fato de que não existiam mais do que meia dúzia de pessoas no mundo com as quais podia se comunicar. Ele estava falando sobre conhecimento matemático, não sobre conhecimento espiritual. Mas isso era um fato. Nem mesmo meia dúzia de pessoas existiam com as quais Einstein pudesse falar livremente, porque ele chegou a tais picos da matemática que não podia se comunicar através de símbolos matemáticos comuns.

Se Einstein tentasse transmitir seu conhecimento para você, seria possível ouvi-lo, mas não compreendê-lo. Ouvir apenas não é compreender ou entender. Mesmo entendendo ou compreendendo é necessária a experiência, vivenciação para conhecer. Conhecer é estar presente no ato, não apenas na ação. Quando você não compreende, existem muitas possibilidades de surgirem equívocos, porque da compreensão a não-compreensão existe um fenômeno intermediário da má interpretação. Ninguém está preparado para aceitar que não compreendeu; assim, quando há compreensão, isso não significa uma não compreensão. Em noventa e nove por cento dos casos significa má interpretação porque ninguém

está preparado para admitir que não compreendeu. Todo mundo diz que compreendeu, e então os equívocos se iniciam.

A matemática não é um conhecimento esotérico e não se refere ao inexprimível. Ela tem existido continuamente por cinco mil anos. Milhares de mentes são treinadas em matemática. Todas as universidades em todo o mundo a ensinam; todas as escolas primárias a ensinam. Com tanto treinamento, tanto conhecimento, tantos departamentos em tantas escolas e universidades ensinando matemática, ainda assim Einstein dizia: "Existem apenas seis pessoas a quem posso comunicar o que sei". Se você compreender isso, então começará a compreender as dificuldades de comunicação das experiências espirituais.

Um Grupo Esotérico é um grupo especialmente treinado para trabalhar com um determinado Mestre ou Grande Instrutor, ou Avatara.. Um Buda ou um Avatara acontece após milhares de anos. Se esse fenômeno, esse estado é tão raro, como Buda, Cristo ou Krishna como poderá se comunicar ao se iluminar? Cristo está presente, o mundo estará presente, mas isso não significará nada.

Um Buda não pode comunicar-se diretamente com o mundo, assim, um grupo esotérico, discípulos, apóstolos, um grupo interno, é treinado. O treinamento é exatamente para que esse grupo possa agir como um mediador entre o Cristo e o mundo. Um grupo especial é treinado para compreender Cristo e interpretá-lo para o mundo, porque entre o Buda ou Cristo e o mundo existe uma fenda, um abismo tão grande que Buda ou Cristo não serão compreendidos absolutamente. Necessário se torna a ação dos Pontífices, dos construtores de pontes, virtuais, que ensinam o peregrino da vida a transpor a ponte, porquanto quem constrói a ponte é o próprio peregrino rumo ao seu destino, pelo autoconhecimento à própria divinização. O grupo esotérico capta a linguagem divina, traduzindo-a por assim dizer e transmitindo em linguagem acessível àqueles que esperam as boas novas ou o Avatara; ele faz a intermediação entre o divino e o humano.

Referir-se a Jesus aqui será muito significativo. Jesus sofreu porque não havia nenhum grupo esotérico. Jesus teve de ser crucificado porque o abismo era tal que as pessoas comuns não podiam compreendê-lo. Isso tinha de acontecer, porque não havia um grupo entre Jesus e a massa. Não havia nenhum grupo que fosse capaz de compreender Jesus e a massa. Não havia nenhum grupo que fosse capaz de compreender Jesus e converter essa compreensão para a massa. Não havia nenhum mediador entre os dois; assim Jesus sofreu. Jesus foi iniciado pelo grupo dos Essênios, João Batista era um deles[1]. Como repercussão do mistério ocorrido na Atlântida com Muísis e Muiska, João Batista foi imolado, deixando o grupo incompleto e pelos ditames da Lei, e responsabilidade da própria humanidade na sua inconsciência nada puderam fazer e Jesus foi crucificado.

Na índia, nem Buda nem Mahavir sofreram desse modo. Nenhum deles foi crucificado. Eles eram tão capazes quanto Jesus, mas só Jesus foi crucificado, porque nenhum grupo esotérico funcionou para ele. O equívoco inevitável. Tudo o que Jesus dizia era mal interpretado..

---

[1] A corte de Jesus era composta de 999 seres especiais, ou sejam 9 grupos de 111, mais 2, somando o misterioso número 1001. Com a imolação de João Batista, que suponho ter sido um dos nove, ficou incompleto o Grupo, prejudicando o trabalho avatárico de Jesus. Convêm lembrar, no Monte das Oliveiras, o diálogo entre Jesus e o Quinto Senhor.

É claro que Jesus teve seguidores, mas os seguidores de Jesus faziam parte da massa. Os Judeus para quem Jesus veio não o compreenderam. Todos os seus principais discípulos vieram da massa, sem qualquer treinamento esotérico. Lucas e Tomé eram camponeses, eram parte da sociedade comum, inculta. Eles amavam a Jesus, eles o sentiam, mas tampouco podiam compreendê-lo.

Assim, houve muitos momentos em que fizeram perguntas totalmente infantis. Por exemplo, alguns discípulos perguntaram a Jesus: "Qual será nossa posição no reino de Deus? Estaremos ao lado do divino, mas qual será nosso lugar? Qual será nossa posição?" Eles não pediam compreender o que Jesus queria dizer por reino de Deus. Eles eram pessoas comuns.

Um grupo esotérico não pode ser criado de repente. Buda acontece de repente, mas o grupo não pode ser criado de repente.

Surge um Buda – e esse pode ser um acontecimento repentino. Assim, os países que têm sido espiritualistas por milhares de anos, os grupos esotéricos existem como uma continuidade, como uma tradição, e quando há esse tipo de acontecimento, o grupo começa a trabalhar.

Açoka ou Ashoka criou um grupo que ainda existe – um grupo de nove pessoas. Quando uma pessoa morre, outra a substitui; assim o grupo ainda existe. Sempre que uma pessoa morre, os oito restantes escolhem alguém para substituí-la. Essa pessoa é treinada pelos outros oito e o grupo dos nove continua. As pessoas mudam, mas o grupo permanece.

Esse grupo existe ainda hoje porque uma encarnação de Buda é esperada: Maytréia, o Buda Mercúrio. Ele pode já estar presente ou aparecer a qualquer momento. É impossível criar um grupo de repente, no momento em que o Buda surge, porque esses grupos de adeptos esotéricos são criados através de longo treinamento e disciplina. Esse treinamento não é um acontecimento; esse grupo é totalmente treinado. Todos o são; esse não é um acontecimento repentino para um acontecimento cíclico. Assim o Grupo dos Nove existe; podemos certamente afirmar que são **tulkus** dos primordiais.

Varias vezes, diversos grupos foram iniciados. Continuaram por um tempo e depois definharam. Ou caminhara por um tempo e depois desapareceram porque as dificuldades são muitas. Muitas dificuldades aparecem! Mas esse grupo dos nove ainda existe.

Ele continua porque há condições que o auxiliam a continuar. Uma delas é que ele nunca está diretamente em contato com a massa. Há outros grupos intermediários entre ele e a massa. Ele permanece sempre desconhecido, oculto. É impossível saber sobre ele, sobre seu paradeiro. Qualquer pessoa iniciada no grupo - no exato momento em que é iniciada, desaparece do mundo, desaparece completamente. Assim, é impossível saber algo a seu respeito. E o grupo pode continuar anonimamente.

Esse grupo tem várias chaves e métodos. Por intermédio dessas chaves e métodos continua trabalhando de muitos modos. É um grupo onde os membros estão em seu corpo físico mesmo. Estão tão vivos tanto quanto nós.

Atuam como atuaram em Napoleão, em Hitler, em Budha, etc.

Os grupos políticos internacionais agem como governos paralelos promovendo as políticas internacionalistas de união dos povos, ou européias

como acontece com a globalização e do governo mundial. Eles agem como uma forma de uma Maçonaria política, oferecendo aos líderes mundiais e autoridades nacionais a chance de se reunirem em segredo, para trocarem informações e discutirem possíveis mudanças sociais não-reveladas passíveis de aplicação em seus respectivos países. Os membros individuais desses grupos deliberadamente diminuem a importância real desses encontros, são limitados; mesmo assim, os lideres mundiais dedicam bastante tempo a eles. É claro que não passa de especulação ver, no trabalho desses grupos de Poderes Velados, da maçonaria dos Traichu Marutas, a maçonaria oculta que está por detrás de nossa Augusta e Respeitável Ordem Maçônica, ou melhor, dito, da Grande Fraternidade Branca, em expressão tulkuistica do Grupo dos Nove, de Açoka, etc ou o Colégio Invisível dos rosa-cruzes do século XVI transposto para o atual estágio da política internacional de hoje.

Originalmente, conceitos utópicos e libertários foram promovidos pelos franco-maçons, e rosa cruzes medievais, em especial na atuação e realização da Revolução Francesa de 1.789. Os ocultistas trabalhando nos níveis mais elevados dessas sociedades secretas estavam sinceramente preocupados com o progresso da humanidade, no nível material e espiritual. Eles apoiavam o conceito político de uma sociedade igualitária, em que todos tivessem o direito de adorar a Deus, a sua crença, e de seguir a política de sua escolha, contanto que se baseassem na democracia[2] e liberdade de pensamento e ação. Em uma época em que milhões estavam escravizados ao sistema feudal medieval, as sociedades secretas ensinavam que todos os homens e mulheres eram indivíduos livres.

As sociedades secretas advogavam a reforma das condições sociais escravizadoras da alma, a educação universal das massas e a liberdade civil. Para elas, os frutos da nova pesquisa científica e as dádivas da criação artística não eram monopólio de uma minoria, mas propriedade de todos. As sociedades secretas acreditavam que, com a maior disseminação dos conhecimentos, um progresso social natural levaria à evolução do indivíduo para fora do rebanho comum, que era o seu objetivo de longo prazo. A criação de organizações especiais, como a Sociedade Real, Verdadeira, Autocrática, Sinárquica, de movimentos sociais e de grupos religiosos eram meras etapas do grande plano de unificar a religião, ciência e artes em uma filosofia universal para o esclarecimento da raça humana.

Um aspecto importantíssimo do trabalho dessas sociedades secretas tem sido, sempre, a derradeira unificação das religiões mundiais. Esse objetivo baseou-se na restauração da tradição dos Mistérios pré-cristãos – perseguidos pela Igreja nascente e forçados à clandestinidade, na Europa medieval – e no reconhecimento de que todas as religiões se originaram de uma espiritualidade universal, a Filosofia Perene, Tradição Primordial, Sabedoria Iniciática das Idades ou Sabedoria Antiga. As crenças místicas das sociedades secretas eram, e ainda são baseadas na máxima hermética “Assim acima - como abaixo”, que ensina que o mundo natural é um reflexo material do espiritual. Constitui a base exotérica dos

---

[2] Convém atentar que a Revolução Francesa deu o direito à humanidade de conquistar a consciência da liberdade, igualdade e fraternidade, então, inconsciente, através de seus próprios esforços. A teocracia ou melhor a autocracia vem de cima, da sabedoria, da razão. A democracia ou “demoniocracia” (daemon est deus inversus), vem de baixo, da ignorância. É no atrito, na ação, no exercício do livre arbítrio o homem conquistará a auto consciencia pelos seus próprios esforços chegando à sabedoria, à divinização.

antigos Mistérios egípcios, do gnosticismo, do cristianismo esotérico, da cabalá, da tradição hermética, da alquimia e de sociedades como os templários, da franco-maçonaria e rosa-cruzes. As doutrinas ocultistas da geomancia, alquimia, astrologia e magia sexual ensinadas por essas sociedades secretas foram usadas como metáforas simbolizando a progressão do indivíduo da obscuridade material para a luz espiritual da compreensão.

Podemos verificar como a filosofia política das sociedades secretas se desenvolveu no século XX; porém, como esses ensinamentos esotéricos se expressam na consciência das massas? Sociedades secretas como grupos preservadores da Tradição Primordial raramente expõem as suas atividades internas ao grande público, obrigando-se a trabalhar no bojo de organizações ocultistas estabelecidas que, devido à sua estrutura elitista, iniciática, escondem o seu verdadeiro trabalho dos olhos e da crítica profanos. Em raríssimos casos, ou melhor, quando estados de consciência ciclicamente permitem o entendimento, esses ensinamentos esotéricos foram apresentados por um iniciado ao público de uma forma compreensível pelas pessoas comuns. Um exemplo clássico desse fenômeno foi a criação, em 1.875, por Helena Petrovna Blavatsky, da Sociedade Teosófica, da Sociedade Teosófica Brasileira, fundada pelo Emitente Professor Henrique José de Souza, (1.883/1963), hoje Sociedade Brasileira de Eubiose, aspecto social da Ordem do Santo Graal, que legou à humanidade mais de 10.000 cartas revelações[3], na preparação do caminho para o advento de Maytréia[4], o Buda Síntese, o Cristo Universal advento já está ocorrendo no Brasil.

A formação destes grupos parece ter sido uma ação deliberada da Grande Fraternidade Branca, como trabalho do grupo dos NOVE, para difundir a tradição ocultista na sociedade materialista européia e unir as crenças espirituais do Oriente e Ocidente, o Oriente se fundir com o Ocidente para resplandecer o Novo Pramantha que já está a luzir.

Outro iniciado das sociedades secretas que contribuiu para a disseminação dos seus ensinamentos esotéricos, no início do século XX, foi Rudolf Steiner (1861-1925. Steiner foi membro da OTO e da Sociedade Teosófica Alemã, tendo ligações com vários grupos maçônicos e rosa-cruzes. Em 1.906, foi grão mestre de uma loja da OTO em Viena, conhecida como *Mysteria Mystica Aeterna*, ainda que, posteriormente, se distanciasse das práticas de magia sexual da Ordem. Durante alguns anos, foi o secretário da Sociedade Teosófica Alemã, tendo tido extensos contatos com Annie Besant, a ativista esquerdista que substituiu Madame Blavatsky na liderança da sociedade. Em 1.909, Steiner declarou-se oposto à crença, que se tornara popular nos círculos teosóficos, na emergência de um novo Messias, no caso, Jiddu Krisnamurthi como encarnação do Avatara, renunciando para formar um novo grupo ocultista chamado de Sociedade Antroposófica.

---

[3] Estas cartas, hoje são acervo da Biblioteca Nacional, como patrimônio da humanidade.

[4] A Ordem Maçônica, como uma das expressões da Obra Eterno na Face da Terra, exibe em seu Templo Nobre a cripta dos Grandes Filósofos, ou Grandes Instrutores, Avataras, dos Nove, complementamos, iniciando-se com **Confúcio,**; **Zoroastro ou Zaratustra**,; **Gautama, o Buda**,; **Moisés**, **Hermés,** o Trismegisto, ***Platão***; **Jesus de Nazaré**,; **Maomé,** finalmente a **Estrela que indica: Eu sou o amanhã**. Os judeus esperam o Messias; os muçulmanos o Nahdi; os cristãos a volta de Cristo, o Cristo Universal, o Crestus; para os hindus, os **14 Avataras de Vishnu**, para os budistas, **Maitréya, o próximo Buda**, que como Espírito de Verdade se encarna de tempos em tempos, para o triunfo dos bons e transformação dos maus, quem diz: tenho todos esses nomes e ainda outros mais terei, porque a cadeia hermética nunca foi quebrada.

Steiner passou a percorrer a Europa, proferindo palestras sobre as suas teorias acerca do valor espiritual da arte e da educação alternativa, que parecem ter profundas raízes na tradição rosa-cruz, apesar do verniz moderno recebido. À semelhança dos maçons medievais, Steiner acreditava que o novo impulso espiritual sentia fluir pelo mundo precisava ser expresso por arquitetura radical. Essa crença o levou a projetar um edifício ultramoderno em Basiléia, na Suíça, para abrigar a sede de sua nova fraternidade ocultista. As suas idéias originais sobre a educação das crianças com base na auto-expressão e nas habilidades artística se materializaram na fundação de escolas Steiner especiais que florescem até hoje.

No final da Primeira Guerra Mundial, Steiner teve um breve envolvimento com a política quando, simpatizando com o conceito do GOVERNO MUNDIAL, advogou uma solução do problema da Europa central baseada nas idéias de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, aparentemente baseadas nos ensinamentos maçônicos e rosa-cruzes. Ele também promoveu uma visão do desenvolvimento e a evolução humanos inspirada nas doutrinas neomaniqueístas, baseadas na eterna luta entre o poderes das trevas e as forças a luz. Esses ensinamentos, porém, foram grandemente eclipsados pelas suas idéias nos campos da agricultura orgânica, medicina alternativa, espiritualidade da arte e educação infantil, em que reuniu as mais recentes pesquisas científicas com as antigas técnicas ocultistas, a fim de fornecer uma solução singular para muitos problemas sociais.

É significativo que muitas idéias de Steiner tenham sido aceitas e adotadas pelos seguidores do moderno movimento da Nova Era, de Aquarius, surgido no início da década de 70, mas com raízes espirituais na contracultura na década de 60. Atualmente, tornou-se moda encarar os anos 60 como um período desperdiçado de permissividade, que gerou os atuais problemas sociais do abuso de drogas, extremismo político e imoralidade sexual. Trata-se de uma visão simplista que ignora o fato de que o período representou um dos mais importantes influxos de energia espiritual já experimentado pela sociedade ocidental. Existe uma explicação segundo revelação do Professor Henrique José de Souza que adiante exporemos.

Em um nível, foi uma época de mudança e contestação social, em que os jovens deixaram de lado os grilhões morais impostos pela convenção e escolheram um estilo de vida radicalmente diferente do de seus pais. Esse novo estilo de vida incluía a auto-suficiência, dietas vegetarianas. Drogas psicodélicas, astrologia, política radical, pacifismo, amor livre, rock, roupas extravagantes e uma devoção espiritual a formas exóticas de religião baseadas no misticismo oriental e no paganismo ocidental. E assim se plasmou uma nova fase de vivencia social na qual viemos até hoje de forma exageradamente permissiva, hipócrita e porque não dizer claramente, diabolicamente confusa. Sinais dos Tempos!

DIRETÓRIO OCULTO E UM EXECUTIVO

Para aqueles que declaram a lógica como o mais alto princípio, o material que queremos apresentar em síntese não será em absoluto convincente. Parecerá nada mais do que uma declaração e prova mediante exemplo selecionado.

Sem dúvida, a lógica levada a seus limites não pode demonstrar mais que a consciência ou não de um sistema fechado. A caverna iluminada pelo fogo de Platão é um sistema fechado, e seus prisioneiros encontram uma lógica adequada para explicar o que experimentam. A lógica não pode provocar o salto intuitivo que sugerirá a existência de uma realidade maior que seu mundo de trêmulas sombras. As sombras podem ser provocadas por luzes de neon do mesmo modo que por fogos em cavernas.

Para aqueles predispostos ao ocultismo, tudo o que temos tentado mostrar, provavelmente confirmará preferências subjetivas já existentes. Também pode, lamentavelmente, prover material para desenvolver outras.

Mas também podem existir estudiosos menos comprometidos; estudiosos preparados para aventurar-se a extrapolar a partir da lógica.

Eles podem pensar que o material aqui reunido sugere um ponto de vista totalmente insuspeito; um marco dentro do qual o cientista e o sacerdote podem sentar-se juntos em paz: num universo onde podem coexistir o livre-arbítrio e o determinismo.

Com temeridade tão imperdoável como inevitável, sugerimos as seguintes conclusões.

A história não é o equilíbrio de causalidade e risco. Simplesmente não ocorre. O roteiro para a longa historia humana foi escrito por inteligências muito superiores a do homem.

Certos progressos e objetivos para a humanidade – para a biosfera da Terra ou a órbita biológica– têm de ser alcançados dentro de certos intervalos do tempo terrestre. Estes ganhos são associados para o equilíbrio e crescimento do sistema solar do qual a Terra é uma parte. O sistema solar pode assim mesmo estar sujeito a uma pressão similar no interesse da galáxia da qual é uma parte.

A direção, velocidade e destino deste processo é “A vontade de Deus”.

A vontade de Deus é a aspiração da Divindade de que o processo universal se desenvolva de certa maneira em direção a certa meta, enquanto deixa aberta a possibilidade de que se possa escolher o proceder de outra maneira em direção a algo diferente.

Inteligências muito superiores dirigem a evolução do Universo numa tentativa de assegurar que a aspiração Divina seja consumada.

Estas inteligências são coercitivas na proporção em que seu material é inconsciente. São persuasivas na proporção em que seu material é consciente.

O universo é uma escala de consciência, e nesta escala a Terra ocupa um nível baixo. Sua matéria prima superior é a humanidade. Coletivamente, a humanidade não tem consciência do processo evolutivo do qual é parte, e está sujeita, portanto a um determinismo que se aproxima do cem por cento.

Inclusive, assim, a direção imposta sobre a humanidade é só relativamente coercitiva. Devido às altas energias que se encontram potencialmente nele, o homem não pode ser dirigido compulsivamente. É preciso empregar meios que

não ultrajem a integridade de sua natureza divina em potencial. Deus não faz bonecos, Deus faz deuses.

Isto é conseguido provocando uma tendência em favor daquelas situações que contêm possibilidades de desenvolvimento e limitando as oportunidades do homem para escolher alternativas até involutivas.

No “momento presente” de um homem ou de uma geração de homens, estas pressões podem parecer tanto fortuitas como hostis.

A responsabilidade deste processo na Terra está com uma inteligência que foi chamada de o Diretório Oculto. Isto pode corresponder ao nível simbolizado na lenda oculta como um indivíduo (p.ex. “O Regente do Tempo”, o “Ancião do Tempo”, o “Cavaleiro das Idades”, o “Prestes João”, e porque não dizer a expressão do próprio Rei do Mundo?. Pode-se comparar tanto com um nível demiúrgico ou com um nível imediatamente inferior.

Não existem bases em nível profano para opinar se esta Inteligência é em algum sentido compreensível ao homem, uma inteligência única ou composta, ou se é desencarnada ou corporal. No entanto, maçonicamente “O eleito dos nove”, quem são os Nove? Diz a tradição que foram os “Nove Kadoschs” que penetraram nas ruínas do Templo de Salomão, de lá retirando a Arca da Aliança. Ou os Nove de Ashoka que em carne e osso presentes no mundo, intermediam a linguagem entre o Avatara, o Divino e a massa, a humanidade. São os mesmo Adeptos Perfeitos que velam pela humanidade, que expressam o Governo Oculto do Mundo.

Grupos de indivíduos humanos avançados é o que se menciona como Executivo Oculto. É a realidade atrás de todas as lendas de “mestres” e “iniciados” desde os tempos históricos mais antigos até o presente.

Existem na terra vários Centros, expressões destes centros a partir dos quais o Executivo opera correspondente à divisão de responsabilidades com a humanidade designadas antes da Retirada de 12.000 anos atrás.

Um de tais Centros está ou estava na Índia “O Grupo dos Nove liderados por assim dizer pelo Imperador Ashoka, ou no Afeganistão, e também corresponde à lenda do Markaz “(Casa do Poder”). Existem outros Centros correspondentes a vários grupos étnicos, todos expressões tulkuisticas dos primordiais, os Nirmanakaias.

O executivo trabalha para implementar o plano completo do Diretório. Esta atividade realiza-se em um nível extra-sensorial. São Eles que preparam a massa da humanidade para receber a Tonica do Novo Avatara ou as boas Novas.

O Executivo também opera ao nível da vida comum, através de uma ordem descendente de subordinados iniciados. Estes tomam parte na vida comum das nações e são quase inteiramente insuspeitados. Estes são o Povo do Segredo.

Os membros ativos dentro da vida comum têm sido conhecidos por muitos nomes em vários períodos da história – e pré-história. Os que seguem a corrente de transmissão do Centro do Afeganistão ou da Índia são conhecidos também como os sufis, ou mais especificamente hoje a Teosofia de Blavatsky ou a Teosofia Eubiótica do Professor Henrique José de Sousa.

Lado a lado com a ação sobre a massa da humanidade, o Executivo e seus subordinados estão ocupados com tentativas locais de elevar excepcionalmente o nível de consciência de homens individuais, na tônica vigente do Avatara cíclico.

Tais indivíduos comuns, especialmente selecionados, podem aspirar a qualificar-se para a participação no trabalho do Executivo. O processo mediante o qual podem qualificar-se é a *Opus Magnum* – a "Grande Obra" ou Obra do Eterno na Face da Terra.

Certas oportunidades através das quais indivíduos comuns que tenham "começado a suspeitar" podem qualificar-se para serem admitidos na Grande Obra, e como uma seqüência tulkuistica, nunca estão totalmente ausentes em qualquer período da história, mas em termos da escala temporal da Terra, ocorrem irregularmente. Tais ocasiões estão relacionadas com eventos mais além do planeta Terra, e estes eventos não estão nem sob o arbítrio do Diretório.

Quando "sopra o vento solar", uma operação maior de criação de almas é iniciada pelo Diretório. Como resultado um numero relativamente grande de indivíduos humanos podem completar uma parte significativa da Grande Obra numa única geração. Um pequeno número pode alcançar a plena realização. Ambas as categorias servirão posteriormente ao processo evolutivo da humanidade, mas suas situações no post-mortem podem ser diferentes.

O conhecimento de tais assuntos nunca esteve ausente em nenhuma época da história, mas sempre esteve disponível de forma alegórica, nunca explicitamente. Muitos dos mitos gregos são descrições alegóricas de seqüências da *Opus Magnum.* Em tempos históricos recentes, correspondentes ao desenvolvimento do intelecto, as sugestões têm sido cada vez mais explícitas. Provavelmente nunca foram tão explícitas como no presente momento. Isto pode sugerir que se vislumbre o final de uma grande era.

Existem indicações de que presentemente está se desenvolvendo uma "Ocasião" e que suas possibilidades estão sendo focadas principalmente no Ocidente, especialmente no Brasil. Não é possível conjeturar se este é um acontecimento maior ou relativamente menor. Parece seguro afirmar que existe.

Se isto é assim, e se é verdade que a informação sobre estes assuntos é agora explícita, pode-se alegar que não é suficientemente explícita para indicar a linha de ação, para aqueles que podem estar prontos para responder.

Pode ser que estes assuntos nunca sejam mais explícitos do que são, e que uma busca bem-sucedida da Fonte é – e sempre foi – o preço mínimo para a admissão.

Tudo o que foi dito e exposto até este ponto, de forma um tanto complicada e confusa para os não iniciados, mesmo estes, como deuses em ação em seu corpo que é seu templo, neles inconscientemente contido como repositório de todas as experiências vitais e divinas dos superiores arquitetos em ação para a realização do que chamamos hoje o homem atual, como parte da humanidade na competente raça ou sub-raça na qual vivemos, transformando nossa vida energia em vida consciência, tem um comando único em nosso planeta que exerce como unidade na multiplicidade, agindo coercitivamente no sentido de nossa divinização. Este comando é exercido por quem podemos chamar o Rei do Mundo como adiante daremos as informações para um possível entendimento numa linguagem acessível relatando fatos tanto ocultos como acontecimentos no mundo dignos de atenção. Como a seguir exporemos.

A LENDA DO CAVALEIRO BRANCO.

O que se passou em Lyon, só pode ser contado como uma lenda, infelizmente. No início de 1944, numa Lyon ocupada, importante centro da Resistência e o lugar mais terrível da Ocupação. Apareceu por lá um homem que se fazia chamar o CAVALEIRO BRANCO e queria combater o nazismo com a magia branca. A Gestapo tomou conhecimento disto e num dia de maio daquele ano cercou a mansão onde morava este indivíduo, nos subúrbios de Lyon. Alguns agentes da Gestapo viram-no entrar e, dez minutos depois, penetraram na mansão. Ela estava vazia. Não se encontrou uma passagem secreta, nenhuma explicação racional. O homem sumiu sem deixar vestígios. "um caso inexplicável" concluíram os alemães.

Para quem conhece Lyon dos Mistérios, a estória parece bonita. Para o lionês, ela não tem nada de espantoso. É a vida cotidiana de uma cidade mais misteriosa do que o Tibete. Grandes eventos iniciáticos maçônicos ocorreram em Lyon.

Esta lenda é o fato de ser uma manifestação bem moderna, de uma noção muito antiga e reconfortante; ou seja, a de que a humanidade não está sozinha, e **TEM UM PROTETOR.**.

Encontramos esta noção da história mais distante, dos mitos mais antigos. É preciso não confundi-la com a noção da vinda do Avatara, do Messias, que deve significar o fim dos tempos, e que os cristãos chamam de parusia.

Napoleão Bonaparte, iniciado nas Pirâmides, como realizador dos Estados Unidos da Europa, era acompanhado por um ser, um mestre secreto conhecido como o "Homem da Capa Vermelha"[5], quem previa todos os perigos que o ameaçavam, foi o Monarca que conhecemos e no momento que engrandecido pelas suas próprias proezas, desobedeceu seus conselhos, perdeu a guerra para Rotschild e acabou exilado para a Ilha de Santa Helena.

O **Protetor**, em compensação, está no tempo, na História, e interviria para impedir as catástrofes e defender a humanidade, por assim dizer, equilibrar o mundo na sua polaridade estratégica ditada pelo Eterno.. Este é o mito que está na base da Cavalaria e foi parodiado por Cervantes. Este mito é que constitui o segredo dos Templários, que se consideravam como representantes diretos do **Protetor.**

Na literatura, este mito foi bem entendido, explorado e quase sempre com muita genialidade.

Nos mitos, vemos a aparição do Protetor desde os sumérios até o **Cavaleiro Branco** de nossa época.

Na América do Sul, onde é branco, ruivo e com um nariz adunco, é quase sempre descrito como oriundo das estrelas. Na tradição judaica, proclama-se Mestre do Nome e porque não o Mestre Verdadeiro que desde 175 a C. norteava os essênios como povo que preparava a ambiência messiânica para a manifestação do Avatara Jeoshua ben Pandira, o Jesus Bíblico.

O primeiro nome que se dá ao Protetor é Gilgamesh. Sob esta forma, a lenda é certamente sumeriana e remonta, talvez, até mais longe. Encontramos aí

[5] Seria expressão de um dos NOVE?

algumas notações bastante curiosas. Uma versão completa, descoberta pelos arqueólogos na biblioteca de Assurbanipal, data do terceiro milênio antes de Jesus Cristo, contudo conhecem-se outras incompletas e mais antigas, e não é exagero estimar em oito mil anos a lenda de Gilgamesh, antes mesmo de Krishna. Este é apresentado de uma maneira curiosamente aritmética: ele é dois terços deus e um terço homem. Será que se trata de um código genético e de uma ascendência intra ou extraterrestre? O não iniciado tem o direito de formular esta pergunta. Em todo o caso, ele é eterno. Atravessa os oceanos e traz, de outro mundo que geograficamente, é um dos dois continentes americanos (norte ou sul, não é possível determinar) a história do Dilúvio Universal. Diz a tradição iniciática que um ancião que sobreviveu ao Dilúvio, Ut-napishtim, Noé, Vaisvávata, o Manú primordial revela o segredo da imortalidade de que é claro, está ligado à Água e, mais precisamente ao oceano.

"Não há nada de eterno sobre a Terra, mas nas profundezas do mar existe uma árvore que se parece com o espinheiro e, se um homem chega a se aproximar dela e provar um de seus frutos, reencontrará a juventude"

Gilgamesh se tornará eterno e intervirá durante todo o transcorrer da história da humanidade, em sua defesa. Encontramos este personagem em todas as tradições humanas, sob outras denominações e descrições.

Poderíamos dizer, com certa ironia, que o Protetor não impediu desastres nem massacres horríveis[6]. Ao que se pode replicar que, sem a intervenção do Protetor, tudo poderia ter sido muito pior. O estado de consciência da humanidade pendente de um Karma, que é a Lei de Retribuição, original ainda não equilibrado não permite que a Lei que e a tudo e a todos rege aja a seu favor.

Junto aos Maias encontramos algumas descrições do Protetor misteriosamente próximas tanto da lenda de Gilgamesh como da lenda do Cavaleiro Branco, bem como de muitas lendas da Idade Média. Segundo certas formas da lenda, o Protetor seria o **Rei do Mundo** (por si ou por Expressões Tulkuísticas) das tradições asiáticas que vem, algumas vezes, para defender os homens. Sob esta forma, a lenda do Protetor aparece na Europa, no final do século XIX, na obra de Saint-Yves d'Alveydre.

Este fala sobre a origem do REI DO MUNDO:

"Onde está Agartha? Em que lugar reside? Por qual estrada, através de que povos devem-se andar para chegar lá? A esta a pergunta que os diplomatas e os homens de guerra não deixarão de fazer, não convém responder além do que o farei, enquanto o SISTEMA SINÁRQUICO[7] não estiver feito, ou pelo mais consciente. Porém, como sei que nas suas competições mútuas, através de toda a Ásia, algumas forças tocam este território sagrado sem se aperceberem disto, como sei que no momento de um conflito possível, seus exércitos deveriam forçosamente passar por ele, ou contorná-lo, é por amizade a estes povos europeus como a Agartha que não temo dar continuidade à divulgação que comecei."

---

[6] Na face da Terá ate Ele estará sujeito ao Livre Arbítrio e o Determinismo Cósmico.

[7] A Sinarquia não poderá ser implantada pela autoridade ou pela força, senão - pelo prestigio da sabedoria aplicada pelos mestres na transformação dos acontecimentos para ser elevado o estado de consciência dos povos que conseguirá reconhecer ou vivenciar a Liberdade, Igualdade e Fraternidade dentro do equilíbrio do Amor- Sabedoria , porque do contrário, sem consciência este princípio é Anarquia, Caos como ocorre no mundo de hoje que campeia o egoísmo, a ambição.

Na superfície e nas entranhas da Terra a extensão real de Agartha desafia a opressão e o rigor da violência e da profanação. Sem falar na América, cujo subsolo ignorado pertenceu-lhe uma antigüidade muito remota, apenas a Ásia, perto de meio milhão de pessoas conhece mais ou menos a sua existência e sua grandeza".

Encontramos elementos muito interessantes no trabalho de Jean Saunier, A SINARQUIA.

Saint'Yves d'Alveydre era um indivíduo muito curioso. Entre outras coisas inventou uma máquina para explorar o tempo, por ele chamada de "o arqueômetro".

A Missão da Índia e Europa, foi destruída por ele mesmo, após algumas ameaças, ou melhor, dito, conselhos cautelares dos mestres mais elevados, pois naquela conjuntura a humanidade ainda não estava pronta para receber tais informações, Um exemplar escapou e a obra foi reeditada em 1910, por um seu parente, para ser, mais uma vez, dizem ter sido queimada pelos nazistas. Certo numero de outros documentos concernentes a Saint'Yves d'Alveydre desapareceram e, principalmente, seu dossiê de funcionário que evaporou misteriosamente dos Arquivos, coisa raríssima de acontecer, senão por mãos misteriosas.

Afirmava ter recebido um emissário do Protetor ou Rei do Mundo e entregou-se a um trabalho insano para espalhar uma mensagem real ou imaginária (saque contra o futuro, ou revelação), proveniente da Ásia. O interessante é que ele relaciona o mito - OU A REALIDADE - do Protetor à existência de lugares desconhecidos que, a meu ver, constituem não só as dobras dimensionais da Terra ou embocadura como se expressa o Professor Henrique José de Souza. (haja vista a embocadura situada no Rio de Janeiro, aos pés da Pedra da Gávea, conhecida por Gruta da Imprensa, que há 20 anos e outra vez agora em 2002, a embocadura abriu-se sob condições especiais, na presença do Maçon Pedro Ghenov, da Loja de Estudos e Pesquisas Professor Henrique José de Souza, testemunhada por mais de uma dúzia de pessoas incluindo o Sr Mário Amazonas Guimarâes, conhecido palestrante no Grande Oriente do Brasil. O mesmo fato é relatado por Fernando Pessoa, célebre poeta português, que foi testemunha da entrada em tal lugar do Mago Aliester Crowley (História Oculta de Portugal, por Adrian)

O Rei do Mundo, o Protetor, teria à sua disposição um centro, uma central de energia.. A respeito deste centro, Mme. Frida Wion (O Reino Desconhecido), Paris, escreveu muito justamente:

"O Rei do Mundo, o Chefe, instala seu reino onde ele está e onde lhe parece responder melhor as necessidades da época." Se existe na lenda uma geografia sagrada, isto só acontece quando do estabelecimento do centro; qualquer lugar se torna sagrado pela sua presença; Do Egito, da China, foi para a Irlanda, para Delfos, para o Tibete. Onde estará atualmente? Como foi dito, ora no Oriente, ora no Ocidente, de acordo com as necessidades da humanidade neste final de ciclo apodrecido e gasto para o dealbrar de outro, para o dealbar da nova era do terceiro milênio com a manifestação da Estrela (da cripta dos Grandes Instrutores ou Filósofos, segundo tradição maçônica), do Avatara, Cristo Universal,

Maytréia, que já teve muitos nomes e outros terá porque a cadeia hermética não foi interrompida.

Considerando a Geografia Sagrada podemos lembrar-nos de todos os centros ou sistemas Geográficos que ciclicamente se posicionaram em diferentes lugares do mundo. Sistema de Jerusalém com as 7 Igrejas, o sistema de Roma (Romakapura) com as 7 colinas sagradas, Sistema do Tibete, e finalmente o Sistema Geográfico Sul Mineiro, na Serra da Mantiqueira, tendo como centro a cidade de São Lourenço, onde se situa o Templo de Maytréia, dedicado a todas as religiões do mundo, edificado em 1.949.

Se pensarmos que a aventura do Cavaleiro Branco em Lyon aconteceu realmente, podemos concluir que o Protetor, sentindo-se ameaçado, retornou, ao centro por caminhos diferentes do espaço normal. Já voltou e voltará novamente, e estará presente na face da terra, quando precisarmos dele.

De qualquer maneira, estas idéias são muito reconfortantes. Seria interessante examinar se o aparecimento da cavalaria simultaneamente no Ocidente e, sob uma forma diversa no Islã (Ver a respeito o notável livro do Pierre Ponsoye, L'Islam et **le Graal**, coleção La Tour Saint Jacques, Denoel) , não teria sido o resultado de uma intervenção direto do Rio do Mundo?

O aspecto da cavalaria Marx considerou como exemplo de uma "superestrutura", conjunto de mitos e feitos destinados a defender os interesses de uma classe. O Cavaleiro, de ordem Militar pertence à Terceira Casta Brâmane por assim dizer, deverá ser consciente de Justiça com Equidade, ou o Terceiro Dharma, segundo tradição Iniciática. A explicação marxista é válida, mas como quase sempre acontece nas interpretações marxistas incompleta, intencional?. Na Cavalaria ou na categoria militar não existem apenas os aspectos ECONÔMICOS.

Também há, na cavalaria, um arquétipo e este é o do Protetor, expressão do Rei do Mundo. Não importa se o denominam o Preste João, São João de Jerusalém, o Mestre Secreto do Templo, o Velho da Montanha, o Ancião das Idades, Akdorge, ou outros nomes quaisquer; sempre É ELE.

Este arquétipo também aparece no Islã. (ver trabalho do professor Henri Corbin, Terra Celeste e Corpos de Ressurreição), Mme Frida Wion, já citada, cita uma passagem desta obra, diretamente ligada às idéias expressas neste livro: dobras secretas da Terra, embocaduras, lugares desconhecidos, e altas personalidades que vêm aqui:

"Quando aprenderes nos tratados dos antigos sábios que existe um mundo dotado de dimensões e de estudos outros que não o pleroma das inteligências, e que este mundo governado pelo mundo das esferas, um mundo do qual basta dizer que seu número de cidades é incalculável, dentre as quais o Profeta citou Jobalqua e Jarbrasa, não te apresses a protestar que é mentira, pois os peregrinos do espírito chegam a contemplar este mundo, e nele encontrou tudo aquilo que é objeto de seu desejo. Quando a turba de impostores e falsos padres, mesmo que os convenças mediante uma prova, nem por isso deixarão de desmentir a tua visão. Então, fique em silêncio e tenha paciência. Há uma arte de escutar, de ouvir, de ler. Desta forma se chegar até os livros da "Teosofia Oriental" ou "Eubiótica", compreenderás, sem dúvida, alguma coisa sobre o que precede desde que sejas orientado pelo seu iniciador confiável. Caso contrário, creia na sabedoria". Não há religião superior à verdade, declarava Blavatsky.

Mais ou menos à mesma época, vemos junto aos judeus uma abundante literatura, onde o Protetor deve vir até a Terra, através de uma ponte de papel. (ponte de Gabarra?). Esta concepção, bastante curiosa, é geralmente interpretada como significando que é através do estudo dos textos sagrados que podemos entrar em contato com o Protetor. Outras concepções são concebíveis, e nunca me canso de repetir conceito tão profundo de Meyrinck que constitui o título deste trabalho.

"Um daqueles que guardam a chave dos segredos da magia **ficou nesta Terra** e congrega os Eleitos".

***Ficou nesta Terra**...*

Logo, ele pode viajar para outros lugares, em outras Terras. Este aspecto me parece muito importante, e não creio que seja necessário pensar nas outras Terras sob a forma de planetas ou exterior. A concepção das dobras dimensionais ou embocaduras desta terra, que a citação de Henri Corbin que acabamos de ler expressa de modo tão magnífico, também me parece válida.

O Protetor ficou na Terra quando foi descoberto o caminho que conduz às outras Terras através das embocaduras ou portas induzidas.

O Rei do Mundo passa a maior parte do seu tempo na Terra... e *congrega os Eleitos.* (voltarei a falar sobre este aspecto do Protetor mais adiante).

Contudo, é muito provável que determinadas sociedades, como os Templários, e as sociedades islâmicas, que eram seus correspondentes, sejam em determinadas épocas da História e em certos lugares, os representantes do Protetor.

Gostaria de falar de uma ordem muito menos conhecida, por ser mais secreta, e que ainda existe, hoje. É a ORDEM DO SANTO GRAAL. Situou-se na Inglaterra. Sua séde era numa abadia do País de Gales, numa aldeia que, desde o século XIV, não figura mais nos mapas.

As lendas concernentes à ordem do Graal devem ser bastante exageradas. A ela são atribuídas a estabilidade e a sobrevivência da Inglaterra, e é tida como o elo, além da realeza inglesa, que ainda agora une os interesses divergentes que dominam a Inglaterra. Representa a verdadeira Inglaterra, que se chama Logres por oposição à "nação dos pequenos lojistas" como costumava dizer Napoleão, que é, principalmente, a visão superficial que se tem da Inglaterra.

O chefe da ordem do Graal seria ao mesmo tempo o Pendragon, isto é, o chefe espiritual do CELTISMO. Usa no dedo um anel revestido com uma ametista, que se cristalizou de modo a formar os degraus de uma escada.

A Ordem do Santo Graal, na iminência do fracasso do Gólgota, no ano 33 de nossa era, foi fundada por Jefersus, diz certa tradição, que tinha como colunas José de Arimatéia e Nicodemus, membros importantes do Sinédrio da Época, mas faziam parte da equipe ou corte do Bodhisatwa.

Após a tragédia, José de Arimatéia, diz certa fonte, conduziu o Santo Cálice para a região da Inglaterra.

Dizem que quando o país corria perigo, em 1940, determinados objetos pertencentes à Ordem do Graal e com a marca de José de Arimatéia deixaram a Inglaterra para serem confiados ao escritor John Buchan, que então era governador do Canadá. Assim que terminou a ameaça, e a partir do início de

1941, estes objetos, incluindo a taça, voltaram à abadia da ordem do Graal. Himmler e a sociedade da qual se ocupava especialmente: a sociedade da herança dos Antigos ou Ahnenerbe, o grupo da Thulé, invadiu a Inglaterra, mas teria sido a invasão precedida por um *raid* de pára-quedistas que deveriam se apoderar dos referidos objetos. Podem-se encontrar referências precisas a este respeito nos dossiês do processo de Nuremberg, no capítulo Ahnenerbe.

Parece que foi baldado o esforço de Otho Rhan na consecução do Graal, que se propusera a conseguir encontrá-lo em Montsegur, suicidara-se em 1933, de acordo com o ritual cátaro, o "enduro". Teria conseguido?

Cita-se com freqüência, entre as intervenções diretas do Protetor, uma série de incêndios desencadeados em Londres no ano da grande peste do século XIV. Os lares onde havia a peste queimaram com uma chama muito estranha, semelhante a um fogo de artifício, e a propagação da epidemia parou. Caso contrário é em provável que um número maior ainda da população tivesse perecido. Referências detalhadas sobre esse assunto podem ser encontradas no livro de Daniel Defoe . (A Grande Peste de Londres).

Seria uma tentação ligar com precisão o Protetor ao Deus branco da América do Sul: Kukulcan Quetzalcoatl.

Faltam alguns elementos da tradição escrita dos não iniciados, pois todos os documentos – e haviam muitos – foram queimados pela Inquisição, principalmente de Diego de Lando. Podemos dizer que não há nenhuma razão para que o Protetor seja limitado pela tecnologia de sua época e não possa se deslocar livremente pelos cinco continentes da Terra e talvez por "outras Terras" utilizando-se para tanto de meios ainda não inventados por nós[8].

Em nome da forma e destes deslocamentos do Protetor que penso poder contar uma história estranha mais comumente apresentada como uma viagem do Cristo ao Tibete. Esta fonte é de origem dos Mórmons. São os mórmons estudiosos e trabalhadores. Sua Universidade está entre as mais importantes dos Estados Unidos, localizada em Salt Lake City, é a única universidade americana onde se trabalha, uma vez que as outras se ocupam, dizem eles, sobretudo com o consumo de drogas e a fabricação de bombas caseiras.

Todos os movimentos mórmons exigiriam um estudo sério e imparcial, e a documentação que possuem é única. Segundo sua documentação, bem como alguns chineses e tibetanos, um indivíduo muito importante visitou o Tibete, mais ou menos na época de Cristo.

No entanto este indivíduo jamais pretendeu ser Jesus.

Tratava-se, com maior probabilidade, do Protetor, de quem temos, assim, algum sinal entre suas viagens pela América do Sul e a Idade Média. De Gilgamesh ao Cavaleiro Branco do ocidente, podemos notar aparecimentos do Protetor durante uns seis mil anos. Seu trabalho parece ser dentro dos conceitos da manifestação do espírito de Verdade na face da terra é horizontal, enquanto que o trabalho messiânico ou avatárico é vertical e cíclico. Não consegui descobrir nesse lapso de tempo uma periodicidade simples ou qualquer outra regularidade.

---

[8] (Diga-se de passagem, para quem me entende, o trenzinho da Glória sobre trilhos de cristal, utilizado pelo Mestre JHS, para transportá-lo a Minas Gerais, via subterrânea, na década de 30).

Se quisermos ir além de Gilgamesh no passado, podemos pensar nos senhores de Vênus, segundo as Estâncias de Dzyan, de Blavatsky, que trouxeram aos homens o fogo, o arco e o martelo, ou antes, o mel, o trigo e a formiga.

Se quisermos remontar à nossa época, podemos é claro, assimilar o Protetor a um número determinado de profetas autênticos do nosso tempo; a dificuldade está na autenticidade. Determinados defensores das religiões em nossa época são, aparentemente, verdadeiros profetas, mas outros são impostores. É muito difícil para um contemporâneo julgar. Tenderia, no entanto, a situar os dirigentes da Soga-Gokkai do Japão como manifestações do Protetor. Contudo posso perfeitamente estar enganado. Cabe estudar o movimento de uma maneira imparcial – não faltam documentos - e julgar.

Com respeito ao Japão moderno, há uma coisa interessante a assinalar.

Quando o imperador japonês renunciou à sua divindade para capitular em agosto de 1945, houve uma conseqüência imprevista. Um grande número de documentos, que eram reservados à família imperial e guardados nos mosteiros, tornaram-se acessíveis aos pesquisadores, e, em alguns casos, começaram até mesmo a ser publicados. Não se conhecem tais publicações, porém dizem alguns japoneses estudiosos que eles lançam uma luz tanto sobre as visitas do Protetor como sobre os contatos com os intraterrenos. Foi por aquela época e evento que Dalma Dorge, um ser foi trocado por Hiroito[9], ocupando o seu lugar, com todo o potencial compatível do Protetor para solucionar os problemas em que o Japão se achava. Desta forma o Soga-Gokkai atingiu os seus objetivos. Se conseguir também na China onde existe tal movimento, a FRATERNIDADE entre os homens, o efeito sobre a humanidade naqueles lados será tão importante que poderemos perguntar se nesta ocasião a humanidade não terá se beneficiado de um auxílio sobrenatural.

Se a violência pode ser dominada pela fraternidade entre os homens e se este movimento pode alcançar a China e o mundo, toda a história da humanidade será modificada. E quando os historiadores do Terceiro Milênio tiverem estudado este fenômeno, constatarão, talvez, que houve uma intervenção.

O que é notável, de qualquer maneira, é que durante sessenta séculos de atividade o Protetor jamais fundou uma religião. Parece que este não é o seu objetivo, e que procura muito mais intervir nos momentos precisos da história da humanidade – tem conhecimento antecipado destes momentos – do que assegurar a salvação da humanidade através da religião. Todo o problema do declínio das religiões e da ascensão de outra coisa é importante demais e muito complexo demais para que se possa tratar aqui. É indiscutível que as religiões reveladas estão “perdendo velocidade”. Elas tentam se manter fazendo política, misturando o poder espiritual com o poder Espiritual, e é pouco provável que isto as salve. Daí a Cesar p que é de Cesar e a Deus o que é de Deus, já dizia Jesus de Nazaré.

Outra coisa virá; talvez as novas “religiões”, no sentido pontifical, de religare ou tornar a ligar o que estava desligado, de religar a personalidade com a individualidade, do espírito à matéria, com o despertar da consciência dos homens para o ciclo de Aquários que já se inicia, com uma tônica capaz de iniciar a

[9] Explica a Teosofia Eubiotica do Professor Henrque José de Souza, nas hierarquias criadoras o mistério dos seres trocados ou Dwijas, que teremos o prazer de esclarecer em outra oportunidade com trabalhos por escrito.

realização da concórdia universal, Justiça e Equidade, meta do novo ciclo. Não há religião superior à verdade, já dizia Blavatsky, como lema de um Maharaja de Benares: ***Satyat Nâsti paro dharma***. Talvez uma religião baseada na direção e contatos com os intraterrestres, ou, na falta destes contatos, numa atitude diferente com relação ao Cosmos. Queira Deus que a humanidade esteja pronta para o dealbar desta nova era que se inicia a caminho do futuro.. "Ordo ab Chao".

Finalmente, o que gostaria de ressaltar é que toda a futurologia baseada unicamente em predições relativas à produção de aço e petróleo, e ao produto nacional bruto deve forçosamente falhar, pois não se dá conta do vazio deixado pelas religiões.

Voltemos ao Protetor ou expressões do Rei do Mundo.

Seu poder é e evidentemente limitado ao Karma da humanidade, logo não fará ou não poderá fazer um uso integral dele. Na verdade, é certo que se todos os problemas da humanidade pudessem sempre ser resolvidos por uma intervenção sobrenatural, por procuração, isto não seria bom para a humanidade, que jamais alcançaria a idade adulta. O que não impede que a humanidade precise de tais intervenções.

Um exemplo impressionante é a primeira Guerra mundial. Enquanto os alemães usavam cintos gravados com *Gott mit uns* (Deus está conosco), os ingleses convenceram-se facilmente de que os anjos de Deus combatiam ao seu lado e de que tinham abatido alguns soldadas alemães com flechas fantasmas. Na Segunda guerra, lendas deste tipo multiplicaram-se. Uma delas, muito curiosa, invocando ao mesmo tempo o Protetor e a Cabala, é oriunda de Safed, aldeia dos cabalistas em Israel. Da mesma forma hoje as religiões se degladiam, chutam os santos das outras, matam-se em nome do mesmo Jesus ou do mesmo Javé.

Foram feitos alguns estudos interessantes sobre a religião dos oprimidos. O Cavaleiro Branco apareceu e desapareceu sob um clima de derrota e opressão. Desde a guerra dos seis dias, o Islã vive a espera de um profeta que inverterá a situação. Orações especiais são feitas com esta finalidade nas mesquitas e, sobretudo, na mesquita de El Arhamno Cairo. (Ver a respeito da guerra santa do livro de John Buchan, O Profeta do Manto Verde, que ainda é atual).

Quando o piloto americano alvejava Hiroshima e depois Nagasaki, ceifando 210.000 vidas, evocava o seu deus tutelar contra os deuses japoneses, ou hoje os deuses dos americanos se defrontam com os deuses dos palestinos e de todos os não democráticos.

Sob um clima cultural totalmente diverso, porém dentro do mesmo tipo de idéia, Isaac Deutscher, falando sobre Trotsky, emprega a expressão "o Profeta armado". Todavia, parece que o Protetor emprega, ao invés de armas, uma manipulação psicológica da História, por enquanto fora de nosso alcance. Assim no início de nossa era, os judeus estagnados esperavam um Messias Armado, que como guerreiro viesse dar cabo de todos os romanos e demais inimigos para colocá-los no topo do mundo, e quando o Messias trouxe a tônica da Fraternidade Universal, o amai-vos uns aos outros, mataram-no..

Deus escreve certo por linha certa, nós é que vemos a linha torta. O Protetor esteve do lado dos dois. De uma forma ou de outra a divindade age como estratégia mantendo a humanidade no atrito para reconhecer o sua

verdadeira inimiga a ignorância ou o valor de suas qualidades interiores como participantes que participam o participável do participado que é Deus.

O REI DO MUNDO [10]
RENÉ GUENÓN
Tradução e comentários
de H. J. SOUZA

PALAVRAS NECESSÁRIAS
INTRODUÇÃO

"Não se deve deixar de criticar; o que se deve, porém, é saber criticar. De um Iniciado".

Traduzindo e comentando a obra do famoso escritor ocultista René Guenón, intitulada O Rei do Mundo, bem longe estamos de fazer uma crítica idêntica àquela por ele empregada na sua obra Le Theosophisme, quando, ridicularizando o messianismo e o catolicismo liberal de Besant e Leadbeater, inclui o nome de Helena Petrovna Blavatsky (princesa russa da família Fadeef), completamente estranha a essas intromissões indébitas no verdadeiro e independente espírito teosófico, o que se prova com o fato de ter a mesma adotado para a sociedade que fundou, em na América do Norte. (Infelizmente transplantada depois para " Adyar, Madras, Índias Inglesas, contrariamente à marcha evolucional da Mônada no presente ciclo), o lema do Maharaja de Benares: Satyat nâsti paro Dharma ("Não há religião superior à Verdade") . Ainda mais, porque, autora das duas incomparáveis obras *Doutrina Secreta* e *Ísis sem Véu*, demonstrando possuir os mais profundos conhecimentos sobre tão transcendentais assuntos não admitiria diferença entre Ocultismo e Teosofia, representando esta o Tronco de todas as religiões, filosofias e ciências, ou tudo quanto existe e ainda há de existir no mundo. E assim também o entendeu o grande gênio de nosso século, Mário Roso de Luna: "O Teósofo não precisa afirmar que é Ocultista, Maçon ou Rosacruz, por já o ser em verdade, mas este sim, porque, não sendo Teósofo, o mais que pode dizer, é que cultiva as *ciências ocultas*".

Teosofia, palavra grega que quer dizer "Sabedoria divina", com maior propriedade, "Sabedoria dos deuses, dos super-homens, Mahatmas, Gênios ou Jinas, também é chamada no Oriente, "*Sanatana-Dharma*, *Gupta-Vidya*, Brahma-Vâdya, etc. com os vários significados de Iluminação, Sabedoria, Conhecimento perfeito, etc. em resumo: Sabedoria Iniciática das Idades, pregada por todos os Iluminados sejam, Rama, Moisés, Krishna, Budha, Jesus (melhor dito, "Jeoshua Ben Pandira", "o filho do homem", em língua aramaica), Platão, Pitágoras, Amônio Sacas, Confúcio, Lao-Tsé, etc. gradualmente desvelada, de acordo com a evolução das diversas épocas do aparecimento dos referidos Seres no mundo.

Como se Sabe, a Maçonaria escocesa conferiu seu mais alto grau, o Grau 33, a Helena Blavatsky, "por haver encontrado excepcionais valores esotéricos (inclusive maçônicos) em sua obra Ísis sem Véu (Isis Unwelled) "; grau este, que se não confere a qualquer homem ilustre, quanto mais a uma mulher, por não poder ser filiada àquela Instituição.

---

[10] Repete-se esta *Introdução*, no presente trabalho, não só a pedido de algumas pessoas, interessadas na sua leitura, como também, para que o começo de tão valioso trabalho acompanhe as reflexões no inconsciente de cada um leitor ou pesquisador.

O fato de René Guénon desconhecer os inconfundíveis valores intelectuais de Helena Blavatsky é por ter sido ele discípulo de um grande rabino, que o encaminhou de preferência para a Cabala, esquecido de que entre ela e a Teosofia não pode haver divergência. E assim descarregou sobre a mesma todo o peso das suas *iniciáticas predileções*, através de uma Critica mordaz, chamando-a de "Impostora", etc., por se ter deixado levar como alguns outros pela conhecida traição do casal Coulomb vendido, como se sabe à *Sociedade de Buscas Psíquicas de Londres*. Os "Judas traidores" de todos os tempos! Pois se até mesmo Jesus, com treze apóstolos apenas encontrou um que o traísse, que dizer da referida Instituição por ela fundada e dirigida, com algumas centenas de sócios nas suas fileiras? O mesmo nos acontece; o mesmo acontecerá sempre a quantas Instituições dessa natureza se apresentem no mundo...

De fato, René Guénon não soube interpretar as justas razões apresentadas por Blavatsky, contra uma grande maioria de judeus fanáticos, e não, contra a raça propriamente dita, como por exemplo, a tão mal interpretada "proibição da carne de porco", que ë *ciência e não religião*, pois, conhecidos são os desastrosos efeitos do abuso de semelhante carne, inclusive provocando a triquinose, etc. do mesmo modo que, a "circuncisão", como ligeira cirurgia aplicada à *fimose*, anomalia esta que não sendo comum a todos os Indivíduos, não há necessidade, de semelhante ritual para com todas as crianças do sexo masculino, na referida raça, pouco importa a divergência dos métodos.

Moisés era um *Manu* e, portanto sabia muito bem como guiar e defender seu povo. Perdoe-nos, pois, o ilustre escritor francês esta nossa teosófica, eclética ou sincretista crítica, em defesa de Helena Petrovna Blavatsky, dando preferência às homenagens que lhe prestamos como autor de *Le roi du monde*, Autorité spirituelle ET Pouvoir temporel, L'erreur Spirite, Ésoterisme de Dante, L'Homine et son devenir selon la Vedanta, Introduction general à l'étude des Doctrines Hindoues, etc., etc., pois, em verdade, é à sua distinta e ilustre personalidade a quem se deve este nosso mais do que humilde trabalho.

No firmamento estelar do mundo ocultista, René Guénon, ao lado do Rev. Pe. Huc, autor das maravilhosas obras *Dans le Thibet, Dans la Tartarie*, *Dans la Chine*, valendo-lhe a primeira, "a expulsão da Igreja Romana e ela Academia Francesa", por ter afirmado coisas que certos intolerantes e despeitados ocidentais denominam de "fantasias e extravagâncias"; inclusive, ter ele mesmo constatado em todas as folhas da tradicional Árvore plantada sobre o túmulo do reformador do Budismo tibetano (ou Lamaismo) à qual se deu o nome poético de "Cabeleira de Tsong -Kapa", no *Kukunur*, a frase sagrada *Om mani padme hum*, que quer dizer: "Salve, ó Jóia preciosa do Loto": a seguir, o famoso escritor polaco Ferdinand Ossendowsky. cuja obra principal *Bêtes, Hommes et Dieux*; foi traduzida em vários idiomas tal o sucesso mundialmente alcançado, e finalmente, o grande místico francês, Marquês de Rivière, hoje um Adepto no Oriente, cercado de discípulos de cuja obras a mais assombrosa em literatura ocultista se intitula A *l'Ombre files Monastères thibétains*, dizíamos, representam uma constelação de imenso fulgor em perfeito *quaternário* erguido às alturas – que diz bem da sua inteligência, mais que isto, independência de linguagem, liberdade de pensamento, indiferentismo pelas críticas maledicentes, corno portentosas

ferramentas de que se servem os grandes Homens da História, para a construção do Edifício humano, principalmente os Filósofos.

O *quaternário* é o número da força. É o ternário completado pela Unidade. – É a Unidade rebelde reconciliada com a Trindade Soberana.

Vemos ai a pedra angular ou bruta, a pedra cúbica, a pedra filosofal, porque todos este nomes simbólicos significam a mesma coisa. ou seja a pedra fundamental do Templo cabalístico.

Obreiros! Construtores! Maçons! Rosacruzes! Glória ao Supremo Arquiteto do Universo, ao mesmo tempo Uno e Trino, cujo régio Lugar onde se assenta, é pedra cúbica também, como verdadeira "quadratura do círculo" em movimento no Mundo Divino.

Infelizmente, porém, temos que volver à pseudo-realidade do mundo terreno. E então, somos obrigados a entrar em luta com aqueles que, ao invés de trabalharem a favor do Templo de Salomão, do Humano Edifício, do bem estar da Humanidade ao contrário, procuram destruí-lo. E com ele, os nossos ingentes esforços.

Sofrem, por sua vez, o choque de retorno da sua reconhecida maldade. E um por um vão caindo desfalecidos, inutilizados, no "campo de Kurukshetra", que é o da vida, tal como acontece em todas as épocas entre solares e lunares, na razão do passado tenebroso da Mônada, repercutindo no seu evolucional presente, para ser alcançado o futuro... São os mesmos, por exemplo, a que se refere o famoso escritor satírico inglês, Swift, ao dizer que: "Ao aparecer um gênio é fácil reconhecê-lo, pela simples razão de que todos os imbecis se unem para lhe darem combate".

Os mesmos, também, que afirmam "a Obra em que estamos empenhados, se acha empenhada por ter sido baseada nos livros a que nos referimos anteriormente", embora que, publicados depois da sua fundação, tal plágio ou cópia não fosse possível. Vem a calhar neste lugar, as palavras do grande Teósofo Franz Hartmann, quando diz que "a distinção entre o homem e o bruto está no direito que cabe ao primeiro, de *raciocinar*". Assim sendo, tanto no caso vertente como em outros muitos, o *raciocínio* falhou, só restando os *brutos*.

São nossas as palavras que se seguem: "Eleva-se o homem na vida e se choca com a família. Se se eleva um pouco mais, choca-se contra o povo. Se mais ainda, com a nação. E, finalmente, com o mundo inteiro".

E quanto à mesma Blavastky, a quem defendemos através desta nossa despretensiosa crítica, ao chocar-se com os "teosofistas da primeira hora", como eram chamados os daquela época, também teve para com eles estas dolorosas palavras: "Amontoai pedras, Teósofos. Amontoai-as irmãos e boas irmãs, e lapidai-me até a morte, por ter eu querido com a palavra dos Mestres, vos fazer felizes".

René Guénon, um destes incomparáveis construtores do Edifício Humano, a que nos referimos, não podia deixar de ignorar as lutas e os sacrifícios que teve, de sustentar a mulher que ele criticou" de modo tão severo quanto injusto. Não leu, também, a inconfundível obra do genial polígrafo espanhol Roso de Luna, intitulada "*Helena* Petrovna Blavatsky ou, uma mártir do século XIX" sem o que,

discípulo de um grande Mestre teria agido de modo mais humano, mais condizente com a sua própria jerarquia.

Melhor do que ninguém, para saber que a Mão da Justiça Divina – que tanto vale pela do Karma dos hindus e do Destino dos ocidentais – cedo ou tarde se manifesta contra os deturpadores da Verdade, os inimigos da Lei, os "atirados fora do Grande Canal da Fraternidade Branca".

E isso, porque o castigo não deve vir dos homens, por maiores que sejam os seus sofrimentos. Não se devem contrariar os desígnios de Deus, das suas Obras, das suas missões, mesmo que Elas fracassem.

A História está sobrecarregada de fatos que vêm confirmar semelhantes palavras. Citemos apenas o caso de Jeanne D'Arc, entre os inúmeros que na mesma História figuram.

Não foi a Igreja Romana que julgou e condenou a Virgem de Orleans, mas sim, um sacerdote, mau e apóstata. Chamava-se Pierre Cauchon e era bispo de Beauvais. Teve morte pela mão de Deus, e, depois de morto, foi excomungado pelo papa Calixto IV. Seus ossos foram arrancados da terra santa e lançados ao lixo.

Carlos VII, que abandonou essa nobre virgem (Joana, Jnana, Jana ou Jina) aos carrascos, também caiu nas mãos de uma providência vingadora deixou-se morrer de fome, *temendo ser envenenado por seu próprio filho*... O temor é o suplício dos covardes.

Para evitá-lo, *lançam mão de todas as infâmias*...

Jeanne d'Arc, Savonarolle, Jean Huss e quantos outros foram queimados em inquisitoriais fogueiras, o próprio Jesus crucificado entre dois *ladrões...* politicamente falando, o grande mártir republicano, Tiradentes, herói maçônico, possuem ainda hoje similares, pouco importando os métodos para o "martírio". E por muito tempo o serão ainda, enquanto houver homens maus, sem o menor critério de responsabilidade, de respeito a si mesmos e ao próximo, cegos, não só à Justica Divina como à Terrena: as duas Conchas da evolucional Balança, que regula a própria vida do homem. Em resumo, o equilíbrio perfeito entre o *Poder Temporal e o Poder Espiritual*, na razão do “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus".

Já dizia um grande Iniciado oriental: "Temei todo aquele que passa a vida inteira apregoando *virtudes*, preferindo *criticar* os erros dos semelhantes": *Errando, corrigitur error*, dizemos nós...

Para terminar e ainda em referência à nossa Instituição: Que dizer dos ensinamentos "para uso exclusivo dos membros mais adiantados de nosso *Colégio Iniciático*", que nem daqui a meio século os homens vulgares terão direito a tão magníficos tesouros? Eis a razão principal dos indivíduos de cultura abaixo da crítica e sem idoneidade moral alguma para se arrogarem o direito de "atirar a primeira pedra", profanarem e desvirtuarem o verdadeiro sentido daquilo que, em todos os tempos e por Associações de elite, foi aclamado como: Sabedoria divina ou Teosofia.

La critique est aisé; et l'art est dificite.

CAPITULO I
NOÇÕES SOBRE A AGARTHA NO OCIDENTE

A OBRA póstuma de Saint-Yves, d'Alveydre intitulada A Missão da Índia, que foi publicada em 1910, contém a descrição de misterioso centro iniciático denominado AGARTHA. Acontece, porém, que a maioria dos leitores da referida obra deve ter julgado do que as narrações ali contidas não passam de simples fantasia do seu autor, ou uma espécie de ficção que não se apóia em coisa alguma de real ou verdadeiro. Com efeito, se se quiser interpretar ao pé da letra tudo quanto faz parte das suas diversas passagens, examinando-as através das aparências exteriores, é natural que sejam tomadas como inverossímeis. Eu penso que fosse esta a razão principal do seu autor só permitir que ela viesse a lume trinta anos depois de tê-la escrito. Além disto, até então jamais se ouvira falar em toda a Europa na palavra AGARTHA, nem em seu chefe, o Brâhatma, a não ser pelo escritor Louis Jacolliot a quem não se pode levar na devida consideração[11]. É de prever que, o mesmo tendo ouvido realmente falar de coisas tão estranhas durante a sua estada na Índia, no entanto, como é seu costume fazer, as tivesse abordado através das maiores fantasias. Mas, eis que um fato inesperado vem mudar por completo a face das coisas: o aparecimento do livro Animais, Homens e Deuses[12] onde o seu, autor Ferdinand Ossendowsky narra as peripécias da sua acidentada viagem entre 1920 e 1921, através da Ásia Central, citando, principalmente na última parte, fatos idênticos aos já apontados por SaintYves d'Alveydre em *A Missão da Índia*. E a repercussão que teve o novo livro em toda a Europa, auxiliou bastante para quebrar o silêncio que até então se mantinham em torno da palavra Agartha e dos diversos mistérios que a envolvem.

Não faltaram, entretanto, espíritos céticos e maledicentes que acusassem Ossendowski de não ter feito outra coisa, senão plagiar Saint-Yves, apresentando como prova de semelhante alegação, todas as passagens concordes das duas obras. De fato, é grande o número das que, em todos os seus detalhes, possuem uma semelhança verdadeiramente espantosa.

O mesmo Saint Yves afirma diversas coisas que a princípio não podem deixar de ser tomadas como inverossímeis, dentre elas, a existência de um mundo subterrâneo que estende as suas ramificações por toda a parte, tanto por baixo dos continentes como dos oceanos, e através das quais se estabelecem invisíveis comunicações entre todas as regiões da terra". Ossendowski, que também faz referida citação, não assume, entretanto, responsabilidade alguma pelas suas palavras. Chega a declarar que "não sabe o que pensar a respeito", além de afirmar que "tudo isto ouviu de vários personagens que encontrou no decorrer da sua viagem". Há também uma passagem muito interessante, que é a do "Rei do Mundo representado diante do túmulo do seu antecessor, o mesmo que está ligado à misteriosa origem dos Boêmios, que teriam vivido outrora na mesma

---

[11] Les Fils de Dieu, pp. 236, 263, 267, 272; Le Spiritisme dans le monde, pp. 27 e 28.

[12] O tradutor da referida obra para o português traduziu *Bêtes, Hontmes et Dieux*, por Brutos, Homens e Deuses. E isto por não se tratar de um teósofo, pois que seu autor, sendo obrigado a fazer semelhante viagem francamente iniciática, não podia deixar de chocar-se com as 3 categorias que sucedem às outras duas já percorridas pela Mônada, isto é, mineral e vegetal. Nesse caso, *Animais*, Homens e Deuses. Quanto a "deuses", no Tibete e na Mongólia os Buda-vivos assim são considerados. Dentre eles, o último ou 31o, que recebeu Ossendowski tão condignamente. Finalmente: *Bêtes*, em francês, nunca foi BRUTOS. (N. do tradutor e comentador

Agartha[13], além de outros muitos fatos ainda obscuros na própria História da Humanidade.

Saint-Yves afirma ainda, "que há momentos, durante as celebrações, dos "Mistérios cósmicos", em que os viajantes que se acham no deserto, são obrigados a parar; do mesmo modo que os animais, pois estes, além de manterem respeitoso silêncio, se curvam reverentes como, se estivessem diante de um altar" [14]. Ossendowski, por sua vez, afirma "ter assistido á um desses maravilhosos instantes de recolhimento geral". Outra coincidência estranha é a descrição de uma ilha hoje desaparecida, onde viviam homens e animais extraordinários. Enquanto Saint-Yves cita o resumo do *Périplo de Iambule* por Diodoro de Sicília, Ossendowski, por sua vez, fala da viagem de um antigo budista do Nepal, sendo que ambas essas descrições diferem muito pouco uma da outra. Se de fato existem essas duas versões provenientes de fontes tão afastadas uma da outra, seria muito interessante fazer-se um estudo comparado entre ambas.

Embora que citando todas essas semelhanças na descrição dos dois referidos autores, de nenhum modo nos convenceriam que, de fato, tivesse havido, um plágio por parte de Ossendowski. Sim, porque, independente das testemunhas que o mesmo nos apresenta, sabemos por outras fontes que tais narrações são coisa corrente na Mongólia e em toda a Ásia central. E que nas tradições de todos os povos estas e outras semelhantes se repetem de modo claro e preciso. Além disto, se Ossendowski tivesse copiado em grande parte *A Missão da Índia,* não vemos razão para ele ter omitido outras passagens interessantes, nem modificado a forma de certas palavras, escrevendo, por exemplo, *Agharti* em vez de *Agartha*, o que vem provar ter ele recebido tais informações de fonte mongol, enquanto Saint-Yves, de fonte hindu (pois sabemos que o mesmo esteve em contato com dois ilustres hindus)[15]. Não compreendemos, entretanto, como tivesse ele designado o chefe da hierarquia iniciática com o título de "Rei do Mundo", quando o mesmo não figura em nenhum lugar da obra de Saint-Yves. Mesmo que se quisesse admitir semelhanças entre, as narrações de Ossendowski com as de Saint-Yves bastariam dizer que o primeiro cita coisas muito mais interessantes e, portanto, não existentes na Missão da Índia e não sendo possível que, ele as inventasse, principalmente por se tratar de uma pessoa que vivia mais preocupada com assuntos políticos do que com idéias e doutrinas, ignorando, portanto, tudo quanto diz respeito a Esoterismo, além dele mesmo declarar "que se sentia incapaz de compreender o seu exato alcance". Tal é, por exemplo, a narração de uma "pedra negra" enviada pelo "Rei do Mundo" ao Dalai-lama, depois transportada a Urga, capital da Mongólia, e que

---

[13] Sobre tal assunto, cumpre nos dizer que a existência de povos em "tribulação", de que os Boêmios (os ciganos) são um dos exemplos mais frisantes, é realmente dos que mais merecem ser estudados com a maior atenção, pelo mistério e obscurantismo de que se acham cercados.

[14] O Dr. Arthur Reghini faz observar que tal coisa poderia ter uma certa relação com o *timor panicus* dos antigos. Reputamos essa observação como digna de todo acatamento.

[15] Os adversários de Ossendowski quiseram explicar o mesmo fato afirmando que tivesse ele manuseado uma tradução russa da "Missão da Índia", cuja existência é mais do que problemática, pois que, os próprios herdeiros de Saint-Yves o ignoram por completo.
Criticaram, ainda, Ossendowski por ter escrito OM, quando Saint-Yves preferiu escrever AUM. Ora, se AUM é, de fato, a representação da palavra sagrada decomposta em seus elementos constitutivos, é OM, portanto, a transcrição, correta correspondente à pronúncia real, tal como é feita tanto na Índia, como no Tibete e na Mongólia. Este detalhe basta para apreciar a competência de certos indivíduos improvisados em críticos.

desapareceu há mais de um século" [16] . Acontece que, em numerosas tradições, as "pedras negras" possuem um papel importante, desde a que ser tornou o símbolo de Cibele, até a que figura na Kaaba de Meca. Eis aqui um outro exemplo: o Bogdo-Khan ou “Buda-vivo", que reside em Urga, conserva, entre outros objetos preciosos, o anel de Gengis-Khan, sobre o qual está gravada uma Swástica, e uma placa de cobre levando o "selo do Rei do Mundo". Pelo que parece, Ossendowski não pôde examinar de perto, senão o primeiro desses dois objetos, por lhe ser difícil imaginar a existência do segundo. Não seria mais natural, por exemplo, que ele falasse de uma placa de ouro em vez de cobre?

Todas essas observações preliminares bastam para demonstrar o fim a que nos propusemos quando tomamos a de liberação de escrever este trabalho, pois não se trata de uma polêmica de caráter pessoal, mas de um estudo todo particular. E quando citamos Ossendowski, do mesmo modo que Saint-Yves d'Alveydre foi unicamente pelo fato de poderem ambos servir de ponto de partida a considerações que nada têm a ver com o que se pudesse pensar quer de um ou de outro, e cujo alcance vai muito além das suas individualidades, tanto quanto da nossa, que neste sentido não deve ser tomada, de modo algum, como sendo de maior realce. Não queremos, tão pouco, fazer uma "crítica de textos", mais ou menos Inútil, porém, fornecer indicações que, segundo pensamos, não foram dadas até hoje e que, de certa modo, podem contribuir para a elucidação daquilo que o escritor Ossendowski denominou de “o mistério dos mistérios".

COMENTÁRIOS

Como se viu, foi Saint-Yves d'Alveydre o primeiro escritor europeu que falou da AGARTHA. E a seguir, Ferdinand Ossendowski de uma maneira muito mais desenvolvida, embora que outros, sem se ocuparem de tal nome, o tivessem feito indiretamente, falando do oriente, sua vida, seus mistérios, suas tradições, enfim o quanto bastasse para preparar o espírito ocidental para receber as futuras revelações ou ensinamentos que deveriam chegar ao Ocidente através do aparecimento de um novo ciclo civilizador para o mundo. Assuntos, portanto, que embora da maior transcendência, não devem ser negados *a priori*, ou considerados como "fantasias e extravagâncias" pelo fato de não serem conhecidos e reconhecidos pela chamada ciência oficial ou positiva.

Não deve ele mesmo esquecer que, tudo quanto apresenta hoje como seu não é mais do que uma parcela mínima daquilo que outrora se ensinava nos Colégios Iniciáticos do Egito, da Índia, da Caldéia, etc., etc. Assim, por exemplo, a Química de hoje não é mais do que uma pobre faceta do precioso diamante conhecido pelo nome de Alquimia; a Astronomia, um simples brinquedo diante da Astrologia caldáica, egípcia, etc., para não falar na atlante, da qual sobressai um nome pouco conhecido, mas que esplende nas velhas escrituras ocultistas como *Asura-Maya*. Na mesma razão, a Medicina de hoje – que, mal se apruma num postulado de *reconhecido valor*, o substitui por outro mais moderno, embora os

[16] Ossendowski, que não sabia se se tratava de um aerólito, procura explicar certos fenômenos, como a aparição de caracteres na sua superfície, supondo tratar-se de uma espécie de ardósia.

seus preciosos méritos em certos e determinados setores, à custa dos maiores sacrifícios por parte dos seus mais dignos e conspícuos representantes – dizíamos, a Medicina de hoje não é mais do que a Medicina Teúrgica de um passado glorioso da História, embora que depreciado por escritores de pouco talento; como velharias diante das grandes descobertas de nosso século de luzes".

O avião, por exemplo, tinha por similar, naqueles tempos, a máquina de voar", a que se referem certos manuscritos sagrados e é vasto até nas paredes dos túmulos dos faraós de maior fama, como por exemplo, no de Amenophis IV, mais conhecido por Kunaton, cujo aparelho tinha capacidade para conduzir perto de oitenta passageiros e era acionado por uma substância etérica denominada *vril*. E que nós faz lembrar o bem nosso termo *vril*, como força, potência, etc., etc. Do mesmo modo que o sânscrito *marut* ou *marutas*, "elementares ou espíritos da natureza; que fazem mover as máquinas", servisse talvez de origem ao termo japonês *marú*, que, como se sabe, significa vapor.

Em resumo, o pré-citado fenômeno cíclico, que concorreu para o nascimento da Sciedade Teosófica Brasileira[17], tem sido largamente desenvolvido em outros artigos, tanto nossos como de ilustres membros da referida Instituição, quer nesta forma, quer em conferências públicas. E com muito maior propriedade, em nossa obra de critica geral, intitulada *O Verdadeiro Caminho da Iniciação*.

Trabalho literário de imenso valor quer como divulgação dos mistérios orientais, quer de ensinamentos ocultistas e teosóficos, melhor dito, da Sabedoria Iniciática das Idades, como também, do Movimento espiritual em que a sociedade está empenhada, é o TIBETE E A TEOSOFIA, por sua vez, publicado na revista Dharana e inspirado na maravilhosa obra da Sra. Alexandra David-Neel *Místicos e Afagos do Tibete* (Magos e não mágicos), porque este termo se aplica a prestidigitadores, etc., enquanto o primeiro, aos que manejam com a verdadeira *Magia ocultista*). Seu autor, o eminente polígrafo espanhol, Dr. Mário Roso de Luna, não tendo podido completar a referida obra, pede antes de morrer à sua família, que envie ao autor destas linhas, os documentos por ele deixados, para uma obra de maior fôlego, embora que a mesma tivesse ficado muito maior ainda do que ele desejava, sem falar nas ilustrações que a mesma, de nenhum modo poderia possuir, por seu autor jamais ter pensado em semelhante coisa. E assim, em vez de uns trinta ou trinta e dois capítulos, *a possui cinqüenta e dois*.

A existência da *Agartha* provém da catástrofe atlante. No começo ela não era subterrânea. Estreitamente ligada no chamado "País de SHAMBALLAH", muito conhecido nas escrituras teosóficas e ocultistas, principalmente entre os verdadeiros ROSACRUZES, no entanto, não se deve confundir uma com a outra. Esotericamente falando, é como se se dissesse: *Agartha* é o corpo, *Shamballah*, a cabeça.

Ambas são por demais conhecidas dos preclaros Membros da Grande Fraternidade Branca (do Himalaia, outrora); com o nome de *Sudha-Dharma-Mandalam* (*Sudha* Pureza, Dharma – Lei e *Mandalam* – Fraternidade, isto é, os Irmãos da Pureza", "a Fraternidade, dos Homens Puros, que mantém a Lei no mundo etc.), porém, hoje – com o inicio de um novo ciclo para o mundo portadora

[17] Hoje Sociedade Brasileira de Eubiose, aspecto social da Ordem do Santo Graal no continente americano, pois, que o Brasil é o seu Santuário, (nota do colaborador (AKoschdoski) 2.010

de um outro nome. De há muito vimos apregoando que o "Oriente cedeu o seu espiritual papel ao Ocidente", na razão do *Ecce Occidente Lux!* em substituição ao *Ecce Oriente Lux*!, do grande clarividente Emmanuel Swedenborg.

Com a Agartha também, está relacionada à "Confraria dos Bhante-Jauls, onde se realizavam as grandes assembléias a que se referem, tanto Saint-Yves como Ossendowski. Do mesmo modo com a Maçonaria dos Tachús Marús, com seus 22 Templos (ou arcanos maiores), de que também fala o primeiro dos dois referidos escritores.

O termo tibetano e não sânscrito, como pensam alguns, *Bhante-Jaul* ou *Yaul*, com o significado de "defensores da Lei", Irmãos do Sacrifício", etc. etc. – com as suas duas iniciais J e B, faz jus a outros termos da mesma natureza, como por exemplo: o de *Jokanan* ou João Batista (um *sacrificado* portanto...), e cujo mistério já provém da Atlântida ... Na mesma razão, os dois Caminhos da Vedanta, *Jnana* (Conhecimento, etc.) e *Bakti* (Amor, devoção, etc.) . Belém e Jerusalém, são as duas cidades da vida passional ou sacrificial do "cordeiro imolado" no Monte Gólgota ("Agnus Dei quitollis peccata mundi")...

"E como semelhante tragédia fosse levada, a efeito entre o "bom e o mau ladrão"... até mesmo aí se manifesta o grande segredo da MÔNADA em evolução por este planeta de dores em que todos são obrigados a viver para o nosso aperfeiçoamento integral, ou dessa mesma "trindade em nós existente" (corpo, alma e espírito), pois que "o homem foi feito à semelhança de Deus" e este é, ao mesmo tempo, Uno e Trino). Bem poucos ignoram que as colunas do Templo de Salomão se chamavam Jakim e Bohaz. E que a Maçonaria ainda as conserva até "hoje. Razão bastante para o grande Iniciado que foi Cagliostro, como "grão copta da maçonaria egípcia" ter adotado o pseudônimo de **J**osé **B**álsamo, do qual outro se serviu para perder o referido Adepto. Deixemos, entretanto, para os seguintes capítulos, um estudo mais profundo sobre todos esses assuntos, inclusive a confusão existente entre os termos Agartha e Shamballah, preferindo transcrever neste lugar – para maior compreensão do termo "mundo subterrâneo", e outras coisas mais, a profecia do Rei do Mundo feita em 1890, segundo consta da mesma obra de Ossendowski, Animais, Homens e Deuses: "O hutuktú de Narabanchi-kuri me contou o que se segue, quando o visitei no seu mosteiro, no começo de 1921 (mesmo ano, da fundação espiritual de nossa Sociedade, naquele tempo, fazendo jus à descida da Mônada do Oriente para Ocidente, com o nome DHÂRANÂ) "Quando o Rei do Mundo apareceu diante dos lamas (sacerdotes) favoritos de Deus, em nosso mosteiro, são decorridos muitos anos, fez uma profecia relacionada com os acontecimentos a seguir dentro de cinqüenta anos:

"Ei-la:

Cada vez mais os homens esquecerão as suas almas, preferindo ocupar-se de seus corpos. A maior corrupção reinará sobre a terra. *Os homens tornar-se-ão semelhantes aos animais ferozes*; (os grifos são nossos) envolvidos no sangue de seus irmãos. O "Crescente" aniquilar-se-á e seus adeptos cairão *em miséria e guerra perpétua*. Seus conquistadores serão iluminados pelo sol, mas não se erguerão duas vezes, acontecerá a maior das desgraças, que culminará em sérias desmoralizações perante os outros povos. As coroas dos reis, grandes e pequenos, cairão: um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito... *Haverá uma*

guerra terrível entre todas as nações. Os oceanos, os rios, a terra... ficarão cobertos de cadáveres... Reinos divididos. Povos inteiros morrerão de fome e por doenças e crimes não apontados nos códigos, por nunca se terem visto outros iguais... *Virão, então, os inimigos de Deus e do Espírito Divino*, que se acham no homem. *Aqueles que escravizam os seus semelhantes... também morrerão*.

Os abandonados, os perseguidos se levantarão em ondas tempestuosas chamando a atenção do mundo inteiro... Inúmeros cataclismos se desencadearão. Montanhas despidas de tudo quanto nelas existiam, se cobrirão de florestas. A terra tremerá... *Milhões de homens despedaçarão as cadeias da escravidão e das humilhações*... pela fome, a doença e a morte. *Os velhos caminhos cobrir-se-ão de multidões fugindo de um lugar para outro. As maiores e mais belas cidades serão destruídas pelo fogo*... O pai revoltar se, contra o filho, o irmão contra o irmão, a mãe contra a filha. O vício, o crime, a destruição do corpo e da alma continuarão a sua rota... As famílias serão divididas... O *amor e a fidelidade* desaparecerão... Em dez mil homens, só um viverá. Mesmo assim, louco e sem forças, não encontrando, nem habitação nem alimento. E como os lobos uivarão furiosos, devorando cadáveres, mordendo suas próprias carnes, desafiando a Deus para a luta... Toda a Terra ficará deserta. Deus lhe voltará as costas... Sobre a mesma descerá o espesso véu da noite e da morte.

"Então, enviarei um povo, agora desconhecido que, com mão firme, arrancará as más ervas da loucura e do vício e conduzirá àqueles que ficaram fiéis ao Espírito dos homens na batalha contra o mal... ELES FUNDARÃO UMA NOVA VIDA SOBRE A TERRA PURIFICADA PELA MORTE DAS NAÇÕES. No qüinquagésimo ano, três grandes reinos, apenas, se elevarão e serão felizes durante setenta e um anos. Em seguida, haverá dezoito anos de guerra e destruição... Então, os POVOS DA AGARTHA SAIRÃO DAS SUAS CAVERNAS E APARECERÃO NA FACE DA TERRA..."

Depois de tão assombrosa quão reveladora profecia, só resta dizer aos "céticos e maliciosos" de todos os tempos – por mais sábios que se julguem e sem receio algum de cairmos no ridículo e nas satânicas armadilhas de que se servem os inimigos do Amor, da Verdade e da Justiça – que existe, sim, um mundo misterioso que nos fica bem próximo... E como se fosse ele o próprio "Coração do Universo" a palpitar nas entranhas " da Terra, se reflete na sua superfície, como miríades de olhos, bocas e ouvidos, a perscrutarem os atos e os pensamentos, tanto dos homens bons como dos maus..."Reverso de medalha do “mundo *mayavico* ou das ilusões do sentido", no entanto, é ele real ou verdadeiro para aqueles que possuem o direito de perceber as coisas com os olhos da Alma e do Espírito. O outro é o mundo, onde, embora sendo o da evolução da Mônada, habitam inúmeros "loucos", que imitando o príncipe, personagem do drama sakespereano, examinam o seu próprio *crânio vazio*, na esperança de resolver os grandes problemas da vida, sem a certeza natural dos que palmilham a vanguarda da Humanidade, como seus Guias ou Protetores, Adeptos ou Iluminados. *To be-or not to be It is the question*.

E são esses mesmos seres da Terra que se julgam tão sábios, que na sua multissecular ignorância, inclusive geográfica, se acham perplexos diante das últimas notícias comunicadas pela imprensa da "existência de uma montanha mais alta do que o Everest. E um vale fértil entre ambas, estendendo-se numa cidade

populosa, cercada de campos cultivados e inteiramente isolados". E cuja notícia termina: "Se isto é verdade ou não, somente o futuro poderá dizer. Concretizar-se-á o sonho de milhões de pessoas? Existirá Shangri-La?".

Sim, dizemos nós, mas não que seja a "cidade-Jina" que vem de ser revelada ao mundo, por aviadores ingleses e americanos, mas um "Horizonte Perdido", que antes deveria chamar-se: PARAISO PERDIDO.

Lohengrin depois de ser obrigado a revelar seu nome e país a Elsa, instigada esta pela feiticeira Ortruda, despede-se do rei e do povo com as seguintes palavras: "Em um pais muito distante, oculto por trás de solitários e secretos caminhos, existe uma cidade chamada Monte Salvat. Possui um santuário onde se guarda um dos maiores tesouros da terra: um cálice de tão maravilhosas virtudes, que aquele que tem o privilégio de se defrontar com ele, fica limpo de todos os pecados. Foi trazido à terra pelos anjos e cada ano *uma pomba* de alvura imaculada desce do céu para renovar a precioso dom que o mesmo possui chamado SANTO GRAAL. E nós, os seus Cavaleiros, devemos servi-lo com a maior lealdade. Meu pai é o chefe de todos eles. Seu nome é PARSIFAL., E eu sou LOHENGRIN".

O rei ARTUS, por sua vez, quando, mortalmente ferido em uma batalha, procura voltar ao País da sua origem, despede-se do seu amigo Bedivere com as seguintes palavras: Adeus, meu fiel e valoroso guerreiro! Longo é o caminho a percorrer para atingir á "Ilha de AVALON", aquela abençoada região onde não chove, não cai granizo, não existe a neve nem sofrimento algum.... . Ao contrário, quando ali chegar ficarei imediatamente curado dos graves ferimentos que recebi no campo de batalha... Sim, dizemos nós, AGARTHA, BARCA DE SALVAÇÃO, ARCA DE ALIANÇA, onde estão "conservados em custódia", os espirituais tesouros de toda a evolução passada, presente e até futura da Humanidade! [18] .

---

[18] A palavra ARTUS lida anagramaticamente, SUTRA, é "o fio de ouro", que liga os princípios inferiores aos superiores.
Quanto ao termo *Santo Graal* (ou *Grial*), segundo as tradições, "é a taça ou cálice que serviu na CEIA. E onde José de Arimatéia recolheu a água e o sangue que escapavam da chaga aberta no peito de Cristo, pela lança do centurião Longino (nome este que também é dado à lança, tanto no grego Logké que se pronuncia *lonkê*, como no latino *lancea*).
O próprio termo Lohengrin, dentro do mesmo étimo, demonstra a sua qualidade de Rei, guerreiro, etc., embora que, ao mesmo tempo, a de sacerdote, como "senhor dos Dois Poderes, etc. Por várias vezes temos dito que o referido termo se decompõe em Loban, Chohan, (Sween, Swan, Sloan, etc. que, em vários idiomas é o mesmo "cisne" que serve de simbolismo à lenda, donde extraímos o trecho descrito no texto) e Grin ou Jin, Jina, ete.. ou seja: "o *Jenio celeste*, o Arcanjo, o Dhyan-Chohan, etc.
Não esquecer, também, que "no céu se manifesta, todos os anos, uma pomba de alvura imaculada para renovar o precioso dom que o mesmo cálice possui, ete" Pompa esta, que "representando o Espírito Santo", como o admite o Cristianismo, é a manifestação do Terceiro Logos (Pai, Filho e Espírito Santo) .
Jeanne d'Arc (a Jina da ARCA, da Agartha, etc.) não aparece no mundo, pouco importa a questão "família", para salvar a França dos seus inimigos? E quando é queimada em uma fogueira, ao exalar o último suspiro, não sai da sua boca *uma pomba branca*?
Esta mesma ave “solta por Noé para saber se as águas já haviam baixado”? (Noé lido anagramaticameNte, dá o EON grego, que significa: "a manifestação da Divindade na Terra". Noé era um ManU à frente de seu povo ou "família"... E basta...). E "a pomba volta à arca, barca ou Agartha, trazendo no bico um ramo de oliveira". *Sic illa ad arcam reversa est*... Ramo de oliveira, ou "ramo racial", tanto vale.
Em resumo: todos estes .privilegiados Seres, chamem-se Lohengrin, Artus, Jeanne d'Arc, Colombo e outros mais, não são verdadeiros *Avis* rara in terris?
Voltando ao termo *Santo Graal*, dizem as tradições que, "foi trazida da Armorica para a Grã- Bretanha pelo mesmo José de Arimatéia, acompanhado de Nicodemo", os mesmos que ajudaram, o Cristo a levar o pesado madeiro ao Calvário.
Semelhante termo, no entanto, refere-se ao mesmo tempo, a Taça ou Cálice e o Livro.
Como "livro", no sentido de "tradição" ou algo que fica escrito na História da Evolução dos seres, na sua marcha triunfal para o Divino.
No Oriente, também se fala no "Cálice do Buda e de um Livro precioso, ambos vindos do Tibete à Índia, pelos ares".b E de cuja tradição já nos ocupamos em velho estudo noutra ocasião.
Mais velada, ainda, é aquela que se refere a certo "Livro Jina, ao qual se dá o nome de KAMAPA (decomposto em três palavras – KA-MA-PA) onde se acha escrita, em letras de fogo, todo o percurso desenvolvido pela Mônada – “através do

* * * * * * * * * *

MAIS COMENTÁRIOS E NOTAS

De acordo com o que dissemos na Introdução deste trabalho, "o erudito escritor francês René Guénon recebeu uma iniciação mais cabalística, do que propriamente dita ocultista, embora que se manifeste em certos lugares da maravilhosa obra que estarmos comentando um verdadeiro "gênio". Por outro lado, se em seu tempo foi quem completou o trabalho de Saint-Yves, Ossendowski e outros mais, agora – com a entrada do novo ciclo – era a outro a quem pertencia o papel, não apenas de escrever livros, mas de dar revelações ou ensinamentos de acordo com o referido ciclo. É, pois, a Obra em que nossa Sociedade está empenhada, ou melhor, a própria Lei que a tudo e a todos rege, é quem se manifesta desse modo. "Passam os homens e ficam as idéias". Muito mais, em se tratando da evolução espiritual desses mesmos homens... Sim, porque, o de passar em vez de morrer faz lembrar, além do mais, a afirmação do apóstolo de Patmos: "A morte é a maior das mentiras".
Quanto ao resto, basta o fato de estarmos comentando a sua obra, O Rei do Mundo, com a pretensão de um: escultor que quisesse burilar a "obra prima" de um outro, para dizer com maior clareza da asserção das nossas anteriores palavras.

Um exemplo entre muitos: Quando o insigne cabalista, René Guénon, defendendo ele mesmo, Ferdinand Ossendowski da injusta acusação "de ter plagiado a de Saint-Yves d'Alveydre", fez ver que, de preferência, ele devia ter dito que "a placa com o selo do Rei do Mundo era de ouro, e não de cobre", assim se manifestou por julgar que o mesmo Rei do Mundo fosse uma representação apenas solar na Terra, quando o é muito mais, de Vênus. Como se sabe, cobre é o metal deste planeta, enquanto ouro o é do Sol.

Existem outras razões de maior transcendência: nas escrituras teosóficas e ocultistas se afirma que, "os Senhores de Vênus (Senhores de Compaixão, como também são chamados) quando baixaram à Terra para auxiliar os homens, etc., foram portadores de três preciosas dádivas: *mel, trigo e formiga*. Em outros estudos já tivemos ocasião de dar os verdadeiros significados de tão estranhas coisas para serem trazidas para o mundo humano: *Mel*, em relação à Sabedoria de que eram eles Portadores ("mel ou ambrosia dos deuses". Aquele "maná caído do céu, no deserto", e que fez o povo de Israel perguntar a Moisés: *Man'hu*? "que vem a ser isto?" não no sentido de alimento para o corpo, mas, para o espírito. E isto, por ser o mesmo Moisés, o Manu daquele ramo racial, em tal época sob o influxo poderoso do Verbo Solar ou Divino. Não esquecer que ao voltar ele do Monte Sinai, depois de "ter contemplado a Luz face a face", tal Verbo se tornou permanente...); *Trigo*, como alimento material, "o pão nosso de calda dia"...

Itinerário de Io ou Ísis". E cujo "livro" também tem vindo de etapa em etapa, sobre a cabeça do Manu de determinado "ramo racial"; servindo de pálio...
Cada uma das referidas etapas ou ciclos percorridos, se, firma em determinada região, que a bem dizer, é a Nova Canaã ou Terra da Promissão, donde surgirá a futura raça ou civilização, que acabará por se espalhar por toda a parte do globo.
Em referência, ainda, aos Cavaleiros da Tavola Redonda, nem todos sabem que valiosa tela existe no hall do castelo de Westminster, na Inglaterra, "como recordação de um fato histórico, e não, "simples fantasia", como possam julgar os_que só conhecem a chave mais grosseira, das que devem ser empregadas para a interpretação das coisas que não podem ser apresentadas aos homens vulgares – senão encobertas ou veladas...

Enquanto a *Formiga*, animal que destrói o humano esforço (nos campos, nos jardins, onde quer que seja...), o *Karma*, a luta pela vida, na razão do "ganharás o pão com o suor de teu rosto".

Além disso, o Rei do Mundo é o mesmo Planetário da Ronda, o Manu Primordial, como o reconhece o erudito escritor francês, no segundo capítulo da sua maravilhosa obra. É conhecido nas escritoras orientais através dos termos Maitri e Maitreya ("Maitri não quer dizer apenas "compaixão" como pensa o famoso sanscritista Burnouf, mas se decompõe em dois outros termos, que são: *MAI* de Mayá, "a ilusão dos sentidos", o plano acásico ou de *Akasha*, etc. e *TRI* ou três, como quem diz não ser Maitri apenas "Senhor de compaixão", no mundo físico, mas nos TRÊS MUNDOS cabalísticos, pois que o quarto pertence ao próprio Trono donde ele procede ou emana. Padrão espiritual ou cânone de todos os cânones", pois que aos próprios homens indica que "devem vencer as 3 qualidades de matéria (ou *Gunas*), melhor dito, equilibrá-las em si mesmos, na razão, além do mais de *corpo, alma e espírito*. Os termos Maitri e Maytréia ligados se acham estreitamente, ao mistério da letra M, comprovante da hierarquia dos *Makaras*, ou sejam aqueles, que, "na terceira raça-mãe (a lemuriana), concederam aos homens o mental (Manas) e o sexo, pois que antes eram francamente *andróginos*, mas sem a consciência espiritual da sua origem. O mesmo Dr. Marañon, acatadíssimo pela ciência oficial, reconhece "que os primeiros homens eram dessa natureza". A supracitada Jerarquia (dos *Makaras*) tem por expressão cósmica, o signo de *Taurus*, que, como se sabe, é o de *Vênus*.

Para confirmar "tal mistério que envolve a letra M", basta dizer que "os Ministros do Rei do Mundo na Agartha têm os nomes Mahima e Mahinga (e não Mahatma e Mahinga, como quer René Guénon). E sua origem na Atlântida se manifesta através dos nomes Muísis e Mu-Iska (Gêmeos espirituais, Sol e Lua, Osíris e Ísis, Hélios e Selene, Castor e Pollux, etc., etc.) . Dos dois referidos termos procedem os por demais conhecidos: *Moise, Moisés, Muiska, Mosca* etc., etc. Manus todos eles de "ramos raciais". *Melek*, "rei" e *Maleak*, "anjo" ou "enviado", são duas formas de uma só e mesma palavra. Ademais, *Malaki*, "meu enviado" (isto é, "o enviado de Deus" ou "o anjo no qual está Deus", Maleak há-Elohim) é o anagrama de Mikael.

Na mesma razão, Melquisedeque (*Melki-Tsedeq*) , é o nome sobre o qual se apóia a própria função do Rei do Mundo, na, tradição judeu-cristã.

Nos ritos maçônicos egípcios sobressaiam os dois nomes MAISIM-MISRAIM, sendo que o de MENFIS, que foi dado à cidade desse nome, representava a coluna central para as duas laterais anteriormente apontadas.

Note-se que todos esses nomes sagrados são escritos com a letra "M", pois, em verdade, é ele um símbolo (quer uma só, quer duas entrelaçadas ou invertidas).

Haja vista aquele que se encontra bem no centro do docel ou enfeite de madeira na pia de água benta de certas igrejas antigas. E cuja explicação, não satisfaz de todo, por parte da Igreja, que nem sequer pode supor, que dois M M invertidos, formam o signo Aquários, mais do que próprio para o referido lugar. E que o nome de Maria, provindo de *Mare, o Mar,a Água,* etc., ligado se acha, por sua vez, ao de Ísis, que é a Lua, como prova o seu aparecimento num lago,

respondendo à prece do discípulo, no dia da sua iniciação, nos Colégios Iniciáticos do velho Egito.

E ninguém ignora, que nalgumas imagens de Maria, uma LUA figura debaixo de seus pés, enquanto a Maria egípcia (ou Ísis) a trazia em cima da cabeça.

Na mesma razão, os dois *golfinhos* que aparecem em certas fontes públicas, em relação com o signo de Piscis que, em verdade, é o complemento secreto ou esotérico do anteriormente apontado. Examinem-se os signos do zodíaco: eles estão ao lado um do outro na razão de *Saturno* e *Júpiter*, que são os respectivos planetas.

Tanto esses dois símbolos, como outros muitos que se encontram em antigas igrejas nossas como no estrangeiro, principalmente em Roma, Paris, etc. do mesmo modo que, em fontes públicas e outros lugares, são da autoria de **Iniciados maçons** e rosacruzes, conhecedores dos velhos cânones da Arquitetura, como cabalistas e ocultistas de grande valor.

Até a bem pouco, o mundo artístico de Paris (inclusive, escritores de fama, corno Saint-Yves d'Alveydre, Josephin Peladan e outros) conhecia o misterioso homem, ao qual se deu o apelido de "o Homem das Catedrais", e que trazia um bastão, reto como *as canas dos Yoguis da Índia*, porém muito maior. Tal apelido lhe foi dado, justamente, por viver ele sempre a examinar, dentro e fora, os velhos templos da França... A verdade, porém, e que o tal bastão ou vara, trazia as medidas a que anteriormente nos referimos. E seu prazer, portanto, era verificar o magnífico trabalho dos seus, antecessores, como ele, Iniciados nos Grandes Mistérios.

Já tivemos ocasião de explicar em outros estudos, o sentido daquele girassol que figura no, portal da *Cruz dos Militares* (à Rua Primeiro de Março, Rio de Janeiro). Trata-se de um símbolo positivamente maçônico, ao mesmo tempo relacionado com o nome CRISTO, pois que este, por sua vez, ligado se acha ao mito solar, como prova quando se diz "que o número crístico é 608", por ser ele o de um ciclo completo do Sol.

Não se deve, ainda, esquecer que, além do nome *Maria* está envolvida, por sua vez, na vida do Cristo, *Marta* e *Madalena*.... E o Cristo, como se viu, em outros lugares, é chamado MAITRI ou MAYTRÉIA nas tradições indianas.

OS TRÊS REIS que ofereceram preciosas dádivas à Sagrada Família, além de representarem 3 ramos raciais (*branco* ou europeu, *amarelo,* oriental ou asiático e *preto* ou africano), envolvem o mesmo mistério do "Rei do Mundo e seus Dois Ministros" (Sabedoria, Vontade e Atividade, etc...). E as "3 preciosas dádivas", que todos conhecem, mas não sabem o seu significado esotérico, são: *INCENSO*; para o filho ou "a manifestação do Espírito Divino"; *MIRRA* (perfume de Vênus) para a Mãe ou MARIA e que também foi medicina antiga empregada nas "parturientes"... Finalmente, *OURO*, ao Pai ou José, de acordo com as responsabilidades de todo chefe de família.

A respeito da *Swastika* (algo idêntico ao Pramantha ou "objeto de produzir fogo", que não só o carpinteiro a representa, como Pai, do mesmo modo que o filho, pois segundo a Bíblia, "desde pequeno a construía", e não que se refira apenas à cruz fálica do seu futuro martírio...), demonstramos a sua diferença para a *Sowastika* (Vide pág. 22 de O Verdadeiro Caminho da Iniciação), pois que a

primeira tem os ganchos voltados da esquerda para a direita, como é a própria rotação dos planetas em torno do sol, símbolo, portanto, evolucional, enquanto a segunda, os tem da direita para a esquerda, como involucional. Os jainos e os budistas da índia o consideram "símbolo nefasto, portador de desgraças", etc. Hitler, o dito monstro do fim de um ciclo (ou civilização decadente), não podia deixar de escolher a Sovastika, em vez da Swastika. Do mesmo modo que Mussolini, a camisa preta com uma caveira branca, verdadeiro "pavilhão dos antigos piratas"... Desde a catástrofe atlante e, portanto, o começo da raça ariana, a Swastika figurou no pavilhão do Rei do Mundo, melhor dito, como, símbolo do "Governo espiritual do Mundo; do mesmo modo que, na série dos Budas-vivos da Mongólia, como sua representação outrora, na face da Terra. Na Índia, tal série era representada pelos Brahmâtmas.

O pavilhão era de cor amarela, trazendo no centro a cruz gamada em vermelho. O mesmo Buda-vivo usava uma capa amarela e o cinto de cor encarnada. Essas duas cores que são as de *Sattva* e *Tamas*, porquanto *Rajas* (a 2a das 3 gunas ou qualidades de matéria) azul, era representada na própria religião (o Lamaismo, Budismo tibetano e mongol), simbolizam as duas referidas cores, o seguinte: que a matéria superior ou divina deve esmagar a inferior oi terrena (enquanto o azul do *Akasha*, figura no centro). Na 4ª cidade atlante, onde se achava o *governo físico*, pois que o espiritual estava na "oitava", separada das outras sete "por altíssimas muralhas..." tal pavilhão obedecia às mesmas cores, porém, em vez da Swástica, *era um cavalo alado*. Como se sabe, depois de muitos séculos decorridos, tal símbolo tomou a forma do "Kalki-avatara (ou "cavalo branco"), como o da "redenção humana" (nas escrituras indianas), pois que a Tríade superior domina, cavalga os "quatro princípios inferiores", que são os positivamente terrenos. A Abissínia (Eritréia) de origem atlante tem por padroeiro "o cavalo alado", que no sentido posterior, religioso, é o mesmo S. Jorge adotado pela Inglaterra, por sua vez, reminiscência atlante... Já fizemos notar em outros estudos, que o mesmo termo AKDORGE que se dá ao Rei do Mundo, no Tibete, serviu de origem a outros termos da mesma, sonância, como por exemplo, JORGE, GEORGE, etc.

Dentro, ainda, das mesmas razões de ser "uma placa de cobre e não de ouro onde figura o selo do Rei do Mundo", pedimos vênia ao escritor René Guénon, para lembrar-lhe a conhecida frase cabalística, *Quod superius, sicut quod inferius*, comprovante da região que separa o divino do terreno. E de cuja raiz *AK* (*Akasha*) provém, o mesmo termo AKDORGE. Foi em tal razão onde se deu a *batalha cósmica*, entre os Anjos rebeldes e os que ficaram fiéis ao Trono. Os "rebeldes", tendo LUCIFFR por chefe. E os defensores da Causa Divina... *Mikael* ou *Miguel*. Nem podia deixar de ser assim, porquanto, na própria ordem obedecida pelos planetas, inclusive em relação com os dias da semana, (começando pelo domingo, e não, segunda-feira), o Sol é o primeiro, e, portanto, o mais próximo do Trono. E o seu representante ou anjo protetor, como é reconhecido pela própria Astrologia, é Mikael ou Miguel. Este termo, no árabe (e com o mesmo significado do hebraico *Malaki*, do qual já falamos), se decompõe do seguinte modo: *Mi* ou *Man* quem, aquele, etc. *Ka*, igual, semelhante, etc. e *Allah*, Deus. Nesse caso, "Aquele que é igual ou semelhante a Deus". A ordem dos planetas, na razão acima apontada e, conseqüentemente, a dos seus anjos tutelares, é a seguinte:

Sol (Miguel ou Mikael), Lua (Gabriel), Marte (Samael), Mercúrio (Rafael), Júpiter (Saquiel ou .Grifiel), Vênus (Anael) e Saturno (Cassiel). São os mesmos Dhyans-Chohans das tradições transhimalaias, os mesha-Spenta dos persas (segundo o Zend-Avesta), etc., etc., todos eles com as suas formas ou reflexos sombrios. Quer uns quer outros, possuem nomes que não podem ser dados, senão, a discípulos adiantados...

Na mesma palavra grega, MIKAEL, figura o KA ou AK do termo AKASHA, por sinal que, no centro, e, portanto, na sua tríplice divisão para fazer jus a quanto acabamos de dizer.

Há uma sentença oriental, relacionada com o termo KAKIM, que define, por sua vez, quantos mistérios comprovam a "tríplice manifestação da Divindade", e a razão de ser do Rei de Mundo, "senhor dos 3 mundos, etc.", conforme Já falamos em outros lugares: "Aquele que ultrapassa o AKASHA é fonte de toda riqueza (já se vê, riqueza espiritual e não material)". E razão dos Yoguis, em Padmasana ("posição do Loto") e período de Sushumna (respiração central, ou pelas duas narinas, pois que há momentos em que a mesma flui, ora por *Ida*, lunar ou esquerda, ou por *Pingala*, solar ou direita... pronunciarem as sacramentais palavras (sânscritas): TAT TWAN ASI, que quer dizer: "Eu sou Ele". Eu sou Brahmã, etc., ou melhor. "Um com Ele ou semelhante a Ele", como o é o mesmo Mikael, segundo seu significado árabe. Sendo ele, pelo que se viu, um dos mais importantes termos que se prende ao mistério da letra "M", inclusive, *Mitra, Maitri, Maytréia*, etc.

Quanto ao termo *KAKIM,* que deu razão de ser aos anteriores ensinamentos, se desenvolve em outros três termos, que são: KA-AK-KIM (o AK no centro), e não em dois únicos termos (KA-KIM) como julgam outros Teósofos e Ocultistas de maiores méritos.

Numa revelação caldáica – que pensamos ser desconhecida para o autor de O Rei do Mundo, justamente por não mais existir na face da terra, ou seja a Chamada "Revelação dos Dragões", cada um destes representando determinado planeta e se expressando de acordo, com o seu iniciático papel o de *Vênus*, por exemplo, tem as seguintes palavras: "Enquanto eu separar o Pai do Filho, a Humanidade será infeliz". Isto quer dizer: "que a Mãe, o Akasha, é quem separa o Pai (o divino) do Filho (o terreno).

Com outras palavras, desde que se examinem com maior atenção os signos zodiacais: *Balança* (signo de Vênus) tem por lateralidade esquerda *Scorpio* (signo de Marte), e lateralidade direita, *Virgo* (signo de Mercúrio).

Astrologicamente falando: Pai, *Mercúrio*; Mãe, *Vênus* e Filho *Marte*. Blavatsky, na sua Doutrina Secreta faz ver "que um dia os signos zodiacais se transformarão em dez".

E isto quer dizer que, em chegando a idade dos andróginos perfeitos, que é, em verdade, a Satya-Yuga ou Idade de Ouro, com a manifestação do décimo avatara (o "Cavalo Branco ou Kalki-avatara") não há mais razão de ser para os dois referidos signos. Como sabem Teósofos e Ocultistas, cada signo representa uma Jerarquia criadora, e, portanto, com a redenção da Mônada (ou "desaparecimento do sexo...") é natural que *duas*, pois é através da mesma que os homens se iniciam (o Buda meditava debaixo da Arvore de Bodi, cujo termo quer dizer: Sabedoria). A própria ciência oficial apresenta seus testes (provas)

afim de que os, alunos resolvam as questões "por seus próprios esforços" ("Fazei por ti, que eu te ajudarei"... .

Fazemos lembrar, entretanto, que o mesmo Akdorge (S. Jorge, etc.) traz uma capa encarnada; as várias tradições lhe dão o nome de "guerreiro", de "Chefe das hostes celestes", etc., etc. Nesse caso, símbolo ou expressão viva de MARTE (o chamado "planeta da guerra", além do mais... por sua cor avermelhada"...), dizíamos, como Filho ou "Horus, que deve vingar a morte de seu Pai Osíris, que nele ressuscita depois de Ísis (a Mãe) haver encontrado o último dos seus "14 pedaços", nas tradições egípcias; enquanto nas maçônicas, Hiram também ressuscita para vingar a morte de Seu Pai. E a própria Natureza, em iniciação mais visível ou objetiva, nos apresenta na vida das abelhas depois do heróico sacrifício do vôo nupcial, onde "o zangão, o pai, perde a vida em benefício do filho; o que tanto importa dizer, nele ressuscita. Do mesmo modo, na vida das plantas, a Valisneria que se desprende do fundo das águas para se unir com o macho na superfície, enquanto este, depois de fecundá-la ou premiá-la com o fruto de um amor tão heróico quão violento, se despetala ou faz-se em pedaços, como aqueles mesmos de Osíris, cujo último foi encontrado no rio Nilo, no ventre de um Peixe... (signo de Piscis, com as suas características sexuais, como prova o mesmo "Jesus o ter traçado no chão, quando lhe apresentaram a mulher adultera"...) , dizíamos, indo ter às margens do lago, tão precioso cadáver, que a bem dizer, é um "lacrimário de rosas"... Quanto à Valisneria-Mãe volve ao "seu, túmulo de cristal", idêntico àquele de *Branca de Neve* ou da mesma *Bela Adormecida no Bosque*, pois que os próprios contos infantis são um repositório de ensinamentos iniciáticos. Não houve, também, neste sublime poema levado a efeito no Templo da Natureza, um "príncipe encantador que unindo seus lábios ao da Princesa adormecida... a arrancou de tão amargurado letargo?"... As *pétalas ou pedaços* do amante sacrificado, são os próprios *avataras* do Espírito de Verdade. Pedaços sim, da Divindade, que tem como síntese e forma humana na Terra, o misterioso Ser que se chama: O REI DO MUNDO. Este mesmo Ser, ainda, que, ao lançar a sua Bênção, principalmente, no primeiro dia da Lua Nova de cada. Ano, a própria Natureza se curva diante do seu poder imenso, das suas excelsitudes enfim, se ele só, é VONTADE, SABEDORIA, ATIVIDADE. Donde, o fenômeno a que Ossendowski se refere, em sua obra *Animais, Homens e Deuses*, e a que ele mesmo assistiu no infindável lençol de areia que se chama, *Deserto de Gobi*...

Foi muito feliz, entretanto, René Guénon quando diz que "a razão de Ossendowski ter grafado *Agharti* em vez, de *Agartha*, por sua iniciação tibetano-mongol, enquanto a de Saint-Yves d'Alveydre, francamente indiana". Mesmo assim, dizemos nós, o termo Agartha é muito mais conhecido no Norte do que no Sul da índia, pois que, em tal parte, as tradições se conservam mais puras mais fidedignas. E onde também se acham os homens mais cultos de todo o País. Que o diga, por exemplo, o conhecido teósofo Nicholas Roerich, autor de *O Coração de Ásia* (El corazon de Asia), pois foi ali onde encontrou o precioso manancial que verteu para a sua referida obra, inclusive, quando anuncia ao mundo inteiro, por meio de telegramas, "ter, encontrado vestígios da passagem de Jesus pelo referido lugar, embora com os nomes de *Iss, Iess, Jess* (todos eles, como se sabe, relacionados com o primeiro). Do mesmo modo que "o túmulo de sua mãe, Maria

ou Míriam". Noticias estas que não podiam deixar de abalar algumas convicções enraizadas há tantos séculos no mundo cristão, a respeito da vida do profeta da Galiléia, que, diga-se de passagem, é bem diversa da descrita no Novo Testamento.

Convém saber, entretanto, que o termo AGARTHA também é conhecido, tanto no Tibete, como na Mongólia, além de outros derivados, como sejam: *Agharti, Asgardi,Asgarda*, etc. E entre os lamas perfeitos da Mongólia exterior, como "País de Erdemi", cujo último termo também é dado, tanto à região como àquele que a dirige. E que o mesmo faz lembrar o de ÉDEN (Jardim, Paraíso terrestre, etc.), nenhuma dúvida resta.

Quem nos dirá que não serviu tal termo de origem ao bem conhecido (termo) inglês, *Garden*, que quer dizer *jardim*? E quanto aos mesmos *Asgardi, Agartha*, etc. não possuem uma sonância quase idêntica ao referido termo inglês? Outra passagem da obra de Ossendowski que entusiasmou o autor de O Rei do Mundo é aquela onde o mesmo repete o que aprendeu do grande lama mongol que o cientificou de tantas coisas verdeiramente assombrosas, ou seja, a da "representação do Rei do Mundo diante do seu antecessor, a qual se acha ligada à origem dos Boêmios".

De fato, tal povo viveu outrora na Agartha. Mas, por ter atraiçoado o Rei do Mundo daquela época ou ciclo, digamos assim, dali foi expulso debaixo da maldição "de te de vagar por muitos séculos na face da Terra, até que o último deles fosse salvo".... Nenhum estudo até hoje feito sobre o referido povo, revelou tal coisa; muito menos, em tão poucas palavras, como as que acabam de receber o leitor de tão humilde estudo. Muito mais admirado, entretanto, ficará quando fizer a leitura de mais longo estudo sobre o mesmo assunto a ser apresentado oportunamente.

Quanto ao mistério que paira a respeito da sucessão dos diversos Seres que, em determinados ciclos assumem a função de Rei do Mundo (ou Coluna Central, do Governo espiritual oculto) numa *série numeral* em que o mesmo Espírito, de Verdade (o Planetário da Ronda, o Manu Primordial, etc.) se manifesta na Terra, não, podemos entrar em pormenores... Se para casos de muito menos transcendência, Jesus reclamava dos seus discípulos, o *Margaritas ante porcos* ("Não atireis pérolas aos porcos"), justamente para os homens não fazerem mau uso deles, que dizer daquele de que ora nos ocupamos?

Haja vista, a aviação, e outras descobertas, que em vez de terem uma aplicação condigna com a jerarquia a que chegou o homem... no entanto, transformaram-se em instrumentos de destruição, miséria, etc. ...

Nos grandes rituais dos templos da velha Grécia, o sacerdote oficiante vindo até a porta, diante da qual se achava a multidão, proferia em voz alta as seguintes palavras: ESKATO BEBELOII "Retirem-se os profanos (fora daqui os profanos, etc.)".

No caso vertente, não há, porém, como dar melhor interpretação aos termos *Vas honorabilis*, *Vas insignis devotionis*... que figuram na ladainha de todos os santos... Mas, para isso, seria preciso ter em mão o começo do "fio, de Ariadne", que tanto vale dizer, "o começo da raça ária" (donde provem o nome da antiga Índia, que, como qualquer homem ilustre deve sabê-lo, foi: ARYAVARTHA). E é quanto basta...

NOTAS E COMENTÁRIOS
"Os Tempos Esperados são Chegados"

Com estas palavras termina René Guénon seu último livro "Le Roi du Monde" que em boa hora foi vertido para a nossa língua, enriquecendo-o com comentários que muito concorrerão para esclarecer, assunto de tal transcendência e jamais tão completamente desvelado aos olhos do mundo profano.

Fechando com aquelas palavras seu magnífico trabalho – a bem dizer seu canto de cisne – René Guénon como que antevia o próximo desencadeamento das forças negras que, do centro da Europa, se derramariam indômitas sobre os povos vizinhos e ameaçaram transpor os grandes mares para ferir de morte o berço das futuras civilizações, cujo advento está garantido pelo próprio Rei do Mundo.

E alertadas por estas e outras palavras semelhantes, as forças à disposição do Rei do Mundo e encarregadas de impedir o retrocesso da humanidade no caminho da evolução, se levantaram invencíveis fazendo recuar para o antro donde saíram, as potestades comandadas pelo Senhor da Face Negra, rival eterno do resplandecente Senhor doa Mundos Agartinos.

Quanto à existência da Agartha e do Rei do Mundo, da qual algum cético leitor ainda pode duvidar – pondo de parte outras referências mais ou menos vagas encontradas em livros antigos e modernos ocorre-nos citar o que nos diz Marquês de Rivière na sua obra "A l'Ombre des Monastéres thibetains": "Depois de outras coisas muito, interessantes, assim fala o velho Lama: "EU SOU, MEU FILHO, O ENVIADO DO REINO DA VIDA; NOSSO MOSTEIRO É O MESMO UNIVERSO DAS 7 PORTAS DE OURO; NOSSO PAIS ESTA ACIMA E ABAIXO DA TERRA; NOSSO REINO É O DOS 3 MUNDOS DESTE CICLO...".

Quem souber ler através da letra que mata, encontrará nestas palavras um mundo de revelações... e a certeza de "estarem chegados os tempos" em que nos é permitido iniciar o contato com conhecimentos muito superiores àqueles que a nossa curta inteligência positiva até agora vem julgando como definitivos.

CAPÍTULO II

REALEZA E PONTIFICADO

O titulo de *Rei do Mundo,* na sua acepção mais elevada, mais completa e, ao mesmo tempo, a mais rigorosa se aplica ao Manu, o Legislador primordial e universal, cujo nome é tradicionalmente reverenciado, sob diversos nomes, por grande número de povos antigos. Lembraremos, para exemplo, apenas o Menés dos egípcios e o Minos dos gregos [19]. Tais nomes não designam, de modo algum, personagens históricos mais ou menos legendários. Trata-se, na realidade, de um princípio, uma Inteligência cósmica que reflete a luz espiritual pura e formula a Lei *(Dharma)* apropriada às condições de nosso mundo ou de nosso ciclo de existência: ele é, ao mesmo tempo, o arquétipo do homem considerado especialmente como um ser pensante (em sânscrito, *mânava*).

No entanto, o que importa, em essência, é que tal principio pode ser manifestado por um centro espiritual estabelecido no mundo terreno *por uma organização encarregada de conservar integralmente como sua fiel depositária. A tradição sagrada, de origem não humana, portanto "apaurushêya" pela qual a sabedoria primordial é comunicada através das idades àqueles que possuem capacidade bastante para recebê-la*. O chefe de semelhante organização, representando, de certo modo, o próprio Manu, poderá legitimamente ser portador dos seus títulos e atributos. E pelo grau de conhecimento que ele deve ter atingido para exercer semelhante função identifica-se, realmente, ao princípio do qual é ele a sua existência humana, e na qual a bem dizer, sua individualidade desaparece. Tal é o caso da AGARTA se tal centro recolheu, como aponta Saint-Yves, a herança da antiga "dinastia solar" (Sûrya-vansha) que residia outrora em AYODHYA[20], cuja origem remonta ao Manu Vaivásvata, o Manu do ciclo atual. Saint-Yves, como já tivemos ocasião de dizer, não considera, portanto, o *Rei do Mundo,* como chefe supremo da AGARTHA: ele apresenta-o como "Soberano Pontífice", além de o colocar à frente de uma "Igreja bramânica", designação que se deve considerar algo ocidentalizada[21]. Excluindo esta nossa opinião, tudo quanto ele diz a respeito é corroborado por Ossendowsky, na sua referida obra.

Pelo que parece ambos não puderam perceber senão o aspecto mais consentâneo com as suas tendências e preocupações predominantes, pois que, em verdade, trata-se de um duplo poder, ao mesmo tempo sacerdotal e real. O caráter "pontifical", de acordo com o verdadeiro sentido desta palavra, pertence de direito e de fato ao chefe da hierarquia iniciática. E isto pede uma explicação, Literalmente, o PONTÍFICE é um "construtor de pontes". Este titulo romano é, de

---

[19] Entre os gregos, MINOS era ao mesmo tempo o Legislador dos vivos e o juiz dos mortos; na tradição hindu, essas duas funções pertencem, respectivamente, ao MANU e a YAMA, representados, entretanto, como ("irmãos gêmeos", o que indica o desdobramento de um princípio único, encarado debaixo de dois aspectos diferentes.

[20] A sede da "dinastia solar", do ponto de vista simbólico, assemelha-se à "Cidadela solar" dos Rosa-Cruzes, do mesmo odo que à "Cidade do Sol", de Campanella.

[21] O termo "Igreja bramânica" nunca tal empregado na Índia, senão pela seita heterodoxa, além da modernizada BRAHMASOMAJ, fundada no começo do século XIX, sob influências européias, especialmente protestantes, logo dividida em, vários ramos, todos eles rivais, e hoje mais ou menos extinta. É curioso notar que um dos fundadoras da referida seita foi o avô poeta Rabindranath Tagore.

acordo com a uma origem, um titulo maçônico. Simbolicamente falando, é aquele que ocupa a função de mediador, estabelecendo a comunicação entre a Terra e os mundos superiores[22]·. Razão de se dizer que o arco-íris, a ponte celeste, é um símbolo natural do pontificado. E todas as tradições lhe darem significados perfeitamente idênticos.

Assim, entre os Hebreus, é o penhor da aliança de Deus com seu povo; na China, é o sinal da união do Céu com a Terra; na Grécia, representa ÍRIS, a mensageira dos Deuses; entre os Escandinavos, os Persas e os Árabes, e até mesmo entre os povos da América do Norte, é a ponte que religa o mundo sensível ao supra-sensível.

A união dos dois poderes, sacerdotal e real, era representada, entre os Latinos, por certo aspecto do simbolismo de JANUS, bifronte, extremamente complexo e de múltiplos significados; as chaves de ouro e de prata representavam as duas iniciações correspondentes[23]·. Empregando-se a terminologia indiana, são os dois Caminhos: o dos BRÂMANES e o dos KSHATRIYAS. Porém, no vértice da hierarquia, encontra-se o princípio comum, do qual, uns e outros, retiraram as respectivas atribuições, pois, acima da sua distinção, se acha a fonte de toda a autoridade legitima em qualquer domínio que ela se exerça, a qual é representada pelos Iniciados da AGARTHA com o nome de *ativarna*, isto é, "além das castas"[24] .

Havia na idade média uma expressão onde os dois aspectos complementares da autoridade se achavam reunidos de maneira digna de ser aqui apontada: falava-se, em tal época, de uma região ou terra misteriosa denominada "o reino do pai João" [25], época na qual o que se poderia ainda denominar "cobertura exterior" do referido meio, era formado em grande parte dos Nestorianos (ou aquilo que, com ou sem razão, possuía tal nome) e os Sabeus[26], sendo que estes se davam a si mesmos o título de MENDAYYAH de YAHIA, isto é, "discípulos de João". Não deixa de ser curioso observar que diversos grupos orientais de cunho francamente secreto, desde os Ismaélicos ou discípulos do "Velho da Montanha", aos Drusos do Líbano, tivessem tomado uniformemente, tanto como as Ordens de Cavalaria ocidentais, o título de "guardiães da Terra Santa". Para que ninguém se admire da expressão "cobertura exterior", devemos

---

[22] São Bernardo diz que "o Pontífice, segundo a etimologia, é uma espécie de ponte entre Deus e o homem" (Tractatus de MORIBUS ET OFFICIO EPISCOPORUM, III, 9). Existe na Índia um termo usado pelos JAINOS, equivalente ao PONTYFICE latino: é o de TIRTHAMKARAS, literalmente, aquele que faz um VAU ou passagem, ou seja: o caminho da salvação (**Mokzha**).Os **Tirthasakaras** são em número de 24, como os anciães do Apocalipse, os quais, por sua vez, constituem um Colégio pontifical.

[23] Sob outro ponto de vista, tais chaves são, respectivamente, a dos grandes e dos pequenos mistérios. Em certas representações de JANUS, os dois poderes são simbolizados por uma chave e um cetro

[24] Pode-se lembrar, a respeito, que a organização social da idade média ocidental devia ter sido calcada na iniciação das castas; o clero correspondia aos BRÂMANES; a nobreza, aos KSHATTRYIAS; o terceiro estado, aos VAISHYAS; e os servos, aos SHUDRAS.

[25] O tema em questão, isto é, o que se relaciona ao rei do "Pai João", está ligado d época de S. Luiz, nas viagens de Carpin e Rubruquis. O que obscurece um tanto o assunto é o fato de alguns darem quatro personagens com direito ao referido titulo: no Tibete (ou no Pamir), na Mongólia, na Índia e na Etiópia (este último termo, aliás, com um sentido muito vago); mas é bem provável que não se trate senão de quatro diferentes representantes de um só e mesmo poder. Diz-se também que Gengis- Khan quis atacar o "reino do Pai João", mas foi repelido por um desencadeamento tempestuoso de raios, ou melhor, que a cólera divina se manifestou severamente contra o mesmo guerreiro. Enfim, depois da época das Invasões muçulmanas, o "Pai João" teria deixado de se manifestar, ficando o DALAI-LAMA, exteriormente, em seu lugar.

[26] Foram encontradas, tanto na Ásia Central, como em certas regiões do Turquestão, diversas cruzes nestorianas, que são perfeitamente semelhantes às cruzes da cavalaria, algumas delas trazendo no centro a SWASTIKA. – É de notar que os Nestorianos, cujas relações com o Lamaísmo são indiscutíveis, tiveram ação importante, embora enigmática, nas origens dos Sabeus. Os sabeus, por sua vez, exerceram grande influência entre árabes, no tempo dos Califas de Bagdá. Diz-se, também, que foi entre eles que estiveram refugiados, depois de longa estada na Pérsia, os últimos dos neoplatônicos.

acrescentar que é preciso levar em consideração o fato de que toda iniciação cavalheiresca era essencialmente formada de KSHAKTRYIAS; isto explica, entre outras coisas, o papel preponderante que aí tem o simbolismo do Amor[27]. Tudo quando se segue concorrerá para se compreender o verdadeiro sentido do que acabamos de expor. A nosso ver, Saint-Yves empregou um termo apropriado, muito mais talvez do que ele pudesse julgar, quando fala dos "Templários de AGARTHA".

Conquanto no Ocidente não se tenha uma idéia perfeita de um personagem que exerça ao mesmo tempo as funções de sacerdote e rei, a própria origem do Cristianismo é representada, de modo claro e preciso, através dos "Reis Magos".

Na idade média, o poder supremo (segundo, ao menos, as aparências exteriores) era dividido entre o Papado e o Império[28]. Tal divisão pode ser considerada como prova de uma organização incompleta que lhe fica por cima, se se pode falar desse modo, porquanto não se vê aparecer o principio comum donde procedem e dependem, regularmente, os dois poderes; o verdadeiro poder supremo devia, pois, estar em outra parte. No Oriente, o aspecto de semelhante separação na parte mais alta ou cume dessa hierarquia, se manifesta de modo diferente. Em algumas concepções budistas, heterodoxas[29] se encontram muitas coisas neste sentido.

Por exemplo, a incompatibilidade entre a função de BUDA e a de CHAKRAVARTI ou "monarca universal" [30] , quando se diz que "Sáquia-Múni" teve, em dado momento, de escolher entre uma e outra função. É de julgar, entretanto, que tal passagem possua um sentido diverso do interpretado vulgarmente, pois a mesma em nada difere, tanto da que foi divulgada por Saint-Yves, como da de Ossendowsky: "Sáquia-Múni, logo que tentou revoltar-se contra o Bramanismo viu as portas de Agartha se fecharem à sua frente". O mesmo termo CHAKRAVARTI nada tem a ver com o Budismo propriamente dito, pois se usarmos de uma concepção estritamente ortodoxa pode ser aplicado à função do Manu, ou mesmo a qualquer dos seus representantes. Literalmente, "é aquele que faz mover a roda", isto é, aquele que estando colocado no centro de todas as coisas, *dirige o movimento sem participar das mesmas coisas*, ou, segundo a expressão de Aristóteles, "o motor imóvel" [31]. O referido centro é o ponto fixo que todas as tradições estão concordes em denominar, simbolicamente como o "Pólo"; é em seu redor que se efetua a rotação do mundo, representado geralmente pela roda entre os celtas, os caldeus e os hindus[32]. Tal é o verdadeiro significado de

---

[27] Já tivemos ocasião de assinalar esta particularidade em nosso estudo sobre o ESOTERISMO DE DANTE

[28] Na antiga Roma, contrariamente, o IMPERADOR ERA, AO MESMO TEMPO, PONTIFEX MAXIMUS. A teoria muçulmana do Califado, de certo modo, uniu esses dois poderes

[29] É ao Budismo propriamente dito que nos referimos, e não às diversas transformações a que ele se sujeitou, fora da Índia, sob a influência de doutrinas tradicionalmente ortodoxas, e que permitiram restabelecer, em alguns casos, os laços que haviam sido destruídos com a revolta de Sáquia-Múni.

[30] É de se notar, ainda, a analogia existente entre a concepção do CHAKRAVARTI o a idéia do Império de Dante, como se pode verificar na obra de De MONARCHA.

[31] A tradição chinesa emprega um termo mais ou menos semelhante, ou seja, o de "Meio Invariável". O que nos obriga, também, a dizer que, segundo o simbolismo maçônico, os Mestres se reúnem na "Câmara do Meio".

[32] O símbolo céltico da roda foi conservado na idade média, podendo encontrar-se numerosos exemplos nos frontispícios das igrejas romanas, e a rosácea gótica, por sua vez, não deixa de ser sua derivada, além do mais, por ter uma certa relação entre a roda e as flores emblemáticas, como sejam: a Rosa do Ocidente o Loto no Oriente.

SWASTIKA, símbolo que se acha espalhado por toda a parte, do Extremo-Oriente ao Extremo-Ocidente[33] e que é essencialmente o "signo do Polo"; penso ser a primeira vez que na Europa moderna se faz conhecer o sentido real do termo. Os sábios contemporâneos, com efeito, tem procurado, inutilmente, explicar tal símbolo através das mais fantasiosas teorias; muitos deles, sugestionados por uma idéia fixa, só viram ai, como em tudo que não conhecem, um símbolo exclusivamente "solar" [34], deturpando-lhe o verdadeiro sentido. Outros mais próximos da verdade aceitam a SWASTIKA como símbolo do movimento; porém, essa interpretação, sem ser falsa, não é bastante, por não se tratar de um movimento qualquer, mas de rotação realizada em torno de um centro ou eixo imóvel; sim, o ponto fixo, repetimos, como elemento essencial ao qual se refere diretamente o símbolo em questão[35].

Pelo que acabamos de dizer, poder-se-á melhor compreender que o *Rei do Mundo* deve ter uma função essencialmente ordenadora e reguladora (pois que este último termo provém da raiz *rex, regere*), função que pode resumir-se em duas palavras como sejam "equilíbrio" e "harmonia", o que vai dar no sânscrito DHARMA[36].

O que por isso entendemos é o reflexo, no mundo manifestado, a imutabilidade do Princípio supremo. Podemos também compreender, através das mesmas considerações, por que razão o *Rei do Mundo* tem por atributos fundamentais a justiça e a Paz, que não representam senão quando revestidas, principalmente, por esses mesmos "equilíbrios" ou "harmonia" no mundo humano (mânavaloka) [37]**.** É ainda um ponto da maior importância, além de seu alcance geral, que assinalamos àqueles que se deixam levar por certos receios infundados dos quais o próprio livro de Ossendowsky em suas últimas linhas, representa um verdadeiro eco.

(N.T.) - O HELIANTHO, ou girassol, que, também se encontra em diversas igrejas romanas, mesmo no Rio de janeiro, como já apontamos em outros lugares, ou seja, a da Cruz dos Militares, na Rua Uruguaiana, RJ. E fiquemos por aqui, para não falarmos da própria ROSA-CRUZ.

COMENTÁRIOS

Maurice Magre, prefaciando a magnífica obra de Jean Marques-Rivière, intitulada *À Sombra dos Mosteiros Tibetanos,* na delicadeza e poesia de uma

---

[33] Este mesmo signo não foi estranho ao hermetismo cristão; no antigo mosteiro dos Carmelitas de Loudun, tivemos ocasião de ver símbolos muito curiosos, datando mais ou menos da segunda metade do XV século, e entre os quais a SWASTIKA ocupa, levaremos mais adiante, um lugar dos mais importantes. Convém ainda notar que nessa ocasião os Carmelitas, que vieram do Oriente, ligam a fundação da sua Ordem a Elias e a Pitágoras. Enquanto outros pretendem que possuíam eles na idade média, uma iniciação muito semelhante à dos Templários, como também, à dos religiosos da Mercy; sabe-se que esta última ordem deu seu nome a um grau da Maçonaria escocesa da qual falamos muito longamente em nosso trabalho O ESOTERISMO DE DANTE.

[34] A mesma observação se aplica especialmente à roda da qual apontamos o seu verdadeiro significado.

[35] Citaremos, aqui, de relance, a opinião, ainda mais fantasista que todas as outras, aquela que faz da SWASTIKA o esquema de um instrumento primitivo destinado a produzir fogo; se tal símbolo possui muitas vezes certa relação com o fogo, é por ser justamente um emblema de AGNI e por outros motivos bem diferentes.

[36] A raiz DBRI exprime essencialmente a' idéia de estabilidade; a forma DBRU, que tem o mesmo sentido, é a raiz de DHRÛVA, nome sânscrito do Polo, e de certo modo, ao termo grego do carvalho, DRUS; em latim, ROBUR significa, ao mesmo tempo, carvalho e força ou firmeza. Entre os Druidas (cujo nome deve ser lido DRUVID, unindo a força à sabedoria) assim como em DÓDONA, o carvalho representava a "Árvore do Mundo", símbolo do eixo que une os pólos.

[37] É preciso lembrar aqui os textos bíblicos nos quais a justiça e a Paz se acham estritamente ligadas : JUSTITIA ET PAX OSCULATAE SUNT" (Ps. LXXXIV, II), "PAX OPUS JUSTITIAE", etc.

crítica digna da sua pena, dá-nos ensejo de retrucar duas afirmativas que a bem dizer partem de quantos são atraídos para as coisas do Oriente, do lugar onde “o sol nasce”, como uma apoteose de luz à civilização atual, pois foi o seu berço.

Tais afirmativas são as seguintes: É no Tibete onde se acha a misteriosa *Shamballah, a* cidade dos sábios. É no Tibete onde se acha *o Rei do Mundo.*

Dentre muitos trechos reveladores do que vimos afirmando há longos anos, relacionados com a Obra grandiosa em que estamos empenhados, merece destaque o que a seguir reproduzimos da pág. 145 da referida publicação: “Que importa tudo isso, meu filho, (é o mestre ou guru do autor quem fala) ao Venerável, à “Poderosa Gema celeste”! Para Ele, um dia é como um ciclo para nós. Imutável, reina Ele no coração e na alma de todas as criaturas. Ele conhece os seus mais secretos pensamentos e auxilia os defensores da Paz e da Justiça. *"Nem sempre Éle viveu em Napamaku (o* guru se refere ao Rei do Mundo). A tradição diz que, muito antes da dinastia de Lhassa, do mesmo modo que a do sábio Passepa, de Tsongkhapa, o *Mestre reinava no Ocidente,* em cima de uma Montanha cercada de grandes florestas, no País onde hoje habitam os *Pilineu-gheu* (estrangeiros). A favor de seus filhos espirituais, Ele reinava sobre as *quatro direções do globo.* Nessa ocasião existia a Flor (de Lis) sobre a *Swastika.* Porém, os ciclos negros (a Kali-Yuga ou idade negra que estamos atravessando) o obrigaram a deixar o Oeste, vindo Ele *novamente* para o Oriente, no meio de nossa gente. A Flor foi despedaçada (inclusive, de encontro à caótica dos *Bourbons* com a Revolução francesa) ficando, apenas, a *Swastika*, símbolo do poder central da Gema celeste (O mesmo poder contido no *Chakravarti,* comentado neste capítulo).”

Por essas palavras o leitor terá compreendido que ora é do Oriente, ora do Ocidente que espiritualmente se governa o mundo. E foi a razão de, logo que a nossa Obra tomou forma objetiva na Terra, começarmos a negar o EX ORIENTE LUX? Do clarividente Emanuel Swedenborg, e a exaltar o EX OCCIDENTE LUX!, pois que, em verdade, é bem nosso.

“Poderíamos demonstrar com outras palavras, documentos e atos, se não bastassem os reais valores dessa mesma Obra, que já repercutem em diversas partes deste Continente, a consistência de nossas afirmativas. Basta dizer que não são poucos aqueles que, já tendo deixado o Oriente, vieram ao Ocidente, isto é, diante do altar dessa mesma Obra, para aclamá-la em língua tibetana: “*Chen-razil Chen-razi!”* (Espírito Misericordioso da Montanha).

Sim, Obra que também possui seu Símbolo, o qual, depois de ter estado durante *sete anos* em nossas mãos, volveu aos *reinos subterrâneos,* indo ter ao lugar da sua procedência: a AGARTHA.

E não foi tão secreto este fato, como se possa julgar, porquanto, depois de ter saído da Presidência Geral, em São Lourenço, onde percorreu toda a cidade, estacionando na cancela da ex-Pensão São Benedito, desceu para o Rio de Janeiro, onde também percorreu as principais vias públicas, para depois ficar exposto durante *três dias* na então Matriz da S. T. B., tendo sido visitado por vultoso número de pessoas, quase todas não pertencentes às suas fileiras.

Que nos ridicularizem por semelhantes palavras, pouco importa, se já o têm feito de modo verdadeiramente criminoso, que, se não desonra todo um povo digno e culto, como é o brasileiro, que não pode ser responsável por uns dois ou

três representantes seus, que nem sequer sabem respeitar as leis do seu País, no entanto, não deixa de ser uma contradição flagrante ao livre pensamento científico, filosófico e religioso, que tanto enaltece a todas as verdadeiras democracias do mundo, pelas quais, em verdade, se batem os povos civilizados.

O temor é o suplício dos covardes. Para evitá-lo, lançam mão de todas as infâmias.

Shamballah é para a *Agartha,* a cabeça, enquanto esta, o corpo... A cidade dos deuses, e não apenas dos sábios, como disse Maurice Magre, acompanha o mesmo fenômeno que diz respeito, tanto ao Oriente como ao Ocidente, na razão, também, da "descida da Mônada pelo Itinerário de IO ou de Ísis", ou seja, de Norte para Sul. Por isto mesmo, como se estivesse tal *Região,* também chamada Ilha Imperecível, que nenhum cataclismo pode destruir, na quarta dimensão de todas as medidas e percepções grosseiras do mundo físico, pois que, as *humanas palavras* são por demais deficientes para expressar o que pertence ao mundo divino.

Este é o maior de todos os mistérios. E, portanto, inviolável a seres humanos.

Se ousássemos afirmar, por exemplo, que o sol nascerá um dia do lado do Ocidente, não faltaria quem nos tomasse por idiota, débil mental, etc. Newton, Galileu, Franklin e outros muitos, também o foram em seu tempo...

O fato é que a Terra, já se tendo desviado 23° do eixo primitivo, com a grande catástrofe atlante, e agora, com esta outra que conhecemos pelo nome de GUERRA, através de bombardeios cerrados, toneladas de bombas atiradas de grandes alturas, novo desvio foi provocado (é da mesma opinião, embora não sabendo a causa, um famoso astrônomo chileno, como outros o serão por motivos diversos, no futuro), obrigando nosso Globo, com o decorrer dos tempos, a alcançar novamente a sua primitiva posição, justamente por ter dado uma volta completa em torno de si mesmo[38].

O degelo dos pólos e conseqüente compressão equatorial, por essa mesma razão, ou seja, a da *guerra,* concorre, por sua vez, para as perturbações climatéricas, barométricas, etc., que estamos presenciando, há tempos, como sejam, por exemplo: a do avanço de dois e mais meses de uma estação para outra, muitas vezes o verão se confundindo com o inverno e vice-versa, as *repetidas inundações* por toda a parte do Globo, inclusive no Brasil... Sem falar nas de ordem esotérica, pois, como se sabe, cada planeta dirigindo um ciclo de *trinta e cinco anos,* Marte terminou em 1945, (que foi todo esse período de guerras e revoluções em diversos países), dando entrada ao da Lua que, como os demais planetas, possui duas faces: a boa e a má. A primeira, através de valiosas descobertas em todos os ramos da ciência, a aparição de grandes gênios, etc. E a segunda, uma estatística apavorante de psicopatas (inclusive os neuróticos de guerra), crimes de toda a natureza, especialmente por questões sexuais, tanto na razão do *Cherchez la femme,* como do *Cherchez l'homme,* porquanto nem sempre é a mulher a culpada...

Vejamos outro trecho da obra de Rivière:

---

[38] Outra hipótese existe: 203 graus porque a Ilha Branca hoje se encontra na Antártida. As catástrofes foram 2, da Lemuria e Atlântida. A volta de 180 gráus foi na Lemuria.

"E agora, meu filho, continuou o velho Lama, no silêncio de todas as coisas existe um mistério muito mais profundo do que tudo isto. Esta organização religiosa que acabei de descrever, não é mais do que *o reflexo material de uma outra organização mais perfeita,* toda espiritual, que a bem dizer, está fora da Terra.

É *aí onde se acha o grande mistério.* Sabei que reina sobre toda a Terra e muito acima dela, o Lama dos Lamas. Aquele diante do qual o próprio Trashi-Lama se curva, na maior das reverências, Aquele a quem chamamos o SENHOR DOS TRÊS MUNDOS. *Seu reino terrestre está oculto às vistas dos homens. E* nós outros do País das Neves, como seu povo. Para nós, seu reino é a *Terra Prometida, Napamaku.* E nós trazemos, em nosso coração, a nostalgia dessa *região de Paz e de Luz. Ë* aí onde um dia todos nós acabaremos, diante dos bárbaros invasores (de há muito que o Oriente está sendo invadido pelos bárbaros ocidentais, melhor dito, aqueles que traduzem muito bem a decadência do ciclo... E *em tempo muito próximo, pois que os nossos oráculos nunca falharam. Os mais santos entre nós, já partiram para Napamaku,* nos Mosteiros de Sabedoria do *Senhor dos Três Mundos.* Mas, um dia, para salvar a Tradição eterna da possível profanação, teremos que fugir diante dos invasores do Norte e do Sul e ocultaremos, *mais uma vez, a nossa doutrina e os nossos escritos..."*

Um mundo de revelações está contido nessas palavras, inclusive em relação com a nossa Obra. Basta dizer que... "Ela veio do Oriente como uma rama extensa, florescer as mentes dos filhos deste País grandioso, etc." E seu nome, no início, tendo sido *Dhâranâ* (como ainda continua o da revista em sua homenagem) completa o que outrora tendo sido mistério, hoje se aclara diante dos olhos dos homens mais dignos e cultos, que para Ela foram e continuam sendo atraídos, prova da sua indiscutível evolução na "estreita ou *angustiosa* Vereda da Vida", em cujo final tremeluz o mágico Triângulo da Iniciação, que é o da própria Mônada redimida. Sim, *Dhâranâ, no* começo, representando o Oriente. S.T.B., depois, representando o Ocidente.

Antes, porém, devemos dizer que, naquele momento da História, a *Swastika* se defronta com a *Sowastika* que muitos até hoje não souberam distinguir uma da outra.

Quanto a Flor de Lis ou candelabro das 3 velas à Vina (ou Lira) de Shiva à letra hebraica Shin representam uma só e mesma coisa... digamos, a Tríplice Manifestação do Logos Criador, tanto no Universo, como no homem. Finalmente, sua expressão terrena: O GOVERNO ESPIRITUAL (e oculto) DO MUNDO.

Para melhor compreensão, recomenda-se a leitura do artigo *O Mahabhárata,* publicado em os números 113-114 da Revista Dharana (série de 1942), publicada pela STB, o qual termina do seguinte modo:

"De um lado, *Duryodhaba : Herr Hitler!*

Do outro, *Yudhistira: o* esperado Rei que deveria vir do Oriente (cujo nome possui uma sonância quase idêntica àquela...), segundo sibilas e profetas, dentre eles o grande *Nostradamus.*

Mais uma vez a luta se trava entre Kuravas e Pandavas. Sim, para que a Paz volte a reinar sobre a Terra!"

De fato, quem quiser encontrar a Verdade em nossos estudos, não deve fazê-lo através de um só... Acontece muitas vezes, que a resposta mais

transcendente se acha em outro. Resta arrancar o *Véu espesso de Maia* de diante dos olhos.

René Guenón, escritor e cabalista de nomeada, interpreta de modo incomparável, não só as obras de Saint-Yves d'Alveydre e de Ossendowsky, demonstrando vastíssimos conhecimentos da ciência a que se filiou com verdadeiro amor e carinho, auxiliado por seu Mestre, teme, entretanto, antropomorfizar certas coisas, preferindo dar-lhes, apenas, interpretações cósmicas, justamente por seus conhecimentos não alcançarem o que de mais profundo ou transcendente nela se acha. Quanto à Teosofia, como o leitor deve estar lembrado, pela Introdução deste, fez-se até um seu perseguidor injusto, através da sua obra *Le Theosophisme.*

Realmente, se lhe fosse, ao menos, mais simpática, ter-se-ia dedicado ao estudo das obras que a Teosofia possuía outrora de mais valioso, pois que, após mais de meio século do seu Movimento ocidental, através dos trabalhos de Blavatsky, Olcott e outros, e como se disséssemos, novas revelações, e não apenas ensinamentos, acompanham a alvorada de um Novo Ciclo de Luz para a Humanidade. Pudesse ele ter lido que nossos Trabalhos ou Obra, por exemplo, possui de sublime e grandioso nos seus arquivos secretos (este termo tomado no seu sentido de velado a profanos, aos não ainda preparados para receberem ensinamentos superiores à sua inteligência, melhor dito, aos que lhes foram ministrados pela ciência oficial), e sua linguagem, estamos certos, seria bem outra... por se tratar de um homem, além de ilustre, possuidor de uma bondade digna de seu Mestre.

O valor, por exemplo, de um Mahatma, na Índia (não confundir com o título errôneo que se deu a Gandhi), ou antes, nas escrituras teosóficas e ocultistas, devia ser conhecido pelo ilustre escritor René Guenón. E, então, ao ouvir da boca de um deles, como é *Gulab-Sing,* quando afirma: “No mundo existem diversos Seres de futuras rondas trabalhando a seu favor”, seria levado a admitir que tais Seres possuem forma humana, sob pena de não serem cridos e, portanto, acompanhados. Digamos que alguns sejam forçados a guardar uma certa reserva para com o mundo profano e até vivendo isolados em certos lugares ou regiões, aos quais se poderia chamar de “Retiros privados”; como acontecia até há pouco com o Trashi-Lama, no seu de Chigat-jé, no Tibete. E assim outros mais, inclusive na misteriosa *Agarta,* da qual tanto se ocupa o autor de O *Rei do Mundo.*

Reconhecemos, entretanto, que tais Seres possam ter representantes na face da Terra, inclusive o próprio *Rei do Mundo, a* quem ele muito sabiamente afirma “ser o Manu Primordial”, etc. Mas quem diz que não haja momentos exigidos por Lei, que o mesmo Ser tome forma objetiva na face da Terra, pouco importa como e em que lugar? O mistério da evolução da Mônada é muito mais complicado do que se possa imaginar...

Notam-se, também, algumas contradições nas suas palavras, a menos que propositadas, para não serem percebidas por qualquer indivíduo, sem o que não faltariam senhores da ciência oficial para apontá-las, ufanos do seu altíssimo saber, principalmente os que, arvorando-se em críticos daquilo que não conhecem, se assemelham a galinhas a procura de uma pedrinha que lhes possa auxiliar a, digestão, como as muitas encontradas na sua moela... por isso que, vivendo elas fora de terrenos calcários, com dificuldade *entram em postura. A*

própria casca do ovo exige tal espécie de alimentação. E o terreno *calcário* tanto é propício às aves, como aos homens. Razão de os Manus conduzirem seu povo para semelhantes lugares, a menos que razões de ordem mais transcendente... os obriguem a tomar outros rumos.

Uma questão, ao mesmo tempo geográfica, geológica e geodésica, esta, porém, dentro dos próprios cânones universais.

Um esquecimento, um engano qualquer, é o bastante para o autor sofrer a censura, quase sempre de pessoas que sabem muito menos. Por isso repetimos que a Teosofia começa onde a Ciência oficial termina.

A leitura de nossos livros e artigos, nos quais freqüentemente falamos do Rei *do Mundo, da Agarta,* de *Shamballah,* etc., comprova a divergência entre muitas de nossas opiniões com as do grande cabalista, cuja maravilhosa obra estamos traduzindo e comentando, coisa que não faríamos se se tratasse de outras vulgares, e muito mais, pelo que está sintetizado em seu próprio título.

René Guenón e outros escritores, também de nomeada; julgam que a Agarta é "um centro, apenas, de irradiação espiritual para o mundo, quando se trata de um País subterrâneo, composto de sete cantões ou cidades, subordinadas a uma oitava, em relação a um sistema planetário, cada um deles dirigido por um Rei (na razão de um astro, de um Raio ou estado de consciência, etc.), como revela um termo muito conhecido nas escrituras sagradas, ou seja: SETE REIS DE EDOM (Éden, paraíso terrestre, etc.). E os mesmos sob a direção *geral do "oitavo".* Como, também, um símil da Atlântida (vide trabalho *Reminiscências atlantes,* (104 -6-1940), pois obedecia à mesma ordem ou critério. Nem podia deixar de ser assim, se naquele momento da evolução humana, os próprios Deuses se confundiam com os homens. Daí o termo um tanto obscuro de certas teogonias, inclusive cristãs: "Os deuses tiveram que se unir às filhas dos homens..."

Tanto outrora como hoje, essa "oitava cidade", por sua vez, podendo ser também "oitava coisa"... na face da Terra, representava o *Governo Espiritual* (e, portanto, oculto) *do mundo. E* isto em *tríplice* manifestação, como e a da própria Divindade. Mais uma interpretação, pois, para os termos *Mitra, Maitri, Maitréia,* etc.

Nesse caso, a Cidade Solar dos rosacruzes e a "Cidade do Sol", de Campanella, nada têm com a *Agarta,* como julgava René Guenón, e sim com a referida "oitava cidade", "que outra não é senão *Shamballah, pouco* importa o Lugar onde se ache, e, não apenas no Tibete: Fazemos lembrar que um dos seus muitos nomes é "País do Ocidente". Logo, não devia estar no Oriente. Mas isto se refere...não só à própria evolução da Mônada, de Norte para Sul, em linhas quebradas, ou melhor, em *coleios,* como a marcha *serpentina de Kundalini, pois* que é obrigada a se dirigir, também, para o Oriente e o Ocidente, como, ainda, pelo fenômeno que já tivemos ocasião de apontar, ou seja: o mesmo Lugar onde um dia será o nascimento do Sol. Podemos dizer que na Atlântida ou Lemuria (pois foi após sua catástrofe que se deu o desvio dos 23º...), o Sol obedecia à referida marcha, o que dava razão de ser ao APTA, que significa Ocidente, lugar onde o Sol nasce, presépio, creche, *manjedoura,* segundo seus vários significados... o que e uma contradição para o que hoje se sabe, isto é, que o "Sol nasce no Oriente", mas que serve para confirmar as nossas próprias palavras.

No entanto, René Guenón andava muito perto da verdade (como a criança que está "quente", quando perto do objeto *escondido,* brinquedo este que no Norte tem o nome de "chicote queimado", pois que, nas menores coisas existe sempre uma iniciação, desde a infância até a velhice) ; quando diz que no vértice desta hierarquia se encontra um princípio comum do qual uns e outros retiram as respectivas atribuições, porquanto acima da sua distinção se acha a FONTE de toda a autoridade legítima, em todos os seus domínios, a qual é representada pelos Iniciados da *Agarta, com* o nome de *Ativarna,* isto é, "além das castas". Resta, porém, saber a que "Iniciados da Agarta" o autor se refere, sempre julgando que se trata do referido "centro de irradiação". Não seria mais próprio dizer: a *Agarta como* traço de união em baixo ou subterraneamente, para *Shamballah,* aquela que, de fato, representa as diversas hierarquias? Sim, estaria dito tudo, carecendo, apenas, de outros comentários.

É ele, ainda, quem diz: "Saint-Yves encontrou um termo muito justo, talvez muito mais do que ele possa julgar, quando fala dos *Templários da Agarta". E* isto depois de ter explicado que certas Ordens como por exemplo, a dos Discípulos *de João, os Ismaélios* e outros mais, não foram senão "coberturas" para determinado centro.

Pela parte que nos toca, não vemos razão para Saint-Yves falar em *Templários da Agarta,* se e ele mesmo quem fala de *Maçonaria dos Tachus-Marus, cujo* chefe na face da Terra era o Dalai-Lama. E mais adiante: a Maçonaria dos *Tachus-Marus* se compõe de 22 Templos, etc.

Vejamos agora a verdadeira interpretação dessas palavras: Cada cantão ou cidade da Agarta possui três templos (na razão da própria Mônada, como um *acorde perfeito,* através das sete escalas da gama musical, no caso vertente, desferida no Heptacórdio divino...)

Ora, se os mesmos são em número de 7:3 vezes 7 igual a 21. E mais um (único e andrógino) Templo em *Shamballah,* Ilha Imperecível, "oitava cidade", etc., perfaz o referido número dos 22 *Templos dos Tachus-Marus,* que são os mesmos *Arcanos Maiores, o* alfabeto hebraico, como língua sagrada.

René Guenón, como outro qualquer, não podia revelar tais coisas, além do mais, por nunca ter ido à *Agarta,* a menos que em sonho, clarividência, etc., o que não seria impossível, pois que as próprias crianças sonham com esse "País de fantasias ou Maravilhas", mil vezes reproduzido, intuitivamente, nos iniciáticos contos que lhes são dedicados (Leia: *Gobi, o gênio da floresta,* de Helena Jefferson de Souza, *O* Pás*saro Azul, A Bela Adormecida no Bosque* e quantos outros se referem a um Reino encantado, quase sempre donde vem misterioso Cavaleiro, em busca de uma *Dama adormecida, enfeitiçada,* etc., que outra não é senão a própria Humanidade no letargo da ignorância das coisas divinas...) A série dos Dalai-Lamas e Trashi-Lamas servia de colunas vivas para a dos Budas-vivos da Mongólia, ou coluna central. Nesse caso, enquanto o Oriente dirigia espiritualmente o mundo, era ele o verdadeiro Representante do "Senhor de Erdemi" (O Rei do Mundo). De fato, no momento em que o velho lama do Mosteiro de Narabanchi-kure revelava a Ossendowski a aparição do mesmo Ser, quando fez a profecia transcrita neste estudo, o autor de *Animais, Homens e Deuses* sentiu uma vibração estranha em todo o corpo, enquanto o espaldar do trono

existente no referido Mosteiro, se moveu de forma eletrizante como se o próprio *Rei do Mundo* ali estivesse presente.
Não é possível falar com maior clareza, para nos fazermos compreender. Este estudo transcendente, se desde muito tivéssemos abandonado bem assim outras funções que não mais nos dizem respeito, não chegaria jamais ao conhecimento público. O fato é que, se por muito menos já passamos e estamos ainda passando por grandes sofrimentos morais e físicos, que esperar pelo que agora oferecemos ao mundo, como dádiva graciosa, "maná" caído do céu, ou o que de mais velado possui a SABEDORIA INICIÁTICA DAS IDADES?

De modo figurado, mas muito a propósito, que apareçam os Nicodemos e *José de Arimatéia* para nos auxiliarem a carregar o madeiro pesado de nossa Missão na Terra, sob pena de fracassarmos antes do, tempo... Pelo que sabemos, eles se contam às centenas...

Não se diz que o Buda morreu de indigestão de carne de porco? ou melhor, por ter dado Sabedoria demais ao mundo, visto que, porca e javali são *totens* dessa mesma Sabedoria Iniciática das Idades? Há muitas maneiras de *crucificação* e *morte* sem necessidade de imitação, de outras anteriores... Do mesmo modo que, em substituição, por exemplo, a um *Sic transit qloria mundi, Ave Jehovah, morituri te salutant (Jehovah* em substituição a quantos "Césares" existem no mundo atual). E ao *Consumatum est.* ACTA EST FABULA.

O termo *Chakravarti* não tem apenas as interpretações dadas pelo eminente autor de *O Rei do Mundo.* Haja vista que outrora o ritual do Juramento, na Rosacruz, era feito diante do Divino Rotan. Nome que, por sua vez, faz lembrar os de Rota, Rosa, Tora, Taro. O mesmo termo *Rosa-Cruz é* figurado por uma Rosa *no Centro da Cruz.* E seu fundador, CHRISTIAN ROSENKREUTZ, cujo verdadeiro nome não era este, adotou semelhante pseudônimo para fazer jus, não só ao que anteriormente foi dito, como também por incluir o de CRISTO (o Ungido, o Iluminado). Com outras palavras, na mesma razão de Cristóvão Colombo, o primeiro nome (Christoferens), ter o seguinte significado: "Aquele que carrega (ou traz consigo) o Cristo".[39]
Há outra interpretação mais secreta, para o termo ROSACRUZ: a Rosa ou Rota que figura na cruz do mundo, ou dos quatro elementos. Como se sabe, a Terra é figurada no sentido inverso a Vênus, isto é (Terra) (Vênus). Donde se chamar a esta de "Espirito da Terra". E a interpretação de Vênus-Urânia que, na mitologia grega, se mira num espelho, outra não ser senão o reflexo da Terra no espelho de Vênus.

---

[39] No referido número 110 desta da Revista Dharana, à s páginas 77 e seguintes, quando falamos das Ordens de Cavalaria, ao chegarmos aos ROSACRUZES, temos as seguintes palavras: O Papa de um lado e o Rei de França do outro, em luta contra os Templários, vão agora encontrar-se em presença de tudo quanto os TROVADORES trouxeram da Palestina e dessa misteriosa Ordem chamada *Rosacruz.*

Tal Ordem provém de outra Instituição, denominada *Monges Construtores.* Estes esculpiram as cabeças de certos bispos e cardeais, disfarçados em demônios, nesses portentosos pórticos de igrejas e catedrais do Cristianismo, dentre elas a de *Notre Dame de Paris,* na qual, porém, preferiram juntar a imagem da Virgem Maria sustentando o Cristo, em cujo peito figura uma ROSA e uma CRUZ.

Os Monges Construtores foram, de fato, grandes Iniciados, tanto que após desaparecerem de Roma, jamais foi possível construir obras iguais.Inútil dizer que semelhante associação de *maçons religiosos* nada tinha de comum com o Papado, do ponto de vista político.

Possuíam uma carta do Papa e nada mais. No entanto, quantos Adeptos chegaram a galgar o Trono Pontifical? E muito mais do que isso, conscientes dos motivos superiores por que foram ter a semelhante lugar!

A mesma Fraternidade Branca movendo-se em torno do seu Dirigente, o *Rei do Mundo* ou *Chakravarti,* completa quanto acabamos de dizer.

Razão, também, de não estarmos de acordo com René Guenón, quando diz que “mais fantasiosa do que outra qualquer opinião, é aquela que faz da *Swastika o* esquema de um instrumento primitivo destinado a produzir fogo, pois que tal símbolo possui, muitas vezes, uma certa relação com o fogo, por ser justamente um emblema de AGNI, além de outras razões...” Por que não figurar entre estas, por exemplo, que “sendo a Swastika o símbolo do *Rei do Mundo,* seja ele o mesmo AGNI ou AGNUS, o Cordeiro (Agnus *Dei qui tollis peccata mundi...*), pois, como se sabe, é o signo de Marte? E este, por sua vez, seja equivalente a *Mitra, Maitri, Maitréia?* A *Swastika,* a bem dizer, é um símbolo complementar do *Pramantha.* Com outras palavras, porém veladas: A quadratura do circulo só tem lugar quando qualquer se *põe em movimento.*

A Swastica tem o seu giro no sentido dextrogiro e a Sowastica tem o seu giro no sentido sinistrogiro. O movimento equilibrado dos dois símbolos resulta na Cruz de Malta.

CAPÍTULO III
"SHEKINAH" E "METATRON"

Certos espíritos tímidos, cuja compreensão se limita, apenas, a idéias preconcebidas, acharam estranha a designação “Rei do Mundo”, pois logo a confundiram com a do *Princeps hujus mundi,* a que se refere o Evangelho. É evidente que semelhante interpretação é errônea e desprovida de fundamento.

Para confirmá-lo basta lembrar que o título de "Rei do Mundo", tanto em hebraico como em árabe, é aplicado correntemente ao próprio Deus. Entretanto, como Isso nos permita fazer algumas observações interessantes, citaremos diversas teorias da Cabala hebraica a respeito dos "intermediários celestes", teorias que têm relação muito estreita com o assunto principal do presente estudo. Os referidos "intermediários celestes" não são mais do que Shekinah e Metatron, por isso que o sentido mais geral de Shekinah é a "presença real" da Divindade. É de notar que as passagens da escritura onde se faz menção toda especial de tal nome, são relacionadas com a *instituição de um centro espiritual*, a construção do Tabernáculo, a edificação dos Templos de Salomão e de Zorobabel[40]. Tal centro, construído em condições regularmente definidas, devia ser, de fato, *o lugar da manifestação divina*, sempre representada como "Luz". E é curioso assinalar que a expressão "lugar claríssimo e regularíssimo", que a maçonaria conservou até hoje, bem parece uma recordação da antiga ciência sacerdotal, que presidia à construção dos templos, e, que de resto, não era peculiar aos judeus. Mais adiante voltaremos a falar do assunto. Não procuramos desenvolver agora a teoria das "influências espirituais", preferimos esta expressão ao termo "bênçãos" como tradução do hebraico *berakoth*, tanto mais que se trata do mesmo sentido conservado pela palavra árabe *barakaht*, porém, mesmo que nos limitemos a considerar o assunto sob esse ponto de vista, seria possível explicar a palavra de Elias Levita, a que se refere M. Vulliaud em sua obra sobre a Cabala Judaica: "Os Mestres da Cabala possuem neste sentido grandes segredos".

A *Shekinah* apresenta-se sob múltiplos aspectos entre os dois principais: um interno e outro externo. Na tradição cristã existe uma frase que designa claramente esses dois aspectos: *Glória in excelsis Deo, et in terra Pax horninibus bonae voluntatis*" As palavras *Glória* e *Pax* se referem, respectivamente, ao aspecto interno, em relação ao Princípio e o externo, ao mundo manifestado. E se se considerar de tal modo semelhantes palavras, poder-se-á compreender a razão de serem pronunciadas pelos Anjos (Malakim) ao anunciarem o nascimento do "Deus conosco" ou "em nós" (Emmanuel). Poder-se-ia, também, para o primeiro aspecto, lembrar as teorias dos teólogos sobre a "luz de glória" e através da qual se opera a visão beatifica (in excelsis) ; e quanto ao segundo, encontrar-se-á a "Paz" a que nos referimos a cada momento, e que em seu sentido esotérico, é indicada por toda a parte, como um dos atributos fundamentais dos centros espirituais estabelecidos neste mundo (in terra). Por sua vez, o termo árabe *Sakinah*, que é evidentemente idêntico ao hebraico *Sheki-nah*, se traduz por "Grande Paz", o que equivale à *Pax Profunda* dos rosacrucianos. E com isso se

[40] Salomão, rei de Israel (973/930 a.C). Construiu o templo de Jerusalém e foi o autor de três livros do Antigo Testamento. Zorobabel, príncipe de Judá, da casa de David, que restabeleceu os Judeus no seu país, depois do édito de Ciro (século V a.C.) Nota do Tradutor

poderia sem dúvida explicar o que estes entendiam por "Templo do Espírito Santo"; como também se poderia Interpretar de modo preciso os numerosos textos evangélicos onde se fala de "Paz"[41] , tanto mais que a tradição secreta concernente a Shekinah teria alguma relação com "Luz do Messias". Será sem um motivo justificável que M. Vulliaud, quando oferece essa última indicação[42] , diz que se trata da tradição "reservada àqueles que seguiam o caminho que conduz ao Pardes", isto e, como se verá mais adiante, ao centro espiritual supremo?

Tudo isso nos leva ainda a outra observação semelhante: M. Vulliaud também se refere ao "mistério relativo ao Jubileu"[43], que se relaciona, de certo modo, com a idéia de "Paz", para logo citar o seguinte texto do *Zohar* (III, 52 b): " O rio que sai do Éden tem o nome de lobel", do mesmo modo que, aquele de Jeremias (XVII, 8) : "Ele estenderá as suas raízes até alcançar o rio", donde resulta que "A idéia central do jubileu é a volta de todas as coisas ao seu estado primitivo". Trata-se, pois, da volta ao "estado primordial" a que se referem todas a tradições, e do qual tivemos ocasião de falar em nosso livro *O Esoterismo de Dante*. E quando se diz que "a volta de todas as coisas ao seu estado primitivo assinalará a era messiânica", aqueles que leram o referido trabalho, poderão lembrar-se do que acabamos de dizer em relação ao "Paraíso terrestre" e "Jerusalém celeste". O que importa dizer é que todas essas citações se referem às diversas fases de manifestações cíclicas, onde o *Pardes*, o centro espiritual do mundo, é comparável segundo o simbolismo tradicional de todos os povos – ao coração, como centro espiritual do ser humano, e "residência divina" (Brahma-pura, na doutrina indiana), ao Tabernáculo, como sua imagem e que, por essa mesma razão, é chamado em hebraico *mishkan* ou "habitação de Deus"; palavra cuja raiz e a mesma de *Shekinah*.

Sob outro ponto de vista, *Shekinah* é a síntese dos *Sephirot*: na árvore sefirotal, a "coluna da direita" representa o lado da Misericórdia, e a "coluna da esquerda", o do Rigor.[44] Assim, esses dois aspectos devem ser encontrados em *Shekinah*, e com isto podemos logo juntar ao que precede, que Rigor se identifica com a justiça, e a Misericórdia com a Paz[45]. "Se o homem peca e se afasta de *Shekinah*, ele fica sob o jugo das potências (Sârim) que dependem do Rigor[46], e então a *Shekinah* recebe o nome de mão do Rigor", o que faz logo lembrar o bem conhecido símbolo da "mão da justiça"; mas, se ao contrário, "o homem se aproxima de Shekinah", e a "mão direita de Deus", isto é, a "mão da justiça" que se torna, desse modo, "a mão que abençoa[47].

---

[41] Já se tem dito claramente, inclusive no próprio Evangelho, que não se trata de PAZ no sentido que lhe dá o mundo profano, (SãoJoão, XIV, 27).

[42] A Cabala judaica, t, 1 p, 503

[43] Ibid. t, pp. 506-507

[44] Um simbolismo comparável ao do texto é o expresso na figura medieval da "árvore dos vivos e dos mortos", em relação muito clara com a idéia de "posteridade espiritual". A árvore sefirotal se identifica também como a "Árvore da Vida".

[45] Segundo o TALMUD, Deus possui duas sedes: a da Justiça e a da Misericórdia: estas duas sedes correspondem ao "Trono" e a "Cadeira" da tradição muçulmana. Esta, por sua vez, divide os nomes divinos, *cifatiyah*, isto é, aqueles que exprimem os atributos, propriamente ditos, de ALLAH, em "nome de majestade" (JALALIYAH) e "nomes de beleza" "JAMALIYAH), o que corresponde a uma distinção da mesma ordem.

[46] A Cabala Judaica, t, I. p, 507

[47] Segundo Sto. Agostinho e diversos outros Padres da Igreja, a mão direita representa a Misericórdia ou a Bondade, enquanto a esquerda, em Deus sobretudo, é o símbolo da justiça. A "mão da justiça" é um dos atributos comuns à realeza: a "mão que abençoa "é um sinal de autoridade sacerdotal. E até hoje é tida como símbolo de Cristo. Esta figura da "mão que abençoa é encontrada em certas moedas gaulesas, do mesmo modo que a SVÁSTICA, muitas vezes com os ganchos curvos. (Não confundir com a Sovástica de Hitler).

Aí estão os Mistérios da Casa da Justiça" (*Beith-Din*), o que e ainda, uma outra designação do "centro espiritual supremo" [48] .

Faz-se necessário assinalar que os dois lados a que nos referimos são aqueles onde se separam os "eleitos" e os "condenados". Segundo as representações cristãs do "Juízo Final", Poder-se-ia do mesmo modo estabelecer uma relação com os dois caminhos que os pitagóricos figuravam na letra "Y" e que representava sob forma exotérica o mito de Hércules "entre a virtude e o vício"; com as duas portas, celeste e infernal, que, entre os latinos, se ligavam ao simbolismo de Janus com as duas fases cíclicas, ascendente e descendente[49] , com que, entre os hindus, se ligam ao simbolismo do *Ganesha* [50]. Enfim, por tudo isso, é fácil compreender o verdadeiro sentido das expressões "intenção direita" e de "boa vontade" (Pax hominibus bonate voluntaris e que, aqueles que possuem conhecimentos a respeito desses diversos símbolos compreenderão que não é sem razão que a festa de Natal coincide com a época do solstício de inverno), quando se tiver pensado em abandonar todas as interpretações exteriores, filosóficas e morais. a que as mesmas cederam lugar desde os Estóicos ate Kant.

"A Cabala dá à *Shekinah* um similar que traz nomes idênticos aos seus, possuindo, portanto os mesmos caracteres[51] e que tem naturalmente tantos aspectos diferentes como a própria Shekinah; seu nome é Metatron, e este nome equivale, numericamente, ao de *Shaddai*[52]., o "Todo Poderoso" (que se diz ser o nome do Deus de Abraão). A etimologia da palavra *Metatron* é muito incerta: entre as diversas hipóteses emitidas a respeito, a mais interessante é aquela que a dá como provinda do caldaico Mitra, que significa "chuva", e que tem, por sua vez, como raiz, uma certa relação com a "luz". Assim sendo, não é para admirar que, apontando a semelhança desse termo com o do Mitra indiano e zoroastriano, se possa afirmar que existe uma influência do judaísmo nas demais doutrinas, pois que não é apenas desse modo um tanto superficial que se deve encarar as relações existentes entre as diversas tradições. Nessa acepção o termo "chuva" deveria ser analisado através das tradições orientais. Na doutrina hebraica se fala de um "regato de luz" emanado da "Árvore da Vida" e pelo qual deve ser operada a ressurreição dos mortos: do mesmo modo, uma "efusão de orvalho" representando a influência celeste que se comunica a todos os mundos, e faz lembrar de modo particular idêntico simbolismo alquímico e rosacruciano.

"O termo *Metatron* possui diversos significados, dentre eles, guardião, Senhor, enviado, mediador etc.". É ele "o autor das teofanias no mundo sensível" [53].; "o Anjo da Face", e também, "o Príncipe do Mundo" (*Sâr-ha-ôlam*), E com esta última designação se pode compreender que não estamos afastados daquilo que afirmamos. Para empregar o simbolismo tradicional a que já nos referimos em outros lugares, devemos dizer que, como chefe da hierarquia iniciática, o "Pólo

---

[48] Este "centro", ou qualquer outro constituído a sua imagem, pode ser descrito, simbolicamente, como um Templo (aspecto sacerdotal correspondente a Paz) ou como um palácio ou um "tribunal" (aspecto real, correspondente à justiça).

[49] Trata-se das duas metades do ciclo zodiacal, encontrado freqüentemente no portal das igrejas da Idade Média, com uma disposição que lhe dá o mesmo sentido.

[50] Todos os símbolos que enumeramos podiam ser longamente explicados em outra obra que lhes fosse dedicada.

[51] A Cabala judaica, t. 1 pp. 497-498

[52] O número de cada um desses nomes, obtidos por adição dos valores das letras hebraicas de que é formado, é 314.

[53] A Cabala Judaica, t. I pp. 429-499.

terrestre". *Metatron* se torna o "Pólo Celeste", tendo este o seu reflexo naquele, e com o qual está em relação direta segundo o "Eixo do Mundo". "Seu nome é *Mikael*,[54] o Grande Sacerdote que é holocausto e oblação diante de Deus". E tudo quanto fazem os israelitas na terra é realizado de acordo com tudo quanto se passa no mundo celeste. O Grande Pontífice, no mundo terrestre, simboliza Mikael, príncipe da Clemência... Em todas as passagens onde a Escritura fala da aparição de *Mikael*, se refere à glória de *Shekinah*[55].

O que aqui se diz a respeito dos israelitas, do mesmo modo pode ser dito de todos os povos possuidores de uma tradição verdadeiramente ortodoxa: o que importa dizer, não são mais do que fieis representações da tradição primordial, de que as demais se derivam e lhe estão subordinadas: e isso em relação com o simbolismo da "Terra Santa", imagem do mundo celeste, ao qual já nos referimos em outros lugares. Do mesmo modo, não sendo *Metatron* senão o aspecto da Clemência, também é o da Justiça. Não é apenas o "Grande Sacerdote" (*Kohenha-gadol*), mas também o "Grande Príncipe" (*Sârha- gadol*), e "chefe das milícias celestes", isto é, o princípio do poder real, como do sacerdotal ou pontifical a que, em verdade, corresponde a função de "mediador". Donde, *Melek*, "rei" e *Maleak*, "anjo" o "enviado", como duas formas da mesma palavra. Ademais *Malaki*, "o meu enviado" (enviado de Deus ou "o anjo em que Deus se acha" *Maleak-ha- Elohim* é o anagrama de Mikael [56].

É de acrescentar que, se Mikael se identifica a *Metatron*, como acabamos de dizer, ele, todavia não representa senão um seu aspecto: ao lado da face luminosa se apresenta uma face sombria, que é representada por Samael, igualmente chamada *Sâr-ha-ôlam*.

Reportamo-nos aqui ao ponto de partida destas considerações. Com efeito, é este o último aspecto, e aquele, apenas, que representa "o gênio do mundo", no sentido inferior, o *Princips hujus mundi* a que se refere o Evangelho. E suas relações com *Metraton* do qual é como sua sombra, justificam o emprego da mesma designação num duplo sentido, ao mesmo tempo em que fazem compreender porque o número apocalíptico 666, o "número da Besta", é também um número solar.[57] Segundo S. Hipólito,[58]·, "o Messias e o Anti-Cristo têm ambos por símbolo o leão", símbolo, por sua vez, solar. A mesma coisa se poderia dizer a respeito da serpente [59] e de outros muitos símbolos. Do ponto de vista cabalístico, representa, ainda, as duas faces opostas de *Metatron*. Não devemos nos estender sobre as teorias que se pudesse formular, de modo geral, sobre esse duplo sentido dos símbolos, dizendo, apenas, que a confusão estabelecida entre o aspecto luminoso e o aspecto tenebroso, constitui o que se denomina de "satanismo". É justamente essa a confusão que cometem, involuntariamente, sem dúvida, ou melhor, por simples ignorância (o que é uma desculpa, mas nunca uma

---

[54] Vide "O Rei do Mundo de Rene Guenon, pg 37

[55] Ibid., t. I pp. 500-501

[56] Esta última citação faz lembrar as palavras: BENEDICTUS QUI VENIT IN NOMINE DOMINI, que tanto podem ser aplicadas ao Cristo, própriamente dito, como ao PASTOR de Almas, semelhantes a MIKAEL, o que não deve admirar àqueles que sabem da relação existente entre o Messias e SHEKINAH. Cristo também é chamado "Príncipe da Paz" e, ao mesmo tempo, "Juiz (ou Julgador) dos vivos e dos mortos".

[57] Este número e formado pelo nome Sorath, demônio do Sol, e como tal, em oposição ao anjo Mikael.

[58] Citado por M. Vulliaud. A Cabala judaica, t. II. 373.

[59] Os dois aspectos opostos são figurados pelas duas serpentes do caduceu; na iconografia cristã estão reunidas no "anfisbeno", a serpente possui duas cabeças, uma representando Cristo, a outra, Satã.

justificativa), os que crêem descobrir uma significação infernal na designação de "Rei do Mundo".[60]

COMENTÁRIOS

Tivemos ocasião de dizer em outro lugar deste trabalho, que tudo quanto se conhece na Europa com o nome de Cabala é positivamente errôneo. Podemos mesmo afirmar que não só na Europa, como no mundo inteiro, porque a Verdade não é oferecida indistintamente, mas, apenas, aos verdadeiros eleitos, no sentido do termo iniciático, "de boca para ouvido".

Nem todos se acham investidos do direito de transmitir de público, mesmo que de modo parcelado, incompleto ou "maiávico" (de *Maya*, a ilusão dos sentidos), aquilo que só é permitido oferecer a determinado número de discípulos "eleitos" ou "escolhidos".

Como já foi dito na Introdução deste mesmo trabalho, o insigne escritor francês René Guenón teve por mestre um rabino de nomeada, que presumivelmente não estava investido dos poderes a que nos referimos, ou, mesmo que estivesse não teria permitido ao seu digno discípulo uma interpretação cabalística mais próxima da verdadeira do que aquela que lhe ofereceu, a ponto de encontrarmos sempre alguns erros dignos de serem corrigidos, quando o nosso papel de comentarista da sua magnífica obra, em verdade, não devia ser este. Não se trata, apenas, de ocultar a Verdade, mas de erros que prejudicam essa mesma Verdade, desde que recebidos com o acatamento que merece a palavra abalizada de um autor, que a bem dizer não encontra no gênero em que se especializou quem com ele rivalize, não só na Europa, como no próprio continente americano. Vejamos, por exemplo, o que encontramos no presente capitula: "Os intermediários celestes" ou aqueles que servem de "porta-voz" do mundo divino ao mundo terreno, não podiam ser apenas representados por *Shekinah* e *Metatron*, como quer o autor, mas os Sete Arcanjos da Igreja, os mesmos Dhyans-Chohans das tradições trans-himalaias, muito bem expressos nas "Sete Trombetas da Visão de Ezequiel", dos quais nos ocupamos nos comentários dos capítulos anteriores. O referido escritor, querendo usar uma das sete chaves cabalísticas, poderia, entretanto, assinalar as *três* primeiras e *quatro* seguintes *séfiras* com a interpretação que acabamos de dar, pois, como ensinam as escrituras teosóficas[61] e ocultistas, três são as hierarquias superiores ou *arrúpicas* (não manifestadas) e quatro inferiores, ou *rúpicas* (em manifestação), como prova o próprio simbolismo do Kalki-avatara (o da Redenção humana), onde a Tríade superior cavalga ou sobrepuja os quatro princípios inferiores.

A evolução total da Mônada é feita através de "sete estados de consciência", cada um deles vibrando com a tônica que lhe é correspondente,

---

[60] O "Globo do Mundo", insígnia do poder imperial ou da monarquia universal, se acha freqüentemente colocado na mão de Cristo, o que demonstra ser o emblema tanto da autoridade espiritual como do poder temporal.

[61] Quando se prefere dizer que Teosofia é a Sabedoria dos DEUSES, e não apenas de Deus, é justamente, porque se refere aos "intermediários celestes". Donde o termo "teoin", astro, movimento etc., pois, como se sabe, cada Dhyan-Chohan, Arcanjo, etc. "possui por corpo físico um dos sete planetas ou astros". A denominação "Espíritos Planetários" corrobora nossa afirmação. Um dos livros mais antigos do mundo, diz: "O Supremo Arquiteto caminha de globo em globo até alcançar o final da sua própria evolução. Esta passagem tem por complemento outra, transcrita de uma das estâncias do LIVRO DE DZYAN: "Deus se divide para consumar o supremo sacrifício". NOTA DO TRADUTOR.

digamos, no mundo divino, na razão de um acorde perfeito, como se sabe, formado por três notas repetidamente desferido nas sete escalas da gama musical. Teosoficamente falando, cada Ronda possui 7 raças-mães, cada uma delas com as respectivas sete sub-raças (e estas, com seus ramos e famílias) ao todo, cabalisticamente falando, 49. Razão de o *Devanâgari* (alfabeto sânscrito) se compor de 49 letras. E mais três ocultas, como se fora o acorde-síntese ou uma oitava coisa... Para se ter uma compreensão melhor destas nossas palavras, basta citar uma das estâncias de Dzyan (um dos mais antigos livros do mundo), que diz: – “Do Uno-Trino nasceram os sete auto-gerados". O Uno-Trino, digamos assim, é representado pela Tríade Superior (a Mônada), e aqueles que do mesmo nasceram (os sete autogerados), outros não são senão os referidos Seres. Donde, Mikael, o mais próximo do Trono, como tivemos ocasião de dizer nos comentários do capitulo I, "ser um com Deus ou igual a Ele". Com outras palavras: "Representante do Sol físico, e Ele igual ao Sol espiritual".

Pelo que se vê, na Unidade, no Ternário e no Setenário (o cabalístico número 137) (L E I) se revela o grande Mistério da Evolução da Mônada.

Le Plongeon, em seu livro *Os Mistérios sagrados dos Maias e dos Quíchuas*, referindo-se ao simbolismo do número três entre os Maias, na pág. 165, diz o seguinte: "O simbólico três é reproduzido nas três plataformas dos edifícios mais antigos; nos três compartimentos de que consta o templo onde se realizam os grandes mistérios; nos três degraus que conduzem à plataforma inferior de todos os edifícios sagrados; nos vinte e um metros (3 X 7 = 21) de altura das principais pirâmides existentes no Iucatã; nos três círculos concêntricos do zodíaco".

Pitágoras, nos seus Versos de Ouro, diz o seguinte: "O número três reina por toda a parte. E a Mônada é o seu princípio".

Assim sendo, Shekinah e Metatron, em vez de "intermediários celestes", representam as duas Colunas da Árvore sefirotal, como quer o mesmo René Guenón, na razão seguinte: Shekinah, como sendo a da direita, o lado da Misericórdia. E Metatron, a da esquerda, a do Rigor, Este, "identificando-se com a Justiça, e o da Misericórdia, com a Paz".

Na Maçonaria, tais colunas têm o nome de *Jakim* e *Bohaz*. São as mesmas do Templo de Salomão, uma lunar, outra solar: o Venerável Mestre se assenta entre ambas, tendo sobre a cabeça o excelso Triângulo (ou Tríade Superior), em cujo centro se acha o "Supremo Arquiteto", figurado inclusive pela Igreja como "Olho da Divina Providência", “Olho que tudo vê”, o "Pai Eterno" e, cabalisticamente falando, "o Ancião das Idades".

"Se o homem peca e se afasta de Shekinah, fica sob o influxo das potências (Sârim) que dependem do Rigor, isto e, de Karma, ou "lei de causa e efeito", ação e reação, retribuição, etc. É a razão pela qual, nessa ocasião, "Shekinah recebe o nome de "Mão do Rigor", o que faz lembrar "a Mão da Justiça", "a Mão que abençoa", como diz muito bem René Guénon, estes representam os Mistérios da "Casa da justiça" (Beith-Din), o que é, ainda, uma outra designação que se dá ao "centro espiritual supremo". O leitor deve estar lembrado de nossas palavras, quando afirmamos que "o Governo Espiritual do Mundo é representado na mesma razão da Tríade Superior", E, portanto, Aquele

que tem o nome de "Rei do Mundo" encontra-se no centro, e tem por colunas vivas, Mahima e Mahinga, embora seus nomes secretos sejam bem outros.

Assumimos inteira responsabilidade – e sem temores nem restrições de qualquer espécie – em afirmar que a S.T.B. (também figurada por 3 letras),[62] é, no ciclo atual, a representante na face da Terra, desse tão falado "centro espiritual supremo" [63]., E uma das muitas razões para o revelarmos publicamente, é ser a mesma dirigida por alguém que se assenta no meio (ou no centro), tendo por colunas vivas dois Seres, um, representando como nos 3 caminhos da Vedanta –

---

[62] Hoje SBE, Sociedade Brasileira de Eubiose, localizada à Rua Gomes Freire, 537, Rio de Janeiro, aspecto social da rdem do Santo Graal, (Nota do apresentador de hoje, AK 2010)

[63] Desta verdade se terá persuadido o leitor de nossos trabalhos iniciáticos, onde se fala de um movimento cultural espiritualista para o advento de nova civilização no continente americano. O lema da S.T.B. – SPES MESSIS IN SEMINE (a esperança da colheita está na SEMENTE) encerra grande significação. No presente momento histórico da Humanidade, "a Sociedade Teosófica Brasileira, é o centro de espiritual irradiação para todo o globo terrestre", embora seu papel principal se firme no continente americano, através das duas hastes da letra grega "Y" (hastes lunar ou norte e solar ou sul), havendo, entretanto, uma terceira haste oculta, que poderia muito bem ser representada pela parte inferior da mesma letra, como TRONCO donde as duas HASTES ou RAMOS se derivam.

Como no seu começo tal "centro", com o nome de Dhâranâ, estivesse sob o controle ou jurisdição espiritual do Oriente, o livro escolhido para ser publicado (dois autores: o Arauto ou Anunciador e o Anunciado ou a própria Obra) foi o TIBETE E A TEOSOFIA, depois foi contemplado o de René Guenón, o REI DO MUNDO, traduzido e comentado por quem de direito.

E que dizer do momento justo escolhido para homenagear a estância de S. Lourenço, no Sul de Minas Gerais, como lugar onde essa Obra fez a sua espiritual eclosão? E que Roso de Luna cognominou de "capital espiritual do Brasil"?

Não falemos de outras razões, aliás, claríssimas, como o aparecimento dessa mesma Obra, objetivada em um Colégio Iniciático que, na sua vida possuiu dois nomes, um relacionado com o Oriente e outro com o Ocidente: Dhâranâ e S.T.B. E mais ainda: sete anos depois de se ter desencadeado a primeira conflagração (1914-1918), como se fora o próprio Loto Sagrado, ou das Mil Pétalas, surgindo do lodaçal da matéria, este mundo de dores em que somos obrigados a viver.

A guerra de 1939-1945 não foi mais do que uma projeção da anterior. Os descalabros que se manifestam por toda a parte do globo, demonstram o fim de uma civilização para o despertar de uma outra, "destinada a realizar, como disse o famoso etnólogo mexicano José Vasconcelos, a concórdia universal, por ser filha das dores e das esperanças de toda a humanidade".

Sempre demonstramos que os nossos temores eram muito maiores depois de tão monstruosa guerra, do que mesmo durante todo o seu período. A multiplicidade de ideologias e seitas, cada qual mais absurda, mais afastada da Lei (referimo-nos à verdadeira Lei que é DHARMA), faz lembrar o da decadência de outras civilizações, justamente por se tratar de um dos períodos cíclicos em que é repartida a vida universal.

Momento, portanto, em que se poderiam repetir as mesmas palavras do Apóstolo de Patmos, em relação à Babilônia: "A grande Babilônia tornou-se a morada dos demônios e o repasto de todos os animais que nos causam asco, porque as nações BEBERAM DO VINHO DA SUA IMPUDICÍCIA E OS REIS DA TERRA SE PROSTITUÍRAM COM ELA ".

Cada qual medite sobre estas palavras, em relação com o momento que estamos atravessando. E também sobre aquelas três memoráveis palavras, MANE-THECEL-PHARES, que, de serem três, jamais poderiam significar, como quer a Igreja, "Contado serão os teus dias", mas, "Contados, Pesados e Medidos", como as três maneiras de se medir todas as coisas. Mas, também, em relação a Karma, como lei de retribuição, Ação e Reação, Causa e Efeito, muito bem expresso nas palavras proferidas por Jesus: "Quem com ferro fere, com ferro será ferido"; e de Mahoma: "Dente por dente; olho por olho".

Sim, três palavras consignadas em "letras de fogo", pela TRÍPLICE MÃO DO GOVERNO ESPIRITUAL DO MUNDOGoverno SINÁRQUICO, e não ANÁRQUICO, como são os atuais que dirigem os destinos materiais de uma civilização decadente. E agora, queiram ou não, os que a eles se agarram de unhas e dentes, como ostras às rochas, têm que opi. nar por uma só e mesma forma de governo, sob pena dessa mesma "anarquia geral que avassala o mundo", o conduzir ao abismo fatal da desordem, da dor e da miséria. Flagelos estes que não podem ser debelados a golpes de bombas atômicas, mas com as armas da PERSUASÃO, DO AMOR E DA CONCÓRDIA. "Os direitos da puerícia, já dizia Victor Hugo, são mais sagrados do que os do pai, por se confundirem com os do Estado".

Por sua vez, Paul Strauss: "Educar a criança é cultivar o seu espírito, enriquecendo-o, com os conhecimentos necessários ou úteis: o coração, sufocando nele os germes dos vícios e das paixões que crescem conosco, e implantando nele o amor ao Bem e à Verdade". Assim, a primeira providência a tomar, é erradicar a perniciosa leitura tão em voga em nossos dias:

Enquanto as empresas editoras e jornalísticas, as emissoras de rádio, TV e as empresas cinematográficas se vão enriquecendo com semelhante processo EDUCATIVO, cada vez mais se compromete o futuro de nossa Raça. São, de fato, os maiores inimigos de nossa Obra e de nossa Pátria. NOTA DO TRADUTOR.

(*)Reportamos o leitor às famosas profecias do Rei do Mundo, publicadas no capítulo I deste trabalho. Donde, por diversas vezes, havermos preconizado, para restabelecimento do equilíbrio, a adoção de UM SÓ IDIOMA, UM SÓ PADRÃO MONETÁRIO, UMA FRENTE ÚNICA ESPIRITUALISTA, trabalhar pelo acrisolamento do caráter humano, começando pela infância, pois esta representa de fato a espiritual semente da civilização que desponta nos férteis campos do vasto continente das três Américas, especialmente no Brasil.

Jnana (Conhecimento, Iluminação, Sabedoria Perfeita, etc.) e outro, *Bhakti* (Amor, Devoção, Justiça etc.). Em resumo, uma Tríade Superior formando um equilíbrio perfeito, na razão de Vontade (a do centro), Sabedoria (a da esquerda) e Atividade (a da direita), além das expressões anteriormente apontadas. No entanto, a central, só por si, equivale a "Três Trombetas para uma só Boca". E ao mesmo tempo possui o caráter dual ou andrógino, como prova a "Flor de Lis" (um dos símbolos mais sagrados do Egito) cuja folha central e dividida ao meio. Tal como nas escrituras orientais, a "deusa Lakshmi se assentando à direita do Bodhisattva", aqui, também, a Mulher toma esse lugar ao lado do Homem.

Assim e que, as Três referidas Colunas *passam a ser quatro*, em virtude do andrógino central se ter separado, na mesma razão da parelha ou forma dual divina *Adam-Kadmon*, se refletir no mundo terreno como *Adam-Heve* e no inferior como *Adam-Chevaoth*. O termo *Chevaoth*, contrário ao de *Jehovah*, não implica, entretanto, uma força "satânica", como podem interpretar os leigos em assuntos cabalísticos. Na mesma razão do que diz René Guénon, no final deste capítulo, em relação ao termo "Rei do Mundo", sim, o fato deste se encontrar no Seio da Terra, mas tendo um reflexo nos três mundos como está expresso em um dos seus diversos nomes, ou seja, *Maitri*, jamais poderia ser Ele tomado como de natureza "satânica". Outrora, na Grécia, quando o sumo pontífice de Júpiter consagrava o discípulo, ao pôr a destra sobre a sua cabeça, pronunciava as seguintes reveladoras palavras: "Que Zeus inefável e Dionisos, o três vezes revelador, no céu, na terra e nos infernos, seja propício à tua mocidade. E que Ele verta no teu coração a ciência dos Deuses”.

Pitágoras, por sua vez, ensinava que a grande Mônada agia em Díada criadora. Desde o momento em que Deus se manifesta, torna-se duplo; essência indivisível e substância divisível; principio masculino ativo, animador; princípio feminino, passivo ou matéria plástica animada. A Díada representava, portanto, a união do Eterno-Masculino com o Eterno-Feminino, as duas faculdades divinas e correspondentes em Deus. Em quase todas as teogonias, a Divindade é sempre representada sob a forma masculina e feminina.

E essa Natureza viva, eterna, essa grande Esposa de Deus, não é somente a natureza invisível aos nossos olhos físicos - a Alma do Mundo, a Luz primordial, alternadamente Maya, Isis ou Cibele, que, sendo a primeira a vibrar, sob o impulso divino, encerra as essências de todas as almas, os tipos espirituais de todos os seres. E, em seguida. Deméter, a terra viva e todas as terras, com os corpos que nela habitam em que suas almas vêm encarnar, sendo finalmente, a Mulher, a companheira do Homem.

Na humanidade a mulher representa a Natureza e a imagem perfeita de Deus não podia ser apenas o homem, mas, o Homem e a Mulher, como o andrógino latente na própria Divindade, manifestado em separado, irias em busca sempre um do outro por irresistível atração, a qual muitas vezes se torna fatal, Dai a embriaguez do Amor, onde se juntam o sonho das criações infinitas e o pressentimento obscuro de que o Eterno-Masculino e o Eterno-Feminino gozam uma união perfeita no seio de Deus, "Glória, pois, a Mulher sobre a terra e no céu, dizia Pitágoras, com todos os iniciados antigos". É ele quem nos faz entender esta grande Mulher, a Natureza, do mesmo modo que na Índia, por exemplo, o grande Ramakrishna: "Que ela seja a sua imagem santificada, e que nós ajude a

ascender gradualmente até a Grande Alma do Mundo, que concebe, conserva e renova, envolvendo o mundo das almas no precioso manto de Luz". Eis a razão pela qual tivemos ocasião de dizer que a "Salve-Rainha" é, de todas as preces do Cristianismo, a mais valiosa. Sim, pelo valor iniciático que a mesma possui, "Os degredados filhos de Eva" que são representados por esse mundo imenso de almas, não podiam deixar de "por ela suspirar, gemendo e chorando neste vale de lágrimas... "Repetimos: René Guénon está mais do que certo, ao chamar Shekinah e Metatron de colunas da direita e da esquerda, mas nunca que sejam elas sós "os intermediários celestes", Por isso que, na árvore sefirotal, sobre elas e as demais, transcende a Coroa representando o próprio Trono, ou sejam: Kether-Binah-Chochmah. Sim, na parte divina, novamente duas colunas laterais para uma central: a base (ou 2) e o vértice (ou1) = 3. Andrógino exaltado no centro, ele só, possuindo em essência a "sua forma dual". E ele mesmo, em separado para que se possa realizar o Poder Mágico de sua Criação.

Eis a síntese do Grande Mistério, segundo o concebemos:

Tríade superior, Árvore sefirotal: Quaternário equilibrante (3+4+3=10)
Tríade inferior, como aspecto Sombrio do superior.
Tríade superior: os 2 olhos físicos e na fronte o 3 olho: (olho de Shiva, ureus mágico, etc.) revelado internamente na glândula pineal).
Quaternário: tronco
Tríade inferior: região pubiana ou sexual.
Árvore dos avataras (plantada no quaternário da Terra).
10 conhecidos e 4 desconhecidos ou secretos (10 + 4 = 14).
Ou sejam os 12 mais 2 signos zodiacais: 12 conhecidos e 2 secretos, etc.
No homem se manifesta o mesmo mistério:

Nos Arcanos Maiores, o XV é aquele que expressa com maior clareza (principalmente para os que vêem as coisas com os olhos espirituais) tudo que acabamos de dizer: É chamado "Bode de Mendes", e ao qual se opinou denominar de DIABO, mas, em verdade, LÚCIFER (nome que se dá a Vênus), e que lá tivemos ocasião de apontar, de modo poético, servindo-nos destas palavras: "É a *luciferina* Chama *obrigada* a viver em custódia no Seio da Terra, até que a Mônada tenha completado a sua evolução nessa mesma Terra ou mundo".

E é assim que tão precioso símbolo, ate hoje não interpretado como devia, é figurado: O Bode sobre um pedestal, isto é, o vértice do Triângulo ou *Kether*, tem como base (ou *Binah e Chochmah*), dois outros caprinos ou "kumaras" menores, ligados ao pedestal por duas correntes: o da direita, pelo pescoço (de cor vermelha), o da esquerda (de cor verde) pela cintura. O primeiro, macho o segundo, fêmea. Cosmicamente falando: *Tejas* (Fogo) e *Vayu* (Ar). Teosoficamente falando, vemos aí o magno problema da "separação dos sexos", na terceira raça-mãe (a lemuriana), na razão de Makaras ou Kumaras, com expressão no reino animal pelos caprinos (*Capris, Capricórnio*, signo de Saturno, embora o Kumara seja o símbolo do mercuriano ou andrógino perfeito, o mesmo do arcano XV). E Agnisvattas (solares; para outros, marcianos) e Barishads (lunares), pois foi nessa mesma ordem, porém, inversa, que se processou a Antropogênese: os últimos, que em tal momento foram os primeiros, forneceram os *chayas* (o duplo etérico); os segundos, o corpo astral e os terceiros, o físico completado pelo mental e o sexo.

Infelizmente, não podemos falar de modo mais claro. E por isso nem todos poderão encontrar valor nesta mais do que transcendente revelação. Preferimos, pois, divagar por outros campos, porém complementares a tudo que acabamos de dizer. Sim, liguemos um pouco a Cosmogênese à Antropogênese: A Constelação de *Taurus*, como signo de Vênus, da qual já nos ocupamos fartamente nos comentários do capitulo I deste trabalho, interfere, cosmicamente, no referido fenômeno. "Os Senhores de Vênus" não são outros senão aqueles que deram o sexo e o mental aos seres da Terceira Raça. E é, portanto, a razão de se dizer que "foi aí, nesse momento sublime da evolução da Mônada, que a humanidade começou a ter direito a possuir tal nome".

No homem, o signo de Taurus se firma na garganta. Como se sabe, é onde se acha a glândula tiróide (que antes deveria chamar-se TAURÓIDE), a qual possui dois chifres laterais e um central (ou "espigão", como é chamado). E, se quisesse, as paratireóides completariam a cabeça do TOURO ou Taurus, na razão *de chifres e orelhas*.

Mas, dirão alguns, o Touro não possui três chifres, e sim dois. Possui, entretanto, entre ambos, uma protuberância, como se o terceiro chifre ali se achasse em latência.

Exemplo disso é o boi sagrado dos gauleses (Tricaranos), figurando ainda em antigos murais da velha Gália. Já o termo "Tritão" (ou *Tritonis*), que se dá ao filho de Netuno, corrobora nossos ensinamentos. Além disso, Netuno é figurado com um "tridente" na destra, que faz lembrar o "candelabro das três chamas", a mesma "Flor de Lis", com as três pétalas, a central dividida ao meio ou andrógina, e finalmente o Shin hebraico, ou seja o arcano XXI, na razão de 3 X 7 = 21. O Louco, que e a figura desse arcano, não é mais do que o incompreendido Ser (velado, secreto, silencioso...) que carrega no ombro o "saco das experiências" da Ronda por Ele dirigida, pois outro não é senão o Planetário, o Manu-Síntese, etc. ... Um "crocodilo negro" procura devorar a sua perna esquerda (lado lunar ou da cadeia anterior à atual). Donde, aos seres terrenos se dar o nome de "selenitas". O "crocodilo", por sua vez, em certas teogonias é o símbolo por excelência do Kumara. E como se sabe, a forma sombria de um deles (que em verdade é preto), é justamente aquele que procura devorar a perna esquerda do referido Ser...Quem leu a obra de Ossendowski, intitulada *Bêtes, Hommes et Dieux*, conhece uma passagem interessante, a da visão do último Buda-vivo da Mongólia (o Bogdo-Gheghen), em que ele mesmo deixava cair no solo um saco de pedras: de longe vinha um cavaleiro, que ao chegar a sua frente, começou auxiliá-lo a apanhar as referidas pedras.

Isso quer dizer que seria o seu sucessor, nessa série de Budas-Vivos, mas, no ciclo atual, a própria manifestação do Espírito de Verdade. Razão de vir montado num cavalo branco...

O arcano XXII, como síntese dos demais, é O MUNDO. Sim, o Mundo vitorioso, ou melhor, a Mônada que alcançou a etapa final da sua evolução na Terra. Uma mulher de nome LAURENTA (feminino de *Laurentus, Lorenzo, Lourenço*, nome que tanto influi na História de nossa Obra), está cercada de louros ou lauréis, para fazer jus ao seu próprio nome. Em cada canto da Lâmina, figura um dos 4 animais da Esfinge. Entre as sete chaves interpretativas de semelhante simbolismo, figura a dos "4 Kumaras" que, depois de completarem o

seu trabalho (como chefes da hierarquia humana), se transformam ou tomam as funções cósmicas de Maha-rajas (Grandes Reis), cada um deles ocupando um dos quatro pontos cardeais, com os nomes orientais de: DRITARASHTRA, VIRUDHACA, VIRUPAKSHA e VAISVARANA.

Nos baralhos ou cartas de jogar, de acordo com os quatro naipes, cada corte possui um REI, com o aspecto feminino, dama ou rainha, e o filho ou conde, príncipe, etc.

O joker ou "coringa", como "Bobo da corte", em vez de ser um, deviam ser quatro. E então, o baralho seria de 56 cartas, como os arcanos Menores que, ligados aos 22 Maiores, formariam o Jogo completo do Taro, isto é, 78 cartas ou lâminas.

O bode representado no Arcano XV possui dois chifres, mas entre ambos se ergue um outro maior, verticalmente, em forma de uma tocha acesa. Isto se relaciona ao sentido de nossa expressão literária "A luciferina chama" etc.

E como os antigos sacerdotes e os próprios boêmios conhecedores do manejo do Taro, reproduzissem com ele a evolução da Mônada (que é trina) através de sete estados de consciência (donde os verdadeiros "intermediários celestes" serem os sete Arcanjos, Dhyans-Chohans, etc.), sete raças-mães e respectivas sete sub-raças para cada uma delas, o jogo era feito por meio de três cartas que, depois de interpretadas, eram reproduzidas sete vezes, na razão de 7 x 3 = 21, que é o número dos arcanos maiores, pois que, o XXII (O Mundo) é a síntese dos demais.

Se fizermos um jogo dessa natureza com a própria evolução humana, verificaremos que na primeira raça figuravam os três primeiros arcanos. Na segunda, os três seguintes, e, portanto, arcano VI (O Amoroso) já indicando a aproximação dos seres positivamente humanos, pois, a figura do referido arcano é um homem entre duas mulheres (uma branca e outra preta, o que bem pode ser interpretado, numa das sete chaves cabalísticas, como: magia branca e negra, luz e sombra, espírito e matéria, etc.).

Na terceira, outros três, finalizam em nove. Este arcano, o Ermitão, indica a Sabedoria, o próprio Adepto. Lembrar que os Makaras deram sexo e mental (inferior ainda) ao ser humano, passando depois disso a humanidade a ser protegida e guiada pela chamada Hierarquia Oculta (Excelsa Fraternidade dos Adeptos ou Homens perfeitos).

Na quarta raça (a Atlante), e alcançado o número 12, cujo arcano é o ENFORCADO. Este número, como sempre dissemos, é fatal para todo aquele que não venceu as suas próprias paixões ou sentimentos inferiores. Foi a razão da "queda da Atlântida", ou melhor, de os próprios deuses, infundindo-se nos homens, terem caído.

Sobrevieram os castigos: as grandes catástrofes atlantes, sendo poupados só os lugares mais dignos, justamente para que outra raça ou civilização aí viesse estabelecer-se um dia. Não foi por acaso, sim por causalidade, que Colombo, e, a seguir, Cabral, vieram descobrir o chamado "Novo Mundo".

Continuemos nosso Jogo, em relação com a evolução da Mônada: estamos em pleno ciclo ário, ou 5a Raça. É quando o arcano XV mais se revela. Em tal raça o mental inferior (Kama-Manas) começou a receber o brilho, o esplendor da própria Mônada Imperecível, ou antes, do Mental Superior, Mente Universal, etc.

E, portanto, concorda em gênero e número com o gigantesco e transcendental fenômeno acontecido na 3a raça, quando justamente o Homem fez jus a tal nome, através dos primeiros lampejos da inteligência. E a parte grosseira, também, da sexualidade foi sob o influxo de semelhantes impactos inferiores que os próprios deuses caíram, ao lado dos homens, só restando os mais elevados. A inteligência humana é mais propensa aos crimes, aos erros, a toda espécie de malignidade, embora os homens mais evoluídos a apliquem a favor do mundo: são os beneméritos sábios, os bons médicos, todos os que procuram amenizar as dores físicas: porque, na parte moral, os sacerdotes, pouco importa a religião a que pertençam, mal sabem distinguir "o falso do verdadeiro, o ilusório do real". Ademais, onde foram eles iniciados, se Colégios Iniciáticos são raríssimos?... Nos seminários não se aprende o bastante para conduzir, com verdadeiro acerto, esse "mundo de almas que apela tanto para a Divindade masculina, como para a feminina". Por isso, continuam crucificadas no sexo.

Quanto aos seis últimos arcanos, ou duas séries de três, que ainda faltam (respectivamente 6a e 7a raças ou últimos estados de consciência), são as etapas finais que a Mônada tem a percorrer, a fim de alcançar a sua redenção total na terra, que demorará ainda algumas eternidades, através de "quedas e elevações" como ao "Homem da Dor" aconteceu, a caminho do Gólgota.

A expressão “crucificada no sexo” está claramente apontada no referido Arcano XV, pois que dos dois caprinos menores e laterais, postados no solo, o macho traz a corrente no pescoço, enquanto a fêmea nos quadris... Já dizia Victor Hugo: "O homem pensa. A mulher cria".

Do mesmo modo que nó pescoço se acha o signo de Taurus, separando a parte superior da inferior do corpo, nos quadris é a Balança, que aí se acha. É, pois, a região onde a mulher conserva o filho, como resultado da união sexual, ou a do andrógino separado. Ambos os signos pertencem a Vênus, cujo período de rotação em torno do Sol é igual ao da gestação, isto e nove meses. O Arcano IX é o Ermitão, o Adepto ou Homem Perfeito, símbolo, portanto, da Iluminação, da Sabedoria; donde necessitar a Humanidade de ser orientada pela Excelsa Confraria desses Iluminados Seres.

Outros signos, reveladores de quanto vimos expondo, são: Áries na cabeça indica a inteligência. Não se disse que na 5a raça ou ária (ária provem de "Áries"), é desenvolvido o mental superior? RAM, na planície de Eufrates, conduzindo o primeiro ramo racial "ário", adotou por símbolo, o Carneiro, (Áries). O próprio nome, Ram ou Rama, lembra claramente em nosso idioma e em outros de origem latina, sua função manúsica ou de condutor de um ramo racial.

Scórpio, no entanto, se firma na região sexual, abaixo, portanto, de Balança, nos quadris. Ambos esses signos (Aries e Scórpio) pertencem a Marte, o Filho. Assim, Vênus sendo a mãe, Mercúrio, o pai, Marte é o filho. Razão de este se firmar na referida região sexual.

Os centros de força (também chamados plexos e chakras) Swadhistana ou esplênico, na região do baço, e Muladhâra ou raiz, na região do cóccix, sexual, se completam na razão dos signos Balança e Scórpio. Há outro chakra ligado aos dois anteriores; e o Manipura ou umbilical, com função francamente psíquica ou astral. Seus opostos, embora afins, são Áries no Brahmananda ou Sahasrara (coronal), ligado a Ajna ou frontal (epífise e hipófise); e Taurus no pescoço,

correspondendo no físico às glândulas tiróides e paratireóides e, no hiperfísico, ao chakra Vishuda, ou melhor, em nosso idioma, ao plexo laríngeo[64]. O plexo equilibrante é, pois, o cardíaco ou Anahata, sede da vida, morada de Kundalini, "residência divina", como disse muito bem René Guénon, comparando-o ao PARDES ou "centro espiritual do mundo". É o único que não tendo opostos, no entanto, todos os outros centros de força a ele se acham ligados. E ainda a região dó corpo onde o discípulo, nas suas meditações, procura ver seu Mestre, sua Consciência, seu Ego imortal.

No ventrículo direito do cardíaco se acha o precioso "diamante", ou "luz espiritual", farol da vida, que se apaga no momento justo em que o homem exala o último suspiro. E, também, chamado de Brahmâ-pura ou morada de "Brahmã", de Deus, etc.

No diálogo “O Banquete do Amor" existe um trecho onde se transcreve estranha mitologia, que fez passagem pelo Oriente e ressuscitou no Ocultismo moderno. E aquela em que Aristófanes descreve a humanidade como tendo sido outrora de forma diferente da conhecida pelos gregos. Compunha-se ela de homens duplos de três classes, uns varões, outros fêmeas e, finalmente, outros, um dimorfo, misto dos dois primeiros: os andróginos.

Tais homens que eram uma sólida parelha de irmãos siameses foram fortes e audazes. Conceberam o projeto de escalar o céu (donde a falsa interpretação bíblica da "Torre de Babel", pois Bab-el quer dizer: "porta do céu", e não, confusão) para lutar com os deuses, tal como acontecera com os Titãs, em dias mais remotos (isto e, na raça anterior ou "lemuriana"). Júpiter quis castigá-los, porém, a coragem lhe faltou para aniquilar tão soberba raça, ao mesmo tempo em que não desejava privar o Olimpo do culto e dos sacrifícios (a manutenção, digamos assim, da espiritualidade no mundo, desde sua parte mais grosseira até a mais sutil ou divina). Assim, adotou um termo médio: dividiu os homens duplos em duas metades (donde o mito de Adão e Eva) às quais Apolo (o Sol, ou antes, os referidos solares) deu os necessários retoques a fim de torná-los mais perfeitos.

Nasceram daí as atrações do amor – as naturais e as aberrações psíquicas – pela nostalgia de cada um pela sua metade perdida (a "alma irmã" dos poetas).

Os teósofos modernos citam os "andróginos platônicos" como reflexo da antiga tradição esotérica de uma afastada raça bi-sexuada (o saudoso endocrinólogo espanhol, Dr. Marañon, afirmava a mesma coisa) tal como o indica um versículo do Gênese, que diz: "Macho e fêmea o criou", embora com uma explicação mais simples, para não dizer infantil, dentro da exegese bíblica, como

---

[64] Os estudantes de Teosofia sabem que a 3a e a 4a raças-mães foram dirigidas, respectivamente, por Vênus e Marte (Mãe e Filho) e Lua e Saturno. A razão desse fenômeno se traduz na posse dó mental e do sexo na 3a raça, como provam os instintos passionais dos seus representantes. Do mesmo modo que, na 4a, os poderes psíquicos em plena atividade, para não dizer em choque com o mental, que deveria ser o estado de consciência da raça imediata ou 5a. Razão por que a referida Raça (a 4a) é chamada de "equilibrante", pois as três primeiras representando a queda do Espírito na Matéria (sentido involucional, de descida ou Pravritti-marga), a atual e as duas que lhe hão de seguir representam o arco ascendente, evolucional ou período de Nivritti-marga. A 4a raça era resultante de uma mescla entre os seres divinos e os terrenos. Donde o choque havido entre, ambos, quando a mesma raça descera a plena decadência, e conseqüente "castigo": as catástrofes que fizeram submergir dois terços do referido continente.
Sua direção espiritual estava sob ó comando dós chamados SETE REIS DE EDON (Edon, Éden, Paraíso terrestre), na razão de um deles para cada cidade. E na oitava se manifestava o Governo Geral das sete referidas cidades, em forma TRINA, como ate hoje continua sendo, por sua vez, o chamado Governo Oculto (ou Espiritual) do Mundo. Representação, portanto, da tríplice manifestação da Divindade nos três mundos. NOTA DO TRADUTOR.

expressão abreviada da criação da parelha primitiva, em a narração onde foram copiadas as duas versões eloista e jeovista.

Sendo o sexo a mais importante de todas as chaves secretas, somente de "boca para ouvido" pode ser dada aos que possuem mérito (moral e intelectual, bem, assim estado de consciência) para tanto. Bem se pode afirmar que, com a morte do sexo, alcança o homem a sua dignidade divina, pois que, "deuses fomos e nos temos esquecido". E com isso, a sua própria Redenção, porquanto a Humanidade inteira vive "crucificada no SEXO", desde aqueles tempos remotos da História. E como tal, a origem de todas as suas lutas e sofrimentos no decorrer de cada existência...

Penetramos agora num campo que embora não sendo nosso, temos a veleidade de dizer que, esotericamente, o conhecemos: o da Medicina. Porém, na sua parte pouco esclarecida: a Endocrinologia.

Como se viu, o pescoço do homem, e tudo quanto nele existe, se acha em oposição a toda a região sacra. Dois exemplos entre muitos: A inflamação da carótida carotidite ou cachumba, como é vulgarmente conhecida) pode ocasionar a epididimite. E com isso, o processo da geração e prejudicado: o homem torna-se estéril.

Sabe-se, outrossim, que a extração das amígdalas concorre para uma futura apendicite, embora o apêndice não corresponda à região acima apontada, mas o fato é que está localizado na região da Balança, isto é, nos quadris. Os centros de força esplênico e raiz, o primeiro na região que lhe dá o nome, e o segundo no cóccix, com reflexo anterior na região pubiana, são afins na razão de Balança e Scórpio: Mãe e Filho.

Seus opostos, ou melhor, complementares, são Taurus e Áries: pescoço e vértice.[65].

Se um homem abusa dos prazeres sexuais (principalmente o chamado vício solitário) acaba provocando um desequilíbrio mental, Donde o termo

---

[65] Entre outras funções da hipófise conhece-se a atuação direta sobre as glândulas mamarias, e conseqüentemente, a lactação; função, portanto, ligada ao filho. Donde se dizer (esotericamente) que Mãe e Filho são uma só e mesma coisa. De fato, cientificamente falando, o filho é alimentado pelo cordão umbilical, e, esotericamente pelo chacra umbilical (manipura ou ASTRAL, lunar, a hipófise posterior age diretamente sobre o crescimento. Donde o fenômeno do gigante e do anão. Gigante, se houver hiperfunção; anão, se hipofunção.
Volvendo ao fenômeno da gestação, enquanto este não se dá, a mulher é positivamente lunar. Donde o fenômeno mensal (catamenial) ou lunar. Durante o período da gestação, ela passa ao estado venusiano, como prova a rotação desse planeta, em torno do sol, ter a duração desse período: nove meses.
O verdadeiro mês é de 28 dias, na razão de quatro fases lunares, cada uma delas de sete dias. 28 dias, "casas lunares" ou asterismos são a mesma coisa. É este o verdadeiro calendário, que se preferiu substituir pelo errôneo, "calendário gregoriano". A Igreja sempre em discordância com a Ciência.
A metade de 28 é 14. E este arcano, chamado equilibrante (Temperança, etc.) é igual aos doze mais dois signos zodiacais (os dois últimos, como se disse secretos). Assim é que, em se tratando de uma senhora cujo fenômeno lunar fosse igual ao das forças cósmicas (mulher perfeitamente equilibrada), sem defeito algum dessa natureza, seus dias infalíveis para ser fecundada seriam: 13o –14o – 15o. Tais arcanos maiores significam: geração fecundação, transformação, etc., para o primeiro; equilíbrio, perfeição, etc.. para o segundo; e, finalmente, luz, iluminação, sabedoria perfeita, vitória do Andrógino, para o último.
Um exemplo vivo em nossa Obra: a mulher nasce a 13 de agosto (Sol), o Homem a 15 de setembro (Mercúrio). E quanto ao 14 que resta entre os dois, "os 14 pedaços de Osíris ", representado nos 14 pupilos da Obra, na razão de 7 barishads ou lunares e 7 Agnisvatas ou solares (como eram as duas filas de esfinges na alameda que conduzia aos templos fenícios e babilônios). Esses 14 pedaços também simbolizam os referidos signos zodiacais. E os avataras de Vishnu, na razão da Arvore sefirotal ou 4. DEZ mais 4 igual a 14.
Quanto as suas colunas vivas, a da esquerda nasce sob a égide de Marte. A da direita, sob a de Vênus. E isso diz tudo...
Falamos demais, e verdade, mas é esse um direito que nós assiste e contra o qual nenhuma força humana pode revoltar-se.). NOTA DO TRADUTOR.

menscapta ou mentecapto. E quando qualquer dos dois sexos apresenta distúrbios de ordem sexual emprega-se o "tratamento hormonal cruzado", pois, como já dissemos em outros lugares, o homem se apresenta com essa forma externamente, e com a feminina internamente. Na mulher, se dá o contrário. A mulher não é mais do que o homem, em sentido introspectivo.

Muita razão tinha H. P. Blavatsky em afirmar, na sua obra Doutrina Secreta, que "a parte interna do cérebro apresenta a mesma conformação dos órgãos sexuais, quer no homem, quer na mulher".

A maioria dos desequilíbrios mentais se acha estreitamente ligada aos sexuais. São as duas conchas da "Balança" da vida fora do fiel do equilíbrio, provocando essa aluvião de sintomas desconcertantes que se desencadeiam em inúmeras pessoas, por isso mesmo difíceis de serem corrigidos. Donde o simpaticotônico ou excitado e o vagotônico ou deprimido. Acalmar sem deprimir, tonificar sem excitar, eis a grande dificuldade. Sim, dificuldade idêntica àquela da Sibila de Cumes, ao dizer a Enéas: "Hoc opus, hic labor est". Aí está a dificuldade, isto é, poder sair ele do inferno. Nem poderia o médico resolver tão sérios problemas, somente com o auxílio dos conhecimentos da Medicina que se adquirem em apenas meia dúzia de anos. Outrora eram necessários vinte e um anos (sete anos para cada um dos três portais ou graus iniciáticos) para que o neófito saísse "iniciado" do Templo, portador de todos os conhecimentos, quer os relacionados com a vida humana, quer com os da vida universal, pois só conhecendo o Universo se pode conhecer integralmente o homem. Um fenômeno já bem conhecido da Medicina é o de serem os hipertiróideos inteligentes, loquazes, dinâmicos, etc., enquanto os hipotiróideos: ignorantes, lacônicos, sem ânimo algum para qualquer esforço ou trabalho.

Dentre as obras valiosas nesse sentido figura a do sábio Sérgio Voronoff, intitulada "Del Cretino al Génio", Seu estudo sobre os grandes gênios das artes e da literatura demonstra vastos conhecimentos a respeito de um ramo da Medicina ainda mal conhecido, Curioso observar que o velho Egito, herdeiro mais próximo da civilização atlante, possuía conhecimentos adiantados nesse sentido, o que vem provar que a Sabedoria Iniciática das Idades fora transmitida apenas àqueles que, por seus méritos e valores espirituais, não seriam capazes de empregá-la em detrimento do próximo.

Cabalisticamente falando, tudo quanto acabamos de dizer a respeito das questões mentais e sexuais, se acha implicitamente apontado em dois arcanos, que não apenas o XV. Referimo-nos ao IX e X. Estes como os demais, se ocultam sob sete chaves interpretativas, dentre as quais a mais grosseira é a sexual, O Homem, o Ermitão, etc. do arcano IX, além do mais, indica os nove orifícios que o mesmo traz no corpo, enquanto a mulher tem dez orifícios, na razão do arcano do mesmo número. A soma dos dois é 19, figurado por um SOL, que de cima dardeja seus raios luminosos sobre uma parelha de Gêmeos (ou andróginos separados), os quais se acham prisioneiros de altas muralhas. Sim, até que a Humanidade chegue a alcançar determinada etapa da sua marcha triunfal para o divino, ou lugar donde procede. Tal etapa, idade, era, ciclo, etc., muito distante ainda dos nossos dias, é chamada de Satya-Yuga ou idade de ouro, da Eterna Primavera, porque então só existirá uma estação, todas as coisas equilibradas pelo Diapasão divino, ou, servindo-nos da interpretação do escritor René Guénon, que "a idéia

central do jubileu é a da volta de todas as coisas ao seu estado primitivo, assinalando, portanto, a era messiânica ".

Em outros estudos temos ensinado que todos os chamados redentores do mundo não passam de formas parciais do Redentor-Síntese, o verdadeiro e único Messias, por ser o Manu Primordial ou Planetário da Ronda, Ao mesmo *Iao*, ou *Io-Ptah*, se dá a forma numeral e simbólica de IO (10), equivalente a DEZ. Do mesmo modo que um círculo, ou antes, uma forma oval tendo no centro um traço vertical, simboliza a essência dual (ou masculina e feminina) da Divindade, Na sua forma grosseira ou sexual, o *ctéis*, órgão feminino, possui essa mesma configuração.

Quando René Guénon fez ver que o nome "PAZ" não tem o sentido que lhe dá o vulgo, e logo cita S. João (XIV, 27) para provar que tal sentido é bem outro, inclusive em relação com "o centro espiritual supremo", está mais do que certo. Não sabe, todavia, que esse termo, escrito em francês, com um X final, por sua origem latina, obedece à mesma grafia também noutras línguas, inclusive a sânscrita, como das mais antigas, e onde o referido termo significa: "comunhão mental". Sim. Comunhão mental com esse centro espiritual supremo. Não é por outra razão que ao ingressar nas fileiras da nossa Ordem, o discípulo recebe um tema de meditação, ou ioga, relacionado com o referido termo. Se ele for digno de pertencer a tão Excelsa Fraternidade, nunca mais deixará de viver "em comunhão mental (e, portanto, espiritual) com esse mesmo Centro ou Templo". Tanto Agartha como Shamballah são consideradas região, lugar, mansão da PAZ, etc. Sim, a GRANDE PAX ou "Pax profunda" dos Rosacruzes. E, conseqüentemente, "a Paz de todos os Messias" ou missionários, Shekinah não podia, pois, ser a síntese das Sefirots, como afirmou Guénon. Sua síntese, nesse caso, seria Malkut, o Reino que não pertence ao mundo dos mortais: o mesmo a que se referia Jesus, ao dizer: "O meu reino não e deste mundo", Região, pois, "de Paz e Justiça", como assinala o autor, mas em referência apenas a um "centro feito à sua imagem", Elogiáveis também suas observações etimológicas sobre certas palavras abstrusas: no entanto, "Mitra" nada tem que ver com "Metatron", mas sim com Maitri, Maytréia, símbolos solares relacionados com o termo Cristo, que significa: Iluminação, Iluminado etc., sendo certo interpretar a manifestação da Divindade nos três mundos: céu, terra e inferno (este, porém, no sentido de "in-fera", lugares inferiores) como temos afirmado em outros trabalhos. Se Mikael, que ele diz estar ligado, por sua vez, a Metatron, é o primeiro dos sete Arcanjos ou Anjos da Presença diante do Trono, em sentido de descida, no de subida é o último ou sétimo. Donde, para os hebreus, o dia de o repouso ser sábado (ou 7o) e não domingo, pois que este é o primeiro, e não o sétimo dia da semana.

Comparar o termo "chuva" a "regato de luz", "efusão de orvalho", etc. é magnífico. "Chuva de bênçãos" é termo também aplicado aos casos em que, aos nossos afeiçoados, amigos, parentes, etc. desejamos PAZ e felicidade. Corresponde àquele "maná caído do céu", que não foi nenhum alimento físico, como pensa a Igreja, mas o espiritual (verdadeira "chuva de bênçãos caída dos céus") saldo dos lábios de Moisés, depois de "haver contemplado a Luz face a face". Seu próprio povo, admirado com seu "Verbo inflamado" (chuva de sabedoria, aluvião de ensinamentos divinos), teve estas palavras: "*Man h'u?*", cuja tradução é: "Que vem a ser isto?" este termo por sua vez, faz lembrar o *Manu*,

sânscrito, que, de fato, o era Moisés como condutor de povo. Manu e Maná são termos que se confundem...

O nome de NOÉ, que também foi Manu, lido anagramaticamente, dá o EON grego, que quer dizer enviado do céu, manifestação divina, etc. Nesse caso, "Benedictus qui venit in nomine Domini ", que René Guénon deu apenas a Mikael, padrão de todas as manifestações divinas... também se aplica a qualquer um que conduz seu Povo à Terra Prometida (Canaã). "Manoa Caná" (ou Canaá), é um termo tupi, língua de origem *cária*, significando aquele que deve aparecer em nosso meio ou aquele que conduz seu povo à Terra Prometida. E tal frase, segundo as lendas tupis, procedia de uma lagoa misteriosa existente na cidade de Niterói, Estado do Rio, a mesma cidade onde nossa Obra teve a sua fundação material, pois que, a espiritual foi em S. Lourenço, Minas, três anos antes, em cujo lapso nela ocorreram fenômenos verdadeiramente assombrosos.

Manoa é a capital do legendário "*Eldorado*". E um termo proveniente do mesmo étimo. E que tal pais é subterrâneo ou "agartino" (da Agartha), nenhuma dúvida resta: por isso que ninguém o encontra... Do mesmo étimo, ainda, a capital do Amazonas ou Manaus. Como também, Manuel, Emanuel (ou El-Manu). O *manus* latino (mão), principalmente no sentido daquele que vem à mão ou à frente, não escapa ao mesmo étimo. O fato de ter a mão do homem cinco dedos, dá a razão de ser dos cinco sentidos, dos cinco Tattvas, como forças sutis da Natureza, e até dos cinco continentes que a Terra possui atualmente.

Os condutores de todos os povos do Oriente ao Ocidente são os Rishis ou Manus, de que fala H. P. Blavatsky nos seguintes termos: "As tradições de todos os povos confirmam os ensinamentos esotéricos, relativos aos Sete e os Dez Prajapatis, Rishis ou Manus. São os mesmos Chim-nana e Tchan-qui chineses: o Dingir e o Mul-lil acádios: os Deuses do mundo dos fantasmas egípcios com Ísis-Osíris e Thot à frente: os Elohim hebreus: os Sete e os Dez Ki-y chineses, ou os dez e os sete Ameshaspands caldeus, os dez e os sete Sephiroth, Zéfiros ou Alentos cabalísticos. E até o Manu Manco-Capac, com toda a sua progênie incáica, derivados dos Dhyans-Chohans da Doutrina Arcaica, os mesmos "Construtores das Estâncias de Dzyan". Desde o Manu Thot-Hermés, Canés-Dagon e Esdris-Enoch, até Platão e Panódoro, todos nos falam das Sete Dinastias Divinas na Lemúria e na Atlântida. Deuses duplos e primitivos que descem da sua Mansão celeste e reinam na Terra ensinando a Humanidade a Astronomia, a Arquitetura e demais ciências que tem chegado até os nossos dias.

"Eles aparecem, principalmente, como Deuses e Criadores: logo se fundem no homem nascente, para surgirem enfim como Reis e Governadores Divinos. Os egípcios, por exemplo, afirmavam que a "Ciência havia florescido em seu país nos tempos de Ísis-Osíris, aos quais continuavam adorando como se fossem Deuses, mesmo quando se converteram em Sacerdotes com forma humana. A mesma autora, quando se refere ao Andrógino Divino, acrescenta: "Diz-se que Ísis-Osíris, construtor de cidades no Egito, fez cessar as inundações do Nilo, inventou a agricultura, o uso do vinho, a música, a astronomia e a geometria".

"Os Rishis são, pois, os que marcam os períodos de tempo nesta Kali-Yuga do pecado e da tristeza, pois, segundo nos ensina o Bhagavad-Purana, "quando Krishna, o esplendor de Vishnu, se elevou aos céus, a idade Kali, durante a qual os homens se acham engolfados no abismo do Mal, invadiu o mundo. Com efeito,

quando os Sete Rishis se achavam em Magha, começou e idade Kali, que compreende mil e duzentos anos divinos (ou sejam 432.000 anos comuns) e que alcançará todo o seu desenvolvimento sob o governo de Nanda e seus sucessores” (Vishnu-Purana, trad. De Wilson IV, 230). Convém saber que Nanda é o primeiro soberano budista Chandragupta, da dinastia dos Márias e avô de Açoka. Contra ele estavam reunidos os brâmanes. Esta é uma das passagens que não existem nos primeiros manuscritos purâni-cos e que foram reunidos pelos Vaishnavas, interpoladores sectários, semelhantes aos padres cristãos".

Cada um dos referidos Manus ou "condutores de povos" é um reflexo, na Terra, do *Apâm Napât* dos Zendos ou do *Fohat* dos tibetanos e mongóis, o que tanto vale por um nome védico e outro parsi ou do Avesta. Literalmente, são os filhos das Águas do Espaço ou do Éter celeste (o Akasha-médio que separa o mundo terreno do divino), Hut-nat-jinas ou deuses "lunisolares" (andróginos, portanto), puros Espíritos do Fogo, por sua origem, e das águas terrestres, para a missão que lhes coube entre os mortais. Verdadeiros *Arhunats-Arjunas*, refletidos se acham com exatidão, mesmo que, sob o denso véu esotérico, no Arjuna, herói do *Bhagavad-Gitá*, discípulo de Krishna, o deus luni-solar, cuja morte teve lugar há uns cinco mil anos no *Kattyavar do Guzerate*, quando começa a idade negra. Idade iniciada pelos grandes êxodos dos pobres povos lunares "semíticos" ou calcidios, por toda a parte do mundo, a fim de repovoá-lo com elementos ários, muito superiores ao sedimento atlante, resíduo da grande catástrofe, cuja reminiscência se encontra em todas as tradições do mundo, inclusive, no dilúvio bíblico.

Os Vedas dizem que esse Arjuna, discípulo e companheiro de Krishna, desceu até o Pa-ta-la e ali casou com U-li-pi ou Hu-lia-pa, filha do rei dos Nagas, chamado Kauravya, Curavia ou Curuta. Patala é o antípoda de *Janibu-Dwipa* e *Iambu*, *Zambo ou Tambo*, é a "pousada ou *tambo* (Pacaritambo) do amanhecer", a que se referem todas as tradições americanas. Em alguns textos védicos a América é, também, chamada *Bhârata-Varsha*, "o continente do filho de *Bhârata*" ou Arjuna, nome que lhe dá Krishna no Bhagavad-Gitâ, quando procura provar-lhe sua "quiritária ou solar condição de herói" (*Kshattrya*, guerreiro ou jina).

Em outros textos, cita-se, finalmente, o célebre anel nupcial atlante (que, em nossa própria Obra teve um símil) de outra Ulipi (Lisboa tem o nome mitológico de Ulissipa, por ter sido fundada por Ulisses) filha do Rei Mani-pura, segundo o Vishnu-Purana, e do vaga do Patala, de que tanto se fala nas mais corretas versões esotéricas, como por exemplo, a do pandita Dayanand-Saravasti, tantas vezes citado na Doutrina Secreta.

Embora pareça, à primeira vista, estranho, nos Vedas devem ser buscadas, também, as origens caldaicas ou calcídicas do maior povo das duas Américas, como dos maiores, ainda, de toda a História: o povo Naga, Návia, Nahual ou Nahoa, ao qual Chavero consagrou as mais formosas páginas do seu México através dos séculos. Os Negas de Vedas e Puranas são seres semi-divinos com cara humana corpo de Dragão ou de Serpente – na mesma razão dos Centauros, metade homem, metade Touro (com vistas à constelação venusiana deste nome), para expressar, simbolicamente a sua dupla natureza: humana e divina, e não que, de fato, assim o fossem, e dos quais, as célebres sereias gregas são as suas

caricaturas e que em nossas lendas, recebem o nome de "mãe d'água", e de Amanjá, no africanismo).

Nas lendas esotéricas asiáticas; afirma-se que tais indivíduos não passavam de mil (por que não outro número? perguntamos nós. Sempre a "maya budista" com que se iniciam os homens vulgares...) e haviam surgido do senhor de Kandru, esposa-virgem de Kasyapa, neto de Brahmã, com "o fim exclusivo de povoar a Patala ou AMÉRICA".

Outra das sete divisões do Bhârata-Varsha foi a Naha-dwipa da Índia, habitada por um povo estranho, desse mesmo nome; que deixou na História inúmeras provas da sua existência, e que, a bem dizer, procediam do mundo-jina ou agartino.

Outro ponto em que discordamos de René Guénon, e quando afirma que o "número apocalíptico 666; o número da Besta"; é *solar*; encontrando razão para tal afirmativa no dito de S. Hipólito: "o Messias e o Anti-Cristo têm ambos por símbolo o leão". E logo concebe que a razão está em ser Leão ou Leo, signo do Sol, quando isto não é razão bastante para semelhante interpretação.

O número 666 é nitidamente lunar, porque, alem do mais; sua soma 18 representa o arcano da LUA. Enquanto o 777; este sim é solar; pouco importando que a sua soma seja 21, o arcano final do Taro ou como já foi dito, a multiplicação da Mônada (ou 3) por 7 como último estado de consciência. Com outras palavras: princípio átmico ou crístico.

Por outro lado, o mistério de ambos os números (666 - 777), é dos mais transcendentes, e se prende ao número 111. Por exemplo: era ele o da primeira raça ou estado de consciência. Na segunda, 222 ou 111 X 2. Na terceira, a mesma coisa: 111 X 3 igual a 333. Na quarta, 444. Na quinta, 555 é o que prevalece na raça atual (cuja soma é 15, número do arcano de que já nós ocupamos. Enquanto 666 e 777 pertencem aos estados de consciência (Búdico e Átmico) que são; em verdade, das 6a e 7a raças; muito longe ainda de nossos dias.

Acontece, porém, que do ponto de vista evolucional, em luta já vem ambos os números desde o começo da 5a raça ou atual; pois a representação de cada uma dessas etapas, ora é Lua, ora é Sol. Com outras palavras: se 111 foi solar (de fato é ele o número do Sol), 222 foi lunar, 333 solar; 444 lunar, 555 solar, 666 lunar e finalmente 777 solar. Ora, dizer-se que o número 888 é o número crístico, se prende ao mesmo mistério, porque uma 8a coisa multiplicada por 111 dá o referido número. Falemos mais claro: Sete astros ou planetas; cada um deles com o valor de 111 multiplicado por si mesmo (de 1 a 7) apresenta o número 777. E como o oitavo seja o próprio Sol em torno do qual giram os sete, multiplicado por 111 é igual a 888.

Cristo, pelo que se vê; ou a Divindade manifestada na Terra, não podia deixar de ser o número 777; e o Cristo manifesto, ou Atmã universal 888. Não esquecer que Jesus, Buda e outros jamais falaram em seu próprio nome; e sim no de um Ser mais elevado; a quem todos chamam de Pai, Hélio, Elias; pouco importa o nome, mas em verdade, a Entidade solar. "Elli! Elli! lama sabactani" não significa; apenas. "Pai! Pai! Porque me abandonais!" Mas, também, Elias! Elias! porque me abandonais!"

E se S. Hipólito, ao proferir as referidas palavras (sobre o termo "leão"), quis dar a mesma interpretação incompleta, de que se serviu René Guenón, com franqueza, também ele estava errado[66]. O termo "leão" aí empregado e uma referência ao arcano XI: a Força. Uma mulher domina o "leão". É a mesma mulher do arcano XXII; Laurenta, como dobro da anterior ou XI. O próprio Taro, na razão dos signos zodiacais, e até os avataras, como manifestação do Espírito de Verdade (o Planetário da Ronda); são levados a efeito de acordo com o metabolismo anteriormente descrito, ou seja, um solar ou positivo; e outro lunar ou negativo. Eis ai a eterna luta entre solares e lunares, de que o Mahâbhârata é uma das mais brilhantes expressões.

Este, sim, que revela o duplo sentido dos símbolos, que o Autor preferiu aplicar apenas a Shekinah e Metatron para, finalmente, distinguir as duas faces: a divina ou espiritual, e a terrena ou material. A primeira comparável, com muita propriedade, a Mikael, e a segunda, a Samael. Se ele quisesse resolver esse problema esotérico, bastaria lembrar-se que, sendo Mikael, arcangelicamente falando, o representante do Sol, e Samael, de Marte, seria o mesmo dizer que o Filho toma o aspecto sombrio do Pai, porém em aparência, e não em realidade, como acontece à outra forma total, para a própria Divindade. E isso porque o Filho não alcançou ainda a forma total que lhe diz respeito. O leitor deve reportar-se ao que tivemos ocasião de dizer, em relação a Marte, Mitra, Maitri, etc. como filho de Mercúrio e Vênus (Hermes-Afrodite) que em verdade estão em oposição, a Sol e Lua. E que ele naquela função arcangélica (Jorge, Gorge, Akdorge, etc.) é o "chefe dos exércitos celestes", bastava apontar a cor da capa com que se cobre,

---

[66] O "leão" já era o símbolo da tribo de Judá. Donde a frase bíblica: "O leão da tribo de Judá venceu. Aleluia!" Ele não é apenas um símbolo solar, pelo fato de ser o signo do Sol, como o caracterizou superficialmente René Guénon. Está, por exemplo, na sua acepção de símbolo de força e poder, como e figurado no arcano XI: uma MULHER abrindo a boca do leão demonstra ser mais forte e poderosa do que ele, seja como símbolo da Sabedoria Divina, seja no sentido de Evolução da Mônada.

Por estas e outras razões, a Etiópia o adotou por símbolo: e seu imperador Hailé Selassié, chamado "Leão de Judá". E ele mesmo disse, em tom sentencioso, depois de exilado na Inglaterra: "Hei de substituir dentro em breve, a loba itálica, da praça de Addis-Abeba, pelo Leão de Judá". Dentre as profecias daquele imperador, figuram as seguintes: "Em 1933 o "leão de Judá", sentado no trono de ouro do Gibbi, o palácio imperial de Addis-Abeba, diz baixinho ao ouvido de seu cão belga: "Seremos atacados por Mussolini dentro de dois anos". Vinte e quatro meses depois, em 3 de outubro de 1935, o exército fascista invadiu a Etiópia.

Quando em 1936, em Genebra, se defrontou com a Liga das Nações, por sinal que dele se fazendo pouco caso, formulou a sua segunda profecia: "Volverei à minha capital no quinto aniversário de sua capitulação", e de fato voltou triunfalmente a Addis-Abeba a 5 de Maio de 1941, cinco anos depois que a mesma foi tomada.

Por nossa vez, um pouco antes dessa profecia, dizíamos através de Dhâranâ: "Dentro em breve Hailé Selassiè fará uma vilegiatura à terra dos seus antepassados".

É ainda, "Mr. Taffari ", como era ele conhecido em Londres, quem diz um tanto casualmente: "Um ano depois da queda da Itália, os Aliados serão vitoriosos na Europa. A vitória se dará nas proximidades do Armistício, entre dezembro de 1944 a maio de 1945".

Outra profecia nossa, muito conhecida dos membros da S.T.B.: " A morte de Mussolini será das mais trágicas. Vejo seu corpo arrastado pelas ruas da cidade"... E como se sabe, foi o que aconteceu.

E vem finalmente a que ele fez no Hotel de Bergues, em Genebra, quando em conversa com algumas pessoas ilustres: "Só Poderá haver uma paz duradoura se os Estados Unidos da América estenderem sua mão auxiliadora, principalmente como "guia espiritual do mundo", (Los Angeles Examiner, 27 de agosto, 1944).

A "missão Y" faz jús a semelhante profecia, pois que Hailé Selassiè não é alheio à mesma. Sim, quer em seu ramo norte, quer no sul.

Não foi, por sua vez, o Brasil unido à América do Norte, em auxílio dos Aliados? Quando imperava, ainda, seu tio Menelik I, esteve H. Sellasié (seu nome oculto tem as iniciais H. J. S.) no nordeste brasileiro, pescando e procurando pedras preciosas para sua magnífica coleção. E ali deixou muitos amigos, principalmente entre os humildes, com os quais ele dividia o dinheiro que lhe enviava o imperador, seu tio. H. Selassié fala diversas línguas, dentre elas o português. É um homem cultíssimo, do mesmo modo que os membros da sua família. Dizem as tradições que a mesma é aparentada com a Rainha de Sabá. NOTA DO TRADUTOR.

que é por demais conhecida como cor do chamado "planeta da guerra", sendo também vermelha a pedra preciosa que o simboliza: o rubi.

O leitor interessado em assunto de tamanha transcendência há de permitir que façamos uma digressão pelo mundo de Maya, que, por fim, o conduzirá ao da Realidade, desde que possa descobrir, com o facho luminoso que lhe entregamos, o que se acha velado por palavras iniciáticas.

Servir-nos-emos da descrição que faz o místico escritor francês Jean M. Rivière, na sua obra "A L'OMBRE DES MONASTÈRES THIBETAINS", da iniciação que recebeu de um grande Lama tibetano, concebida nestas palavras: "Chegou a hora de meu Lama nos falar do Dragão, imagem da vida, do Verbo galgando e descendo as espirais das múltiplas manifestações do Cosmos, como o Dragão chinês galga os pântanos imundos para desaparecer finalmente nas nuvens.

Neste momento, eu tive ocasião de lembrar-me do versículo de um livro chinês que ele nos citou e cuja transcendência muito me perturbou: "... De teu lado esquerdo, o Dragão te morderá e por essa ferida Deus em ti penetrará; a voz sem emissão dos sons; a compreensão sem objeto; a visão sem olhos.

Eis aí as gotas de sangue da mordedura. Assim, teu pensamento será o Seu pensamento e teu sangue também o Seu sangue. "E ambos serão unidos nos céus".

E o Lama não quis explicar o verdadeiro sentido, para que seu discípulo adiantado o descobrisse por si mesmo. E ele, segundo parece, pois não diz mais nada a respeito, não descobriu a verdade por baixo de semelhantes palavras. Tentemos fazer o que o mesmo não fez.

O Dragão que morde o lado esquerdo no homem é o lunar, o da Cadeia donde ele veio para o mundo, e tem que evoluir até que possa equiparar-se à Divindade. Esta entra pela ferida depois que o Dragão do Umbral, o Dragão de toda a divida cármica de cada indivíduo tiver sido vencido. Então, as gotas de sangue da mordedura serão a grande recompensa de qualquer sacrifício. Vitorioso sobre o Dragão do seu cármico passado, ele é um Adepto ou Homem Perfeito. Compreende as coisas, sem necessidade da objetivação das mesmas; enxerga sem necessidade dos olhos físicos (isto é, torna-se clarividente); ouve sem necessidade de emissão dos sons. Finalmente, se fará uno com o Dragão do reino Celeste, porque, já este, por sua vez será transformado num ser dessa mesma natureza. Nem Bem, nem Mal. Nem Luz, nem Sombra. O próprio Espírito se confunde com a Matéria[67].

Tudo isso, também, responde pelas oposições a que se refere o escritor René Guénon, do modo mais claro possível que nos e dado fazer neste momento. Da mesma forma que cada homem possui dois dragões, superior e inferior, assim também existem os dois dragões cósmicos: o celeste e o infernal.

Quanto a este transcendente simbolismo, Jean Marquês-Rivière relata na citada obra, o que ele teve ocasião de presenciar no Tibete, através das seguintes

---

[67] Um dos exercícios ou Iogas mais recomendados para o caso é a respiração pela narina esquerda, isto é: inspirar pela narina esquerda e expirar pela direita. Inútil dizer que nenhum exercício produz efeito se a moral e a inteligência não caminharem de mãos dadas, ou melhor, devidamente equilibradas. Que vale um homem inteligente sem moral, e vice-versa? "A inteligência é uma arma perigosa em mãos criminosas". NOTA DO TRADUTOR.

palavras: "Em tal época, as festas do Dragão iam ser realizadas em Lhassa, com grandes festividades. Nosso Lama nos fez ver que, em tal ocasião, os Superiores de diversos mosteiros da região se reuniam na cidade santa e procediam à evocação do Dragão celeste. Ele mesmo devia manifestar-se no templo do Potala durante sete dias. E, por isso, nos deu alguns exercícios para ocuparmos o nosso tempo durante a sua ausência.

"De passagem por Lhassa, em companhia de negociantes chineses no Tibete ocidental, chegou um grande amigo de nosso Lama um religioso taoista um Phutuy. Eles se conheceram em determinado lugar no imenso continente asiático. Este religioso ficaria em Lhassa durante as festas, e meu Mestre, sabendo que eu tinha noções da língua chinesa, apresentou-me ao taoista. Assim, tive ocasião de conviver durante alguns dias com o Phutuy e, graças à minha situação especial de discípulo de um Lama venerado de Lhassa, tive ocasião de aprender muitas coisas sobre esoterismo e as sociedades secretas chinesas, muito mais, talvez do que qualquer europeu que tivesse visitado semelhantes regiões.

"Ele era um ancião enrugado e pequenino, de fisionomia severa e um tanto difícil de ser interpelado. No entanto, de uma polidez muito distinta, difícil de ser encontrada no Ocidente, até mesmo na China moderna. As longas meditações e trabalhos austeros o tinham transformado numa delicadeza sem igual. Sua cabeça era inteiramente despida de cabelos. Os discípulos que o acompanhavam tinham para ele uma atenção muito especial. Ocupando-se da sua pessoa, como filhos de um pai muito querido. Sempre ricamente vestido, trazendo na cabeça um gorro de seda preta, ornado de magníficos diamantes, o religioso chinês olhava para as coisas e as pessoas como se não as visse, ou estivesse sempre embebido num sonho estranho. Os Phutuy se acham acima dos Tsongsang, aqueles que iniciam os jovens discípulos. São os ascetas ou solitários espirituais dos mosteiros isolados, onde se fala pouco e se medita muito. A ciência suprema é adquirida por si mesmo, numa solidão absoluta. O Phutuy fez-me ver que esteve doze anos num mosteiro do norte da China, em absoluta solidão, sem falar nem ler coisa alguma. Logo que atingiu a iluminação desse modo, deu entrada na vida política.

Isto representa o principal mistério da vida religiosa asiática, sempre incompreensível ao nosso raciocínio ocidental! Os discípulos que o cuidavam e acompanhavam, não recebiam ensinamento algum: viviam apenas na atmosfera espiritual do Asceta. E isto lhes bastava, segundo as influências ocultas de que já se falou anteriormente.

"Eu o interpelei a respeito da festa do Dragão e ele citou algumas coisas interessantes nesse sentido. Afirmou a existência do Dragão terrestre, imagem inversa do Dragão celeste e que reside entre os espíritos infernais, no centro da terra. Parece que na China uma das provas oferecidas ao discípulo consiste em ir a tal região dar combate, sozinho, ao dragão infernal [68]. Enfim, no decorrer de nossas conversações, o Phutuy me asseverou que tinha poder bastante para se transportar até junto ao referido Dragão, e de levar consigo alguém que o desejasse. Mas que, em se tratando de uma operação de magia, isso não lhe

[68] Tal combate é provavelmente realizado no mundo astral, tal como acontecia no Egito com os quatro elementais, além de outros obstáculos.

interessava[69]. Desejando sujeitar-me a uma experiência que demonstrasse o poder dos Iniciados chineses, pedi a um dos Lamas, que faziam parte de nossa amizade, que intercedesse junto ao religioso porque, de grau inferior, não ousava fazer semelhante pedido. Ele relutou no começo, para depois, diante de exposições mais decisivas, prometer a nós ambos, a mim e ao Lama amigo, de se esforçar – segundo os ritos da alta Magia chinesa – no sentido de nos fazer descer até a região do Dragão.

"A experiência devia ter lugar numa pequena capela do Potala, conhecida pessoalmente pelo Phutuy [70]. Ela se distinguia pela sua pintura vermelha e ouro (cores alusivas às duas qualidades de matéria, Tamas e Sattva, com outras palavras, Kama-Manas, mental inferior e Budhi-Taijasi, mental superior, na razão da Bandeira do Rei do Mundo, dos Budas-vivos da Mongólia, etc.).

Inúmeras lâmpadas pendentes do teto e mantidas, não com azeite, mas com manteiga, iluminavam apenas os murais desse pequeno recinto, sem janela.

Um grande paravento chinês mantido num dos cantos deu-me a entender que por trás devia encontrar-se uma divindade de origem chinesa. No altar se encontrava o jovem Deus *Thap'kieph*, o Buda criança, saindo do loto do mundo, este representado por quatro figuras ajoelhadas, os quatro *Thieus* sagrados. Em redor, as estátuas de *Han-Kha-Dieph*, dos *Pho-huc*, imagens da Sabedoria, dos *Omthé,* imagem dos libertados e, enfim, os quatro guardiães do Umbral, da ciência esotérica chinesa. Estes quatro deuses vigiam,[71] imóveis e ameaçadores, para impedir o imprudente que se aventurasse, sem guia nem proteção, a profanar o caminho sagrado. Tudo isso dava a impressão de permanente mistério e sombria magia chinesa transportada para a pequena capela do Potala de Lhassa.

"E logo apareceu o *Phutuy*, com o mesmo hábito da véspera, trazendo os seus instrumentos litúrgicos. Ele fez soar o gongo e começaram as preces e as adorações aos santos ali existentes. Expressando-se em antigo chinês, servindo-se de entoações especiais, não me foi possível acompanhá-lo como devia[72]. Limitei-me a observar os gestos ritualísticos. Ele ofereceu grãos de arroz e flores; depois de pequeno silêncio, pediu-me, em tibetano, que me aproximasse do Lama que nos acompanhava, tomando lugar num coxim que o mesmo havia trazido. A cena tornou-se fantástica: o jovem Deus de ouro sorria, aos tremores incertos das lâmpadas e um cheiro estranho impregnou todo o ambiente da capela sagrada. O *Phutuy* traçou, com uma espécie de punhal aguçado, um rápido círculo em torno dos presentes, lançando um punhado de perfumes num grande incensório. O pó crepitou no silêncio profundo do santuário. Foi quando se deu um fato inconcebível.

"Imediatamente e sem transição alguma, as paredes e o altar desapareceram diante de meus olhos; tinha a impressão de ir afundando em vertiginosa queda pelo solo adentro. E eu sentia nitidamente que minha respiração diminuiu pela translação vertical de meu corpo. Eu caia, de fato, num abismo...

---

[69] Os fenômenos psíquicos, ainda do agrado de muitos, coadunavam-se ao estado de consciência das raças primitivas: mas hoje o que nos deve interessar é o domínio do mental para alcançarmos de modo inteligente a Sabedoria Perfeita.

[70] Essa capela do famoso Potala se liga subterraneamente a diversos mosteiros do Tibete e do Norte da Índia, qual acontece com a Esfinge e as Pirâmides do Egito.

[71] Os quatro Guardiães do Umbral, vigilantes nas quatro direções cósmicas e geográficas do mundo, como aqueles quatro animais da Esfinge que figuram no último arcano.

[72] Trata-se de "rnantrans" religiosos, ou melhor de "dhâranis" evocativos, dentre eles o "Manjúçri".

Senti que a minha garganta se contraía, enquanto eu procurava segurar-me à alguma coisa, pois, tudo me faltava. Diante de meus olhos espantados, uma sombra espessa se agitou, com impregnação de umidade, de fetidez, de mofo...

Procurei meu companheiro, o Lama e vi-o a meu lado, o corpo contraído de espanto, a cabeça oculta numa dobra de sua túnica amarela[73]. Diante de nós, ereto, dentro de uma aureola luminosa de fogo, o Mago chinês, com os olhos fechados, parecia comandar nossa queda comum...

"Quanto tempo durou esta descida no vórtice medonho? Eu não posso dizê-lo. Porem, os minutos foram muito longos, nessa descida espantosa no seio do abismo. "A fetidez e a umidade aumentavam cada vez mais; eu julgava estar vendo clarões estranhos, formas fosforescentes, coisas esbranquiçadas se agitando lentamente na sombra aquosa da região[74]. Um frio glacial se apoderou das minhas costas e eu comecei a tremer...

"De repente, um grande clarão se fez sentir e um espetáculo horrível se apresentou a nossos olhos. Diante de nós, dentro de imensa caverna, cheia de lama e de pedras de gelo, cloaca imunda, enorme monstro estirado ao longo do corpo, algo semelhante a feras de pesadelo, a bestas do Apocalipse... Era espantoso e terrível. A meu lado, o Lama estava tão curvo que mais se assemelhava a uma bola humana, as mãos crispadas numa última convulsão, a face pálida, cerosa como a de um cadáver... Como se fora um sonho, tive a impressão que o monstro, com a nossa aproximação, fez desordenado movimento. O mago chinês ameaçou-o com a sua espada e um rugido surdo retumbou no antro dantesco. O corpo do Dragão parecia agitado por estremecimentos convulsos, como se tocado por verdadeiras descargas elétricas. Que foi esse monstro? Um pesadelo, um sonho, um símbolo? Eu não posso dizê-lo. Meu corpo estava completamente gelado: meus nervos descontrolados, e acabei perdendo os sentidos...

"Quando voltei à consciência, encontrava-me na capela sombria. O Lama achava-se sempre encolhido a meu lado. E a sombra do Phutuy continuava impassível a salmodiar as invocações chinesas ao jovem Deus de ouro, ao Thap'kieph, o Buda menino, saindo do loto do mundo, representado por quatro figuras ajoelhadas, os Thieu sagrados da China misteriosa..." [75].

Esta passagem da obra de Rivière responde por tudo quanto acabamos de dizer.

Do mesmo modo que às oposições a que se refere René Guenón, no presente capítulo de "O Rei do Mundo", entre o Divino e o Infernal ou inferior, salvaguardando a transcendental expressão que tem ó excelso Ser que dá o titulo à sua referida obra.

Os símbolos deíficos em todas as Teogonias, inclusive no Egito, se servem de certos animais sagrados. E os avataras da Divindade recebem seus nomes, como, por exemplo, Peixe, Tartaruga, Touro, etc., todos eles também

---

[73] A cor amarela é adotada pelo lamaismo tibetano e mongol por ser a de Atmã.

[74] O autor fala de coisas ou formas esbranquiçadas, porém se trata efetivamente de "larvas", que existem em grande abundância nas regiões inferiores do Astral.

[75] O Buda menino, a quem se dirigiam as invocações do Mago é a oposição celeste ao Dragão infernal como todos os emissários de Dharma se antagonizam à matéria tamásica.

representações dos signos zodiacais, que em verdade não são mais do que as hierarquias criadoras.

Do mesmo modo que o Elefante, no reino animal, é o seu Buda, assim também no vegetal, é o Loto sagrado ou das Mil Pétalas. E no mineral, o Urânio, de todos os metais, o mais pesado. Eis a razão pela qual o Elefante branco (reino animal) traz na tromba o loto sagrado (reino vegetal) em cima de uma montanha (reino mineral), quando anuncia o nascimento do Homem, seja Krishna, Buda ou outro qualquer iluminado.

Dar títulos, pois, de animais aos próprios homens e às coisas sagradas e sempre uma expressão transcendental, como homenagem à própria evolução da Mônada.

Dragões e serpentes aladas são símbolos de Sabedoria entre toltecas, astecas e maias. Aos seres de certo mosteiro do Norte da Índia, onde estivemos de 1899 a 1900, se denomina SRINAGAR (Homens-Serpentes), cujo nome acabou sendo o da própria cidade, como uma das muitas que possui Cachemira. Srinagar fica ao norte da Simlah e a oeste de Gartoch. A cidade mais próxima de Srinagar denomina-se Leh que, ao pé da letra e ligada à primeira, quer dizer: "A lei dos Iluminados ou Homens-serpentes, serpentes de Fogo". Não se costuma chamar de "verbo inflamado", ao de todo orador e escritor que se distingue dos demais? "Águia de Haia" foi apelidado o grande Rui Barbosa. E com muita propriedade, por ser a ave que se eleva a maiores alturas. Rui – com seu verbo inflamado – alcançou os píncaros da Glória.

Por que razão nós, teósofos, que discutimos assuntos não ainda do conhecimento da ciência oficial, não temos o direito ao titulo de "Dragões da Sabedoria"?

Volvamos à questão dós opostos ou antagônicos: Quanto ao fato de o "número 666 ser idêntico ao de Sorath, demônio do Sol", não quer dizer que seja, de fato, solar. A razão é por demais transcendental para ser alcançada, mesmo pelas maiores inteligências. Diremos, apenas, que esse aspecto solar, implicitamente apontado em o número 666 e em o nome de Sorath, é idêntico, por exemplo, ao que se passa entre o homem e a mulher. Enquanto o primeiro é masculino e, portanto, solar (externamente), e feminino ou lunar, introspectivamente, na mulher, como e natural, o fenômeno se dá ao contrário. Sorath é uma forma sintética e anagramática do termo *Astaroth*. (*Aster e Roth*; *Thor, Taroth, Aor,* etc., digamos, astro, roda ou círculo na mesma razão de Zoro ou Zero astro, donde Zoroastro no sentido transcendental, ainda de andrógino latente, e não em separado ou manifesto); é aquele que serve de sombra ou oposição à Divindade. Um se distingue do outro pela própria função dual das coisas, pois, como já se viu no sentido antropogênico não podia deixar de haver a exigência do macho e fêmea, e no cosmogênico, o do próprio estado dual em latência na mesma Divindade. É a isso que se dá, ainda, o nome de "queda do Espírito na Matéria". Ao primeiro se dá o nome de Luz; ao segundo de Sombra.

Se tais oposições continuassem permanentemente, o fenômeno da redenção, de superação da Mônada seria impossível. Daemon est Deus inversus. Sim, enquanto a Divindade permanecer em atividade ou período centrifugo, não poderá deixar de haver o referido desequilíbrio da sua própria oposição manifestativa (período de Pravitti-marga ou da involução, queda, etc.). Logo que

se dê o fenômeno equilibrante, ou todos os seres ou coisas em evolução, a Mônada voltando à sua Origem, o fenômeno passa a centrípeto (ou período do Nivritti-marga, evolução, ascensão, subida, razão por que afirmava S. Agostinho: "Viemos da Divindade e para Ela havemos de ir", o que equivale ao verdadeiro sentido da parábola do Filho Pródigo que volta à Casa Paterna). Donde: Vontade, Sabedoria e Atividade; Brahmã, Shiva e Vishnu; Pai, Mãe ou Espírito Santo e Filho. As Parcas ou Nornas mitológicas representam a mesma coisa, Clotho, Lachesis e Atropos. Uma *sustinha a roca* (Vontade), *outra fiava* (Atividade) e a terceira *cortava o fio*, isto é, dava como terminado o trabalho (Sabedoria, aquisição total da Consciência etc.). Na tradição indiana estas três funções têm o nome: Tribhuvana.

Chamar-se de "Cristo e Anti-Cristo" (666-777), não é propriamente antropomorfizar esses dois sentidos, à parte o que de misterioso existe sobre o assunto, mas a confirmação de tudo quanto procuramos esclarecer até agora. Digamos: dois seis, como querem René Guénon e S. Hipólito, porém, na mesma razão dos dois aspectos humanos, masculino-feminino e feminino-masculino.

Com outras palavras: solar-lunar e lunar-solar. Endocrinicamente falando: o homem é solar-lunar, porque, externamente demonstra o seu sexo e função solar, enquanto se dá justamente ao contrário. Foi à mulher e não ao homem que, alegoricamente, a serpente oferecendo a maçã, o fruto proibido. Insinuou tentar no paraíso terrestre. O veneno pertence à serpente, mas não é a própria Serpente, e sim o resultado de uma função que lhe é inerente. Na mesma razão, essa sombra em oposição à Luz ou Mikael, a que se refere René Guénon. Uma função dando combate à outra. Ambas são uma em essência, mas as funções divergem na matéria. É através da dor que a Mônada evolui. Tal como o diamante bruto precisa passar pelas garras aduncas da lapidação", a fim de se tornar luminoso e, portanto, possuir o valor que se dá ao "brilhante", a Mônada tem que passar por sete estados de consciência diferentes, para alcançar a sua luminosidade exigida pela própria Evolução. Donde o verbo *Brih* (Sânscrito) que quer dizer dilatar, distender, expandir, evoluir, e que dá origem ao próprio termo Brahmã.

A Árvore da Ciência do Bem e do Mal (uma só e não duas como querem os que não conhecem o assunto), em vez de uma só serpente, como diz a Igreja, traz duas: uma branca (a do Bem) e outra preta (a do Mal). No próprio caduceu de Mercúrio, ambas se acham em equilíbrio em torno da haste central. O mesmo se dá com o homem perfeito: os dois lados devem estar em equilíbrio com o centro (o cáquis, por sobre o qual se manifesta o grande simpático: donde o termo: sistema nervoso central), isto é, as duas conchas dessa balança em perfeito equilíbrio; nem vagotônico nem simpático-tônico. Nem excitado nem deprimido, mas um homem perfeitamente equilibrado. A serpente do Mal dá a sabedoria ou inteligência bastante para o Mal. Enquanto a do Bem, a dá para o mesmo Bem. E isto, na referida alegoria paradisíaca, para que, tanto Adão como Eva (Adam-Heve) não continuassem na dupla ignorância do bem e do mal em que viviam em estado latente. E não que fossem eles "os únicos seres da criação", o maior de todos os absurdos apregoados pela Igreja. Sem o que, enganadora seria também a sapientíssima e evolucionista frase pronunciada por Deus: "Crescei e multiplicai-vos". Sim, para que a Mônada, na sua astronômica divisibilidade, encontre onde

se encarnar e, através de múltiplas experiências, adquira a Consciência perfeita de si mesma e de tudo quanto a cerca e com ela evolui no Universo.

Medite o leitor inteligente sobre as palavras de Orfeu a um dos seus discípulos mais adiantados: "Dobra-te sobre ti mesmo para te elevares aos Princípios das coisas, à grande Tríade que flameja no Éter imaculado.

Consome o teu corpo com o fogo do teu pensamento: desliga-te da matéria como a chama da madeira que devora. Então, o teu espírito se elevará ao éter puro das Causas eternas, como a águia ao trono de Júpiter.

"Eu vou revelar-te o segredo dos mundos, a alma da natureza, a essência de Deus. Ouve primeiro o grande arcano. Um ser único *reina no céu profundo e no abismo da terra*: Zeus, tonante, Zeus etéreo (segundo a mitologia grega, ainda, Júpiter olímpico e Júpiter plutônico). Ele é o conselho profundo, o castigo poderoso e o amor dulcíssimo (notem-se as oposições eu antagonismos...). Reina nas profundezas da Terra e nas alturas dos Céus estrelados: sopro das coisas, fogo indomado, macho e fêmea, um Rei, um Poder, um Deus, um Grande Senhor. "Júpiter é o esposo e a esposa divina. Homem e Mulher, Pai e Mãe. Do seu casamento sagrado, das suas bodas eternas, sai incessantemente o Fogo e a Água, a Terra e o Éter, a Noite e o Dia, os Titãs altivos, os Deuses imutáveis e a semente ondulante dos homens.

"Os amores do Céu e da Terra não são conhecidos dos profanos. Os mistérios do Esposo e da Esposa só aos homens divinos são revelados. Porém eu quero declarar o que é verdadeiro. Ainda agora o trovão abalava esses rochedos: o raio caía sobre eles como um fogo vivo, uma chama ondulante e o eco das montanhas ressoava em alegria.

Porem tu, tu tremias não sabendo donde vem esse fogo, nem onde ele cai. É o fogo masculino, semente de Zeus, o fogo criador. Ele sai do coração e do cérebro de Júpiter; ele se move em todos os seres. Quando tomba o raio, ele brota de sua mão direita. Mas nos, os seus sacerdotes, nós conhecemos a sua essência, nós evitamos e indistintamente dirigimos as suas flechas (lei de Karma ou de Causa e Efeito).

"E agora, contempla o firmamento. Vê este circulo brilhante de constelações sobre as quais repousa a mantilha leve da Via Láctea, poeira de sóis e de mundos. Vê *flamejar Orion, cintilar os GÊMEOS, e resplender a Lira*. E o corpo da Esposa divina que, aos cantos do Esposo, volteia num transporte luminoso. Olha com os olhos do espírito, e verão a sua cabeça derrubada, os seus braços estendidos e poderás levantar o seu véu semeado de estrelas.

"Júpiter é o Esposo e a Esposa divina". Eis o primeiro mistério. "Mas, agora, filho de Delfos, prepara-te para a segunda iniciação. Estremece, chora, goza, adora! Porque o teu espírito vai mergulhar na zona ardente **onde o grande Demiurgo fez a mistura da alma e do corpo na taça da vida. Tocando nessa taça embriagadora, todos os seres esquecem a morada divina e descem ao abismo doloroso das gerações".**

"Zeus é o grande Demiurgo (Zeus, Jove, jeove, Jeová ou Júpiter). Dionisos é o seu filho, o seu Verbo revelado. Dionisos, espírito radioso, inteligência viva, resplandecia na casa de seu pai, no palácio do Éter imutável. Um dia que, debruçado, contemplava a sua própria imagem, viu-a estender-lhe os braços... Apaixonado por este sublime fantasma amoroso do seu duplo precipitou-se na

esperança de alcançá-lo. Mas, a imagem fugia, fugia sempre e o atraía para o fundo do vórtice. Finalmente, encontrou-se em um vale sombreado e perfumado, gozando com as brisas voluptuosas que lhe acariciavam o corpo. Em uma gruta descobre Perséfone (na Mitologia romana, Proserpina: Pro-serafina, como já tivemos ocasião de interpretar em outros estudos). Maia, a bela tecedeira, tecia um véu, onde se viam ondular as figuras de todos os seres. Diante da virgem divina ele ficou mudo de espanto. Nesse instante os Titãs altivos, as livres Titânidas (os primeiros sexuados), viram-nos naquele estado.

"Os primeiros, ciumentos da sua beleza, as últimas, tomadas de um amor louco, lançaram-se sobre ele como os próprios elementos desencadeados e reduziram-no a postas. A seguir, distribuíram entre si os seus membros, fizeram-nos ferver em água e enterraram o seu coração. Júpiter fulminou os Titãs e Minerva levou para o Éter o coração de Dionisos, e ali tornou-se um sol ardente, Porém, da exalação do corpo de Dionisos, saíram as almas dos homens (os Jivas) que sobem para o céu, Quando as pálidas sombras atingirem o coração flamejante de Deus, elas iluminar-se-ão como chamas. E Dionisos inteiro, ressuscitará, mais vivo do que nunca, nas alturas do Empíreo.

"Eis ai o mistério da morte de Dionisos. Agora, ouve o da sua Ressurreição. Os homens são a carne e o sangue de Dionisos: os homens desgraçados são os seus membros esparsos (os retardatários, os que não procuram o sol radioso da verdade, deixando-se levar pela forma sombria ou lunar da ignorância e da mentira). Sim, os seus membros esparsos que se buscam, torcendo-se no ciúme e no ódio, na dor e no amor, através de milhares de existências. O calor ígneo da terra, o abismo das forças inferiores, os atraem cada vez mais para o báratro, perdendo-os.

"Porém nos, os Iniciados, nós que sabemos o que existe no alto e no baixo, nos somos os salvadores das almas, os Hermes dos homens. Como imãs, atraímo-los a nós, atraídos nós mesmos pela Luz que emana de Deus. Assim, por celestes encantamentos, reconstituímos o corpo vivo da divindade. Nós fazemos chorar o céu e alegrar a terra. E como jóias preciosas, trazemos no coração as lágrimas de todos os seres para transformá-las em sorrisos. Deus morre em nós. E em nós renascendo, dia virá em que em todos esses mesmos seres Ele renascerá muito mais glorioso e feliz do que era quando na sua forma primitiva..."

Meditai, sim, leitor amigo, sobre tudo isto que vos foi ensinado. Fazei como o antigo discípulo da Grécia, ouvindo a voz de Orfeu, de Pitágoras e de outros tantos Iniciados que concorreram para o mesmo Fim a que hoje estamos ligados. Deixai morrer coisas Divinas, em vos a ignorância e a atração das coisas terrenas; aprendei a sublime Verdade que dorme em estado latente no vosso cérebro e no vosso coração.

Oferecei ambos a Dionisos, oferecendo -os ao mesmo tempo a Zeus...

O Santuário é o mesmo. Ele vos espera como outrora ao discípulo que ousava transpor o seu Portal, depois de lhe ter batido três vezes com a sua destra. E ele se vos abrirá de par em par, para vos receber junto ao altar, onde tremeluz e mágico Triângulo da Iniciação.

Ao contrário, ESKATO BEBELOI! Fora daqui os profanos, os que são atraídos apenas pelas exterioridades do Templo, e não pelas riquezas espirituais,

qual Arca da Aliança conservando em seu seio o Grande Mistério da Vida Universal.
****

Resta-nos esclarecer quem são estes Seres, que os quatro elementos, os quatro reinos da Natureza, as quatro Rondas anunciam através de símbolos tão expressivos, pouco importando a hierarquia a que pertençam. Sim, sejam Eles grandes ou pequenos, mas todos portadores do VERBO SAGRADO. São os mesmos a quem se não pode perguntar por sua Pátria, filiação etc. Eles "são quem são"! Quanto ao resto, não passa de exigências do mundo, que tudo nos tira e nada nos oferece, a não ser, como única e espiritual grandeza: a EVOLUÇÃO. Homens sem Pátria, sem filiação, sem qualquer fraqueza humana ou terrena, foram Krishna, Buda, Cristo, Apolônio de Tiana, Pitágoras, Confúcio, Lao-Tsé e muitos outros.

Pitágoras passava por filho de um negociante de Samos com uma mulher de nome Partenis; no entanto, aos seus amigos e discípulos, confidenciou: "Sou filho de um sacerdote de Sais com uma sacerdotisa de um Templo sagrado". De fato, homens dessa estirpe não podem ser filhos de pais vulgares, nem miseráveis. Enquanto se dá Jesus como nascido de pais pobres, em mísera manjedoura (simples símbolos das escrituras bramânicas), Gautama, o Buda, foi Príncipe Sidharta de Kapilavastu, uma das famílias mais nobres da Índia. E como tal, muito maior seria o seu desprendimento, se verdadeira fosse a bíblica historieta do Natal. Sim, porque abandonar nome, família, palácios, seria renunciar mais do que aquele que, nascendo de modo tão miserável, nada tivesse a perder com a troca.

No entanto todos eles possuem um nome secreto, como secreta a sua Pátria, chamam-na de Monte Salvat, Avalon, Agartha, Erdemi, Shamballah etc. Que importa aos mortais o modo pelo qual vieram Eles ao mundo? Basta que os tomem por homens vulgares ou iguais aos que perambulam pela face da terra "enfatuados com o seu saber insignificante", mas, com a tara, pequena ou grande, que lhes vem dos seus antepassados?... "Pensar sifiliticamente" como queria Austregésilo ou mesmo "pancreaticamente" como dizia outro ilustre médico, tudo isso é falso, pois que a tara é por demais arcaica para ser descoberta. Provém da própria "queda dos deuses ao se unirem às filhas dos homens"...

Foi inspirado numa dessas multi-seculares tradições dos "Homens sem pátria e sem nome", que Wagner escreveu a sua maravilhosa e iniciática ópera: LOHENGRIN.

Incitando a curiosidade de Elsa, a feiticeira Ortruda consegue sugestioná-la – como Mal em oposição ao Bem. Elsa insiste com Lohengrin que lhe revele seu nome e o país de nascimento, o maior mistério da sua vida!

E assim se trava este diálogo: – Juro que confio em ti, porém, tu, sim, que não confias na tua esposa. Tais segredos ninguém os poderia guardar melhor do que eu.

O Cavaleiro, mirando-a tristemente, respondeu-lhe:
– Por que fazes mais caso das maldosas palavras de uma mulher como Ortruda, que das promessas que me fizeste? Já sabes que tão logo te revele o meu segredo, serei obrigado a deixar o mundo para sempre.

Estas palavras despertaram na mente de Elsa a recordação das que Ortruda proferira na véspera. E assim, retrucou com a maior veemência:
– Seria tal segredo tão vergonhoso, a ponto de não o quereres confidenciar a tua esposa? O Cavaleiro argumentou ainda com ela por muito tempo, na esperança de, carinhosamente, a convencer de que lhe não era permitido pronunciar as palavras fatais.

Fez-lhe ver que sua Pátria era de natureza celestial. E que foi para salvá-la que "havia abandonado o reino da Paz e da Felicidade". Falou-lhe do esplêndido futuro que a ambos aguardava, se governassem com bondade e retidão o ducado de Brabant; porém, Elsa se achava demasiadamente excitada pelos acontecimentos do dia para prestar atenção a tais razões. Ademais, o receio de perdê-lo afligiu-a, a ponto de agarrando-se ao esposo, dizer-lhe, banhada em lágrimas:
– O que por magia vem, por magia deverá ir, contanto que cumpras teu dever de confessar a terra a que pertences.

Um olhar de dor e de tristeza invadiu a fisionomia do Cavaleiro. E já se preparava ele para responder, quando, de repente, se abriu a porta secreta do aposento onde ambos se achavam, dando entrada ao Conde Telramundo, seguido de quatro homens.

Julgavam encontrar Elsa e o Cavaleiro dormindo, para assassiná-los como lhes ordenara Ortruda.

Porém o Cavaleiro não se quedou na surpresa. Ágil, empunhou a espada, com a qual, depois de renhida luta, estendeu sem vida o Conde e seus quatro mercenários. Elsa, mal acreditava em seus sentidos, emudecida de angústia e pavor.

Conduzindo-a para fora do aposento, disse-lhe o esposo: – Está amanhecendo. Preciso falar com o rei, vosso pai, pois, como desejastes, vou revelar o meu segredo, para logo desaparecer do mundo tal como vim para ele...

E dizendo isto, saiu apressadamente do palácio.

Poucas horas depois, os arautos anunciavam ao povo que se reunisse à margem do rio. O Rei e os nobres já se encontravam no lugar, do mesmo modo que os cidadãos ansiosos por saber da notícia que os arautos iam dar ao povo. Ao lado do Rei, diante da multidão, se achava Elsa, trazendo ainda o seu vestido de noiva, porém, com o semblante triste e abatido.
– Aí vem o Cavaleiro! exclamaram diversas vozes.

E ao som das trombetas dos arautos, a multidão foi abrindo alas para que ele pudesse aproximar-se do palanque onde se achavam o Rei, Elsa e toda a sua corte.

Trajava-se ele do mesmo modo como aparecera pela primeira vez no Pais. Sua grande espada pendia na cinta, do lado da qual se via o chifre de ouro, com o qual havia respondido ao desafio do Conde de Telramundo. A cabeça estava coberta por brilhante elmo arrematado por duas asas brancas, símbolo de "Cavaleiro do Cisne".

Depois de saudar o Rei, sua filha e toda a corte, declarou:
– Já sabeis gracioso Senhor, que a princesa Elsa insistiu para que eu lhe revelasse, tanto o meu nome como a minha pátria. De acordo com a sua

exigência, vejo-me obrigado a servi-la. Infelizmente, seu nobre coração deixou-se levar por maus conselhos. E com isso, sou obrigado a regressar ao meu País.
– De nenhum modo, bravo Cavaleiro, respondeu o Rei. Amanhã marcharei para a Alemanha a fim de combater os húngaros e preciso de vós no comando das forças de Amberes que prometeram auxiliar a minha empresa guerreira.
– Com enorme prazer o faria, respondeu o Cavaleiro, se não fosse o fato de deixar Amberes para nunca mais voltar...

E então, voltando-se para o povo, de modo que todos o ouvissem, exclamou:
– Em um País muito distante, oculto por trás de solitários e secretos caminhos existe uma cidade chamada Montsalvat. Possui ela um santuário onde se guarda um dos maiores tesouros da Terra, ou seja, um cálice possuidor de maravilhosa virtude, pois, todo aquele que puder admirá-lo, ficará limpo de todos os seus Pecados. Foi trazido ao mundo pelos anjos. E cada ano, uma pomba branca desce do céu para renovar o precioso dom que o mesmo possui. Ele se chama: Santo Graal. E nós, que somos os seus Cavaleiros, temos o dever de servi-lo com a maior fidelidade possível. Meu pai é o chefe de todos eles. Seu nome é Parsifal. E eu sou Lohengrin.

Um murmúrio de grande surpresa se levantou da multidão, mas o Rei, erguendo o braço, ordenou silêncio. O Cavaleiro prosseguiu:
– Reparar as injustiças, amparar os fracos, instruir os ignorantes, combater os perversos, esta é a Missão a que os Cavaleiros do Santo Graal juraram dedicar as suas vidas. Porém, ninguém deve conhecer o verdadeiro nome do Cavaleiro que pratica o beneficio, porque se revelado for o segredo, o Graal não mais exercerá sobre ele a sua benéfica influência. E então, é seu dever voltar imediatamente à sua Pátria, prostrando-se novamente diante da Santa Relíquia.

Como que ecoando suas últimas palavras, uma exclamação se faz ouvir de todos os lados: Olhai para o horizonte! O cisne branco volta novamente.

E todos se voltando para as águas tranqüilas do rio, viram aproximar-se rapidamente de sua margem, o barquinho rebocado pelo cisne branco, trazendo em torno do pescoço uma corrente de ouro.

Quando Elsa viu a embarcação, compreendeu que o momento havia chegado para a partida do seu bem-amado. E então, abraçando-se com ele e debulhada em lágrimas, dirigiu-lhe a seguinte súplica:
– Deixa-te ficar comigo. Só agora compreendo o mal que te fiz. Se quiseres ficar para governar este povo, será tua a minha vida.

Porém, Lohengrin, afastando gentilmente os braços de Elsa, respondeu:
– Não me é permitido eleger: devo obedecer ao Santo Graal. Já o devias ter compreendido. Se ao menos tivesses acreditado na minha palavra, teu irmão Godofredo teria voltado para o teu lado. E, então, a tua felicidade seria completa. Dizendo isto, depositou um beijo de despedida na fronte de Elsa. E quando se dirigiu para o barquinho, Ortruda, que estava oculta entre a multidão, adiantou-se para Elsa, olhando-a triunfalmente. Soltou uma gargalhada histérica e gritou bem alto para que todos a ouvissem:
– O auxílio do céu de nada te valeu orgulhosa Elsa. Agora sim, posso revelar-te que aquele cisne branco atrelado ao barquinho que leva para sempre o teu esposo, não é outro senão o teu irmão Godofredo. Fui eu quem o atraiu para o

bosque, enquanto se encontrava ao teu lado. Fui eu quem, com o meu mágico poder, o transformei em cisne. E deste modo, podes ficar certa, ele continuará até quando eu quiser. Se tivesses sido fiel à tua promessa durante um ano, confiante em teu esposo, meu malefício ficaria anulado, perdendo eu o direito de te causar qualquer outro dano, e, triunfante repetiu sua estridente gargalhada.

Lohengrin ouvira tudo. Embora sabedor do místico poder do Santo Graal e que lhe não era possível vencer a necromântica força desencadeada contra Godofredo, ajoelhou-se, pondo-se a orar. No mesmo instante, do cerúleo manto do firmamento, surgiu uma linda pomba branca, cercada de uma auréola prateada. Descendo em vôo gracioso pousou no ombro direito do Cavaleiro ajoelhado: em seguida voou para o barquinho, e metendo o bico entre as penas do pescoço do cisne, desatou a corrente que aí se encontrava... E logo a formosa ave se transformava em não menos formosa figura humana. Era Godofredo que saltando à margem do rio, atirou-se nos braços de sua irmã Elsa, beijando-a com ternura e amor fraternal. Então os rogos do povo se faziam ouvir, dirigidos a Lohengrin:

– Não vás! Permanece conosco!, . .

E o barquinho, ora rebocado pela Pomba, que ocupara o lugar do Cisne, cada vez mais se afastava da terra. Erguendo a destra, Lohengrin fez no ar o sinal da Cruz, evocando os quatro pontos cardeais, em sinal de perdão e despedida àqueles que ficavam para logo desaparecer da vista de todos.

Nesse instante, Elsa solta um grito de desespero e cai sem sentidos. Lohengrin, Artus, S. Germano e outros fabulosos Seres, mais ou menos idênticos, que de tempos em tempos aparecem no mundo, só podem responder quanto ao seu verdadeiro nome do seguinte modo: EGO SUM QUI SUM... E, quanto à Pátria: "O meu Reino não é deste mundo!"

CAPÍTULO IV

AS TRÊS FUNÇÕES SUPREMAS

Segundo Saint-Yves d'Alveydre, o chefe supremo da Agartha possui o título de BRAHATMA (seria mais correto escrever BRAHMATMA) "apoio das almas no Espírito de Deus"; seus dois assistentes são o MAHATMA, "representando a Alma Universal", e o MAHANGA, "símbolo de toda a organização material do Cosmos" [76]. Trata-se da divisão hierárquica, que as doutrinas ocidentais representam pelo ternário "corpo, alma e espírito", e que aqui se aplica de acordo com a analogia constitutiva do Macrocosmo e do Microcosmo. Convém assinalar que semelhantes termos sânscritos designam propriamente princípios, não podendo, portanto, ser aplicados a seres humanos, a menos que estes representem os referidos princípios, de sorte que, mesmo em tal caso, estarão eles ligados essencialmente a funções, e não a individualidades. Segundo Ossendowski, o MAHATMA "conhece todos os acontecimentos futuros", e o MAHANGA "dirige as causas desses mesmos acontecimentos"; quanto ao BRAHATMA, "pode falar a Deus face a face",[77] sendo fácil compreender o que tal coisa significa, desde que o leitor se recorde que o mesmo "ocupa o ponto central onde se estabelece a comunicação direta entre o mundo terreno e os estados superiores, através dos quais se liga ao Princípio Supremo" [78]. Além disso, a expressão "Rei do Mundo" no seu sentido restrito, e em relação apenas com o mundo terreno, seria bastante inadequada; nesse caso, mais perfeito seria aplicar ao BRAHATMA a de "Senhor dos três mundos" [79]., porque, em toda hierarquia verdadeira, aquele que possui o grau superior, possui ao mesmo tempo, e pela mesma razão, todos os graus que lhe são subordinados, estes "três mundos" (que constituem o TRIBHUVANA da tradição indiana) são, como explicaremos mais adiante, os domínios que correspondem, respectivamente, às três funções por nós diversas vezes apontadas.

"Quando o Rei do Mundo sai do Templo, diz Ossendowski, irradia a Luz Divina". A Bíblia hebraica diz exatamente a mesma coisa de Moisés, quando este desceu do Monte Sinai [80] , sendo de notar que a tradição muçulmana, por sua vez, reconhece o mesmo Moisés como tendo sido o "Pólo" (EL-QUTB) de sua época.

Não será por essa mesma razão que a Cabala o aponta como sendo instruído por METATRON? Não seria demais fazermos aqui uma distinção entre o

---

[76] F. Ossendowski escreve Brahytma, Mahytma e Maynga. (NOTA DO AUTOR)

[77] Já se teve ocasião de verificar que METATRON é o "Anjo da Face". (NOTA DO AUTOR)

[78] Segundo a tradição extremo-oriental, "o Invariável Meio" é o ponto onde se manifesta "a Atividade do Céu". (NOTA DO AUTOR)

[79] Aqueles que se admirassem de semelhante expressão, poderíamos perguntar se já refletiram alguma vez sobre o significado do termo TRIREGNUM, a tiara de três coroas que é, com as chaves, uma das principais insígnias do Papado. (NOTA DO AUTOR)

[80] Diz-se ainda que Moisés foi obrigado a cobrir o rosto com um véu, a fim de se dirigir a seu povo, que não estava em condições de suportar tamanho brilho (*Êxodo*, XXIV, 29-35). No sentido simbólico tal coisa indica a necessidade de uma adaptação exotérica para a multidão Lembramos a esse respeito o duplo sentido do termo revelar, que tanto pode ser "retirar" o véu como "recobrir com o véu", o mesmo dizer que a palavra também se manifesta como vela (ou venda) do pensamento que a mesma expressa. (NOTA DO AUTOR)

principal centro espiritual e os secundários, ou aqueles que lhe estão subordinados, e que o representam, apenas, segundo tradições particulares e especialmente adaptadas a determinados povos. Sem querermos nos estender a respeito, preferimos assinalar que a função de "legislador" (em árabe RASUL), que é dada a Moisés, faz supor uma delegação do poder que é designado pelo nome de MANU; e por sua vez, um dos significados contidos nesse mesmo termo, indica, precisamente, "o reflexo da Luz Divina".

"O Rei do Mundo, diz um Lama a Ossendowski, está sempre em contato com o pensamento de todos aqueles que dirigem o destino da humanidade... Ele conhece as suas intenções e idéias. Se elas agradam a Deus, o Rei do Mundo lhes favorecerá com seu auxilio invisível; se, ao contrário, elas são do Seu desagrado, Ele provocará a sua queda. Tal poder é dado a AGHARTI pela ciência misteriosa de OM, palavra sagrada com a qual começamos todas as nossas preces". E a seguir vem uma frase, que para todos quantos têm uma vaga idéia do significado do monossílabo OM deve causar verdadeiro assombro: "OM é o nome de um antigo santo, o primeiro dos GOROS (Ossendowski escreveu GORO em vez de GURU), que viveu há perto de trezentos mil anos". Esta frase, com efeito, torna-se completamente indecifrável se não lançarmos mão do seguinte raciocínio: A referida época, que, segundo pensamos, não é indicada senão de modo muito vago, deve ser muito anterior, à era do MANU atual; de outra parte, o ADI-MANU ou o primeiro MANU do nosso KALPA (VAIVASVATA sendo o sétimo), é chamado: SWAYAMBHUVA, isto é, procedente de Swayarnbhu, "Aquele que subsiste por si mesmo", é o LOGOS ETERNO; ora, o LOGOS ou aquele que o representa diretamente, pode ser, portanto, designado como o primeiro dos GURUS ou "Mestres espirituais"; e, com efeito, OM é, em realidade, um nome do Logos [81].

Outrossim, a palavra, OM oferece imediatamente a chave da divisão hierárquica das funções entre o BRAHÂTMÂ e seus dois assistentes, tal como já tivemos ocasião de dizer. Com efeito, segundo a tradição indiana, os três elementos deste monossílabo sagrado simbolizam, respectivamente, os "três mundos", dos quais já tivemos ocasião de falar, ou seja, os três termos do TRIBHUVANA: a Terra (BHU), a Atmosfera (BHUVAS), o Céu (SWAR). Com outras palavras, o mundo da manifestação sutil ou psíquica, o mundo principal não manifestado[82]. Eis aí, pois, de baixo para cima, os próprios domínios do MAHÂNGA, do MAHÃTMA e do BRAHÃTMÃ, como facilmente se pode verificar

---

[81] Este nome é encontrado de modo algo estranho no antigo simbolismo cristão, onde, entre os sinais que serviram para representar o Cristo, sobressai aquele que mais tarde foi considerado como abreviatura de Ave-Maria, mas que, primitivamente, equivalia àquele outro que abrangia as duas letras extremas do alfabeto grego, alpha e ômega, para significar que o Verbo é o começo e o fim de todas as coisas. De fato, ele se torna mais completo porque significa, em verdade, o começo, o meio e o fim. Tal símbolo decompõe-se no termo AUM, isto é, nas três letras latinas que correspondem, exatamente, aos três elementos constitutivos do monossílabo OM (a vogal **O** em sânscrito, sendo formada pela união de **a** e **u**). A ligação existente entre o AUM e a SWÁSTIKA. Tomados um e outro como símbolos de Cristo, parece-nos particularmente significativa do ponto de vista em que nos colocamos. De outro modo, é preciso ainda assinalar que a forma desse mesmo símbolo apresenta dois ternários dispostos em sentido contrário um do outro o que, de fato, não deixa de ser semelhante ao "selo de Salomão"; considerado sob a forma onde o traço Horizontal médio garante o significado geral do símbolo, demarcando o plano de reflexão ou "Superfície das águas", vê-se que ambas as figuras comportam o mesmo número de linhas e não diferem, senão pela disposição de dois destes, que horizontais em uma, tornam-se verticais em outra. (NOTA DO AUTOR)

[82] Para mais amplo desenvolvimento sobre a concepção dos "três mundos" tomamos a liberdade de indicar nossas obras anteriores: *O Esoterismo de Dante*, e *O Homem e Seu Futuro Segundo a Vedanta*. (NOTA DO AUTOR)

pela interpretação de seus títulos já dados em outros lugares deste capítulo; são justamente as relações de subordinação existentes entre esses diferentes domínios que justificam para o BRAHÃTMÃ o título de "Senhor dos Três Mundos", por nós empregado anteriormente [83]: "Este é o Senhor de todas as coisas, o onisciente (que vê imediatamente todos os efeitos em sua causa), o ordenador interno (que reside no centro do mundo e rege-o de dentro para fora, dirigindo seu movimento sem dele participar), a fonte (de todo poder legítimo), a origem e o fim de todos os seres (da manifestação cíclica da qual ele representa a Lei)" [84].

Para nos servirmos ainda de outro simbolismo, não menos rigorosamente exato, diremos que o MAHÂNGA representa a base do triângulo iniciático, e o BRAHÃTMÃ seu cume. Entre os dois o MAHÂTMÂ encarna de algum modo um principio mediador (a vitalidade cósmica, o ANIMA MUNDI dos hermetistas), cuja ação se desdobra no "espaço intermediário". Tudo isto é figurado muito claramente pelos caracteres correspondentes do alfabeto sagrado que Saint-Yves denomina de VATTAN, e Ossendowski VATANNAN, ou "o que volta ao mesmo ponto", pelas formas geométricas (linha direita, espiral e ponto), aos quais se referem os três MÂTRÂS ou elementos constitutivos do monossílabo OM.

Expliquemo-nos mais claramente ainda: ao BRAHÂTMÃ pertence à plenitude dos dois poderes, sacerdotal e real, considerados principalmente, e de alguma sorte, no estado indiferenciado; estes dois poderes se distinguindo, no sentido manifestativo, o MAHÂTMÃ representa o poder sacerdotal e o MAHÃNGA, o poder real. Esta distinção corresponde à dos BRÃHMANES e dos KSHATRIYAS; mas, embora estando eles "acima das castas", o MAHÂTMÃ e o MAHÃNGA possuem, tanto quanto o BRAHÂTMÂ, um caráter ao mesmo tempo sacerdotal e real. A propósito, abordaremos um ponto que, segundo parece, não foi até hoje devidamente explicado, e que, no entanto, é dos mais importantes que já tivemos ocasião de aludir aos "Reis Magos" do Evangelho, como reunindo entre si os dois poderes; diremos agora que estes personagens misteriosos não representam outra coisa senão os três chefes da AGARTHA[85]. O MAHÂNGA oferece ouro ao Cristo e o saúda como "Rei"; o MAHÂTMÃ oferece-lhe incenso e o saúda como "Sacerdote"; enfim, o BRAHÂTMÃ oferece-lhe a mirra (o bálsamo da incorruptibilidade, imagem do AMRITÂ) e o saúda como "Profeta" ou Mestre espiritual por excelência. A homenagem assim prestada ao Cristo nascente, nos três mundos, como seus próprios domínios, pelos representantes autênticos da tradição primitiva, é ao mesmo tempo – que se compreenda bem – o penhor da perfeita ortodoxia do Cristianismo no que diz respeito à semelhante passagem.

Compreende-se que Ossendowski não estivesse em condições de esclarecer este assunto, pois, do contrário, poderia ao menos observar a rigorosa analogia existente entre o ternário supremo da AGARTHA e o do mesmo Lamaísmo: o DALAI-LAMA "realizando a santidade (ou a pura espiritualidade) de BUDHA"; o TRASHI-LAMA, "realizando a ciência" (não "mágica", como se lhe

---

[83] Na ordem dos princípios universais, a função do BRAHÂTMA se refere à ISHWARA, a do MAHÂTMA a HIRANYA GARBHA, e a do MAHÂNGA a VIRAJ; suas atribuições poderiam ser facilmente, deduzidas de semelhante correspondência. (NOTA DO AUTOR)

[84] Mandukya-Upanishad, shruti 6. (NOTA DO AUTOR).

[85] Saint-Yves diz muito bem que os três "Reis Magos" vieram da Agartha, mas sem abordar outros pontos a respeito. Os nomes, que lhe são comumente atribuídos são, sem dúvida, fantásticos, salvo aquele de MELKIOR, em hebreu "Rei da Luz", por sinal que muito significativo. (NOTA DO AUTOR)

afigura, mas, antes "teúrgica") e o BOGDO KHAN, "representando sua força material e guerreira"; é exatamente a mesma divisão segundo os "três mundos".

Poderia mesmo fazer semelhante observação, tão facilmente como o fez ao indicar que a capital de AGARTHI faz lembrar LHASSA ou o palácio do DALAI-LAMA, o POTALA, no cume de uma montanha coberta de Templos e mosteiros". Tal modo de expressar é, aliás, defeituoso por deturpar o verdadeiro sentido, pois, em realidade, é da imagem que ela faz lembrar o seu protótipo, e não o contrário.

Ora, o centro do Lamaísmo não pode ser senão uma imagem do verdadeiro "Centro do Mundo"; mas, todos os centros dessa natureza apresentam, quanto aos lugares em que se acham estabelecidos, certas particularidades topográficas comuns, porque tais particularidades, bem longe de serem indiferentes, possuem valor simbólico incontestável e, a mais, devem estar em relação com as leis segundo as quais agem as "influências espirituais".

Existe, ainda, outra concordância digna de ser citada: Saint-Yves, descrevendo os diversos graus ou círculos da hierarquia iniciática, todas elas relacionadas com certos números simbólicos, referindo-se, principalmente, às divisões do tempo, termina dizendo: "O círculo mais elevado e mais aproximado do centro misterioso é composto de doze membros, representando a iniciação suprema, correspondendo, além de outras coisas, à zona zodiacal". Ora, semelhante constituição é reproduzida no que se denomina de "conselho circular" do DALAI-LAMA, formado pelos grandes Namshans (ou Nomekhans); do mesmo modo que se repete em certas tradições ocidentais, principalmente nas que dizem respeito aos "Cavaleiros da Távola Redonda". Diremos ainda que os doze membros do círculo interior da Agartha, do ponto de vista cósmico, não representam apenas os doze signos do Zodíaco, mas também (seríamos tentados a dizer "antes", embora as duas interpretações não se prejudiquem mutuamente) os doze ÂDITYAS, que representam formas solares, com esses mesmos signos zodiacais [86]**.;** do mesmo modo como o MANU VAIVÁSVATA é chamado de "filho do Sol", o do Mundo", por sua vez, possui o Sol entre os seus emblemas [87] .

A primeira conclusão que se tira de tudo isto é que existem, de fato, estreitas ligações entre as descrições com (que todos os países se referem a centros espirituais mais ou menos ocultos ou, pelo menos, de difícil acesso. A única explicação plausível que podemos dar a respeito é que, se tais descrições se referem a centros diferentes, como é de julgar em certos casos, eles não são, por assim dizer, senão reflexos ou emanações de um centro único e supremo, do

---

[86] Diz-se que os ADITYAS (provindos de ADITY ou o "Indivisível), foram no começo sete, antes de serem doze, e que seu chefe era, então, VARUNA. Os dozes ADITYAS são: DHÂTRI, MITRA, ARYAMAN, RUDRA, VARUNA, SURYA, BRAGA-VIWASVAT, PUSHAN, SAVRI, TWASHTRI, VISHNU. Eles representam a manifestação de uma essência única e indivisível; e, diz-se, também, que esses Doze Sóis aparecerão todos de uma só vez, no fim do ciclo, quando, de fato, darão entrada na Unidade essencial e primordial de sua comum natureza. Entre os Gregos, os Grandes Doze Deuses do Olimpo, por sua vez, estão ligados aos Doze Signos do Zodíaco. (NOTA DO AUTOR)

[87] O símbolo a que fazemos alusão é justamente aquele que a liturgia católica atribui ao Cristo, quando lhe aplica o título de SOL JUSTITIAE: o Verbo é, de fato, o "Sol espiritual", isto é, o verdadeiro "Centro do Mundo"; e, de outro modo, a referida expressão SOL JUSTITIAE se refere diretamente aos atributos de MELKITSEDEK. Devemos, ainda, assinalar que o Leão, animal solar, foi, tanto nos tempos antigos, como na Idade Média, um emblema representativo, ao mesmo tempo, do Poder e da Justiça. O signo do Leão é, no Zodíaco, o domicílio do Sol. O Sol de doze raios pode ser considerado como representação dos doze ADITYAS. Sob outro ponto de vista, se o Sol figura o Cristo, os doze raios, por sua vez, representam os doze apóstolos (a palavra apóstolo significa "enviado", e os raios são, de resto, "enviados pelo sol"). Donde se depreende que o Cristianismo foi inspirado na tradição primitiva. (NOTA DO AUTOR)

mesmo modo que todas as tradições particulares não são mais, em suma, do que adaptações da grande tradição primordial.

COMENTARIOS DO TRADUTOR

É bem conhecida a afirmação de Krishna ao seu discípulo Árjuna no BHAGAVAD GITA (O Canto do Bem-aventurado) : "Todas as vezes, ó filho de Bhârata, que DHARMA declina e ADHARMA se levanta, Eu me manifesto para salvação dos bons e destruição dos maus. Para restabelecimento da Lei. Eu nasço em cada Yuga". Em tais ciclos se manifesta o Espírito de Verdade chamado, em linguagem teosófica, de *Avatara*.

Em ciclos menores (dentro dos maiores) também conhecidos como "florescer do Loto das Mil Pétalas nos lagos sagrados de Shamballah", o mesmo fenômeno acontece, porém com outros seres de hierarquias diferentes, portadores de missão especial para o mundo. "No começo de cada um desses curtos períodos, somos afetados por um Movimento tendente a levantar novo dique contra a vaga do materialismo imperante".

No século XIV, por exemplo, desenvolveu-se o trabalho grandioso de CHRISTIAN ROSENKREUTZ, fundador da Fraternidade Rosacruz na Alemanha, hoje secretamente estabelecida em certa região de Norte-América. Infelizmente, os seus imitadores se contam às dezenas. No século XV, a Renascença e as grandes INVENÇÕES (melhor dito, DESCOBERTAS, na razão do "Nihil novi sub sole"); a descoberta da América, por ser a região onde deveria firmar os seus alicerces a nova civilização, através de dois ramos raciais que serviram de expressivo nome para a Missão em que a S. T. B[88]. está empenhada. O eminente sociólogo mexicano José Vasconcelos, assinala-o com expressivas palavras: "É dentre as bacias do Amazonas e do Prata que sairá a Raça Cósmica, que REALIZARÁ A CONCÓRDIA UNIVERSAL, POR SER FILHA DAS DORES E DAS ESPERANÇAS DE TODA A HUMANIDADE".

Referindo-se aos dois ramos raciais, que se sucedem um ao outro, ou melhor, se interpenetram, por sua vez, o eminente polígrafo espanhol Mário Roso de Luna, em uma das suas CONFERÊNCIAS TEOSÓFICAS NA AMÉRICA DO SUL (esta, porém, no Rio de Janeiro) teve ocasião de dizer: "O País de Pinzón, Cabral, Lope e Souza, por sua maior vizinhança com a Europa e África; por sua mescla de raças e por inúmeras outras razões, demonstra excepcionais características, que nos dão direito de dizer que seus futuros destinos são semelhantes aos de Norte-América; que em cultura, para as costas, nada fica a desejar à Europa; do mesmo modo que, em belezas naturais e elevada espiritualidade, faz lembrar berço do povo ário, a índia. E isto como se no desenvolver dessa nobre Raça – da Ásia à Europa e desta à América, *coubesse ao Brasil a glória de servir de remate ou epílogo* daquele povo, com uma civilização fluvial costeira idêntica à de todos os grandes rios, chamados Ganges,

[88] S.T.B. Sociedade Teosófica Brasileira, por ocasião da tradução do livro, e, desde 1969, denominada S.B.E. (Sociedade Brasileira de Eutiose, com sede no Rio de Janeiro, à Rua Gomes Freire, 537, tel 2254-9944). Nota do colaborador AK

Indo, Oxus, laxarte, Nilo, Tigre e Eufrates, Danúbio, Ródano, Reno. Mississipi etc. cada um deles legando ao humano passado um florão da sua Coroa... **Não resta a menor dúvida que as Bacias do Amazonas e do Prata, com o decorrer dos tempos selarão nas suas ribeiras os destinos do mundo, quando a estrela que hoje brilha no zênite de Norte-América se aproximar do ocaso do seu poderio".**

No século XVI, a Restauração; as obras de Robert Bayle e a fundação da "Real Sociedade de Ciências de Inglaterra". A descoberta do Brasil por Pedro Alvares Cabral que, em verdade, representa "o espiritual codicilo do valioso testamento feito por Cristóvão Colombo no alvorecer de uma Era Nova para o mundo. Ambos representam, pois as AGARTINAS FIGURAS que tiveram a missão espiritual – por isso mesmo repleta de urzes e espinhos – de construir, os primeiros alicerces do Grande Edifício em que se apóia a Obra grandiosa conduzida pela S.T.B.

No século XVII, o Ocultismo da Renascença e as grandes INVENÇÕES (ou descobertas) e a Revolução de Oliver Cromwell, na Inglaterra.

No século XVIII, a Revolução Francesa e a misteriosa trajetória dos Condes Cagliostro e S. Germano, os quais representaram grande papel na referida Revolução. Neste sentido, o leitor interessado encontrará elucidações no artigo intitulado Cagliostro e S. Germano, publicado em o número 110 da Revista Dharana.

No século XIX, o surto do Espiritismo, de origem francamente atlante, quando a humanidade, em franca oposição aos mistérios do "além-túmulo", envolvida na mais baixa materialidade, precisava ser impressionada por fenômenos desconcertantes, mas de ordem puramente psíquica ou astral, para ter provas insofismáveis de que a vida não acaba com a pseudo-morte. S. Paulo já afirmava: "A morte é a maior das mentiras". Resta saber "matar a morte", isto é, vencer tudo quanto é mortal no homem, tornando-se este, um Imortal. O Espiritismo; que antes devera chamar-se Psiquismo ou Animismo (Psiké, alma) é a ponte de ligação entre o físico e o mental. Justamente o mental é a TEOSOFIA. E foi a razão de, dentro deste mesmo surto espírita, aparecer a heróica é ilustre princesa russa Helena Petrovna Hann de Fadeef Blavatsky, trazendo para o Ocidente o facho sagrado da Doutrina Secreta, Teosofia ou Sabedoria Iniciática das Idades, firmando-se em Norte-América, para chefiar o ramo lunar da "Missão Y", pois que, ela mesma na Introdução da sua Doutrina Secreta, profetizou a vinda de outro Ser para o começo do século XX, o qual, em verdade, é o Chefe da Obra em que a S.T.B. está empenhada, ou haste solar, portanto, desse mesmo movi mento cujos dois ramos, unidos, deram origem ao nome "Missão Y". Convém ser dito, embora de passagem, que o grande erro de Blavatsky foi deixar Norte-América, transferindo-se para a Índia, causando um recuo ou involução às diretrizes que lhe tinham sido traçadas. Seus sofrimentos foram enormes no referido lugar, dos quais compartilhou seu companheiro de missão o Cel. Henry Steel Olcott. Não é também demais apontar que o surto do Espiritismo (com o auxílio da Fraternidade Jina de Yucatã) também se deu em Norte-América, em 1847 na cidade de Hydesville, no Estado de New York, em uma casa onde acabava de se instalar a família Fox. E isto demonstra que o psíquico ou astral não pode prevalecer sem o auxílio do Mental. No mesmo século também se deu a

Proclamação da República Brasileira, ou seja: cem anos justos depois da revolução francesa. Politicamente falando, esses dois movimentos consolidavam as bases de outro, porém de ordem cultural-espiritualista, que é justamente o nosso. Na índia, em 1883, o seu último rebento espiritualista, que foi o grande místico Ramakrishna, desaparecia, enquanto no Ocidente (Brasil) nascia aquele que viria a ser o Chefe do referido Movimento.

No século XX, depois de acidentada viagem ao Norte da índia. "vem ele do Oriente", como assinalou Blavatsky, na introdução da sua Doutrina Secreta, isto é, "em 1900 ou começo do século XX", houve a Conflagração européia de 1914; a seguir, revoluções na Rússia, no México, em Portugal, na Espanha (sendo que nesta, com a proclamação da República); em diversos países sul americanos, inclusive no Brasil; a guerra mundial 1939-1945, e as conseqüentes revoluções, provocando por toda a parte profundas modificações políticas, sociais, técnicas, religiosas, filosóficas. Também devem ser assinaladas as grandes descobertas técnicas, arqueológicas, astronáuticas que dia a dia vem assombrando o mundo, a começar pela aviação ("o mais pesado do que o ar"), que coube ao ilustre Santos Dumont; a radiotelegrafia, a televisão, o cinema falado, as maravilhas da eletrônica, da energia nuclear e quantas outras descobertas estão surgindo neste século, inclusive, na medicina, salvando milhares de vidas e aumentando o índice de longevidade. Mas, por sua feição cultural-espiritualista, teosófica e mormente reveladora, a tudo isso sobrepujam a Obra e a Missão de J.H.S. na fundação e na presidência da S.T.B.

Para que o leitor possa formar uma idéia mais profunda do que foram outros movimentos preparatórios do seu, que a bem dizer é a Síntese dos demais, procuraremos desenvolver algumas das teorias dos principais deles, por serem, de certo modo consentâneos com alguns dos ramos científicos e filosóficos da própria Teosofia. Referimo-nos ao Tratamento Mental.

TRATAMENTO MENTAL

O *Tratamento Mental* é a arte de aplicar o conhecimento metafísico das Leis do Ser e da Natureza em direção aos movimentos automáticos e involuntários da alma inferior ou animal (KÂMA-MANAS), também chamada de subconsciente, corpo astral. Foi a ciência da direção sistemática da vida humana que formou a base da Ciência da Antiga Magia.

O *Tratamento Mental* é diferente, quer do Magnetismo, como da Sugestão, do Hipnotismo, da Psicanálise etc., pois inclui na sua prática um fator metafísico de forma elevada: tal fator se baseia na União do Homem com o seu Criador, que é o mesmo

objeto da Ioga oriental. Donde a tradicional frase sânscrita do logue no momento de entrar em transe ou samadi: "Tat Twan Asi" (Eu sou Ele. Eu sou Brahmã. o Eterno Onisciente, Onipotente e Onipresente). Estes três atributos não são aqui empregados arbitrariamente, pois correspondem às três emanações sucessivas do Infinito: o Pensamento (*Manas*), a Força (*Jiva*) e a Matéria (*Prakriti*).

O emprego do Magnetismo – tal como do Hipnotismo, da Sugestão e da Psicanálise – não necessita do estudo aprofundado da relação existente entre o Homem e Deus (a Unidade Imperecível donde tudo e todos procedem), enquanto o Tratamento Mental exige o indispensável conhecimento metafísico da parte

puramente espiritual do homem, que também se poderia chamar de fisiologia oculta ou de hiperbiologia humana.

O Magnetismo limita-se, com efeito, a determinar, mecanicamente, por assim dizer, certos movimentos mais ou menos extraordinários do Fluido Vital, enquanto a Sugestão age sobre o comando psicomental de nossos atos, conscientes ou inconscientes, sem se preocupar com os resultados transcendentais que do mesmo se derivam.

Não queremos dizer com isto que na prática, esses três métodos de cura estejam isolados uns dos outros; porém, não é menos verdade que, teoricamente, eles são completamente distintos. O Tratamento Mental, pelo seu mecanismo de ação, exige, certamente, que se ponha em jogo a Auto-sugestão ou Ideação. A Sugestão, ou psicoterapia, concorre para os movimentos fluem Bicos que representam a mola principal do Magnetismo, mas com isto, seria absurdo querer confundir o Magnetismo com a Sugestão. Urna das particularidades importantes do Tratamento Mental é sua maravilhosa influencia contra todas as desarmonias que se dão no corpo humano, por isso mesmo concorrendo para uma cura perfeita.

A introdução do fator metafísico torna seu emprego particularmente eficaz, do mesmo modo que preventivo, de acordo com o que nos ensina o método de governar continuamente as forças ambientes, segundo as leis da Natureza, concorrendo para a Harmonia e, por conseguinte, para a saúde e a serenidade. E isto porque toda desarmonia, toda e qualquer doença não é senão uma contravenção às leis da natureza, como dizia outrora Mesmer, em seu Aforismo 309: *"Não há senão uma doença e, portanto, um só remédio. A perfeita harmonia de todos os nossos órgãos e de suas funções constitui a saúde. A doença não é mais do que uma aberração dessa harmonia. A cura consiste em restabelecer a harmonia perturbada, etc."*

Ora, o estudo metafísico do Ser humano conduz precisamente a esse raciocínio, ou seja, que o homem é o resultado físico e biológico de uma série de manifestações vitais, hiperfísicas, todas elas governadas por influências do mais puro mentalismo.

É, pois, natural a captação e canalização da própria fonte da vida (que nós temos a veleidade de dizer que conhecemos) que é não só a base do Tratamento Mental, como de outros fenômenos, a que o vulgo denomina de “milagres". Este é o único ponto em que a verdadeira Religião está de mãos dadas com a Ciência. Sim, por que ambas se confundem num só e precioso binômio: RELIGIÃO-SABEDORIA, que, em verdade, é AMOR e INTELIGÊNCIA, ou *Bhakti* e *Jnana*, como os dois caminhos da Vedanta. No meio se acha Karma, que é aquele por onde se agita a humanidade inteira.

É assim que, nos períodos de crise, onde todo o Ser foi absorvido por uma luta puramente defensiva, que sua aplicação é mais proveitosa, substituindo-se uma ação *ofensiva* por outra *defensiva*, e aproveitando a totalidade das forças humanas que, em caso de doença, são minoradas pelo enfraquecimento que disto resulta.

Tratamento Mental não é mero tratamento médico, por não tratar apenas doenças; é um tratamento filosófico: ele se dedica aos homens, quer em estado

normal, como anormal, ensinando-lhes como devem melhorar e manter em si mesmos a Harmonia, isto é, a Saúde e a Serenidade, sob todos os seus aspectos.

SUBDIVISÕES DO TRATAMENTO MENTAL

Podem-se distinguir três graus no tratamento mental: o simples, o metafísico e o espiritual.

O primeiro grau ou Tratamento Mental simples, que não é senão uma sugestão mental, telepática, cientificamente aplicada: o operador colocando-se num estado de recolhimento "trata" o seu paciente (esteja este presente ou não), por um método aperfeiçoado de transmissão de pensamento.

Desde a descoberta da telegrafia sem fio, que é uma analogia material perfeita da Telepatia, cessaram as controvérsias sobre o assunto. Hoje são poucos os que não acreditam na transmissibilidade do pensamento, que de resto vem constituindo motivo de atração em palcos e picadeiros e mesmo em reuniões familiares.

O segundo grau ou tratamento metafísico difere do precedente no que ele faz intervir explicitamente (e não mais implicitamente) a relação íntima do Homem com o seu Criador, por uma invocação formal e direta ao mesmo dirigida, porém em nosso imo. Se Ele nos fez à sua semelhança, é lógico supor que em nós reside, e que quando lhe dirigimos preces ou súplicas externamente, estamos separando, assim, o CRIADOR DA CRIATURA. A verdadeira oração ou prece é o recolhimento espiritual, a meditação em silêncio que possa conduzir ao total isolamento do mundo externo, resultando na união mística, que outra coisa não é senão o êxtase dos santos, em tudo idêntico ao "samadi" dos iogues. Donde se infere ser absurdo pedir ou pagar a terceiros para rezarem por nós... como se a Justiça Divina tivesse "procuradores" com poderes especiais para interpretá-la e distribuí-la entre os mortais [89] .

Qualquer que seja o fim do tratamento, o operador expõe (mental ou oralmente, pouco importa) ao paciente as leis metafísicas da vida, concitando-o a entregar-se com a Fé mais inabalável possível à Fonte Suprema, que alimenta sem cessar a sua existência e a de todos os seres. Enfim, termina por uma espécie de invocação, de caráter eminentemente filosófico, ou seja, o de RELIGAR (ou tornar a unir, na razão do termo religião, RELIGIO, religar ou religare) direta e conscientemente – o doente ao seu Criador (ou Origem divina), segundo as leis da harmonia; porém, como foi dito, *sentindo-O em seu próprio imo*.

O terceiro grau, ou tratamento espiritual, difere dos dois anteriores, por se achar ainda fora do alcance da maioria dos homens, em vista de o operador se desligar inteiramente de qualquer ação pessoal sobre o seu "paciente", colocando-se sob o poder do espírito, que é quem opera diretamente a cura – ou antes, realiza o fenômeno. O tratamento espiritual implica, pois, a faculdade que tem o operador de se desligar completamente da sua natureza material, revestindo-se,

---

[89] Leia-se, a propósito da verdadeira oração, a definição contida no Evangelho de S. Mateus, VI, vers. 6. O ocultista e o teósofo dirigem sua oração "a seu Pai que existe em segredo", e não a um Deus extra-cósmico e, portanto finito; e esse "Pai" é "Deus" latente do homem: é a Tríade Suprema (Atmã, Budi, Manas) à qual o iniciado S. Paulo chamava exotericamente de “Cristo interno.

momentaneamente, da faculdade espiritual por ele alcançada por meio de exercícios especiais durante algum tempo da sua vida, ou vidas.

Esses três graus ou processos de "tratamento" estão ligados aos exercícios de Ioga que, nas escrituras hindus se chamam *Hatha-Yoga* ou ciência do bem-estar físico; *Gnana-Yoga* (Jnana, Djin ou Jina, alma, portanto, e não a falsa interpretação que a maioria dá ao referido termo), ou seja, a do preparo da alma (corpo emocional) para entrar em afinidade com o espírito (o Não-Eu com o Eu, a alma inferior com a superior).

Outro sentido, não tem a passagem mitológica, onde Psyké (a alma) anda em busca do seu bem-amado (o Espírito), por não poder viver sem ele. Finalmente *Rajah-Yoga* (Iogareal, como seu nome o diz), ou a do desenvolvimento espiritual, já agora, a união do Espírito, da Consciência Imortal, com a sua Origem. Esses três métodos ou graus de desenvolvimento (dos três corpos de que se compõe o homem, segundo Plutarco e outros) estão em pleno acordo com os três caminhos da Vedanta: *Jnana, Bhakti e Karma*.

Passemos agora a uma síntese histórica, antiga e moderna, dessas diversas práticas.

É fácil compreender pela enumeração precedente, que esses três graus se fundem, insensivelmente, uns nos outros, segundo os diversos operadores, ou melhor, segundo o grau de desenvolvimento psíquico por eles alcançado, que tanto vale dizer, estados de evolução diferentes.

Reportando-se à escala que acabamos de enumerar, o último, que é o tratamento espiritual, que parece atributo de um Deus, antes que de um homem, na história está apontado na vida de diversos taumaturgos, dentre eles o Cristo. Quanto ao tratamento metafísico, que a bem dizer, é mais abordável, acha-se largamente em prática na América por todos os discípulos do Sr. Parkhurst Phineas Quimby, ou seja os membros da Christian Science ou Cia New Thought; e, enfim, o tratamento mental simples, conhecido por todos os magnetizadores místicos. Por sua vez, da sugestão mental para a sugestão verbal não vai mais do que um passo, pois que, em verdade, é a esta que se chama de Hipnotismo, além de outros métodos empregados "para se obter o sono artificial". Quanto ao Magnetismo propriamente dito, o operador age sobre o paciente em estado de vigília.

Entre os seus diversos processos, figuram: o contato, a .relação, os passes, o sopro (quente e frio, etc.).

O Sr. P. P. Quimby é um dos mais notáveis personagens do psiquismo quase contemporâneo, e merece que se diga alguma coisa a seu respeito. Trata-se de um americano de família humilde, nascido em 1802, em Lébanon, New Hampshire. Começou a vida como relojoeiro. Sugestionado pela ciência de Mesmer, tornou-se magnetizador-mesmerista. E, finalmente, depois de uma longa prática, tornou se curador metafísico, segundo o método por ele criado, servindo-se de vários objetos por ele usados até o fim da sua vida. E isto, em diversas regiões da América. Sua morte se deu no ano 1866, em Portland, no Estado de Maine.

Foi praticando o magnetismo curador de Mesmer, e com o auxílio da clarividência de um dos seus sujets (pacientes, passivos), Lucius Burkman, que ele se assenhoreou do campo ilimitado do Tratamento Mental. Dotado de espírito

prático e metódico, dedicou-se a inumeráveis pesquisas para, finalmente, formular um sistema de sua própria descoberta, que, a bem dizer, foram seus discípulos que levaram avante. Trata-se de um método estreitamente ligado à filosofia monística da Vedanta. O famoso operador capacitou-se do poder ilimitado que todo homem possui sobre si mesmo, pelo emprego judicioso de suas faculdades mentais. Sua teoria principal é a de que "o doente acima de tudo representa um erro do mental, que se torna mais tarde um efeito material. Que seja suprimido o erro mental original, e o implicação material, infalivelmente, desaparecerá".

Esta teoria tão simples quanto verdadeira, é a quintessência da filosofia de Quimby. Muito contribuiu para o êxito da sua carreira o fato de ter curado três personagens importantes, os quais, depois de se verem livres dos males que os afligiam, fizeram grande propaganda da sua doutrina. Tais personagens foram: Madame Eddy, a fundadora da *Christian Science*, e M. M. Dresser e Evans, pioneiros do movimento filosófico conhecido atualmente sob o nome de New Thought.

PROVAS DE EFICÁCIA, A FÉ

Depois de apontarmos, em linhas gerais, o que diz respeito aos métodos empregados no Tratamento Mental, e de fazermos também um pequeno histórico dos seus principais fundadores, passaremos às provas da sua eficácia, rara que não se sujeite ao escárnio com que a maioria tem recebido tudo quanto diz respeito à Metafísica aplicada à vida material.

O Templo do Espírito, nosso corpo visível, é o resultado de tentativas multisseculares para a expressão da Vida, cada vez mais perfeita, na sua monumental estrutura.

Nós somos hoje aquilo que temos pensado, aquilo que mais poderosamente temos desejado em nossas vidas anteriores. E cada vez que a alma se reveste de um corpo visível, ela atrai para seu ambiente (ovo áurico) tudo quanto é mais próprio ou afim com as suas tendências e, portanto, capaz de ser fielmente reproduzido sob a aparência material.

Esta parte de nossa exposição, a bem dizer, é mais importante que a própria FÉ – esta Fé que transporta montanhas, segundo a sentença atribuída a Jesus: "como um grão de mostarda que és, dirás àquela montanha que se atire ao mar, e ela se atirará", – dizíamos, é uma condição *sine qua non* do sucesso em todo o tratamento mental. Pode-se mesmo dizer que o sucesso em semelhante Ciência se acha diretamente proporcional à Fé, que se soube inspirar para a sua eficácia.

Não é aqui, propriamente, lugar para se dar provas insofismáveis dessa imensa Verdade, que na opinião dos céticos outra coisa não tem sido senão a negação sistemática de algo ainda desconhecido da maioria, e que não deixa, no entanto, de comprovar a vaidade tola daqueles que, sem conhecimento de causa, pretendem demolir e esmagar, de um só golpe, as experiências que, a bem dizer, representam o próprio passado da evolução humana. Eis uma das muitas razões por que nem a todos se pode dar ensinamentos de natureza transcendente, a menos que se queira incorrer naquela outra sentença iniciática atribuída ao mesmo iluminado, e que é *o "Margaritas ante porcos"* (Não atireis pérolas aos

porcos). Todo pensamento que se nega, ou que se leva para o ridículo, se desagrega no invisível, é solapado na base mesma da sua vitalidade; toda idéia que se afirma, que se acolhe de modo favorável, que , é cultivada com carinho e dignidade, adquire uma vitalidade cada vez maior, susceptível, portanto, de realizar verdadeiros prodígios no mundo material.

Toda idéia, como disse muito bem Paul-Emite Lévy, o célebre autor de *L'Education Rationelle de Ia Volonté*, encerra em si mesma um começo de realização; toda idéia é um começo de ação. Poderíamos acrescentar: um ato em estado nascente.

Mas o que o Dr. Lévy não pode trazer a lume com bastante vigor, é o quanto pode fazer a vontade humana, seja dar vida ou mesmo matar alguém (se se tratar ele um criminoso, ou antes, um "mago negro") ; dar vida e forma aos seus próprios pensamentos, em resumo, realizar os chamados prodígios que aliás não são outra coisa senão "fenômenos naturais", por serem levados a efeito ele acordo com as leis da Natureza.

A Fé, que é a afirmação superlativa por excelência, torna-se pois, a base mesma de todo o Tratamento Mental.

Tal como os "milagres" ele curas relatados na Bíblia, todos, sem exceção alguma, são operações desse gênero. Pois, de uma forma ou de outra, nós os encontraremos no Tratamento Mental; a menos que se admitam "dois pesos e duas medidas"; quando realizados pelos adeptos da Igreja são milagres de santos por obra divina; se porém não pertence à Igreja, o autor desse milagre recebe o gracioso epíteto de agente do Demônio.

Caldeus, assírios, egípcios, gregos, romanos e outros povos antigos já praticavam os referidos métodos. Suas escrituras estão repletas de casos idênticos, além de outros até agora desconhecidos por parte daqueles que se orgulham de pertencer a um "século de luzes"...

Obras como *A Magia Entre os Caldeus*, de M. Lenormant, *La Magie Assirienne* de M. Fossey etc., não são mais do que uma coletânea de descrições dessa medicina psíquica, ora sob a forma de conjurações – que representam um método impressionante de sugestões – ora sob a forma de verdadeiras práticas magnéticas, passes, sopros, etc. Os egípcios possuíam em seus templos, principalmente nos de Ísis e de Serápis, verdadeiros colégios de sacerdotes curadores que operavam, principalmente, de acordo com o método mental.

Aos gregos e aos romanos se deve o culto ele Asclépios. ou Esculápio, que na sua origem consistia, principalmente, no rito curioso da incubação. Esta prática prescrevia aos doentes passar uma ou algumas noites no Templo do Deus curador, com a esperança de serem favorecidos com uma aparição ou sonho, capaz de lhes restituir a saúde.

Quando a religião cristã se espalhou pelo mundo, este poder de cura "miraculosa", tornou-se o apanágio dos "santos", e na idade média, encontramos quantos exemplos sejam necessários para a sua comprovação, nos milagres, por exemplo, dos Santos curadores, como foram Cosme e Damião, Terapon, Martin de Tours e tantos outros.

Na América, encontram-se atualmente milhões de indivíduos professando abertamente sua ilimitada confiança no *Tratamento Mental*, seja debaixo de um nome ou de outro. Os dois principais ramos deste movimento filosófico, ao mesmo

tempo religioso, *representado um outro de maior envergadura*, são conhecidos pelo nome de New Thought (Novo Pensamento) e Christian Science, este último sob a forma de seita protestante. Tal seita é o desenvolvimento da doutrina de Quimby, grandemente desenvolvida, do ponto de vista místico, por Mrs. Eddy que, segundo dissemos, foi curada por aquele, em 1862, de uma grave doença histérica.

Durante seu tratamento, Mrs. Eddy (chamada então Mrs. Patterson) recolheu sob a forma de manuscrito a doutrina de seu Mestre, e foram os princípios que lhe serviram de base quando, depois da morte daquele, ela quis, por sua vez, criar uma escola diferente.

A empresa só foi coroada de êxito, depois de vinte anos de lutas e sacrifícios, ou seja em 1880, quando começou a obter o enorme desenvolvimento alcançado até os nossos dias.

Atualmente, a Christian Science se acha espalhada pelo mundo inteiro; ela possui em Boston um Templo capaz de abrigar cinco mil pessoas, e publica além de revistas, três a quatro jornais, dentre eles um diário ilustrado.

Mesmo que a sua doutrina não deixe de estar sujeita a ataques em várias das suas partes, a base do seu ensinamento é tão sólida que muitos dos seus prosélitos continuam realizando verdadeiros "milagres".

O New Thought, por sua vez, é um movimento da mais pura metafísica, e cujo caráter, como o precedente, não é propriamente religioso.

Filosoficamente falando, sua doutrina é impecável. Ela nunca possuiu, como a anterior, nenhum chefe. É antes a obra comum de uma plêiade de grandes pensadores e devotados filantropos.

M. Julius A. Dresser, outro doente curado por Quimby e que se fez seu discípulo, ocupou um dos mais importantes lugares na propagação dessa doutrina; ele foi condignamente secundado por seu filho, M. Horatio Dresser.

Em colaboração, o Pastor Warren F. Evans escreveu sobre o Tratamento Mental, em todos os seus ramos, um número importante de volumes. É a ele que se deve o primeiro livro moderno sobre o assunto, intitulado "A Cura Mental", demonstrando a influência da mente sobre o corpo físico, tanto em estado normal como anormal, isto é, de saúde ou de doença, e dando um método psicológico de tratamento, publicado em Boston, em 1869. Entre outros nomes dos vulgarizadores da New Thought, figuram, ainda, os M. Henry Wood, Horace Fletcher – que se tornou célebre por sua teoria da mastigação prolongada dos alimentos; W. W. Atkinson, Leroy Berrier; senhoras Ela Weeler Wilcox, Elisabeth Towne e outras.

Um fato digno de atenção é que todas as seitas que se dedicam à cura mental, embora divergindo em alguns pontos, professam um mesmo dogma em relação ao Eterno: o da sua identificação com a própria criatura, o homem.

Seria preciso citar um por um os milhares de livros de origem anglo-americana, para provar o vultoso número de curas realizadas por semelhantes métodos. No entanto, nada mais fácil para quem desejar obter maiores informes, do que se dirigir às referidas escolas, ou mesmo às livrarias que possuem obras que tratam de um assunto de tão grande valor para a vida humana.

Muito mais importante, se assim se pode dizer, do que ambas as seitas, é aquela dos Antonistas da qual nos vamos agora ocupar.

Os *Antonistas* são partidários da religião fundada por Louis Antoine, por alcunha, o Curador, que residiu durante muito tempo em Jemepee-sur-Meuse, na província de Liège, na Bélgica, e onde operou centenas de "milagres".

Os resultados obtidos por semelhante doutrina são incontestáveis, pois que milhares de testemunhos podem ser apresentados, a menos que se queira continuar a recusar todo e qualquer testemunho humano.

Antoine, "le Guerisseur", pessoalmente, merece um lugar de destaque entre todos os curadores que se tem apresentado nestes dois últimos séculos. Ele soube verter o que de mais puro possui a ciência oriental, na ocidental, tornando-a, quanto possível, respeitada, no que se refere à sua parte prática. No que diz respeito à pureza de vida, ela se assemelha ao Budismo, isto é : renúncia aos bens materiais, alimentação puramente vegetariana, e vida exclusivamente consagrada aos seus semelhantes.

Direta ou indiretamente, foram e são seus mais fiéis seguidores, na América do Sul, por exemplo, o saudoso Comandante Astorga, e ainda em nossos dias J. Carbonell, cujas obras merecem o maior acatamento. Na Espanha, o nome que mais ressalta em matéria "naturismo", é o de nosso ilustre amigo Dr. Eduardo Alfonso, médico em cujos braços exalou o último suspiro, nosso pranteado Roso de Luna, do qual nos vamos ocupar nos comentários ao capítulo seguinte.

Assim é que as maravilhas realizadas pelo famoso Louis Antoine, "Le Guerisseur", atingem quase o impossível. Podemos mesmo dizer que, no Ocidente, não houve quem o ultrapassasse. Os processos por ele adotados muito se assemelhavam aos já por nós apontados em outros lugares, ou sejam os dos *serápis, no Egito*, e os dos templos de Asclépios, na Grécia. Ele agrupava os seus doentes formando uma cadeia mental, e depois, através de superior esforço da sua vontade, harmonizava a polaridade dos fluídos desse mesmo grupo por inteiro. Poucas vezes era necessário formar uma nova corrente; os doentes ficavam imediatamente curados.

Passemos, agora, à descrição sintética da doutrina e suas operações, tais como são geralmente praticadas.

RESUMO DO MODO OPERATÓRIO

Já dissemos que todos os curadores pelo processo do Tratamento Mental se apóiam em Dogma único. Nem era necessário dizer que ele fosse recente: trata-se do que foi exposto pelo sábio hindu *Vyasa* (que outros confundem com *Badaráyana*), na sua Filosofia Vedanta, o mais sublime dos sistemas monísticos, e que data, provavelmente, de uns setecentos anos antes de nossa Era.

Este sistema professa que Deus, nosso Criador, é o único SER real e, por conseguinte, *tudo mais não passa de ilusão dos sentidos* (*maya*), ou de Manifestação do grande Todo em aparente diversidade, porque ele mesmo sendo indivisível, não podia deixar de ser o único.

E como somente o Grande Todo existe segue-se, ainda, que tudo mais não pode ser, senão, diferentes idéias que dele formamos, ou antes, Ele mesmo sob múltiplas ideações, formas e aspectos diferentes.

Max Miller foi muito feliz em resumir esta filosofia, no que concerne ao homem, através de um pensamento que foi amplamente divulgado: "*Brahmã é*

verdade: o mundo é erro. A alma é Brahmã e nada mais". (Brahmã is true: the world is false; the soul is Brahmã and nothing else).

O mentalista considera o Criador como Onisciente. Onipotente, Onipresente isto é, como manifesto por sua TRINDADE, suas três emanações de Pensamento, Força e Matéria; o homem, sua criatura, como sendo um espírito imortal, feito da sua mesma natureza, momentaneamente provido de um corpo e destinado por essa sua mesma natureza, a governar os atos de seu corpo, tanto no visível como no invisível.

É incontestável, metafisicamente falando, que Deus, como Ser Único, seja eterno e incriado. De outra maneira se cairia numa espécie de politeísmo, que parece absurdo, embora para se manifestar tenha Ele que, cabalística e teosoficamente falando tomar os aspectos numerais da sua essência, ao mesmo tempo Una e Trina, através do Setenário Divino. Donde se dizer que o número 137 é o mais cabalístico de todos os números. Sim, como a unidade (ou erigem de todas as coisas), o ternário da sua manifestação, e o setenário da sua evolução. O homem para ser imortal deve necessariamente participar da essência mesma de Deus, pois que só Ele existe. E como tal essência seja indivisível, por definição, segue-se que o homem – pelo fato mesmo de ser Homem – traz, em estado latente, toda a Divindade do seu próprio Criador. Há uma velha sentença oriental que diz: "Deuses fomos e nos temos esquecido".

A palavra "homem", no inglês "man", provém de manas, manu, (sânscrito) o pensamento, o pensador. E como tal é filho da mente universal, que representa o Poder da Vontade Divina. Ele não é apenas o Filho, nem é distinto de seu Pai, mas idêntico à sua natureza, eterno e incriado como o Pai.

Insistimos: seu Pai e ele não formam, nem podem formar senão Um, pois que tudo fora deles é ilusão. "Eu e meu Pai somos Um", afirmava Jesus.

O homem é como um raio desta luz infinita donde emana, e sem ser própria fonte, não pode, entretanto, ser distinto dela.

A doutrina do Tratamento Mental apodera-se avidamente desta grande verdade: como O trazemos conosco como somos Ele próprio, basta Lhe fazermos o conveniente apelo, porém, em nosso próprio imo, apesar dos aparentes obstáculos da matéria grosseira que nos envolve, portanto, ilusórios, que d'Ele nos separam, ou antes, não nos permitem vê-Lo, para que a harmonia da criação tome seu curso primitivo, isto é, que a doença (que não é senão UM estado mental e instável da desarmonia), seja forçosamente aniquilada, refluindo no Nada, que é a sua essência, do mesmo modo que uma sombra qualquer se dissipa instantaneamente logo que sobre ela a luz se projete.

Toda a questão está, pois, em colocar-nos mentalmente nas condições requeridas, para que este apelo seja eficaz e nos livre tanto quanto possível de todos os liames que nos prendem à materialidade, sob todas as suas formas. Antes de tudo é preciso nos habituarmos a controlar e dirigir todos os nossos atos, tanto intelectuais como materiais.

Consideramos, ainda, nossos desejos, nossas paixões, pelo que são realmente; afastar de nós os resíduos dos tempos decorridos de nossa evolução, onde a bem dizer, não éramos ainda homens, ligando-nos ao que hoje somos, mas desligando-nos, o mais rápido possível, de tudo quanto concorra para o atraso de nossa espiritual evolução.

Daí a necessidade imperiosa de desenvolver nossa própria cultura, tanto do pontode vista espiritual como psíquico, com influência direta até na evolução física pessoal, sem o que iremos fatalmente formar naquela enorme maioria de homens guiados na vida unicamente por seus desejos, instintos e paixões, e por isso mesmo escravos do desequilíbrio, da desarmonia e do mal.

A importância da cultura física, isto é, da participação ativa de nossa inteligência na manutenção da harmonia em nosso corpo, jamais deve ser esquecida. A harmonia de um repercute infalivelmente no outro, e reciprocamente, de maneira que seria positivamente impossível querer viver harmoniosamente na vida, sem o concurso espiritual coletivo. Daí o maior de todos os Ideais, que é o da Fraternidade Universal da humanidade, sem distinção alguma.

O regime vegetariano é um dos mais poderosos elementos de desenvolvimento espiritual (deixando de parte a questão das intolerâncias por esse regime alimentar, que por si só exige um grosso volume para ser discutido tal como o merece), ou melhor, da emancipação mental do homem, pois a carne, no seu substratum, possui os perniciosos elementos da animalidade que, ingeridos continuadamente, não podem deixar de prejudicar o homem, quer física, quer psíquica, quer espiritualmente falando. Além de excitar naqueles que dela fazem uso, os desejos e as paixões materiais mais grosseiras, constituem entraves à livre manifestação do Ego através do intelecto, na formulação dos pensamentos. Eis por que os homens são guiados na vida mais pelas emoções e paixões do que pelo Ego ou Espírito. Não é apenas as bebidas alcoólicas, o tabaco, os entorpecentes e tóxicos de qualquer espécie a contribuir para a degenerescência da espécie humana. Do ponto de vista patológico, o regime carnívoro – pior se exclusivo – provoca por sua vez sérios distúrbios, tais como o reumatismo, o artritismo geralmente relacionado às disfunções hepáticas, a apendicite, algumas doenças nervosas e circulatórias, e outras mais graves, incluindo mesmo certas formas de úlceras e tumores.

A alimentação e a respiração representam os dois fatores principais da manutenção da vida. Alimentos selecionados e ar puro, mais a higiene mental, nos asseguram a equilíbrio essencial à saúde do corpo e da alma.

Estas e outras condições seguidas à risca, nossa parte divina harmoniosa se firmará cada vez mais e nosso poder de serenidade e de saúde irá sempre aumentando, tanto em nosso benefício, como no daqueles que de nosso espiritual auxilio necessitem.

Volvendo à prática da cura mental, operador em perfeito recolhimento, tanto quanto lhe permita o seu desenvolvimento psíquico, identifica-se com os princípios que acabamos de expor. Procurando transformar-se numa fonte viva dirige a onda vital que daí resulta, sobre aquele ou aqueles a quem deseja curar. A seguir ordena, com uma força irresistível, um poder de vontade inquebrantável, que é o poder da harmonia universal, a bem dizer, o mesmo que presidiu à Criação; ele a sente agindo no caso que está sob a sua guarda espiritual, identificando se com o seu Criador, e uma vez realizada a imagem curadora, ele a projeta sobre aquele ou aqueles a quem deseja beneficiar.

Durante um momento muito rápido, ele se confunde, e portanto identifica se com seu Criador; penetra o mistério do Infinito encarnado no homem, e entrevê, com imenso fulgor diante dos seus olhos, a grande Verdade, que a Lei da

Evolução lhe reserva para mais tarde, o gozo eterno, o supremo gozo da imortalidade consciente.

O *Tratamento Mental* desta maneira compreendido, identifica-se por completo com desenvolvimento da natureza psíquica e espiritual do homem que, como se viu, não é mais possível separar. É antes um uso particular de faculdades, que atualmente nos parecem sobrenaturais como um processo qualquer que ainda estivéssemos longe de aprender, e muito menos de comunicar. Evidentemente, todos nós trazemos em nosso imo a Centelha Divina (que é a própria mônada), e somos, sem exceção alguma, perfeitamente iguais – pois que semelhantes ao Eterno, somos como a planta que começa a germinar, para depois crescer e florescer, diante de nossa própria evolução espiritual.

O Tratamento Mental confere, imediatamente, dois apreciáveis benefícios: o primeiro é o de nos fazer conhecer nossa natureza divina de modo prático, pairando acima de todas as contingências, e toda destruição possível, por sua própria essência, o que é para nós uma fonte preciosa de inquebrantável otimismo; o segundo, o de nos ensinar o caminho direto, tão infalível quanto necessário, que devemos seguir a fim de possuirmos a saúde e a serenidade. De fato, eles serão bem nossos quando compreendermos que deles jamais nos devemos separar.

CONCLUSÃO

Como se viu, o Tratamento Mental é coisa bem diversa de qualquer método de medicar (ou tratar) mais ou menos aperfeiçoado. Ele cura, é incontestável. E sobretudo quando todos os recursos conhecidos já foram empregados. Mas exige do operador um treinamento rigoroso e constante, para que ele mesmo não venha a adoecer por ter oferecido demais aquilo que, de certo modo, para si mesmo devia conservar: a vida.

Sabemos de alguns que estão dentro deste triste caso, na razão do velho adágio popular de "quem dá o que tem a pedir vem".

O *Tratamento Mental* também representa um método de regeneração social, que recomendamos a todos os homens dignos e ilustres, pois é a maneira mais prática de contribuir para a Evolução humana. Melhorar nossa raça segundo os preceitos eubióticos, espiritualizar a civilização que aflora neste continente privilegiado, colocar-se, enfim, ao lado da Lei que a tudo e a todos rege é dever de quantos, aturdidos pelos desastrosos efeitos de guerras e ódios destruidores entre membros da mesma Família, por serem nascidos de um Pai Comum ou da mesma Origem, desejam colocar-se a vanguarda daqueles que ainda esperam salvação – como os "raros náufragos nadando no vasto abismo", da Eneida (Rari vantes in gurgite vasto), onde a mesma salvação não mais existe pelo fato de a matéria se ter afastado por completo do Espírito. O passado é como uma velha árvore que precisa ser rejuvenescida com uma seiva nova, cujos frutos sazonados possuem as privilegiadas qualidades de uma longa e proveitosa seleção, enquanto a sua assombrosa vitalidade procede de inesgotável manancial, para cuja existência muitos outros concorreram, pouco importa se consciente ou inconscientemente: o excelso Manancial da Obra grandiosa a cuja frente se acha a Sociedade Teosófica Brasileira, com o seu mais do que

expressivo lema: Spes Messis In Semine : A esperança da colheita reside na SEMENTE.

Do ponto de vista literário – como preciosas gemas que ornam o magnífico diadema de nossa Obra – já as apontamos em outros lugares deste mesmo trabalho: o Reverendo Padre Huc, através das três obras intituladas *Dans le Thibet*, *Dans la Tartarie*, *Dans la Chine,* que lhe custaram a expulsão tanto da Igreja como da Academia Francesa de Letras, por ter afirmado coisas que presenciou durante a sua longa jornada através daquelas longínquas regiões asiáticas, viajando-as em companhia de um outra devotado sacerdote, que foi o Padre Gabet. Suas obras contraditam as falsas doutrinas em que ambas se estribam. O escritor ocultista Saint-Yves d'Alveydre, principalmente numa das mais valiosas das suas obras, que é *La Mission de L'Inde,* falou pela primeira vez no nome de Agarta. Também se refere a ela o notável escritor polonês, professor da Escola de guerra de Varsóvia, Ferdinand Ossendowski, autor de várias obras científicas,
filosóficas, de viagens, etc. sobressaindo, entre as últimas uma que foi traduzida em quase todas as línguas, inclusive em português, Animais, Homens e Deuses [90]
A bem dizer – e como deve o leitor ter compreendido através da leitura dos capítulos que a este precedem – foi tal obra que, ao lado da de Saint-Yves d'Alveydre, inspirou o eminente escritor francês René Guénon a escrever a que estamos traduzindo e comentando, *Le Roida Monde*. A seguir, o grande místico da literatura oriental, Jean M. Rivière, principalmente em A *L'Ombre des Monastères Thibétains*, de cujos trechos próprios para os comentários do presente livro, nos servimos para criticar o prefaciador da supracitada obra, por suas afirmações francamente contraditórias.
Digno de destaque, também, é Nicholas Roerich, principalmente por seu livro *ElCorazón de Asia*, que ainda hoje é lido com o carinho e respeito que merece tão insigne escritor. Alexandra David-Neel é nome que sobressai dentre os escritores modernos de Ocultismo e Teosofia, além do mais, pelo tempo que esteve no Tibete, inclusive nos seus mais famosos mosteiros. Sua obra principal, *Mistiques et Magiciens du Thibet*, entusiasmou de tal modo o famoso polígrafo e teósofo espanhol Dr. Mário Roso de Luna, que o induziu a escrever, de parceria com Henrique José de Souza (que, pelo falecimento do primeiro, redigiu os 30 últimos capítulos) a obra intitulada *O Tibete e a Teosofia*, publicada na integra (em 62 capítulos) na Revista Dharana.

Em verdade, a respeito dos nomes *Agarta e Rei do Mundo*[91] nada há mais a comentar ou refutar no livro que mais interesse nos despertou, por se referir a

---

[90] A nova edição portuguesa desta famosa obra de Ossendowsky apareceu com o seguinte título: “Das Estepes Siberianas à Mandchúria" (Edição da Livraria Renascença, Lisboa).

[91] O Rei do Mundo é chamado Chefe dos Exércitos Celestes, tal como acontece com o arcanjo DHYAN-CHOAN, Mikael. Logo, era este quem o representava na face da Terra, e não o DALAI-LAMA. Que dizer do fato do ser o Bogdo-Kahn, o Sumo Pontífice de Ta-Kure ou antes, de toda a Mongólia, com repercussão em diversas partes do Oriente? S.S. BOGDO-KAHN, representando o Rei do Mundo, era Senhor dos Dois Poderes: o Temporal e o Espiritual. Se suas Colunas-Vivas ou Ministros dissessem a mesma coisa, não errariam, justamente pelo fato de o representarem, não só nos lugares em que se achavam, como em qualquer outro onde se apresentassem. O do Centro (o Bogdo-Kahn), como Coluna Mestra, era ao mesmo tempo UNO e TRINO (como o é a própria Divindade, que ele representava, e é a razão de, na Maçonaria, o Grão Mestre ficar por baixo do Triângulo onde figura o Supremo Arquiteto). Donde a expressão completamente desconhecida para o autor, que é: Três Trombetas para Uma só Boca". As chaves, a mitra, o pálio, o báculo e outros objetos e símbolos usados pelo Sumo Pontífice da Igreja Romana pertencem a um passado remoto da História. E os próprios BRAMATMÂS da

assuntos que em nossa Obra deixam de ser teóricos para passarem a práticos. Mesmo assim, como dever de ofício e maior propagação dessa mesma Obra, não só faremos os ligeiros comentários que este capítulo merece, como também mencionaremos passagens e personagens estreitamente ligados ao nosso cultural e espiritual movimento.

Já tivemos ocasião de dizer que os nomes dos dois Ministros do Rei do Mundo, além do que existe de velado a respeito, são *Mahima* e *Mahinga*, mesmo porque os dois **M M** entrelaçados e invertidos, fornecem um símbolo precioso, que interfere na jurisdição espiritual, digamos assim, entre a Agarta e o centro que lhe diz respeito na face da Terra em determinados ciclos, sem falar nos menores, que àqueles se acham subordinados, e que antes deveriam receber o nome de " postos representativos".

René Guénon tem razão em criticar Ossendowski por escrever BRAHATMA, em vez de BRAHMATMÂ, mas erra, por sua vez, em chamar o mesmo de "Chefe Supremo da Agarta" A verdade, porém, é que o referido nome pertence a um Ser de elevada hierarquia, cujo posto ou regência está situada ao Norte da índia, em região secreta, mas que, em verdade, é uma espécie de Papa ou Sumo Pontífice, para *certas religiões* –principalmente o Brahmanismo – existente na Índia. Trata-se de uma série idêntica à dos Budas-Vivos da Mongólia, cuja série deixou de ter razão, depois que o Oriente cedeu o seu lugar de "espiritual comando", ao Ocidente, no presente ciclo. Melhor dito, era uma síntese do mistério que se processava entre o Tibete e a Mongólia, ou seja: os referidos Budas-Vivos como representações do "Rei do Mundo" na face da Terra, e os *Tráshi-Lamas* e *Dalai-Lamas*, como Ministros ou Colunas Vivas, contrariamente ao que afirma René Guénon, ao dizer que "o Dalai-Lama realizando a santidade (ou a pura espiritualidade) de Buda, o *Tráshi-Lama* realizando a ciência (não mágica,

---

índia deles fazem uso há muitos séculos. Foram tais CÓPIAS, quer do Budismo hindu, quer do Lamaísmo tibetano e mongol, a que se referiu o íntegro sacerdote católico, Pe. HUC, no seu livro "*Dans Le Thibet*", revelação que lhe custou a expulsão da Igreja romana e da Academia Francesa. Mas legou-nos suas obras, cujo valor histórico prescinde das munificências de ambas as instituições que quiseram inibir sua dignidade de livre pensador.

Equivocou-se René Guénon ao criticar a expressão usada por Ossendowski: "GORO", apontando como correto o termo GURU. Antes de mais nada, GURU é termo sânscrito e, portanto, figurando nas teogonias hindus com o significado de Mestre, Instrutor, etc.

Enquanto GORO, termo tibetano, quer dizer "sacerdote". Donde a expressão "Os Goros do Rei do Mundo", que são Doze, e o ilustre cabalista, em referência a tal número, comparam-o com os Cavaleiros da Távola Redonda, etc. e finalmente, no seu sentido cósmico, com os Doze Signos do Zodíaco. Jesus, por sua vez, teve DOZE APÓSTOLOS; CARLOS MAGNO, com os doze pares de França, e outros tantos Iniciados, não fizeram outra coisa senão formar uma representação das DOZE HIERARQUIAS CRIADORAS em seu redor...O DALAI-LAMA, (que também era chefe da Maçonaria dos TACHUS-MARUS. como disse muito bem SaintYves d'Alveydre, na sua obra "*La Mission de l'Inde* ", não podia deixar de lazer a mesma coisa, se não o fizeram, o próprio BOGDO, como coluna central, e, também, a outra lateral, em oposição ao DALAI-LAMA, ou seja o TRASHI-LAMA, pois como diz René Guénon, e nós o sabemos de sobra, aquele tinha em seu redor, o chamado "Conselho Circular", formado pelos grandes NAMAHANS (ou NOMEKHANS). Quanto aos "Cem sábios chineses", a que também se refere Ossendowki, e tanto este como o crítico da sua obra, citam o que ouviram dizer, e não o que sabem em sã consciência, tais "sábios" eram em número de "111", para fazer jús a certo número cabalístico, que, multiplicado por "7" dá o mais poderoso de todos, que é o "777". E cujo simbolismo maior é o das "777 pérolas (ou contas) do fio de SUTRATMÁ", isto e, das "encarnações da Mônada. E quanto às tartarugas, em cujas costas eles escreviam, de cem em cem anos, o que haviam aprendido, etc." é algo iniciático que já provém da Atlântida e possuímos um grande ensinamento nesse sentido, melhordito, "revelação", com as respectivas fotografias em nosso Arquivo secreto. (NOTA DO TRADUTOR)

como se lhe afigura, mas antes teúrgica) e o Bogdo-Kahn, representando a força material ou guerreira, etc." [92].

O autor deixou-se levar pelo que Ossendowski cita nos últimos capítulos da sua obra, apresentando o referido Ser como "deus encarnado da guerra", e, naquela ocasião em luta contra o invasor. Mas, esqueceu de ligar importância a que ele falava face a face com próprio Buda, no Nirvana, e relatava aos seus *marambas* para que eles lhe explicassem, ou melhor, *sabendo ele conscientemente o que acabava de ver e ouvir* fazia questão que seus discípulos interpretassem de acordo com seu verdadeiro significado. Esqueceu, ainda, que um dos lamas do Mosteiro de *Narabanchi*, narrando a Ossendowski a aparição do próprio Rei do Mundo, mesmo autor "teve ocasião de ver uma sombra que fazia mover o espaldar da cadeira ou trono existente no santuário secreto do referido mosteiro". Isto indica que o Rei do Mundo, dando preferência a uma aparição no referido lugar, em comunicação direta se achava com o *Bogdo-Kahn*, ao menos no que diz respeito à sua espiritual Origem. Além disso, para se falar *corretamente* da Agarta e do Rei do Mundo, mister se faz já ter ido à primeira, ou ter tido... *qualquer entendimento* com o segundo. Diante disto, não há como dizer: "Cesse tudo quanto a musa antiga canta, que outro valor mais alto se alevanta".

E o assunto nos recorda outro ponto interessante do capítulo que estamos comentando, ou seja quando o escritor faz alusão aos *Três Reis Magos* do Evangelho, e compara-os magnificamente com os "Três Chefes da Agarta", referindo-se àqueles trêsapontados Seres *Bogdo-Kahn, Dalai-Lama e Tráshi-Lama*, que em verdade são apenas representantes dos verdadeiros, ou seja a *Trindade Agartina*. Que diria o autor se soubesse que *Três Seres* idênticos vieram ter diante do Chefe da Obra em que a S. T. B. está empenhada, e portadores por sua vez, de *três preciosas dádivas*, quais sejam, um livro antigo, uma frasqueira contendo licor sagrado (ou ambrosia dos deuses) e o precioso Símbolo conhecido pelo nome de Chave de Púshkara, o qual esteve em nosso Santuário durante sete anos, para ser reconduzido à AGARTHA pelo mesmo Chefe de tão Excelsa Obra ou Movimento. E que o Venerável *Dalma Dorje*, tesoureiro do palácio do Bogdo Kahn, (3) em Urga, a quem também se refere Ossendowski no seu maravilhoso livro (capítulo XL), acompanhado de outros dois seres, vieram ter à presença do Chefe do supracitado Movimento? E que, prostando-se por terra, exclamaram por duas vezes, a frase tibetana : CHEN-RAZI! CHEN-RAZI! cujo significado, em nossa língua, é: Espírito Misericordioso da Montanha! Sim, MONTANHA, outrora no Oriente, mas hoje no Ocidente, na Meca brasileira, ou antes, "capital espiritual do Brasil"? Ninguém duvide! Os tempos esperados já chegaram.

OM MANI PADME HUM! OM TAT SAT! OM SANCTI, SANCTI, SANCTI ! ADIBUDHA VAHAM BUDHA !

---

[92] O BOGDO-KAHN, que residia em Urga, capital da Mongólia, era venerado ao longo do Volga, na Sibéria, na Arábia, entre o Tigre e o Eufrates, na Indochina e nas margens do Oceano Indico. Tinha por nome e títulos hierárquicos, os seguintes: S. S. Djebtsung Dambha Hutuktu Bogdo Gheghen, PONTÍFICE da Ta-Kure. Todo o passado histórico da Ásia, da Mongólia, do Pamir, da Mesopotâmia, da Pérsia e da China cercava o Deus vivo de Urga. (NOTA DO TRADUTOR)

Capítulo V

O SIMBOLISMO DO GRAAL

Referíamo-nos aos "Cavaleiros da Mesa Redonda"; não será, pois, fora de propósito revelar aqui o que significa o mistério do Graal, o qual, nas lendas de origem céltica, é exposto como sua principal função. Em todas as tradições, é

feita, assim, alusão a qualquer coisa que, a partir de uma determinada época, deverá ter sido perdida ou oculta: é, por exemplo, o Soma dos hindus ou o **Haoma** dos persas, a "bebida da imortalidade", que, efetivamente, tem uma ligação muito direta com o Graal, pois que este é, diz-se, o vaso sagrado que contém o sangue do Cristo, o qual é, também, a "bebida da imortalidade". Em outros lugares, o simbolismo é diferente: assim, entre os judeus, o que é perdida é a pronunciação do grande Nome divino[93]; mas a idéia fundamental é sempre a mesma, e veremos mais adiante ao que ela exatamente corresponde.

O Santo Graal é, diz-se, a taça que serviu para a Ceia e onde José de Arimatéia recolheu em seguida o sangue e a linfa que se escapavam do ferimento aberto no flanco do Cristo pela lança do centurião Longino [94]**.** Essa taça teria sido, segundo a lenda, transportada para a Grã Bretanha por José de Arimatéia, ele mesmo, e por Nicodemos[95] ; e torna-se necessário verificar ai a indicação de um laço estabelecido entre a tradição céltica e o Cristianismo. A taça, efetivamente, desempenha um papel muito importante na maior parte das antigas tradições, e, sem dúvida, assim também era entre os Celtas; é digno de atenção o fato de que ela seja freqüentemente associada à lança, sendo esses dois símbolos nesse caso, de alguma forma, complementares um do outro; mas isto nos afastaria de nosso assunto[96].

O que, entretanto, mais nitidamente mostra a significação essencial do Graal, é aquilo que é dito de sua origem: essa taça teria sido lapidada pelos Anjos em uma esmeralda caída da fronte de Lúcifer, em conseqüência de sua queda [97]. Essa esmeralda lembra, de maneira muito tocante, a urna e a pérola frontal que, no simbolismo hindu (de onde ele passou para o Budismo), mantém freqüentemente o lugar do terceiro olho de Shiva, representando aquilo que se pode chamar o "sentido da eternidade", assim como já explicamos em outra parte [98].

Não obstante, é dito em seguida que o Graal foi confiado a Adão no Paraíso Terrestre, mas que, depois de sua queda, Adão o perdeu por sua vez, porque ele não pode trazê-lo consigo quando foi expulso do Éden; e, com a significação que acabamos de mostrar, isto se torna muito claro. De fato, o homem separado de seu centro original se encontrava desde então encerrado na esfera temporal; não

---

[93] Lembramos, também, a esse respeito, a "Palavra Perdida" da Maçonaria, que simboliza igualmente os segredos da verdadeira iniciação; a "procura da Palavra Perdida" não é, pois, outra coisa senão outra forma da "busca do Graal. Isto justifica a relação assinalada pelo historiador Henri Martin entre a "Massenie do Santo Graal" e a Maçonaria (ver o Esoterismo de Dante, págs. 32-33); e as explicações que damos aqui permitirão a compreensão daquilo que dizíamos a esse respeito, sobre a conexão muito estreita que existe entre o simbolismo propriamente dito do Graal e o "centro comum" de todas as organizações iniciáticas. (NOTA DO AUTOR)

[94] Este nome de Longino é aparentado com o próprio nome da lança em grego lonké (que se pronuncia logké); no latim, lances tem a mesma raiz. (NOTA DO AUTOR).

[95] Esses dois personagens representam aqui, respectivamente, o poder real e o poder sacerdotal; correspondem à posição de Arthur e de Merlin na instituição da "Mesa Redonda". (NOTA DO AUTOR).

[96] Diremos somente que o simbolismo da lança está freqüentemente em relação com o "Eixo do Mundo"; a este respeito, o sangue que respingou da lança tem a mesma significação que o orvalho que emana da "Arvore da Vida": sabe-se, aliás, que todas as tradições são unânimes em afirmar que o princípio vital está intimamente ligado ao sangue. (NOTA DO AUTOR).

[97] Certas pessoas dizem uma esmeralda caída da coroa de Lúcifer, mas nisso há uma confusão que provém de que Lúcifer, antes de sua queda, era o "Anjo da Coroa" (isto é, de Kether, a primeira Sephirah), em hebraico Hakathriel, nome que tem, aliás, por número 666.

[98] O Homem e o seu Destino Segundo a Vedanta, p. 150.

podia mais alcançar o ponto principal de onde todas as coisas são contempladas sob o aspecto da eternidade. Em outros termos, a posse do "sentido da eternidade" está ligada àquilo que todas as tradições denominam como já nos referimos, o "estado primordial", cuja restauração constituiu o primeiro estágio da verdadeira iniciação, sendo condição prévia da efetiva conquista dós estados "supra-humanos" [99].

O Paraíso terrestre, aliás, representa, propriamente, o "Centro do Mundo"; e o que diremos a seguir, sobre o sentido original da palavra Paraíso, poderá torná-lo mais compreensível ainda.

O que segue pode parecer mais enigmático: Seth consegue licença para retornar ao Paraíso terrestre e assim pôde recuperar o precioso vaso, pois, o nome de Seth exprime as idéias de alicerce e de estabilidade e, por extensão ele indica de alguma forma a restauração da ordem primordial destruída pela queda do homem.[100] Deve-se, portanto, compreender que Seth e aqueles que depois dele possuíram o Graal possam pela mesma forma estabelecer um centro espiritual destinado a substituir o Paraíso perdido, e que era como uma imagem deste; nesse caso essa posse do Graal representa a conservação integral da tradição primordial num centro espiritual. A lenda, aliás, não diz onde nem por quem o Graal foi conservado até a época de Cristo; mas a origem céltica, que se lhe reconhecia, deve sem dúvida deixar entender que os druidas aí tiveram uma participação e devem ser incluídos entre os conservadores regulares da tradição primordial. A perda do Graal, ou de alguns de seus equivalentes simbólicos, é, em suma, a perda da tradição com tudo aquilo que esta comporta; para dizer a verdade, aliás, essa tradição é antes ocultada do que perdida, ou pelo menos ela não pode ser perdida senão por certos centros secundários, quando estes cessam de estar em relação direta com o centro supremo.

Quanto a este último, ele guarda sempre intacto o testemunho da tradição e não e afetado pelas mudanças que sobrevêm no mundo exterior; é tanto assim que, segundo diversos padres da Igreja, e, principalmente, Santo Agostinho, o dilúvio não pode atingir o Paraíso Terrestre, que é a "habitação de Henoch e a Terra dos Santos" [101], e cujo cimo "alcança a esfera lunar", isto é, se encontra para além do domínio das mutações (identificado ao "mundo sublunar"), no ponto de comunicação da Terra e dos Céus[102].

Mas da mesma forma que o Paraíso terrestre se tornou inacessível, o centro supremo, que afinal é a mesma coisa, ao decorrer de certo período deixou de ser manifestado exteriormente, e, então, se pode dizer que a tradição está perdida para a maioria da humanidade, porque ela não é conservada senão em

---

[99] Sobre este "estado primordial" ou "estado edênico", ver o Esoterismo de Dante, pp. 44-46 e 65-66; O Homem e seu Destino Segundo a Vedanta, pg. 182.

[100] Foi dito que Seth permaneceu quarenta anos no Paraíso terrestre; este número tem um sentido de "reconciliação" ou de "retorno ao princípio". Os períodos medidos por este número se encontram muito freqüentemente na tradição judaico-cristã: lembremos os quarenta dias do dilúvio, os quarenta anos durante os quais os Israelitas erraram no deserto, os quarenta dias que Moisés permaneceu sobre o Sinai, os quarenta dias de jejum do Cristo (a quaresma: tem naturalmente a mesma significação); o sem dúvida poder-se-ia encontrar outros ainda.

[101] "E Henoch caminha com Deus e não apareceu mais (no mundo visível ou exterior). porque Deus o acolheu" (Gênesis. V-24). Teria sido então transportado ao Paraíso terrestre: é o que também pensam certos teólogos, como Tostat e Cajetan. – Sobre a "Terra dos Santos" ou "Terra dos Vivos", ver o que será dito mais adiante.

[102] Isto está conforme o simbolismo empregado por Dante, situando o Paraíso terrestre no alto da montanha do Purgatório, que se identifica no espírito dele à "montanha polar" de todas as tradições.

certos centros rigorosamente fechados, e a massa dos homens aí não participa mais de maneira consciente e efetiva, contrariamente àquilo que tinha lugar no estado original[103]. Tal é precisamente a condição da época atual, cujo começo remonta aliás bem para lá daquilo que é acessível à história vulgar e "profana".

A perda da tradição pode, pois, segundo os casos, ser compreendida no sentido geral, ou então ligado ao obscurecimento de um centro espiritual que dirigia mais ou menos invisivelmente os destinos de um povo em particular ou de uma civilização determinada; é preciso, portanto, cada vez que se encontre um simbolismo que se lhe relacione, examinar se ele deve ser interpretado num ou noutro sentido.

Depois do que acabamos de dizer, o Graal representa ao mesmo tempo duas coisas que são estreitamente solidárias uma da outra; aquele que possui integralmente a "tradição primordial", que é elevado ao grau de conhecimento efetivo que essencialmente implica essa posse, efetivamente. é, pela mesma, reintegrado na plenitude do "estado primordial".

A estas duas realidades, "estado primordial" e "tradição primordial", se relaciona o duplo sentido que é inerente ao termo Graal propriamente, visto que, por uma dessas assimilações verbais que freqüentemente desempenham no simbolismo um papel não desprezível, e que tem, aliás, várias razões muito mais profundas que se poderia imaginar à primeira vista, o Graal é simultaneamente um vaso (grasal) e um livro (gradal ou gradual); este último aspecto designa manifestamente a tradição, enquanto o outro diz respeito mais diretamente ao estado em si mesmo[104].

Não ternos a intenção de entrar aqui nos detalhes secundários da lenda do Santo Graal, se bem que eles tenham tido igualmente valor simbólico, nem de seguirmos a história dos "Cavaleiros da Mesa Redonda" e de suas proezas; lembraremos tão somente que a "Mesa Redonda", construída pelo Rei Arthur[105] sobre os planos de Merlin, era destinada a receber o Graal quando um dos Cavaleiros tivesse a fortuna de conquistá-lo e o trouxesse da Grã-Bretanha em seu Armorial (recipiente, espécie de arca de seus brasões e armas). Esta mesa é, ainda, o símbolo verossimilmente muito antigo, um daqueles que sempre foram associados à idéia dos centros espirituais, mantenedores da tradição; a forma circular da mesa é, aliás, ligada formalmente ao ciclo zodiacal pela presença em torno dela de doze personagens principais[106], particularidade que, conforme dizíamos precedentemente, se encontra na constituição de todos os centros dos quais se trata.

---

[103] A tradição hindu ensina que em sua origem não havia senão uma única casta, a qual era chamada Hamsa; isto significa que todos os homens possuíam, portanto, normal e espontaneamente o grau espiritual que é designado por esta denominação e que está muito além da distinção das quatro castas atuais.

[104] Em certas versões da lenda do Santo Graal, os dois sentidos se acham estreitamente unidos, porque o livro se reduz, então, a uma inscrição traçada pelo Cristo ou no um anjo sobre a própria taça. Existiriam aí várias aproximações fáceis de fazer com o "Livro da Vida" e com certos elementos do simbolismo apocalíptico.

[105] O nome de Arthur tem um sentido muito notável, que se liga ao simbolismo "polar", e que explicaremos, talvez, em outra ocasião.

[106] "Os cavaleiros da Mesa Redonda" são, as vezes, em número de cinqüenta (que era, entre os hebreus, o número do Jubileu, e que se relaciona, também, ao "reino do Santo-Espírito"); mas, mesmo então, sempre se terá doze que desempenham um papel preponderante. Lembremos, também, a este propósito, os doze pares de Carlos Magno, entre outras narrações lendárias da idade média.

“Há, ainda, um símbolo que se liga a outro aspecto da lenda do Graal e que merece atenção especial: é aquele do Monte-salvat (literalmente “Monte da Saúde”), o pico situado” nas distantes extremidades do qual mortal algum se aproxima", representado como se erguendo no meio do mar, em uma região inacessível, e atrás da qual o Sol se levanta. São ao mesmo tempo a "Ilha Sagrada" e a "Montanha Polar", dois símbolos equivalentes, dos quais teremos ainda de falar de novo na seqüência deste estudo; é a "terra da imortalidade", que naturalmente se identifica ao Paraíso terrestre[107] .

Para se voltar propriamente ao Graal, é fácil de se compreender que sua significação primária é, na sua essência, a mesma que geralmente tem o vaso sagrado em todo o lugar onde ele se encontre, e que principalmente no Oriente, a taça sacrificial contendo originariamente, como acima nos referimos, o Soma védico ou o Haoma mazdeiano, isto é, "o elixir da imortalidade" que confere ou restitui, àqueles que o recebem com as disposições requeridas, o "sentido da eternidade".

Não poderíamos, sem sairmos de nosso assunto, nos estender mais sobre o simbolismo da taça e daquilo que ela contém; seria preciso, para desenvolvê-lo convenientemente, a isso dedicar todo um estudo especial; mas a observação que fizemos vai nos conduzir a várias outras considerações que são de maior importância para o que nos propusemos presentemente.

CAPITULO VI

MELKI - TSEDEK

Diz-se nas tradições orientais que o SOMA, em uma certa época, tornou-se desconhecido, de maneira que era necessário, nos ritos de sacrifício, substituí-lo por uma outra beberagem que não era mais que uma figura desse SOMA primitivo [108]; esse papel foi principalmente desempenhado pelo vinho, e a isto é que se

[107] A semelhança de Montessalvate com o Meru nos foi assinalada pelos Hindus, e foi isto que nos levou a examinar de mais perto a significação da lenda ocidental do Graal.

[108] Conforme a tradição dos persas, houve duas espécies de HAOMA: o branco, que somente podia ser recolhido sobre a "montanha sagrada", chamada por eles ALBORJ, e o amarelo, que substitui o primeiro quando os antepassados dos iranianos deixaram seus habitats primitivos, mas que foi igualmente perdido pela continuação. Trata-se ali de fases sucessivas do obscurecimento espiritual que se produz gradualmente através de diferentes idades do ciclo humano.

refere entre, os gregos uma grande parte da lenda de DIONISOS[109]. Ora, o vinho é freqüentemente tomado para representar a verdadeira tradição iniciática: em hebraico às palavras IAIM, "vinho", e SOD, "mistério", se substituem reciprocamente como se tivessem o mesmo sentido [110]; entre os SUFIS o vinho simboliza o conhecimento esotérico, a doutrina reservada à elite e que não convém a todos os homens, do mesmo modo que nem todos podem beber impunemente o vinho. Daí resulta que o emprego do vinho num rito confere a este um caráter nitidamente iniciático; tal é, notadamente, o caso do sacrifício "Eucarístico" de Melquisedeque [111], e, é este o ponto essencial de que agora nos devemos ocupar.

O nome de Melquisedeque, ou mais exatamente Melki-Tsedek, não é, com efeito, outra coisa senão o nome sob o qual a própria função do "Rei do Mundo" se encontra expressamente designada na tradição judaico-cristã.

Temos hesitado um pouco em declarar este fato, que comporta a explicação de uma das passagens mais enigmáticas da Bíblia hebraica, mas, desde que estávamos decididos a tratar desta questão do "Rei do Mundo", não nos era possível saltá-la em silêncio.

Poderíamos aqui fazer uso da frase pronunciada a este propósito por São Paulo: "Temos a este respeito muito a dizer, coisas difíceis de explicar, porquanto vos tornastes lerdos para a compreensão" [112].

Eis inicialmente o próprio texto da passagem bíblica no qual diz: MelkiTsedek, rei de SALÉM, fez trazer pão e vinho; e era este sacerdote do Deus Altíssimo (EL ELION). E ele abençoou Abrão [113] dizendo: "Bendito seja o Deus Altíssimo que entregou os teus inimigos nas tuas mãos. E Abrão lhe deu o dízimo de tudo o que ele havia tomado" [114]. MELKI-TSEDEK é, pois rei e sacerdote e, conjuntamente, o seu nome significa "rei de Justiça", e ele é ao mesmo tempo rei de SALÉM, isto é, da "Paz". Reencontramos, pois aqui antes de tudo, a "Justiça" e a "Paz", isto é, precisamente os dois atributos fundamentais, do "Rei do Mundo". É preciso notar que a palavra SALÉM, contrariamente à opinião comum, nunca designou em realidade uma cidade, mas se tomada pelo nome simbólico da residência de Melki-Tsedek, pode ela ser considerada uma equivalente do termo AGARTHA. Em todo caso, é errado ver ali o nome primitivo de Jerusalém, pois, este nome era JÊBUS; ao contrário, se o nome de Jerusalém foi dado a esta cidade desde que aí foi instalado pelos hebreus um centro espiritual, é para indicar que ela era desde então como uma imagem visível da verdadeira SALÉM; e deve

---

109 DIONISOS ou BACCHUS tem nomes múltiplos, correspondentes a outros aspectos diferentes; sob um destes aspectos ao menos, a tradição o faz vir da Índia. A narração segundo a qual nasceu da coxa de ZEUS repousa sobre uma assimilação verbal das mais curiosas: a palavra grega MEROS, "coxa", foi substituída pelo nome do MERU, a "montanha polar", ao qual ele é foneticamente quase idêntico.

110 O número de cada uma destas duas palavras é 70.

111 O sacrifício de Melki-Tsedek é habitualmente visto como uma "prefiguração" da Eucaristia; e o sacerdócio cristão identifica-se em princípio ao próprio sacerdócio de Melki-Tsedek, conforme aplicação feita ao Cristo desta palavra dos Salmos: **Tu es sacerdos in aeternum secundum ordinem Melchissedec"**, (Ps. CX, 4).

112 Epístola aos Hebreus, V, II.

113 O nome de ABRAM não havia sido, ainda, então mudado em ABRAHAM; ao mesmo tempo (Gênesis, XVII), o nome de sua esposa SARAI foi mudado para SARAR, de modo que a soma dos números destes dois nomes permaneceu a mesma.

114 Gênesis, XIV, 19-20.

notar-se que o Templo foi edificado por Salomão, ‘’ cujo nome (SHLOMOH), também derivado de SALÉM, significa o "Pacífico"[115].

Eis agora em quais termos S. Paulo comenta o que foi dito de Melki-Tsedek: "Este Melki-Tsedek, Rei de Salém, Sacerdote do Deus Altíssimo, que foi ao encontro de Abrão quando ele voltou da derrota dos Reis, que o abençoara, e a quem Abrão deu o dízimo de todo o ganho; e é, inicialmente, segundo a significação do seu nome, Rei de Justiça, em seguida Rei de Salém, isto é, Rei de Paz; que não tem mãe nem pai, nem genealogia, que não tem começo nem fim de sua vida, mas é feito assim, semelhante ao Filho de Deus; este Melki-Tsedek permanece Sacerdote para a perpetuidade"[116].

Ora, Melki-Tsedek é representado como superior a Abrão, visto que ele o abençoou e, "sem contradizer, é o inferior que é abençoado pelo Superior"[117] ; e, de seu lado, Abrão reconhecia esta Superioridade, visto que ele lhe dá o dízimo, o que é o sinal de sua dependência. Há aí uma verdadeira "investidura", quase no sentido feudal desta palavra, mas com a diferença que se trata de uma investidura espiritual; e podemos acrescentar que se encontra aí o ponto de junção da tradição hebraica com a grande tradição primordial. A "benção" da qual se fala, é propriamente a comunicação de uma "influencia espiritual", a qual Abrão vai participar de hoje em diante, e pode-se relevar que a fórmula empregada põe Abrão em relação direta com o "Deus Altíssimo", a quem o próprio Abrão invoca em seguida, identificando-o com JEHOVAH[118].

Se Melki-Tsedek é assim superior a Abrão, é que o "Altíssimo" (Élion), o Deus de Melki-Tsedek, é ele mesmo superior ao "Todo Poderoso (SHADDAI), que é o Deus de Abrão, ou, em outras palavras, que o primeiro destes dois nomes representa um aspecto divino, mais elevado que o segundo.

De outro lado, o que é extremamente importante, é isto que parece nunca ter sido assinalado; é que EL ÉLION é o equivalente de EMMANUEL, estes dois nomes tendo exatamente o mesmo número [119]; e isto liga diretamente a história de Melki-Tsedek à dos "Reis Magos", cuja significação tivemos ensejo de explicar. A mais, pode-se ainda ver isto: o sacerdócio de Melki-Tsedek é o sacerdócio de EL ELION; o sacerdócio cristão é aquele de EMMANUEL. Então, se EL ÉLION é EMMANUEL, estes dois sacerdócios são um só, e o sacerdócio cristão, que, aliás, comporta essencialmente a oferta eucarística do pão e do vinho, é verdadeiramente "segundo a ordem de Melki-Tsedek” [120].

A tradição judaico-cristã distingue dois sacerdócios: um "segundo a ordem de Aarão", e outro "segundo a ordem de Melki-Tsedek"; e este é superior àquele, como Melki-Tsedek ele mesmo é superior a Aarão, do qual procede a tribo de Levi

---

[115] É bom notar, também, que a mesma raiz encontra-se ainda nas palavras ISLAM e MOSLÉM (muçulmano); e "submissão à Vontade divina" (é o próprio sentido da palavra ISLAM) é a condição necessária da "Paz"; a idéia aqui expressa é para aproximar ao sentido do DHARMA hindu.

[116] Epístola aos Hebreus, VII, 1-3. (10) Ibid. VII, 7.

[117] Ibid. VII, 7.

[118] Gênesis, XIV, 22.

[119] O número de cada um destes nomes é 197.

[120] Esta é a justificação completa da identidade que indicamos, mas convém observar que a participação na tradição pode não ser sempre consciente; neste caso, ela não é menos real como meio de transmissão das "influências espirituais", mas ela não implica o acesso efetivo a uma ordem qualquer da hierarquia iniciática.

e, por conseguinte, a família de Aarão[121]. Esta superioridade é claramente afirmada por São Paulo que diz: "Mesmo Levi, que arrecadou o dízimo (sobre o povo de Israel) pagou-o por assim dizer, por Aarão"[122]. Não devemos nos estender demais aqui, sobre a significação destes dois sacerdócios; mas citaremos ainda estas palavras de São Paulo: "Aqui (no sacerdócio levítico) estes são homens mortais que arrecadam os dízimos; mas ali é um homem do qual é afirmado que ele vive" [123]. Este "homem vivente" que é Melki-Tsedek é MANU que permanece, com efeito, "perpetuamente" (em hebraico LE-OLAM), isto é, por toda a duração de seu ciclo (MANUANTARA) ou do Mundo que ele rege especialmente. É porque ele é "sem genealogia", visto que sua origem é "não humana", pois que é ele mesmo o protótipo do homem; e ele é bem verdadeiramente "feito semelhante ao Filho de Deus", pois que, pela Lei que ele formula, ele é, para este mundo, a expressão e a própria imagem do Verbo divino.[124].

Há, ainda, outras observações a fazer, e, antes de tudo, esta: na história dos "Reis Magos", vemos três personagens distintos, que são os três Chefes da hierarquia iniciática; na de MeIki-Tsedek, vemos somente um, mas que pode unir em si aspectos correspondentes às mesmas três funções. Por isso alguns autores distinguiram ADONITSEDEK, o "Senhor da Justiça", que se desdobra de algum modo em KOHEN-TSEDEK o "sacerdote de Justiça", e "Melki-Tsedek", o "Rei de Justiça"; estes três aspectos podem, com efeito, ser considerados como se referindo, respectivamente, às funções do BRAHATMA, do MAHATMA e do MAHANGA.[125].

Ainda que Melki-Tsedek não seja neste caso propriamente o nome do terceiro aspecto, ele é aplicado usualmente por extensão ao conjunto dos três e, se assim ele é empregado, de preferência aos outros, é que a função que ele exprime é a mais próxima do mundo exterior, portanto, aquela que é manifestada mais imediatamente.

De resto, pode-se notar que a expressão de "Rei do Mundo", assim como de "Rei de Justiça", somente faz alusão diretamente ao poder real; e, de outra parte, encontra-se também na índia a designação de DHARMARAJA que é literalmente equivalente àquela de Melki-Tsedek[126].

---

[121] Pode-se também dizer, depois do que precede, que esta superioridade corresponde àquela da Nova Aliança sobre a Antiga Lei (Epístola aos Hebreus, VII, 22). Haveria lugar para explicar porque o Cristo nasceu da tribo real de Judá e não da tribo sacerdotal de Levi (Ver ibid. VII-11-77) mas estas considerações nos arrastariam para muito longe.
A organização das doze tribos, descendentes dos doze filhos de Jacó, liga-se naturalmente à constituição duodenária dos centros espirituais.

[122] Epístola aos Hebreus, V, II

[123] Ibid, VI, 8.

[124] Na PITIS SOPHIA dos Gnósticos Alexandrinos, Melki-Tsedek é qualificado de "Grande Recebedor da Luz eterna, isto ainda convém à função de MANU, que com efeito recebe a Luz inteligível, por um raio diretamente emanado do Principio para refleti La no Mundo que é seu domínio, razão porque MANU é chamado "filho do Sol".

[125] Existem ainda outras tradições relativas à MELKI-TSEDEK; seguindo uma delas aquele teria sido consagrado no Paraíso terrestre, pelo anjo MIKAEL, na idade de 52 anos. Este número simbólico 52 desempenha, de outra parte, um papel importante na tradição hindu, onde ele é considerado como o número total dos sentidos inclusos nos Vedas; diz-se mesmo que a estes sentidos correspondem outras tantas diferentes pronúncias do monossílabo OM.

[126] Este nome, ou antes, este título de DHARMA-RAJA é aplicado, notadamente, no MAHABHARATA, a YUDHISHTHIRA; mas ele foi
antes de tudo a YAMA, "o juiz dos mortos", cuja relação muito estreita com MANU foi indicada precedentemente

Se tomarmos agora o nome de Melki-Tsedek em seu mais estrito sentido, os atributos próprios do "Rei de Justiça" são a balança e a espada; e esses são, também, os atributos de MIKAEL, considerado o "Anjo do Julgamento"[127]. Estes dois emblemas representam, respectivamente, na ordem social, as duas funções, administrativa e militar, que pertencem propriamente aos KSHATRIYAS e que são os dois elementos construtivos do poder real. Estes são, também, hieroglificamente, as duas características formando a raiz hebraica e árabe Haq que significa, ao mesmo tempo, "justiça" e "verdade" [128] e que entre diversos povos antigos serviu para designar a realeza[129]. Haq é a potência que faz reinar a justiça, isto é, equilíbrio simbolizado pela balança, enquanto a própria potência o é pela espada[130], que caracteriza o papel essencial do poder real; e além disso, é também na ordem espiritual a força da Verdade. É necessário, aliás, acrescentar que existe, também, uma forma polida desta raiz Haq, obtida pela substituição do signo da força espiritual pelo da força material; e esta forma Haq designa propriamente a "Sabedoria" (em hebraico HOKMAH, de sorte que ela convém mais especialmente à autoridade sacerdotal, como a outra ao poder real).

Isto é confirmado ainda pelo fato que as duas formas correspondentes se reencontram com sentidos similares; pela raiz KAN que, nas mais diferentes línguas, significa "poder" ou "potência" e, também, "conhecimento" [131]; KAN é, sobretudo, o poder espiritual ou intelectual, idêntico à Sabedoria (de onde KOHEN, "Sacerdote" em hebraico, e KAN é o poder material (de onde diferentes palavras exprimindo a idéia de "possessão", e notadamente o nome de KAIN) [132].

Estas raízes e seus derivados poderiam, sem dúvida, dar lugar ainda a muitas outras considerações, mas devemos cingir-nos mais diretamente ao assunto do presente estudo.

Para completar o que precede, voltaremos ao que a Cabala hebraica diz de SHEKINAH: "Aquela é representada no "mundo inferior" pela última das SEPHIROTH, que é chamada MALKUTH, isto é o "Reino", designação suficientemente digna de nota, do ponto de vista em que nos colocamos; mais significativa ainda é encontrar-se entre os sinônimos que algumas vezes são dados a MALKUTH, a palavra TSEDEK o "justo" [133].

---

[127] Na iconografia cristã, o anjo MIKAEL figura com estes dois atributos nas representações do "Julgamento final".

[128] Também entre os egípcios antigos, MA ou MAAT era, ao mesmo tempo a "Justiça" e a "Verdade"; vê-se a figurada em um dos pratos da balança do Julgamento, enquanto no outro é um vaso, hieróglifo do coração. Em hebraico, HOQ significa "decreto" (Ps. LI, 7).

[129] Esta palavra HAK tem por valor numérico 108, que é um dos números cíclicos fundamentais. Na Índia, o rosário (Shivaito) é composto de 108 contas e a primeira significação do rosário simboliza a "corrente dos Mundos", isto é, o encadeamento casual dos ciclos ou dos estados de existência.

[130] Esta significação poderia resumir-se nesta fórmula: "a força a serviço do direito", se os modernos não tivessem abusado daquela tomando-a com um sentido todo exterior.

[131] Ver o Esoterismo de Dante, pg. 55.

[132] A palavra KHAN, titulo dado aos chefes pelos povos da Ásia central, liga-se talvez à mesma raiz.

[133] Tsedek é, também, o nome do planeta Júpiter; seu anjo é chamado TSADIEL-MELEK, a semelhança com o nome de MELKITSEDEK (ao qual somente é acrescentado EL, o nome divino que forma a terminação comum de todos os nomes angélicos) é aqui demasiado evidente. Na Índia, o mesmo planeta leva o nome de BRIHSPATI, que é igualmente o "Pontífice celeste". Um outro sinônimo de MAL, KUTH é SABBATH, cujo sentido de "repouso" se refere visivelmente à idéia da "Paz", tanto mais que esta idéia exprime, como já foi visto, o aspecto externo da palavra SHEKINAH, o mesmo pelo qual ele se comunica com o "mundo inferior".

Esta aproximação de MALKUTH e de TSEDEK, ou da Realeza (O governo do Mundo) e da Justiça, novamente se encontra precisamente no nome de Melki-Tsedek.

Trata-se aqui da justiça distributiva e equilibrante, na "coluna do meio" da árvore sefirotal; é preciso distingui-la da justiça oposta à Misericórdia e identificada ao Rigor, na "coluna da esquerda", pois lá estão dois aspectos diferentes (e, além de que, em hebraico ha duas palavras para designá-las: a primeira é TSEDAQAH, e a segunda é DIN). É o primeiro destes aspectos que a Justiça no mais estrito sentido e ao mesmo tempo, o mais completo, implicando essencialmente a idéia de equilíbrio ou de harmonia, e indissoluvelmente, ligado à Paz.

MALKUTH é "o reservatório onde se reúnem as águas que vêm do rio de cima, isto é, as emanações (graças ou influências espirituais) que ela derrama em abundância" [134].

Este "rio de cima" e as águas que descem, lembram estranhamente o papel atribuído ao rio celeste GANGA na tradição hindu; e se poderia também notar que a SHAKTI, da qual GANGÃ é um aspecto, não deixa de apresentar certas analogias com SHEKINAH, em razão da função "providencial" que lhes é comum. O reservatório de águas celestes, naturalmente, é idêntico ao centro espiritual do nosso mundo; de lá partem os quatro rios do PARDES, dirigindo-se para os quatro pontos cardeais. Para os judeus, o centro espiritual se identifica com a colina Sião, à qual eles chamam de "Coração do Mundo", aliás, comum a todas as "Terras Santas", e que, para eles, torna-se assim de algum modo equivalente de MERU dos hindus ou do ALBORJ dos persas[135]. "O Tabernáculo da Santidade de JEHOVAH, a residência da SHEKINAH, é o Santo dos Santos que é o coração do Templo, que é ele mesmo o centro de Sião (Jerusalém), como a Santa Sião é o centro da Terra de Israel, como a Terra de Israel é o centro do Mundo" [136]. Pode-se mesmo levar as coisas ainda mais longe: não somente tomando-se na ordem inversa tudo o que aqui é enumerado, mas também, após o Tabernáculo dentro do Templo, a Arca da Aliança dentro do Tabernáculo e, sobre a própria Arca da Aliança, o lugar de manifestações sucessivas do "Pólo Espiritual".

É, também, desta maneira que Dante apresenta Jerusalém precisamente como o "Pólo Espiritual", como tivemos ocasião de explicar em outra parte[137]; mas isto, logo que se abandone o ponto de vista propriamente judaico, torna-se, sobretudo simbólico e não constitui mais uma localização no sentido estrito desta palavra. Todos os centros espirituais secundários, constituídos em vista de adaptação da tradição primordial às condições determinadas, são como foi demonstrado, imagens do centro supremo; Sião pode não ser em realidade mais do que um destes centros secundários, e não obstante, pode identificar-se simbolicamente ao centro supremo, em virtude desta semelhança.

---

134 P. Vulliaud, a Cabala Judaica, t. I, p. 509.

135 Entre os samaritanos, é o monte GARIZIM que representa o mesmo papel e que recebe as mesmas denominações: ele é a "Montanha bendita", a "Colina eterna", o "Monte da Herança", a "Casa de Deus" e o Tabernáculo de seus Anjos, a moradia de SHEKINAH; ele é mesmo identificado à "Montanha primordial" (HAR QADIM" onde foi o EDEN, e que não foi submergida pelas águas do dilúvio.

136 A Cabala Judaica, T. 1, p. 509.

137 O Esoterismo de Dante, p. 61.

Jerusalém é, efetivamente, como o seu nome o indica, uma imagem da verdadeira Salém; o que dissemos e o que diremos ainda da "Terra Santa", que não é somente a Terra de Israel, permitirá compreendê-lo sem dificuldade.

A este propósito outra expressão muito significativa como sinônima de “Terra Santa”, é a de "Terra dos Viventes": ela designa manifestamente a "morada da imortalidade", de sorte que, no seu próprio e rigoroso sentido, ela se aplica ao Paraíso terrestre ou a seus equivalentes simbólicos; mas esta designação tem sido também dada às "Terras Santas" secundarias, e, notadamente, à Terra de Israel. Diz-se que a "Terra dos Viventes" compreende sete terras", e Vulliaud nota sobre este assunto que "esta terra é Canaã, na qual havia sete povos” [138].

Sem dúvida, isso é exato quanto ao sentido literal; mas, simbolicamente, estas sete terras poderiam muito bem corresponder, como aquelas das quais se trata em outra parte da tradição islâmica, aos sete DWIPAS que, segundo a tradição hindu têm o MERU por centro comum, e sobre os quais voltaremos a tratar mais adiante. Assim, quando os antigos mundos, ou as criações anteriores à nossa, são figurados pelos "Sete Reis de Edom" (o número setenário encontra-se aqui em relação com os sete "dias" do GÊNESIS), ha aí uma semelhança demasiado notável, para ser apenas acidental, com as eras dos sete MANUS contadas desde o começo do KALPA até a época atual [139].

J. H. S. E "O REI DO MUNDO"

Lamentamos registrar que o falecimento do Prof. Henrique José de Souza[140], ocorrido em S. Paulo a 9 de setembro 1963, destruiu a pena de ouro de "Dhâranâ". A perda é irreparável, porque, Mestre e Sábio em toda a expressão

---

138 A Cabala Judaica, L, p. 116.

139 Um KALPA compreende quatorze manvantaras; VAIVÁSVATA o presente MANU, é o Sétimo KALPA, chamado SHRI-SHWETAVARÂHA-KALPA, ou "Era do Javali branco". Outra nota curiosa é esta: os judeus davam a Roma o nome de EDOM; ora, a tradição fala de sete reis de Roma, e o segundo destes reis, NUMA, que é considerado como o legislador da cidade, leva um nome que é a volta silábica exata daquela de MANU, e que pode ao mesmo tempo ser aproximada da palavra grega NOMOS, "lei". Poder-se-á então pensar que estes sete reis de Roma não são sob certo ponto de vista, mais do que uma representação particular dos sete MANUS para uma civilização determinada, como os sete sábios da Grécia são, de outra parte, dentro de condições similares, uma representação dos sete RISHIS, em que se sintetiza á sabedoria do ciclo imediatamente anterior ao nosso .

140 O Professor Henrique José de Souza é o Patrono da Loja Maçônica Professor Henrique José de Souza de Estudos e Pesquisas, com sessões àos Primeiros domingos de cada mês, localizada à Rua Olina, 21. De todos os fundadores os únicos presentes na Face da Terra são Augustinho Koschdoski e Benito José Cohen, ambos Grau 33 e portadores da Comenda D. Pedro Primeiro. NOTA DO APRESENTADOR AK em 2010.

desses vocábulos, não há –nem poderá haver antes do ano dois mil e cinco – quem esteja por Lei autorizado a ocupar seu posto de comando no trono espiritual do Ciclo de Maytréia.

Não mais teremos oportunidade de saborear suas preciosas colaborações, ricas de ensinamentos e de revelações, tantas vezes publicadas nas colunas da Revista Dharana, anos e anos, durante os quais soube prestigiá-la e dignificá-la, seja no mundo profano como nos círculos iniciáticos, onde imprimiu de maneira indelével as novas diretrizes culturais e espirituais a serem seguidas por aqueles que quiserem tornar-se aptos a participar da glória da Era de Aquário.

Resta-nos a possibilidade de divulgar, observadas as restrições regulamentares de sua Escola e de seus direitos autorais, alguns capítulos de suas obras inéditas, duas das quais aprofundam os Mistérios da Bissexualidade e os Poderes dos Adeptos; ou mesmo de reeditar seus valiosos artigos, sempre atuais e instrutivos justamente por trazerem novas luzes aos mais complexos temas da literatura ocultista e teosófica, muitos deles assinados com os pseudônimos de Lorenzo Paolo Domiciani, Frá Diavolo, Laurentus; e, talvez, trechos de seus escritos, ainda estritamente reservados ao circulo de seus discípulos juramentados.

Uma razão, que esses discípulos conhecem, nos levou a inserir estas notas de preferência na Seção em que Ele, com conhecimento de causa, tecia seus comentários ao livro "O Rei do Mundo", título de profunda significação para os iniciados. Sua crítica atinge com notável acuidade o âmago de cada questão e apresenta solução para os diversos problemas esotéricos, inclusive os que desafiaram a argúcia de ambos os autores mais citados nesses comentários: o preclaro cabalista René Guénon e o ilustre escritor F. Ossendowski, os quais, com o brilhante oculista Sant Yves d'Alveydre, formam a trindade de autores a quem coube, no Ocidente, a primazia de divulgar em suas obras as primeiras revelações concernentes à existência dos inframundos de Duat, Agartha e Shamballah, até então ciosamente conservada em segredo nos santuários dos templos da Índia e nos claustros dos mosteiros tibetanos.

Consciente de sua Missão e de sua alta responsabilidade, o insigne Crítico e Mestre não se limita a esclarecer os pontos por outros deixados obscuros: adentra galhardamente os mais intrincados labirintos dos Arcanos maiores e menores, não titubeia diante de esfinges desafiadoras nem se transvia sob pirâmides de hipóteses e divagações. Discorre com cristalina clareza acerca dos enigmas da Metafísica, torna inteligível o dogma da "Queda dos Anjos", verte para a linguagem dos homens os divinos segredos teogônicos e cosmogônicos, leciona Antropogênese e desfaz o equívoco darwiniano da vexatória ascendência simiesca, traz à superfície a História dos continentes submersos, classifica as Hierarquias criadoras, identifica os Gênios da natureza, ensina a Exegese e a verdadeira Ioga, compõe a música de hinos e "mantrans" de sublime harmonia, elevando bem alto o facho luminoso de seu extraordinário saber, que transcende a meta do Intuicional e, Professor "ex-professo", conduz, enfim, o discípulo com toda a segurança aos máximos graus da Iniciação.

No capítulo precedente, antes de entrar no mérito da matéria, quis J.H.S. brindar-nos com uma aula magistral sobre a doutrina do Mentalismo, da qual nos da breve retrospecto histórico, explica os fenômenos do magnetismo e da

sugestão, alerta contra certos riscos do hipnotismo, de cuja pratica muito se tem abusado, não só por parte de hipnotizadores levianos que se divertem a jogar com o livre arbítrio dos incautos, como também por pessoas ilustres e até médicos e intelectuais bem intencionados, porém mal esclarecidos, descreve as vicissitudes da "Christian Science" e. do "New Thought" nos E.U.A. e dos "Antoinistas" na Bélgica, comenta as curas "miraculosas" nos tempos de hoje, escreve doutamente sobre Higiene e Alimentação, expõe a teoria e a técnica do Tratamento mental, discorre enfim com a sua peculiar verbosidade enciclopédica, sobre a obra de Vyasa e Monismo da Filosofia Vedanta, os preceitos eubióticos da Eugenia, etc.

Depois de transcrever um dos famosos versos de OS LUSÍADAS, versos de sentido muito claro para aqueles que tiveram a felicidade de conviver com o saudoso Mestre (embora para outros tal passagem pudesse ser ignorantemente confundida com um gesto egoista de auto-exaltação), paralisa-nos de espanto com duas surpreendentes revelações: a visita que lhe vieram tributar os Três Reis, que não eram outros senão os mesmos que estiveram presentes em Belém há perto de dois mil anos, os fabulosos Reis Magos do Cristianismo (que na verdade ainda hoje estão bem representados na Terra); e a sua maravilhosa viagem, ocorrida em circunstâncias jamais concebíveis, mesmo pela fertilíssima imaginação de um Júlio Verne – aos misteriosos Reinos subterrâneos da Agartha, para onde Ele se dirigiu, em corpo físico, também com o objetivo de restituir pessoalmente a Quem de direito o precioso símbolo conhecido entre nós pelo nome de "Chave de Púshkara", o mesmo que permaneceu exposto à visitação pública durante sete anos, na sede da S.T.B., à rua Buenos Aires 81, no Rio de Janeiro.

O SANTO CÁLICE NO CULTO DE MELKI-TSEDEK

De acordo com os ensinamentos de J.H.S., o Mistério do Cálice tem sua origem oculta no Planeta Vênus, que em sânscrito se denomina Shukra. Os dirigentes ou guias da Humanidade, que são os Kumaras, procedem de Vênus e nos trouxeram a sabedoria, simbolizada pelo mel, a ambrosia ou licor dos deuses; o alimento físico, representado pelo trigo, o pão das diversas Teogonias, inclusive "o pão nosso de cada dia" originário do Kadosch hebraico; e a lei cármica, ou de causa e efeito, simbolizada pela formiga, o inseto capaz de destruir o esforço construtivo do homem...

Diz a tradição esotérica que, no apogeu da raça Atlante, o Chefe dos anjos rebeldes, Lúcifer (ou Vênus), tomou expressão humana. Tornou-se o Imperador temporal do continente maldito, cuja capital era a Cidade dos Telhados Resplandecentes, edificada pelos Turânios ou Taurânios (donde o radical Taurus, signo zodiacal de Vênus) com o concurso das sub-raças tlavatlis e toltecas, e que, devido à hierarquia de seu Rei, era fiduciária da "Árvore da ciência do bem e do mal”.

Segundo o Sepher Enoch, livro esotérico dos judeus, houve anjos que quiseram descer do Céu para amar as filhas da Terra (Gênesis VI-2); porque naqueles dias, quando os filhos dos homens se multiplicaram, nasceram-lhe filhas de deslumbrante beleza; e quando os anjos, os filhos do céu, as viram, por elas se apaixonaram: e eles diziam entre si: "Vamos, escolhamos esposas da raça dos

homens e procriemos uma raça de heróis". E os anjos rebeldes, em grupos de 222, desceram à Terra de Ereck, tomaram as filhas dos homens, e ensinaram-lhes todos os mistérios dos céus relacionados com a Ciência do Bem e do Mal.

Revelaram-lhes as ciências secretas. Ensinaram-lhes como conservar a beleza e usá-la para dominar os homens. Deram a seus filhos forças para conquistarem a Terra. E os Giborins (filhos dos anjos rebeldes e das mulheres da Terra) escravizaram os povos...

O clamor dos homens chegou ao Trono do Eterno, que designou MIKAEL, Chefe supremo das milícias celestes, para dirigir a Obra de redenção dos anjos rebeldes, a fim de libertar a humanidade.

Travou-se luta renhida entre os Turanianos e os Reis divinos fiéis à Lei, que eram os Senhores da "Árvore da vida", cujo sacerdócio era praticado na oitava cidade Atlante, denominada Shamballah.

Desse sacerdócio, conhecido na tradição judaico-cristã como o Sacerdócio ou Culto de MELKI-TSEDEK (Tsedek é também o nome do planeta JÚPITER, que se identifica com o termo Jove ou Jeovah), resultou que o próprio Eterno, em forma Avatárica dual, com os nomes de Mu-Iska e Mu-Ísis, trouxessem a mensagem redentora dirigida aos povos fiéis e aos revoltados. Foram Eles colhidos nas malhas do Rei rebelde e ritualisticamente sacrificados. As carnes dos Avataras-gêmeos foram "manducadas" (deglutidas) pelos principais chefes da revolta, que com esse Rito bárbaro pensavam poder imortalizar-se, remanescendo aquele ato ritualístico, ainda hoje, na antropofagia de algumas tribos selvagens, mas já sublimado na Eucaristia instituída por Jesus.

O sangue da geminidade sacrificada foi então recolhido num grande Cálice, dando assim origem ao mais Santo de todos os Ritos, que é o do SANTO GRAAL, e que foi repetido outras vezes na humanidade, sendo o mais conhecido o que se deu durante a Tragédia do Gólgota, em que segundo a tradição essênia, José de Arimatéia, súdito de Herodes, que se achava em Jerusalém no dia do martírio de Jesus, de quem era discípulo às ocultas, comprou de Simão, o Leproso, a Taça que fora usada pelo Mestre naquela memorável ceia de despedida; depois peticionou a Herodes que, em troca de serviços prestados, lhe concedesse os sagrados despojos pregados na cruz.

Naquela Taça, José de Arimatéia recolheu o sangue e a linfa que fluíam do ferimento aberto no flanco divino pela lança do centurião romano.

Segundo os ensinamentos de nosso Venerábilssimo Mestre, a Taça do Santo Graal, depois de percorrer as sete Igrejas do Oriente, citadas no Apocalipse de São João (Efeso, Esmirna, Pérgamo, Tiátira, Sardo, Filadélfia e Laodicéia) iniciou o seu místico retorno ao OCIDENTE, através das sete famosas catedrais: Santa Maria Maggiore, de Roma; Catedral de Bruges, na Bélgica; Abadia de Westminster, em Londres; Sé Patriarcal de Lisboa; Catedral de Washington; Catedral do México; Catedral do Salvador, Bahia; hoje o Cálice, o Santo Graal, está representado no oitavo Templo, que é aquele dedicado ao Supremo Arquiteto do Universo, e ao seu Avatara cíclico Maytréia (o Cristo Universal). Templo esse erigido em 1949 pela Sociedade Teosófica Brasileira, na cidade sul mineira de São Lourenço, merecidamente apelidada pelo genial Roso de Luna de capital espiritual do Brasil, e que por extensão, sendo o nosso país predestinado a ser o Berço da Nova Civilização, melhor teria dito Capital Espiritual do Mundo.

Quando de sua inauguração, em 24 de fevereiro daquele ano, no ato cerimonial o prof. Henrique José de Souza, nosso pranteado diretor espiritual e cultural, proferiu um discurso de transcendente significação, do qual é aqui oportuno transcrever alguns trechos mais diretamente relacionados com as expressivas alusões de René Guénon acerca do Culto de Melki-Tsedek, o Rei do Mundo:

"Este Templo, dedicado ao Avatara Maytréia, como a todos os outros avataras, é a manifestação da Divindade na Terra. Portanto, nenhum outro tem o valor que o mesmo encerra, porque ao invés de manter a forma dogmática dos demais, é como se o Deus único de todas as religiões aqui tomasse a Sua forma Unitária. Assim sendo, somente um Ser foi estabelecido por força de lei, representante desse mesmo Deus no Sanctum Sanctorum da Mãe-Terra. Donde receber o nome de MELKI-TSEDEK, "rei de Salém e Sacerdote do Altíssimo", também chamado de Rei do Mundo por possuir os dois poderes: o temporal, como Rei e o espiritual como Sacerdote. Nas várias tradições religiosas do mundo, Ele é apontado com muitos outros nomes: no Tibete, como Akdorge, do mesmo modo que na índia; enquanto que na Mongólia exterior é chamado Senhor de Erdemi. Mas, na verdade esotérica, chamemo-la de Teosofia, tem o nome de "Bija ou Semente dos Avataras", razão pela qual próprio Jesus lhe prestava homenagens e Abraão lhe pagou dízimos *(como impostos cármicos da Lei, dizemos nós)*, prova de que tanto Jesus, corno Abraão e o próprio Moisés lhe eram inferiores, ou em outras palavras, d'Ele se "derivavam". O termo "Bijam ou Semente dos Avataras" se torna uma grande, revelação a respeito, principalmente para os espíritos mais lúcidos e os pertencentes ao nosso Colégio Iniciático".

Quanto ao sentido oculto da palavra Salém, de fato, como bem esclarece o erudito cabalista francês, não se trata de uma cidade da superfície terrena, e sim da expressão simbólica da região sagrada subterrânea de onde procederam e procedem os Avataras e o seu próprio Bijam ou Semente, expressão que tem seus equivalentes em outras do vocabulário teosófico oriental, como por exemplo Erdemi, Agartha e Shamballah.

Sempre com base nas revelações de J.H.S. (e lamentavelmente com o seu recente desaparecimento da face da terra emudece a Voz do Deva Vani, exaurindo-se o único manancial das verdadeiras revelações deste fim de Cicio), sabe-se que a Agarta é o celeiro das civilizações passadas, começo e fim de todas as coisas, região da Eterna Luz (Belovedye) subdividida em sete outras, representando cada qual um planeta, uma raça e um estado de consciência já superado pela Mônada.

"O SENHOR DAS DUAS FACES"

A Taça bendita ou Cálice sagrado existente no santuário de nosso Templo em São Lourenço é a reprodução fiel do Original, multimilionário e sacrossanto GRAAL, custodiado em lugar inacessível a mãos profanas. A seu lado esta o LIVRO (o KA-MA-PA) pertencente ao Segundo Trono, onde se manifesta o Som ou VERBO DO LOGOS, vindo seu eco se produzir na Terra, através de

Shamballah, a Mansão dos Deuses, como repercussão hipersônica. O Senhor da Espada e da Balança é o mesmo Senhor do Livro ou do Verbo.

A expressão "Senhor das Duas Faces" não simboliza apenas o que cabalisticamente se sabe a respeito, na razão do **Quod superius, sicut quod inferius** – correspondente ao sentido de Vau ou Ponte (ou verdadeiro Pontífice) que "une e desune um Mundo do outro: o Divino do Terreno, e no sentido mais secreto é Aquele que reflete a sua própria Face e também a do Outro – a de luz, luminosa, e a obscura, de trevas... Com vistas ao Arcano VI, no qual o Amoroso é representado entre duas mulheres, uma branca e a outra negra. Enroscadas (ou abraçadas) no Caduceu de Mercúrio, tanto como na Arvore da Vida, aparecem duas serpentes, de cores opostas, simbolizando o Bem e o Mal que, no presente Ciclo, deveriam equilibrar-se na perfeita Neutralidade... Nem Mal nem Bem. **Justus et Perfectus**.

Estes esclarecimentos referentes ao "Senhor das duas Faces" se tornaram necessários a fim de que o leitor não iniciado possa compreender, pelo menos em parte, o sentido de haver J. H.S., segundo descreve Sylvia Patrícia no capitulo VI do Ensaio Biográfico que publicamos numa Edição de Dharana, num dos rituais daquela época em que ainda era necessário produzir fenômenos, manifestado em sua fisionomia as Duas Faces: uma feliz, alegre, luminosa, e a outra infeliz, triste, obscura...

AGARTHA NAS ESCRITURAS SAGRADAS

Embora muito veladamente, há nas escrituras sagradas alusões ao Centro espiritual do qual irradia a eterna Luz. Mas elas se deturparam em muitos trechos, não tanto pelo suceder das traduções, sempre passíveis de graves erros de interpretação, quanto pelos interesses pessoais de grupos dominantes e por convicções próprias dos falsos doutores da Lei. Não fosse o hábito de interpretá-las ao pé da letra morta (sem indagar ou meditar acerca do Espírito que vivifica) poderiam as Escrituras fazer ainda muita luz boa para favorecer a propagação da Sabedoria Universal.

As epístolas de Saulo de Tarso, por exemplo, traziam no seu texto original o nome da Agartha, cuja localização na época, ele, como iniciado, conhecia muito bem.

Da "Belovedye", esse misterioso país eternamente iluminado por uma inefável aurora azul, de perpétua primavera, o "Paraíso terrestre", fala veladamente também o mais esotérico dos livros bíblicos, numa linguagem, aliás, de impressionante significação:

..."A praça da cidade é de ouro puro, como vidro transparente. Nela não vi santuário, porque o seu santuário é o Senhor, o Deus Todo-poderoso e o Cordeiro. A cidade não precisa nem de sol nem da lua para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada. As suas portas nunca jamais se fecharão de dia, porque nela não haverá noite". (Apocalipse, XXI, 21-25).

Seres que atingiram a plenitude da Sabedoria e da Santidade acompanham e orientam lá de baixo os seres aqui da superfície que com eles possam vibrar sintonicamente na razão direta de suas tendências e méritos cármicos. Que os

"eleitos" pensem, ajam e se comportem de modo a se tornarem dignos das inspiradoras e protetoras vibrações espirituais desses abnegados Mestres da sabedoria iniciática que periodicamente comparecem em carne e osso no seio da coletividade humana a fim de lhe acelerar o passo na sua marcha evolucional rumo aos maravilhosos planos mentais e búdicos; que os "eleitos" façam por merecer os esforços de tantos missionários agartinos empenhados em salvar as almas ainda não auto-condenadas pelo seu tenaz apego às ilusões deste mundo, a transporem definitivamente o sombrio portal onde se inscreve a fatídica sentença imortalizada pelo Poeta clarividente: **Lasciate ogni speranza, o Voi ch'entrate**!...
Ilustração: foto
Legenda:
Templo e obelisco na Praça da Vitória, Bairro Carioca, em S. Lourenço, de onde se irradiam intensas vibrações espirituais para a Concórdia e o progresso da Humanidade.

Capítulo VII

"LUZ" OU A MORADA DA IMORTALIDADE[141]

[141] Shambalah?

As tradições relativas ao "mundo subterrâneo" se encontram entre grande número de povos; não temos a intenção de congregá-las todas aqui, tanto reais que certas dentre elas não parecem ter uma relação muito direta com a questão que nos interessa.

Entretanto, poder-se-ia observar, de modo geral, que o "culto das cavernas" é sempre ligado a idéia de "lugar interior" ou de "lugar central", e que, a este respeito, o símbolo da caverna e o do coração muito se aproxima um do outro[142]. Além disso, há realmente na Ásia Central, como na América e talvez algures, cavernas e subterrâneos onde centros iniciáticos puderam se manter desde séculos; mas, com exceção deste fato, há, em tudo que se refere a esse assunto, uma parte de simbolismo que não é muito difícil de se distinguir; e podemos mesmo pensar que existem precisamente razões de ordem simbólica que determinaram a escolha de lugares subterrâneos para a fundação desses centros iniciáticos, muito mais do que por motivos de simples prudência Saint-Yves teria, talvez, podido explicar esse simbolismo, mas ele não o fez, e isto é que dá a certas partes de seu livro uma aparência fantasmagórica[143]; quanto a Ossendowski, seria incapaz de ir além da letra e de ver naquilo que se lhe dizia outra cousa que o imediato sentido.

Entre as tradições a que há pouco fazíamos alusão, existe uma que apresenta um interesse particular: encontra-se no Judaísmo e diz respeito a uma cidade misteriosa chamada Luz[144]. Esse nome originariamente era: o do lugar onde Jacob teve o sonho em conseqüência do qual ele o denominou *Beith-El*, isto é, "casa de Deus" [145]; mais tarde voltaremos sobre esse ponto. É dito que o "Anjo da Morte" não pode penetrar nessa cidade e que aí tão pouco tem poder algum; e, por uma aproximação singular, porém, muito significativa, alguns a situam perto do *Alborj*, que é igualmente, para os Persas; a "mansão da imortalidade".

Junto de *Luz* existe, diz-se, uma amendoeira. (chamada, também, luz em hebraico) na base da qual há uma cavidade pela qual se penetra em um subterrâneo[146]; e este conduz a própria cidade que é inteiramente oculta. A palavra *Luz*, nas suas diversas acepções, parece, aliás, derivada de uma raiz designando tudo quanto é oculto, coberto, dissimulado, silencioso, secreto; e é de se notar que as palavras que designam o Céu têm primitivamente a mesma significação. Vulgarmente se compara *coelum*, do grego *koilon*, "cova" (o que igualmente pode ter uma ligação com a caverna, tanto mais que Varron indica essa aproximação desses termos: a *Cavo coelum*); mas é preciso observar também que a forma antiga e mais perfeita parece ser *coelum*, que lembra muito de perto a palavra *caelum*, "Ocultar".

---

[142] A caverna ou a gruta representa a cavidade do coração, considerado como centro do ser, e, também, o interior "Ovo do Mundo"'.

[143] Citaremos, como exemplo, a passagem onde se trata da "descida aos infernos"; aqueles que tiveram oportunidade poderão compará-lo com o que dissemos sobre o mesmo assunto em "O Esoterismo de Dante".

[144] As informações de que aqui nos utilizamos são extraídas em parte da Jewish Encyclopedia (VIII, 219).

[145] Gênesis, XXVIII, 19.

[146] Nas tradições de certos povos da América do Norte, igualmente há uma questão de uma árvore pela qual alguns homens, que viviam primitivamente, no interior dá terra, teriam alcançado a sua superfície, enquanto que outros homens da mesma raça permaneciam no mundo subterrâneo. É verossímil que Bulwer-Lytton se tenha inspirado nessas tradições em "A raça Futura" Mie Coming Race). Uma nova edição traz o titulo : "A raça que nos exterminará".

Além de que, em sânscrito, *Varuna* vem da raiz *var*, "cobrir" (que igualmente é o sentido da raiz de *kal*, a qual sé liga a palavra latina *celare*, outra forma de *caolare*, e seu sinônimo grego *kaluptein*[147]; e o grego *Ouranos* não é senão outra forma do mesmo nome; *vai* se modificar facilmente em *ur*. Essas palavras podem, portanto, significar aquele que cobre" [148], "aquele que oculta" (7a), mas, também, "aquele que é oculto", e este último sentido é duplo: é aquilo que é oculto aos sentidos, o domínio supra-sensível; e é, também, nos períodos de ocultação ou obscurecimento, a tradição que deixa de ser manifestada exteriormente e abertamente, o "mundo celeste" vindo a ser, então, o "mundo subterrâneo".

Há, ainda, sob outro ponto de vista uma aproximação a se estabelecer com o Céu: Luz é denominada a "cidade azul" e essa cor que é a da safira[149]., é a cor celeste. Na Índia diz-se que a cor azul da atmosfera é produzida pela reflexão da luz sobre uma das faces do *Meru*, a face meridional, que olha o *Jambu-dwipa*, e que é feita de safira; é fácil compreender que isto se refere ao mesmo simbolismo. O *Jambu-dwipa* não é somente a Índia, como vulgarmente se pensa, mas ele representa, na realidade, todo o conjunto do mundo terrestre no seu estado atual; e este mundo pode, com efeito, ser visto como situado em sua totalidade ao sul de Meru, pois este é identificado como o pólo setentrional[150]. Os sete *dwipas* (literalmente "ilhas ou continentes") emergem sucessivamente no curso de certos períodos cíclicos, de modo que cada um deles é o mundo terrestre voltado no correspondente período; eles formam um loto cujo centro é o *Meru*, com relação ao qual são orientados, segundo as sete regiões do espaço[151]. Por conseguinte, há uma face do *Meru* que é voltada para o lado

---

147 Da mesma raiz *kal* derivam-se várias outras palavras latinas, como *caligo* e, talvez, o composto *ocultus*. De outro lado, é possível que a forma *caelare* provenha originariamente de uma raiz diferente *caed*, com o sentido de "cortar" ou "dividir" (de onde, também caedere), e, por seqüência os de "separar" e "ocultar"; mas, em todo o caso, as idéias expressas por essas raízes são, como se vê, muito próximas umas das outras, o que facilmente pôde dar margem à assimilação de *caelare* e *celare*, mesmo que essas duas formas sejam etimologicamente independentes.

148 O "Teto do Mundo", assimilável à "Terra celeste" ou "Terra dos Vivos", tem, nas tradições da Ásia central, estreitas ligações com o "Céu Ocidental" onde reina Avalokitênshwara. A propósito de "cobrir", é preciso lembrar, ar, também, a expressão **maçônica** "estar a coberto": o teto estrelado da Loja representa **a abóbada celest**e.
É o véu de Ísis ou de Neith entre os Egípcios, o "véu azul" da Mãe Universal na tradição extremo-oriental (Tao-te-king) ; no caso que se aplique esse sentido ao céu visível, pode-se aí encontrar uma alusão ao papel do simbolismo astronômico ocultando ou "revelando" as verdades superiores.

149 A safira desempenha papel importante no simbolismo bíblico; em particular, ela aparecia, freqüentemente, nas visões dos profetas

150 O Norte é denominado em sânscrito *Uttara*, isto é, a região mais elevada que existe; o Sul é chamado *Dakshina*, a região da direita, isto é, aquela que se tem a direita ao se voltar para o lado do Oriente. *Uttarayana* é a marcha ascendente do Sol para o lado do Norte, começando no solstício do inverno e terminando essa trajetória no solstício do verão; *dakshinayana* é a marcha descendente do sol para o lado Sul, começando no solstício do verão e findando no solstício do inverno.

151 No simbolismo hindu (que o próprio Budismo conservou na lenda aos "sete passos"), as sete regiões do espaço são os quatro pontos cardeais, mais o Zênite e o Nadir, e, finalmente, o próprio centro; pode-se notar que sua representação forma uma cruz em três dimensões (seis direções opostas duas a duas a partir do centro). Do mesmo modo, no simbolismo cabalístico, o "Santo Palácio" ou "Palácio Interior" está no centro das seis direções que formam, com ele, o setenário; e Clemente de Alexandria diz que de Deus, "Coração do Universo", partem as extensões indefinidas que se dirigem, uma para o alto, outra para baixo, esta para a direita, aquela para a esquerda, uma para a frente e a outra para traz; dirigindo seu olhar para essas seis extensões como para um número sempre igual, ele aperfeiçoa o mundo; ele é o começo e o fim (o alfa e o ômega), nele se concluem as seis fases do tempo, e é dele que elas recebem sua extensão indefinida; aí está o segredo do número 7" (citado por P. Vuliaud, *La Kabbale Juive*, t. 1, pág. 215-216), Tudo isto se liga ao desenvolvimento do ponto primordial no espaço e no tempo; as seis fases do tempo, correspondendo, respectivamente, as seis direções do espaço; são seis períodos cíclicos, subdivisões de um outro período mais geral, e, as vezes, representados simbolicamente como seis milenários; elas são, também, assimiláveis aos seis primeiros "dias" da Gênese, o sétimo ou *Sabath* como a fase de retorno ao Princípio, isto é, ao centro. Tem-se, assim, sete períodos aos quais pode ser ligada a manifestação respectiva dos sete *dwipas*; se cada um desses períodos é um *Manvantara*, o *Kalpa* compreende duas séries setenenárias completas;

de cada um dos sete *dwipas*; se cada uma dessas faces tem uma das cores do arco-íris[152], a síntese dessas sete cores é o branco, que é por toda a parte atribuída à suprema autoridade espiritual[153] , e que é a cor do *Meru* considerado em si mesmo (veremos que ele é, efetivamente, designado como a "montanha branca"), enquanto os outros representam somente seus aspectos pela ligação aos diversos *dwipas*. Parece que para o período de manifestação de cada *dwipa*, havia uma posição diversa do *Meru*; mas realmente, é inamovível, pois, que ele é o centro, e a orientação do mundo terrestre é que é mudada de um período a outro em relação a ele.

Voltemos ao nome hebraico luz, cujas diversas significações são dignas de atenção; este vocábulo tem ordinariamente o sentido de "amêndoa" (e também de "amendoeira", designando, por extensão, a árvore tanto quanto seu fruto) ou de "caroço"; pois o caroço é mais interior e mais oculto, e é inteiramente encerrado, de onde a idéia de "inviolabilidade"[154] que se encontra na palavra Agarta). Luz é, também, o nome dado a uma partícula corporal indestrutível, representada simbolicamente como um osso muito duro, e ao qual a alma permaneceria ligada depois da morte e até a ressurreição[155].

Como o coração contém o *germe*, e como o osso contém a medula, essa luz contém os elementos virtuais necessários para a restauração do ser; e esta restauração se operará sob a influência do "orvalho celeste", revivificando as ossaturas ressecadas; é a que São Paulo faz alusão, de forma clara, na frase: "Semeado na corrupção, ele ressuscitará na glória"[156] .

Aqui, como sempre, a "glória" se refere à *Shekinah*, encarada no mundo superior, e com aquele "orvalho celeste" bem uma íntima relação, como se pôde verificar precedentemente. A luz, sendo imperecível[157], é, no ser humano, o "caroço da imortalidade", do mesmo modo que a região designada pelo mesmo nome é a "mansão da imortalidade": aí se detém, nos dois casos, o poder do "Anjo da Morte". É de certa maneira o ovo ou o embrião do imortal[158]; pode ser comparado, também, com a crisálida de onde deve sair a borboleta[159], comparação que traduz exatamente seu papel com relação à ressurreição.

é aliás compreensível que o mesmo simbolismo seja aplicável para diferentes graus, segundo se visualize vários períodos cíclicos mais ou menos extensos..

[152] Ver o que foi dito mais acima sobre o simbolismo do arco-íris. Não existem, na realidade, senão seis cores, complementares duas a duas, e correspondendo as seis direções opostas duas a duas; a sétima cor não é outra coisa senão o branco mesmo, como a sétima região se identifica com o centro.

[153] Não é, pois, sem razão que, na hierarquia católica, o Papa é vestido de branco.

[154] É por isso que a amendoeira tem sido tomada como símbolo da Virgem.

[155] É curioso notar que essa tradição judaica tem muito provavelmente inspirado certas teorias da Leibnitz sobre o "animal", isto é, o ser vivente, subsistindo perpetuamente com um corpo, mas "reduzido a miniatura" depois da morte.

[156] Primeira Epístola aos Coríntos, XV. 42. – Há nessas palavras uma aplicação estrita da lei da analogia: "O que está no alto é igual ao que está em baixo, porém, em sentido inverso".

[157] Em sânscrito, a palavra *akshara* significa "indissolúvel" e, por conseguinte, "imperecível" ou "indestrutível"; ela designa a sílaba, elemento primário e germe da linguagem, e se aplica, por excelência, ao monossílabo OM, que se diz conterem si a essência do tríplice *Veda*.

[158] Encontra-se o equivalente, sob uma outra forma, nas diversas tradições e, em particular, com muitos aperfeiçoamentos, no Taoísmo. A este respeito, é análogo, na ordem "microcósmica", o que o "Ovo do Mundo" é na ordem "macrocósmica", porque ele encerra as possibilidades do "ciclo futuro" (*a vita venturi soeculi* do Credo católico).

[159] Pode-se aqui levar o pensamento para o simbolismo grego de *Psyché*, que em grande parte repousa Obre essa semelhança (ver "Psyché" por F. Pron).

Situa-se a *luz* na extremidade inferior da coluna vertebral; isto pode parecer bastante estranho, mas se esclarece por uma aproximação com aquilo que a tradição hindu diz da força denominada *Kundalini*[160], que é uma forma da *Shakti* considerada como imanente no ser humano[161] . Esta força é representada sob a figura de uma serpente enrolada em si mesma, numa região do organismo sutil, correspondendo precisamente, também, com a extremidade inferior da coluna vertebral; pelo menos é assim em relação ao homem comum; mas, pelo efeito de práticas tais como as *da Hata-Yoga*, ela é despertada, se desenrola e se eleva através das "rodas" (*chacras* ou "lotos") que correspondem aos diversos plexos, para alcançar a região correspondente ao "terceiro olho", isto é, ao olho frontal de *Shiva*. Esse ponto atingido representa a restituição do "estado primordial", onde o homem readquire o "sentido da eternidade", e, por onde obtém aquilo que nós denominamos de certo modo a imortalidade virtual. Até aí, estamos ainda no estado humano; em uma fase ulterior, Kundalini atinge finalmente a coroa da cabeça[162]·, e essa última fase se relaciona com a conquista efetiva dos estados superiores do ser. O que parece resultar desta aproximação é que a localização da luz na parte inferior do organismo somente se refere a condição do "homem decaído"; e, para a humanidade terrestre vista em seu conjunto, de igual maneira era esta quanto à localização do centro espiritual supremo no mundo subterrâneo"[163].

Capítulo VIII

O CENTRO SUPREMO OCULTO DURANTE A "KALI-YUGA"

A AGARTTHA, diz-se, realmente, não foi sempre subterrânea e não ficará sempre dessa forma; virá um tempo em que, segundo as palavras de

---

[160] A palavra *kundali* (no feminino *kundalini*) significa enrolado em forma de anel ou de espiral; este enrolamento simboliza o estado embrionário e "não desenvolvido".

[161] A este respeito e sob determinada analogia, sua moradia é igualmente identificada dentro da cavidade do coração; já fizemos alusão à relação existente entre a *Shakti* hindu e o *Shekinah* hebraico.

[162] É o *Brahma-randhra* ou orifício de Brahma, ponto de contato de *sushumna* ou "artéria coronária" com o "raio solar"; expusemos completamente este simbolismo em "O homem e seu destino segundo a Vedanta".

[163] Tudo isto se relaciona intimamente com a significação real da conhecida frase hermética: "Visita inferiora terrae, rectificando invenies occultum lapidem, veram medicinam", que dá por acróstico a palavra VITRIOLUM. A "pedra filosofal" é, ao mesmo tempo, sob outro aspecto, a "verdadeira medicina", isto é, o "elixir de longa vida", que não é outra coisa senão o "licor da imortalidade". Escrevesse, às vezes, *interiora* em lugar de *inferiora*, mas o sentido geral não é modificado e há sempre a mesma alusão evidente ao "mundo subterrâneo".

Ossendowski, "os habitantes da AGHARTI sairão de suas cavernas e aparecerão na superfície da terra[164].

Antes de seu desaparecimento do mundo visível, este centro trazia outro nome, porque o de AGARTTHA, que significa "inatingível" ou "inacessível" (e também "inviolável"', porque é a "Mansão da Paz", SALEM), não lhe teria sido conveniente então; Ossendowski afirma que ela se tornou subterrânea "há mais de seis mil anos", e julga que esta data corresponde, com bastante aproximação, ao início da KALI-YUGA ou "idade negra", a "idade de ferro" dos antigos ocidentais, última dos quatro períodos nos quais se divide o MANVANTARA[165] ; sua reaparição deve coincidir com o fim do mesmo período.

Há pouco falamos das alusões feitas por todas as tradições a. alguma coisa que está perdida ou oculta e que se representa sob vários símbolos diferentes; isto, quando se toma em seu sentido geral, concernente a toda a humanidade terrestre, refere-se, precisamente, as condições da KALI-YUGA. O período atual é, pois, de obscuridade e de confusão[166]; suas condições são tais que, enquanto persistirem, o conhecimento iniciático deve necessariamente permanecer oculto, donde o caráter dos "Mistérios" da antigüidade chamada "histórica" (que não remonta nem mesmo ao início desse período)[167] e das organizações secretas de todos os povos; organizações aptas a darem efetiva iniciação por subsistir ainda uma verdadeira' doutrina tradicional, mas que não apresentam senão a sombra, quando o espírito dessa doutrina deixou de vivificar os símbolos que não são mais que sua representação exterior; e isto porque, por várias razões, todos os laços conscientes com o centro espiritual do mundo acabaram por ser rompidos, o que constitui o sentido mais próprio da perda da tradição, aquela que, especialmente, diz respeito a este ou aquele centro secundário, cessando de estar em relação direta e efetiva com o centro supremo.

Deve-se, pois, como dizíamos precedentemente, falar de alguma coisa que está oculta, de preferência à verdadeiramente perdida, visto que não está perdida para todos e que alguns ainda a. possuem integralmente; e, sendo assim, outros tantos sempre têm a possibilidade de encontrá-la de novo, contanto que a procurem convenientemente, isto é, que sua intenção seja dirigida de tal maneira que, pelas vibrações harmônicas que ela desperta segundo a lei das "ações e

---

164 Essas palavras correspondem àquelas que arrematam uma profecia que o "Rei do Mundo" teria feito em 1890, quando ele apareceu no Mosteiro de Narabanchi.

165 O Manvantara ou era de um Manu, chamado também Maha-Yuga, compreende quatro Yugas ou períodos secundários: Krita-Yuga (ou Satia-Yuga), Treta-Yuga, Dwapara-Yuga e Kali-Yuga, que respectivamente, se identificam com a "idade de ouro"', a "idade de prata", a "idade de bronze " e a "idade de ferro" da antigüidade greco-latina. Há, na sucessão desses períodos, uma espécie de materialização progressiva, resultante do afastamento do Principio que necessariamente acompanha o desenvolvimento cíclico, dentro do sistema corpóreo, desde o "estado primordial".

166 O início desta idade é representado particularmente no simbolismo bíblico, pela Torre de Babel e a "confusão das línguas"'. Poderse-ia pensar, logicamente, que a queda e o dilúvio correspondem ao fim das duas primeiras idades; porém, na realidade, o ponto de partida da tradição hebraica não coincide com o início do Manvantara.

É preciso não esquecer que as leis cíclicas são aplicáveis, para vários graus diferentes, a vários períodos que não têm a mesma extensão e que, às vezes, se invadem reciprocamente, de onde surgem complicações, que a primeira vista podem parecer inextricáveis, e efetivamente não é possível resolver senão pela consideração da ordem de subordinação hierárquica dos centros tradicionais correspondentes.

167 Parece que nunca foi observada convenientemente a impossibilidade quase geral em que se encontram os historiadores para estabelecer uma cronologia certa para tudo quanto é anterior ao VI século antes da era cristã.

reações concordantes” [168], possa colocá-las em uma comunicação espiritual efetiva com o centro supremo[169].

Essa direção da intenção tem, aliás, em todas as formas tradicionais, sua representação simbólica; queremos falar da orientação ritualística: esta, com efeito, é propriamente a direção para um centro espiritual que, qualquer que seja, sempre é uma imagem do verdadeiro "Centro do Mundo” [170]. Mas, à medida que se avança na Kali-Yuga, a união com esse centro, cada vez mais fechado e oculto, se torna mais difícil, ao mesmo tempo que se tornam mais raros os centros secundários que exteriormente o representam[171]; e, não obstante, quando terminar esse período, a tradição deverá ser de novo manifestada em sua integridade, pois que o início de cada MANVANTARA, coincidindo com o fim do precedente, implica necessariamente para a humanidade terrestre no retorno ao "estado primordial"[172] .

Na Europa, toda ligação estabelecida conscientemente com o centro, por intermédio de organizações regulares, está atualmente rompida, a isso está assim já há muitos séculos; aliás, esse rompimento não foi realizado de um só golpe, mas em muitas fases sucessivas[173]. A primeira delas remonta ao início do século XIV; o que dissemos em outra parte sobre as Ordens de cavalaria pode fazer compreender que uma de suas principais atribuições era assegurar uma comunicação entre o Oriente e o Ocidente, comunicação cujo verdadeiro alcance é possível compreender se se observa que o centro do que aqui falamos tem sido sempre descrito, pelo menos no que se refere aos tempos "históricos", como situado do lado do Oriente. Entretanto, depois da destruição da Ordem do Templo, o Rosacrucianismo, ou – aquilo a que se devia dar esse nome em seguida, continuou a assegurar a mesma ligação, se bem que de maneira dissimulada[174]

A Renascença e a Reforma marcaram nova fase crítica, e, enfim, após o que parece indicar Saint-Yves, o rompimento completo teria coincidido com os tratados de Westfália que, em 1648, puseram fim à guerra dos Trinta Anos. Ora, é digno de nota que muitos autores têm afirmado precisamente que, pouco depois da guerra dos Trinta Anos, os verdadeiros Rosa-Cruzes abandonaram a Europa e retiraram-se para a Ásia; recordaremos a este propósito que os Adeptos rosacrucianos eram em número de doze, como os membros do .círculo mais

---

[168] Essa expressão é tomada da doutrina taoísta; além de que, tomamos aqui a palavra "intenção" em um sentido que é muito exatamente aquele do árabe *niyah*, que habitualmente se traduz assim, e este sentido aliás está conforme a etimologia latina (de *intendere*, dirigir-se para o lado de).

[169] O que acabamos de dizer permite interpretar, em um sentido muito preciso, essas palavras do Evangelho: "Procurai e achareis; pedi e recebereis; batei e ela vos será aberta'". Dever-se-á aqui, naturalmente, reconsiderar as indicações que demos a propósito da "intenção direta" e da "boa vontade"; e poder-se-ia, sem dificuldade, completar pela explicação dessa fórmula: PAX IN TERRA HOMINIBUS BONAE VOLUNTATIS.

[170] No Islam, esta orientação (*qiblah*) é como a materialização, se assim se pode dizer, da intenção (*niyah*). A orientação das igrejas cristãs é outro caso particular que se .refere essencialmente a mesma idéia

[171] Não se trata, bem entendido, senão de exteriorização relativa, pois esses centros secundários são eles próprios, mais ou menos estritamente fechados desde o início da Kali-Yuga.

[172] É a manifestação da Jerusalém celeste, que é, em relação ao ciclo que findou, a mesma coisa que o Paraíso terrestre com relação ao ciclo que começa, como explicamos no "Esoterismo de Dante".

[173] Do mesmo modo, dentro de um ponto de vista mais amplo, há para a humanidade vários graus no afastamento do centro primordial; é a esses graus que corresponde a distinção das diferentes Yugas.

[174] Sobre este ponto ainda somos obrigados a retornar ao nosso estudo "O Esoterismo de Dante", onde demos todas as informações que permitem justificar esta asserção.

interno da AGARTTHA, e conforme a constituição comum a tantos centros espirituais formados à imagem desse centro supremo.

A partir dessa última época, o acervo do conhecimento iniciático efetivo não é mais guardado por qualquer organização ocidental; também Swedenborg declara que, para o futuro, é entre os sábios do Tibete e da Tartária que se deve procurar a "Palavra perdida"; e, de seu lado, Anne-Catherine Emmerich tem a visão de um lugar misterioso que ela chama de "Montanha dos Profetas", e que se situaria nas mesmas regiões.

Acrescentemos que, das informações fragmentárias que Mine. Blavatsky pôde obter sobre este assunto, sem, aliás, compreender sua verdadeira significação, foi que nasceu nela a idéia da "Grande Loja Branca", à qual poderemos chamar, não mais uma imagem, mas muito simplesmente uma caricatura ou paródia imaginária da AGARTA[175]·.

[175] Aqueles que compreenderam as considerações aqui expostas hão de concordar que não é possível tomar a sério as múltiplas organizações pseudo iniciáticas que surgiram no Ocidente contemporâneo; não existe uma sequer que, submetida a um exame um pouco rigoroso, possa fornecer a menor prova de "regularidade".

"O Rei do Mundo" e os Mundos Subterrâneos

A BIBLIOGRAFIA HODIERNA E AS TRADIÇÕES MILENARES

Em outros comentários, fizemos referência aos livros de três pesquisadores ocidentais modernos que se ocuparam da tradição dos mundos subterrâneos: Saint'Yves d'Alveydre, F. Ossendowski e René Guénon, respectivamente autores de "Missão da Índia", cuja primeira edição circulou em França, em 1910; "Animais, Homens, Deuses" (1921) ; e "O Rei do Mundo" (1927).

Podemos juntar a esta citação mais dois nomes, embora com restrições por não houverem aprofundado seus estudos acerca daquela tradição: Jean M. Rivière, no seu livro intitulado "A Sombra dos Mosteiros Tibetanos" (Paris, 1956), e M. Roso de Luna, em "O Livro que mata a Morte ou o Livro dos Jinas" (B. Aires, 1957).

O livro de Rivière é um relato de sua viagem ao Oriente e das suas experiências durante a iniciação a que se submeteu nos mosteiros do Tibete. Seu Mestre permitiu-lhe a divulgação de parte das revelações lá aprendidas. Traduzimos e transcrevemos a seguir algumas páginas desse livro nas quais o principal assunto se prende diretamente ao tema de que estamos tratando... "E agora, meu filho, prosseguiu o velho Lama; no silêncio de todas as coisas, existentes em torno de nós, há um mistério muito mais profundo do que tudo quanto já vos disse. Esta organização religiosa, o Lamaísmo, que vos descrevi, não passa de reflexo de outra mais perfeita, puramente espiritual, embora ainda de nossa Terra.

"Sabei que reina sobre toda a Terra e acima do Lama dos Lamas Aquele diante do qual o próprio Taschi-Lama curva a cabeça, Aquele a quem chamamos o Senhor dos Três Mundos. Seu reino terrestre é oculto e nós, da "Terra das Neves", somos seu povo.

Seu reino é para nós a Terra prometida, "Napamakou", e nós trazemos em nosso coração a saudade desse país de Luz e Paz. É lá que um dia terminaremos todos nós, diante dos bárbaros invasores, e dentro de breve tempo, pois que nossos Oráculos são formais. Os mais santos dentre nós já partiram para Napamakou, para os mosteiros de sabedoria do Mestre dos Três Mundos. Mas um dia, para salvar a Tradição eterna da possível profanação, fugiremos dos invasores do Norte e do Sul, e novamente ocultaremos nossos escritos e nossa Doutrina. "Que importa tudo isso ao Venerável, ao "Puissant Joyau du Ciel", para Quem um dia e como um ciclo para nós. Imutável, reina Êle no coração e na alma de, todos os homens; conhece nossos pensamentos secretos e auxilia aqueles que defendem a Paz e a Justiça. "Ele não esteve sempre em "Napamakou". A tradição nos diz que antes da gloriosa dinastia de Lhassa, antes do sábio Passèpa, antes de Tsongkhapa, o Senhor Onipotente reinava no Ocidente, sobre uma montanha circundada de grandes florestas, no país onde habitam hoje os *Pilineu-gheu* (gente de fora, os estrangeiros). Por seus filhos espirituais reinava Ele sobre as quatro direções do Mundo. Naquele tempo existia a Flor sobre a Svástika... Sua força toda poderosa nos protege, porém as leis inexoráveis das coisas nos dominam, e diante dos ciclos sombrios é necessário esconder-nos e esperar... "

"Uma vez por ano Ele dá suas instruções a seu povo e aos povos da Ásia por um delegado de seu Reino que vem a Lhassa; durante esse período toda a Ásia

permanece em orações, porque o Senhor dos Três mundos se comunica com seu povo." ... (págs. 144-147).

Roso de Luna, teósofo dos mais ilustres, que se comprazia em dizer-se amigo e admirador de Henrique José de Souza, e foi o sétimo nome na relação constitucional da S. T. B. recebeu do Mestre revelações acerca dos mundos subterrâneos. Em seu "Livro que mata a Morte ou Livro dos Jinas", pelo próprio autor considerado a melhor de suas obras, no capítulo XVII, "Mundo, Submundo e Supramundo", além de primorosos ensinamentos de teosofia, encontramos um reflexo de tais revelações (pág. 269)... "Heróis cavaleiros desta classe são os protótipos simbólico cavaleiros do herói humano em luta com o Destino ou "Luz Astral", e senda do mundo jina desde o dia em que nasce (senão antes) até o dia de sua morte, que é o de seu iniciático triunfo. Como tais protótipos, têm sua representação, dia por dia, povo por povo, em algum herói pequeno ou 'grande, em algum gênio ou jina humano, que por seu triunfo veio a constituir-se assim, depois de morto, isto é, depois de passar para aquele mundo, em "homem representativo", Manu ou guia, ora de uma simples família, ora de uma comarca, uma região, uma raça ou uma época, de vez que na matemática seriação das unidades humanas das diferentes ordens todos somos heróis: grandes, pequenos ou ínfimos, posto que a todos nós é obrigatória a luta como única razão de nossa existência neste submundo dual, verdadeira zona intermediária que pertence ao mesmo tempo ao submundo (Hades, Hella, Inferno ou "lugar inferior") dos elementais, e ao supramundo (Campos Elíseos, Céu, Devachan, Amenti, Paraíso etc.) dos jinas.[176] .

Três Mundos e Seis Dimensões

Para atinarmos com os ensinamentos contidos nesses livros devemos antes de tudo admitir que o mundo não esteja todo compreendido no que puderam até agora alcançar os cientistas das universidades com base nas três dimensões, nos cinco sentidos, nas máquinas e aparelhos de seus laboratórios. A quarta, a quinta e a sexta dimensões, ligadas às três, constituem os mundos astral, mental e espiritual, que interpenetram o espaço hiperfísico do céu, da terra e do inferno. Acima, em cima e abaixo da superfície deste planeta. Nosso cérebro, possuindo apenas o senso das três dimensões do plano físico, é inapto a concebê-las, apesar de seus poderes latentes, como sejam os relacionados com os hormônios hipofisários para o psíquico e com a glândula pineal para o espírito. Na Iniciação as forças latentes do homem são despertadas e aguçadas pela subida da 'luz de "Kundalini".

Os mundos subterrâneos compreendem três planos, conhecidos pelos nomes de "Duat", "Agartha" e "Shamballah", quais reflexos no seio deste planeta dos Três mundos Superiores, servindo a superfície da Terra para as relações intermediárias, comparáveis às de numerosas pontes mediante as quais se podem realizar as desligações e as ligações entre os milhões de seres dos Três Mundos Superiores com os Três lá de baixo.

---

[176] Os grifos e as aspas são do Autor. A referida obra, bem como as precedentemente citadas, com exceção apenas da de Ossendowski, ainda estão à espera de editores em nosso idioma.

As ligações (quando os seres terrenos se "realizam") são representadas pelo Hexágono, os dois triângulos eqüiláteros entrelaçados, o Vau (ou ponte), Arcano 6, estreitamente relacionadas com o Segundo Logos.

No espaço que se encontra fora do alcance de nossos cinco sentidos, para cuja compreensão deveríamos conhecer os segredos não só da Metafísica mas também os da Hipergeometria, encontra-se a chave dos mistérios e a sede dos fenômenos erroneamente chamados sobrenaturais ou miraculosos, sejam eles de natureza taumatúrgica, ocultista, sejam hipnóticos, sonambúlicos, catalépticos. Os de maior transcendência são os cons-cientemente provocados a serviço da Lei pelos "Jinas" ou Adeptos da Grande Fraternidade Branca (Shuda Dharma Mandalam). Sem a iniciação nos segredos dos Mundos interiores seria indecifrável o enigma encerrado no apótema hermético: "O que está em Cima é como o que está em Baixo, o que está em Baixo é igual ao que está em Cima, para a realização dos mistérios da Causa Única"; o qual tem o valor de uma revelação, comparável ao VITRIOLUM (Visita Inferiora Terrae Rectificando Invenies Occultum Lapidem Veram Medicinam), a qual também diz respeito aos Mundos lá de Baixo.

Onde se processa a Evolução

É aqui na Superfície que as Mônadas, centros de consciência ou centelhas na Chama, evoluem pela transformação da vida energia em vida consciência, através do itinerário de IO (de Ísis-Osíris) até atingirem o ápice da perfeição. A Tríade espiritual (Atmã, Budhi, Manas) tende a unir-se ao Quaternário material e semimaterial (físico, duplo etérico, astral e mental) por várias centenas de existências humanas, mediante as reencarnações. Mas a união, ou comunhão definitiva, não é gratuita, pois depende do nosso trabalho e da nossa conduta moral. A matéria volta a espiritualizar-se; o humano volta para o divino. Porém, aqueles que, esgotado o limite numérico ou potencial das reencarnações, não quiserem prevalecer-se da última oportunidade, serão definitivamente desligados (excomungados, no sentido de separados da comunhão) da Tríade superior (espírito) e retrocedem para as trevas da matéria densa, lugar onde, segundo o Evangelho, há choros e ranger de dentes; e que, no vocabulário teosófico, se denomina "Cone sombrio da lua".

O Templo do "Caijah" em "Duat"

O Mundo de Duat, que é o da Tradição, é constituído de sete regiões subterrâneas que partem de uma central (oitava), na qual se construiu o excelso templo que recebeu o nome de "Caijah" [177]. Nas galerias dessas regiões se

---

[177] **O Templo do "Caijah" e o Sonido da Sagrada Taça**

A respeito do Templo do "Caijah" podemos hoje dizer algo mais aos leitores da revista "Dhâranâ". Edificado pelas Hierarquias criadoras, no Mundo de *Duat*, representando o oitavo sistema de evolução e o oitavo princípio b Homem, encontra-se em correspondência direta com o de S. Lourenço. Naquele sagrado Templo é que se conserva ciosamente, ao mais seguro abrigo da humana profanação, o lendário Cálice, cujo "fac símile" se vê em determinadas solenidades no sacrário do Templo da S.B.E., para onde foi afinal conduzida pelas mãos do Rei Sacerdote depois de concluída a peregrinação pelas sete igrejas do Ocidente, qual repercussão cíclica de seu itinerário pelas sete igrejas mencionadas no Apocalipse de S. João. Sua verdadeira história exorbita das tradições e das lendas, remontando sua origem à recuadíssima era da Atlântida e ao sacrifício dos sacerdotes Muísis e Muíska, na oitava cidade daquele continente. A última galeria subterrânea que se ligou ao Templo do "Caijah" foi inaugurada em 1960, tendo sido designada pelo nosso Venerável

localizam os grandes museus e as enormes bibliotecas onde se conservam intatos e atualizados os acervos artístico e bibliográfico da humanidade de todos os ciclos evolutivos.

Nas tradições, além dos nomes de "Belovedye" (Bela Aurora), de Luz, Paradesa, Arca ou Barca, a *Agartha* é conhecida também com o nome de "Dragão das Sete Escamas", cuja cabeça coroada é Shamballah, a Mansão das Hierarquias criadoras. Foi para aquela Barca subterrânea que Noé, o Manu bíblico, conduziu seu povo para salvá-lo do dilúvio. Sabe-se que ela já estivera na face da Terra e que deveu ser "interiorizada" ou escondida no seio do globo antes que os crimes dos magos negros e a voracidade dos prepotentes atingissem o limite do tolerável, dando causa à primeira catástrofe da Atlântida.

Como reflexo de um sistema solar, a Agartha possui sete cidades, cujos habitantes representam sete diversos estados de consciência. A cada uma corresponde um tatwa e um planeta dirigente, três templos, uma central e dois laterais, todas elas, no entanto regidas por um Governo Sinárquico, segundo o Sacerdócio do Rei Melki-Tsedek, do qual encontram citações na Bíblia, como "Rei de Salém, Sacerdote do Deus Altíssimo, Rei da Paz; sem genealogia, permanece Sacerdote perpetuamente". (Hebreus, VII, 1-3).

Diferentemente de quanto se observa na superfície, em que as vinte e quatro horas do dia se dividem em 12 para a luz do dia e 12 para as sombras da noite (com pequenas oscilações segundo os paralelos e as estações do ano), em Duat há por dia dois terços de luz para um de sombra, e na Agartha não há trevas, mas eterna Luz. Foi portanto exata a resposta dada pelo tripulante de um Disco Voador, na sua linguagem lacônica enigmática.

Quando lhe perguntaram pela sua procedência respondeu apenas duas palavras"Claryon, Belovedye". (Luz, Bela Aurora).

A Sede da Agartha e o testemunho do Marquês Saint'Yves d'Alveydre

O livro "Missão da Índia", que tem por subtítulo "Missão da Europa na Ásia e Missão da Ásia na Europa'", também podia chamar-se Livro das Maravilhas Subterrâneas.

Dissemos no início deste comentário que foi ele o primeiro escritor ocidental a transmitir-nos em letras de imprensa um relato da vida nos submundos. Relato minucioso de seus fabulosos habitantes, deixando-nos uma impressão viva de nitidez e realidade semelhantes às de uma reportagem ilustrada, de uma película documentada a cores. No seu estilo fluente, em capítulos sucessivos, nos informa por que os Pontífices ocultaram a maneira que nos conduz a uma visita inesquecível aos rincões agartinos e ao sob a terra seus templos e universidades;

Mestre com o significativo nome de "Luz de Chaitânia", após um solene ritual em que se ouviu distintamente e por longo tempo o "sonido" de que ele nos falara tantas vezes! Nós que o ouvíamos pela primeira vez, sentimo-nos extasiados. Era um som harmonioso e contínuo, vibrante e suave que nos empolgava com um poder irresistível. Dir-se-ia comparável a um desses misteriosos e desconhecidos rumores da natureza, de que Ossendowski e outro escritores tentaram oferecer-nos uma impressão, aquela cristalina música que aos próprios animais encanta e comove, um queixume, não triste, do vento ferindo as espirais sonoras de instrumentos invisíveis. Todos nos pusemos de ouvido alerta e coração exultante. Um irmão tivera a feliz lembrança de levar seu aparelho de gravação ao solene ritual; e o sonido encontra-se nitidamente gravado, embora não possa reproduzir as etéreas vibrações do ambiente e do momento.

como a lei dos mistérios será ab-rogada paulatinamente; a quem deve ele as revelações sinárquicas; descrevemos seu encontro com alguns paradisíacos (agartinos); seu sistema de governo, métodos de ensino, hierarquia dos anfictiãos.
Ao tratar da localização da Agartha, depois de considerações sobre nossas tiranias políticas e conquistas militares que estariam a retardar a assinatura de um acordo com o Governo Sinárquico dos Mundos subterrâneos, escreve:
..."É por humanidade para com os povos europeus, assim como para com os povos da própria Agartha, que não temo prosseguir na divulgação que iniciei. Tanto na superfície como nas entranhas da Terra, a extensão da Agartha desafia o cerco, está ao abrigo da profanação, sendo inexpugnável a qualquer violência. Sem contar com as Américas, cujos subsolos lhe pertenceram numa antiguidade imemorial, somente na Ásia cerca de meio milhão de habitantes conhecem aproximadamente sua existência e sua grandeza. Mas não se encontrará entre eles um só traidor que indique qual a posição do Concílio dos Deuses...
..."É devido a essas causas científicas que aquela Terra Santa jamais foi profanada, a despeita do fluxo e refluxo e das recíprocas destruições dos impérios militares, desde a Babilônia até o reino turaniano da Alta Tartária; desde Suzo até Pella; desde Alexandria até Roma"... Tanto quanto as obras de Ossendowski e Guénon, o testemunho do Marquês Saint'Yves A'Alveydre é digno de especial menção, além de tudo por tratar-se de Autor do famoso "L'Archéomètre", obra tornada mais preciosa pela raridade e por não haver esperança de reedição.

Os inframundos na Tradição Egípcia

Recuando cinco ou seis milênios, saltando dos testemunhos modernos aos mais antigos, vamos encontrar as primeiras alusões aos Mundos subterrâneos em "O Livro dos Mortos", dos sacerdotes egípcios. Seu título original era "Saída para a Luz do Dia"; o de "Livro dos Mortos" lhe foi dado por Ricardo Lepsius, ao fazer a primeira versão, publicada em 1842. Na realidade quem descobriu o "Livro dos Mortos" foi Champollion, estudando os monumentos egípcios do Museu de Turim. Os capítulos XII e XVII trazem estes títulos: "A passagem através do Amenti" e "Para entrar nos Mundos inferiores e para sair deles".
Expressiva a saudação de cap. CLXXIII em que Hórus se defronta com seu Pai divino, Osíris, no momento em que entra em sua Mansão no Mundo Inferior: "Salve Osíris, Príncipe do Amenti, Senhor de Abidos, Rei da Eternidade, deus misterioso do Re-Staú" Eis-me aqui. Glorificado Senhor dos Deuses, tu, o único, vivendo pela Verdade da Palavra!"... A oração do cap CLXXX visa abrir aos Espíritos santificados os caminhos do Mundo Inferior; como devolver-lhes a liberdade de movimentos, a fim de que possam percorrer aquele mundo; como dar-lhes a possibilidade de efetuarem todas as metamorfoses de alma viva "Eis aqui Ra que desce para o Horizonte Ocidental! Manifesta-se com os rasgos de Osíris mediante a radiação dos Espíritos santificados e de todos os deuses do Amenti.

Pois ele é o único, o deus oculto do Duat, a Alma sagrada que preside os destinos do Amenti, o Ser-Bom cuja vida é eternal Eis aqui as oferendas de Duat graças às quais tu poderás cumprir a Viagem... Filho de Ra, tu procedes de Tum. Os habitantes de *Duat* te glorificam ! ...

Uma das muitas coisas sábias e verdadeiras ensinadas por Gautama, o Buda, foi esta: Os que falam do Paraíso e do Inferno não mentem senão quando os situam fora da Terra.

Os dois livros escatológicos "tipos" são "O Livro dos Mortos" dos egípcios e "O Bardo Thodol" dos tibetanos, no dizer de Juan Bergua, que pela primeira vez os traduziu para o espanhol (Madri, 1962). Também na tradição do Tibete encontramos, embora menos freqüentes que na egípcia, diversas alusões aos Mundos subterrâneos, inclusive nas preces pelos mortos, de O Bardo Thodol", também chamado "O Livro dos Espíritos do Além (A ancianidade desse livro é estimada em 6.000 anos).

A importância dos Rituais

Como se viu no cap. VII, "A Morada da Imortalidade", René Guénon escreve que no Judaísmo a Cidade Misteriosa é chamada Luz. No original esta palavra aparece grifada, com a mesma grafia portuguesa (Luz), na acepção de lugar oculto, coberto, silencioso, secreto, dando a idéia de inviolável, inatingível pela violência, segundo o próprio sentido do hierograma agartino estampado na, obra de Saint'Yves. Interessante a relação que ele estabelece com o sentido de outra palavra "Luz", nome dado a uma partícula corporal "indestrutível" na extremidade inferior da coluna vertebral, que, consoante o esoterismo hindu, é a sede da força denominada "Kundalini", forma de "Shakti" considerada imanente no homem.

O cap. VIII que versa sobre o Centro Supremo oculto durante á "Kali-Yuga" merece particular atenção do estudioso. Suas afirmações coincidem, quase todas, com os ensinamentos de nossa Escola; demo-nos ao gosto de reproduzir algumas: "O conhecimento iniciático deve necessariamente permanecer oculto"... E o Autor bem poderia ter acrescentado: e restrito aos que, pela sua escrupulosa conduta moral, se tornaram dignos de recebê-los. .. . "Não apresentam (as organizações secretas) senão a sombra, quando o espírito dessa doutrina deixou de vivificar os símbolos que não são mais que sua representação exterior, e isto porque, por várias razões, todos os laços conscientes com o centro espiritual do mundo acabaram por ser rompidos, o que constitui o sentido mais próprio da perda da tradição, cessando de estar em relação direta e efetiva com o centro supremo".

Depois, aludindo à Agartha como oculta, protegida, mas não definitivamente perdida, acrescenta: “Não para todos, pois que alguns ainda a possuem integralmente; e, sendo assim, outros tantos sempre têm a possibilidade de encontrá-la de novo, contanto que a busquem convenientemente"...

É lícito pensar que o insigne autor tinha todo o direito de se incluir entre os primeiros. E esclarece: "Desde que sua intenção seja dirigida de tal maneira que, pelas vibrações harmônicas que ela (a Agartha) desperta, segundo a lei das ações e reações concordantes, possa colocá-las em uma comunicação espiritual efetiva com o centro supremo".

Tal orientação e a ritualística que, segundo suas palavras, encaminham essas vibrações para o Centro do Mundo. Podemos supor que ele participasse com o seu grupo de iniciados de reuniões em que secretamente se praticava

"L'Orientation rituelle" e que sua experiência, fosse até superior a tudo quanto pôde dizer em um livro, no qual, a despeito da patente boa vontade do autor em difundir seus conhecimentos, era verdadeiramente impossível expor esses mesmos conhecimentos. Do que se deduz o valor das reuniões ritualísticas praticadas pelos iniciados na intimidade das agremiações ocultistas que tiveram o mérito de manter atados os laços de espiritual familiaridade com os Agartinos.

Em que os ensinamentos de nossa Escola atualizam os do Autor. O "Ex Oriente Lux" de Swedenborg e o "Ex Occidente Lux" de J. H. S.

Vamos agora assinalar um trecho desse capítulo de "O Rei do Mundo" contendo asserções que se tornaram superadas pelos fatos extraordinários ocorridos desde o nascimento agartino de J. H. S. em terras do Brasil em 15 de setembro de 1883 e, notadamente, os registrados em determinado pico da Serra da Mantiqueira, em Minas, de onde se difundiram em torno de sua pessoa, a partir daquele memorável dia 28 de setembro de 1921, os mais impressionantes fenômenos "Jinas" dos anais da Doutrina Esotérica.

O famoso cabalista francês, a despeito de sua brilhante cultura e da intensidade de suas pesquisas, no afã de alcançar no fundo o centro da "Luz", esteve muito afastado dela no espaço, apesar de bem perto no tempo; todavia, menos feliz que Roso de Luna, o iluminado de Madri, não lhe foi dado vislumbrá-la aqui na superfície, num vasto e ignorado país que nunca figurou no mapa de suas cabalísticas cogitações. Do contrário, não teria assinado conceitos inexatos como o de atribuir ao mundo oriental a Regência das coisas do Espírito, quando ela já havia sido de direito e de fato outorgada ao Ocidente. Quem escreveu: "A partir daquela época (1648) o acervo do conhecimento iniciático efetivo não é mais guardado por qualquer organização ocidental; também Swedenborg declara que, para o futuro, é entre os sábios do Tibete e da Tartária que se deve procurar Palavra perdida”... escrevia repetindo velhos erros, de costas voltadas para o Sol, que já despontara no horizonte do Novo Mundo, e teimava em procurá-lo na escuridão do Oriente, assestando seu microscópio investigador em países da Ásia central, onde em verdade o bruxuleio do crepúsculo da Mongólia desorientou valorosos pesquisadores ocidentais norteados por antiquadas "orientações", como as do vidente sueco por ele mencionado nesse tópico, pai da expressão latina, "Ex Oriente Luz", hoje em dia sem sentido, porque tudo mudou.

Agora, podemos afirmá-lo, com a convicção de quem viu: e sabe, "o acervo do conhecimento iniciático efetivo" voltou para o Ocidente, enriquecido (por Henrique) das revelações deste novo Ciclo e dos ensinamentos que possibilitam a sua interpretação correta. Onde está esse tesouro de conhecimentos? Como atingi-lo? Quem poderá conduzir-nos a ele? Onde o Paraíso terrestre? Desde a mais remota antiguidade essas perguntas têm sido respondidas com evasivas e fantasias, consumindo-se inutilmente montanhas de papel e mares de tinta. Nossa resposta é breve e positiva. Não importa que poucos acreditem nela. Estamos nos dirigindo a esses eleitos. Tudo se resume em dissipar as trevas da ignorância com a luz do moer. Mas o ouro que é luz não seduz os cegos de espírito, que tem fome de ouro metálico. Nosso tesouro está aqui mesmo, em nosso país, ao alcance das mãos e dos olhos que se tornarem dignos de pegá-lo e vê-lo.

Somente não podemos dizer que está também ao alcance dos ouvidos dignos de ouvirem, porque a Voz do Deva Vani, o Verbo feito carne, o Sagrado

veículo do Espírito de Verdade esvaiu-se e emudeceu, aqui nesta capital de Paulo, na madrugada de 9 de setembro de 1963. Mas deixou-nos Sua palavra; ela não está perdida. "Ex Ocidente Lux!".[178]

Críticas passíveis de crítica. A Missão de HPB.

Quem são os legítimos representantes agartinos?

Em diversas oportunidades temos manifestado nossa admiração por quem nos legou monumentos de cultura, tais como "Ísis Sem Véu", "Doutrina Secreta", "Glossário Teosófico"; nosso respeito à memória daquela que foi a paladina do maior movimento renovador da mentalidade dogmática do século passado, a quem Roso de Luna cognominou de "Mártir do Século XIX" e que foi também a mulher mais ilustre nas letras, a. mais valente no campo de batalha; nossa veneração à figura daquela cujo espírito brilha intensamente como astro de primeira grandeza na constelação dos modernos pensadoras, que porfiam em arredar as trevas da ignorância e da superstição. Cumpre-nos o dever de, mais uma vez (.e por certo não será a última), comparecer na torre de observação para apontar como injusta a crítica que lhe fez o Autor de "O Rei do Mundo" no final do cap. VIII, quando, talvez irrefletidamente, diz: "Acrescentamos que, das informações fragmentárias que Mme. Blavatsky pôde obter sobre esse assunto, sem aliás compreender sua verdadeira significação, foi que nasceu nela a idéia da Grande Loja Branca, à qual poderemos chamar simplesmente uma caricatura ou paródia da Agartha". E na respectiva nota nº. 12 o Autor acirra a crítica, afirmando que no Ocidente contemporâneo nenhuma organização iniciática está em condições de fornecer a menor prova de "regularidade".

---

178 **O "Ex Ocidente Lux" na interpretação de Alexandre Dumas.** As obras de Alexandre Dumas são repletas de ensinamentos sobre as causas da revolução francesa, tão intimamente ligada com a.história de nossa Obra como a Queda do Templo do Tibete e a Tragédia do Gólgota. Os episódios por ele magistralmente descritos encerram muitos, ensinamentos da Teosofia.
Já no primeiro volume, intitulado "José Bálsamo", de sua coleção "Memórias de um Médico", ressalta sua qualidade de iniciado As obras de Alexandre Dumas são repletas de ensinamentos sobre as causas da revolução francesa, tão intimamente ligada com a.história de nossa Obra como a Queda do Templo do Tibete e a Tragédia do Gólgota. Os pisódios por ele magistralmente descritos encerram muitos, ensinamentos da Teosofia.
Já no primeiro volume, intitulado "José Bálsamo", de sua coleção "Memórias de um Médico", ressalta sua qualidade de iniciado.
Transcrevemos um trecho do capítulo "L. P. D." no qual o misterioso Mestra se dispôs a desvelar aos irmãos embuçados seu lacônico
Ego sum qui sum, descrevendo-lhes as lutas de suas passadas vidas.
"Sem dúvida, senhores, desejais saber por que motivo o muçulmano Acharat era recebido com tantas honras por aqueles que fazem voto de exterminar os infiéis. Era porque Althotas, sendo católico e cavaleiro de Malta, só me havia falado de um Deus poderoso e universal,
que por meio dos anjos, seus ministros, havia estabelecido esta harmonia geral, a que dera o belo e grande nome de Cosmos.
Eu era portanto teósofo". ...
Outra passagem desse mesmo capítulo, que transcrevemos a seguir, vaticina o "Ex Ociddente Lux" de J. H. S.:
"Colocou-me então as mãos sobre minha cabeça, como costumava fazer quando queria momentaneamente dar-me a dupla vista.
" – Dorme, disse-me ele, e lembra-te. "Adormeci imediatamente, e sonhei então que estava sobre uma cama de madeira de sândalo e aloés; um Anjo que passava, levando do Oriente para o Ocidente a vontade do Senhor, tocou-me com uma das asas, e a minha cama incendiando-se tornou-se uma fogueira. Mas, caso singular, em vez de me sentir possuído de temor, em vez de recear essa chama, estendi-me voluptuosamente no meio das labaredas, como a fênix que vem aspirar nova existência no princípio de toda a vida"...

A heróica doutrinadora suportou com estoicismo (e em muitos transes foi salva pelos seus "tulkus", assunto do qual Guénon demonstrou não ter conhecimento) todos os embates da árdua missão que sobre seus delicados ombros de mulher depositaram os Mestres de sabedoria. Tão difícil era sua tarefa que não pôde levá-la a cabo; cumpria-lhe fixar a sede da Sociedade por ela fundada, em colaboração com Henry Olcott, nas terras da Norte América, porém as forças comandadas pelos "nirmanakayas" negros obrigaram-na a retroceder à Índia. Também lá no decantado Oriente encontrou ela a incompreensão, a inveja e a vaidade de muitos discípulos. Não foi sem razão que, triste e angustiada, lhes dirigiu estas palavras de mágoa e desencanto, que talvez estejam ainda a doer nas suas consciências: "Amontoai pedras teósofos; amontoai-as caros irmãos e boas irmãs, para, com elas lapidardes até a morte aquela que, com a palavra dos Mestres, procurou trazer-vos a felicidade".

Não sabemos em que se baseou o Autor para considerar a Mestra H. P. B. incapaz de compreender um assunto pertinente a matéria que lhe era familiar. Um dos primeiros ensinamentos da Sabedoria iniciática, e que consta do próprio Evangelho cristão, e "Não julgar". O Autor, no entanto, quis julgar a "Mártir do Século XIX" e, com maior severidade, no seu livro "Le Theosophisme".

Quanto à "irregularidade" das organizações iniciáticas ocidentais, poderá o leitor, com base nos esclarecimentos que lhe oferecemos nestes comentários, compreender que as do Oriente padeciam do mesmo mal, pois nem elas podiam apresentar a menor prova de "regularidade". Onde vivem hoje os legítimos representantes da Agartha? Qual a instituição iniciática que está habilitada a apresentar essas provas, além da S. T. B., hoje S.B.E.?

Capítulo IX
OS “OMPHALOS” E OS “BETYLOS”

Segundo relata Ossendowski, o “Rei do Mundo” já apareceu muitas vezes na Índia e no Sião, “abençoando o povo com uma maçã de ouro encimada por um cordeiro”; e este detalhe assume maior importância quando o comparamos com o que Saint-Yves diz do “Ciclo do Cordeiro e do Carneiro” [179] . De outro lado, e isto é ainda mais notável, existe no simbolismo cristão inúmeras representações do Cordeiro sobre uma montanha de onde descem quatro rios que, evidentemente, são semelhantes aos quatro rios do Paraíso terrestre.[180] Ora, dissemos que a Agartha, antes do início da Kali-Yuga, trazia um outro nome e esse era Paradêsha que, em sânscrito, significa “região suprema”, que se aplica bem ao centro espiritual por excelência, designado igualmente como o “coração do Mundo”, é dessa palavra que os Caldeus fizeram Pardes e os ocidentais Paraíso. Tal é o sentido original dessa última palavra, e isto elucida por que dizíamos tratar-se sempre, sob uma forma ou outra, da mesma coisa que a palavra Pardes da Cabala hebraica.

Além disso, reportando-nos ao que explicamos sobre simbolismo do “Polo”, é fácil ver, também, que a montanha do Paraíso terrestre é idêntica à “montanha polar”
designada sob diversos nomes em quase todas as tradições: já mencionamos o Meru dos hindus e o Alborj dos persas, assim como o Montsalvat da lenda ocidental do Graal; citaremos também a montanha de Qâf dos árabes, [181] e mesmo o Olimpo dos gregos que, sob vários aspectos, tem a mesma significação. Trata-se sempre de uma região que, tal como o Paraíso terrestre, tornou-se inacessível para a humanidade vulgar e que está situada fora do alcance de todos os cataclismos que agitam o mundo humano ao final de certos períodos cíclicos. Essa região é verdadeiramente a “mansão suprema”; todavia, segundo certos textos dos Vedas e do Avesta, sua situação teria sido primitivamente polar, mesmo no sentido literal dessa palavra; e, qualquer que possa ser sua localização através das diferentes fases da história da humanidade terrestre, ela permanece sempre polar no sentido simbólico, pois, que representa essencialmente o eixo fixo em torno do qual se executa a revolução de todas as coisas.

A montanha simboliza naturalmente o “Centro do Mundo” antes da Kali-Yuga, isto é, que ele existia de alguma forma abertamente e não era ainda subterrâneo; ela corresponde, portanto, àquilo que se poderia chamar sua situação normal, fora do período obscuro cujas condições especiais implicam uma espécie de desmoronamento da ordem estabelecida. É preciso, além disso,

---

179 Lembraremos aqui a alusão que fizemos algures sobre a relação que existe entre o Agni védico e o símbolo do Cordeiro (O Esoterismo de Dante, pp.65-66; O homem e seu destino segundo a Vedanta, p. 43); o carneiro representa, na Índia, o veículo de Agni.Além disso, Ossendowsky informa por várias vezes que o culto de Rama existe sem interrupção na Mongólia; lá existe, portanto, outra coisa além do Budismo, contrariamente ao que pretende a maior parte dos orientalistas . Sobre as recordações do “Ciclo de Ram” que
ainda subsistiram atualmente no Camboja, tivemos conhecimento de vários esclarecimentos que nos pareceram tão extraordinários que preferimos não os exteriorizar; não mencionamos, pois, esse fato senão para memória.

180 Assinalemos ainda as representações do Cordeiro sobre o livro selado com sete sinetes, de que se fala no Apocalipse; o Lamaísmo tibetano igualmente possui sete sinetes misteriosos e não julgamos que essa aproximação seja puramente acidental.

181 Diz-se da montanha de QAF que não se pode atingi-la “nem por terra nem por mar” (**lâ bilbarr wa lá bil-bahr**; cf. aquilo que dissemos de Montsalvat e ela tem entre outras designações a de “Montanha dos Santos” (**Jabal el-Awliyâ**), que se aproxima da “Montanha dos Profetas” de Anne Catherine Emmerich.

acrescentar que, à parte dessas considerações que se referem às leis cíclicas, os símbolos da montanha e da caverna tem, um e outro, a sua razão de ser, que há entre eles um verdadeiro complementarismo [182]; além disso, a caverna pode ser considerada como situada no interior da própria montanha ou imediatamente abaixo desta.

Existem ainda vários outros símbolos que, nas tradições antigas representam o "Centro do Mundo"; um dos mais notáveis é talvez este do **Omphalos** que se encontra igualmente entre quase todos os povos [183] . A palavra grega **omphalos** significa umbigo, mas designa também, de maneira geral, tudo aquilo que é centro e mais especialmente o meio da roda; em sânscrito, a palavra **Nâbbi** tem igualmente essas diferentes significações, e há também nos idiomas célticos e germânicos, derivados da mesma raiz, que aí se encontra sob as formas de **Nab** e **Não** [184] , evidentemente idêntica a estas últimas, tem o sentido de "chefe" e se aplica ao próprio DEUS; é, pois, a idéia do Princípio central que é aqui expressa[185] . O sentido de "meio" tem a esse respeito uma importância toda particular, porque a roda é, por toda a parte, um símbolo do Mundo completando sua rotação em torno de um ponto fixo, símbolo que deve, portanto, ser comparado ao da **Swastika**; mas. Neste, a circunferência que representa a manifestação não é traçada, de modo que é o próprio centro que é designado diretamente; a **Swastika** não é uma imagem do Mundo, mas sim da ação do Princípio a respeito do Mundo.

O símbolo de **Omphalos** podia ser colocado em um lugar que era simplesmente o centro de uma determinada região, centro espiritual, aliás, melhor que centro geográfico, conquanto os dois tenham podido coincidir em certos casos; mas, se fosse assim, esse ponto era verdadeiramente para o povo habitante da região em apreço, a imagem visível do "Centro do Mundo", da mesma forma que a tradição própria desse povo não era mais do que uma adaptação da tradição primordial sob a forma que melhor convinha à sua mentalidade e às suas condições de existência. Conhecia-se, sobretudo, geralmente, o Omphalos do templo de Delfos: este templo era realmente bem o centro espiritual da Grécia antiga[186] e, sem insistir sobre todas as razões que poderiam justificar essa asserção, faremos apenas notar que era lá que se reuniam, duas vezes por ano, o conselho dos Anfitriões, composto dos representantes de todos os povos helênicos, e que formava, aliás, o único laço

---

182 Este complementarismo é o dos dois triângulos, dispostos reciprocamente em sentido inverso que formam o "selo de Salomão"; é também comparável àquele da lança e da taça, de que antes falamos, e de muitos outros símbolos equivalentes.

183 W.H. Roscher, em uma obra intitulada **Omphalos**, aparecida em 1913, reuniu uma quantidade considerável de documentos estabelecendo este fato para os povos mais diversos; mas errou ao pretender que esse símbolo esteja ligado à idéia que tais povos faziam da forma da terra, porque pensa que se trata da crença sobre um centro da superfície terrestre, no sentido mais grosseiramente literal; essa opinião implica um desconhecimento completo da significação profunda do simbolismo. Utilizaremos no que segue um certo número de informações contidas em um estudo de M. J. Loth sobre o **Omphalos entre os Celtas**, aparecido na "Revue des études anciennes", (julho-setembro de 1915).

184 Em alemão, nabe, meio e nabel, umbigo; do mesmo modo, em inglês, nave e navel, esta última palavra tendo também o sentido geral de centro ou de meio. O grego omphalos e o latim umbilicus provém aliás de uma simples modificação da mesma raiz.

185 **Agni**, no **Rig-Vêda**, é chamado "umbigo da Terra", o que tem ainda ligação com a mesma idéia; a Swastica é freqüentemente, como já dissemos, um símbolo de **Agni**.

186 Existiam na Grécia outros centros espirituais, porém mais particularmente reservados para a iniciação nos mistérios , como Eleusis e Samotrácia, enquanto Delfos tinha um papel social referindo-se diretamente à totalidade da coletividade helênica.

efetivo entre esses povos, ligação cuja força residia precisamente em seu caráter essencialmente tradicional.

A representação material de **Omphalos** era geralmente um pedra sagrada, que freqüentemente se denomina um "**Bétyle**"; e esta última palavra parece não ser outra coisa que o hebraico **Beith-El**, "casa de Deus", o mesmo nome que Jacó deu ao lugar onde o Senhor se manifestara a ele em sonho: "E Jacó despertou de seu sono e disse: Certamente o Senhor está neste lugar, e eu não sabia. E espantado disse: Quão grandioso é este lugar! É a casa de Deus! É a porta dos céus. E Jacó se levantou cedo e tomando a pedra de que tinha feito seu travesseiro, colocou-a como um pilar e sobre seu cume derramou azeite (para consagrá-la). E a esse lugar deu o nome de **Beith-El**; porém, o primeiro nome dessa cidade era **Luz**" [187]. Já explicamos a significação dessa palavra **Luz**; além de que, é igualmente dito que **Beith-El**, "casa de Deus", torna-se em seguida **Beith-Lehem**, "casa do pão", a cidade onde nasceu Cristo [188]; a relação simbólica que existe entre a pedra e o pão seria, aliás, muito digna de atenção[189]. O que ainda é necessário assinalar é que o nome de **Beith-El** não se aplica somente ao lugar, mas a própria pedra: "E essa pedra, que coloquei como pilar, será a casa de Deus" [190]. É, pois, esta pedra que deve ser propriamente a "morada divina (**Mishkan**), segundo a designação que será dada mais tarde ao Tabernáculo, isto é, a sede da **Shekinah** ; tudo isto se relaciona naturalmente com a questão das "influências espirituais" (**Berakoth**) e quando se fala do "culto das pedras", que foi comum a tantos povos antigos, é preciso compreender bem que este culto não se dirigia às pedras, mas sim à Divindade da qual elas eram a residência.

A pedra representando o **Omphalos** podia Ter a forma de um pilar, como a pedra de Jacó; é muito provável que, entre os povos celtas, alguns menires tivessem esta significação; e os oráculos eram realizados junto dessas pedras, como em Delfos, o que facilmente se explica visto que elas eram consideradas como a moradia da Divindade; a "casa de Deus", aliás, muito naturalmente se identifica com o "centro do mundo. O **Omphalos** podia, também, ser representado por uma pedra de forma cônica, como a pedra negra de Cibele, ou ovóide; o cone lembrava a montanha sagrada, símbolo do "Pólo" ou do "Eixo do Mundo: quanto à forma ovóide ela se relaciona diretamente a outro símbolo muito importante, aquele do "Ovo do Mundo"[191]. É preciso ainda, acrescentar que, se o **Omphalos**

---

[187] Gênesis, XXVIII, 16-19**.**

[188] Note-se, além disso, a semelhança fonética de **Beith-Lehem** com a forma **Beith-Elhoim**, que figura também no texto do Gênesis.

[189] "E o tentador, aproximando-se disse a Jesus: Se tu és o filho de Deus, ordena que essas pedras se transformem em pães" (S. Mateus, IV,3;cf. S. Lucas, IV,3). Estas palavras tem um sentido misterioso, em relação com o que indicamos aqui: O Cristo devia mesmo realizar uma transformação semelhante, mas espiritualmente e não materialmente como lhe pedia o tentador; ora, a ordem espiritual é análoga à material, mas em sentido inverso, e o vezo do demônio é tomar todas as cousas às avessas. É o próprio Cristo que, como manifestação do Verbo, é "o pão vivente descido do Céu", donde a resposta: "O homem não vive somente de pão, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus"; é este pão que devia, na "Nova Aliança", ser substituído pela pedra como "casa de Deus"; e, acrescentaremos ainda, é por isso que os oráculos cessaram. A propósito deste pão que se identifica com a "carne" do verbo manifestado, é, talvez, interessante notar ainda que a palavra árabe Lahm, que é a mesma do hebreu Lehem, tem precisamente a significação de "carne" em lugar de "pão".

[190] Gênesis, XXVIII, 22.

[191] À vezes, em particular sobre certos **Omphalos** gregos, a pedra estava cercada por uma serpente; vê-se também essa serpente; vê-se também essa serpente enrolada na base ou no cume das balizas caldaicas, que devem ser consideradas como verdadeiros "betyles". Além disso, o símbolo da pedra, como o da árvore (outra imagem do "Eixo do Mundo"), de modo geral está em estreita conexão com aquele da serpente; e mesmo com o do ovo, notadamente entre os Celtas e os

era **representado mais habitualmente por uma pedra**, pode igualmente o ser por um outeiro, uma espécie de túmulo, que ainda é uma imagem da montanha sagrada; assim, na China, no centro de cada reino ou Estado feudal, outrora se elevava um cômoro em forma de pirâmide quadrangular, formada da terra das "cinco regiões": as quatro faces correspondiam aos quatro pontos cardeais e o cume ao
próprio centro[192] . Coisa singular vamos encontrar de novo essas "cinco regiões" nalrlanda, onde a "pedra erguida ao chefe" era, de maneira semelhante, elevada ao centro de cada domínio[193].

A Irlanda é, efetivamente, entre o países célticos, o que forneceu o maior número de dados relativos aos **Omphalos**; ela era antigamente dividida em cinco reinos, dos quais um deles trazia o nome de **Mido** (mantido sob a forma inglesada de **Meath**), que é antiga palavra celta **Medion** "meio", idêntica ao latim "**Medius**"[194] . Este reino de **Mido**, que tinha sido formado de porções tirada antecipadamente de uma área total sobre os territórios dos quatro outros, tinha se tornado o apanágio próprio do supremo rei da Irlanda, ao qual os outros reis estavam subordinados [195]. Em **Ushnagh**, que representa exatamente o centro do país, estava erigida uma gigantesca pedra chamada "Umbigo da Terra", designada, também, sob o nome de "pedra das porções" (**Ail-Na-Meeran**), porque ela marcava o lugar para onde convergiam, no interior do reino de Mido, as linhas que separavam os quatro reinos primitivos. Aí tinha lugar anualmente, a primeiro de maio, uma assembléia geral completamente semelhante à reunião anual dos Druidas no "lugar central consagrado" (**Medio-Lanon ou Medio-Nemeton**) da Gália, no país dos Carnutos; e a semelhança com a assembléia dos Anfitriões em Delfos, igualmente se impõe. Essa divisão da Irlanda em quatro reinos, mais a região central que era a residência do chefe supremo, se liga a tradições extremamente antigas. Com efeito, a Irlanda foi, por essa razão, chamada a "ilha dos quatro Mestres" [196], mas essa denominação, da mesma forma, aliás, que aquela de "ilha verde" (ERIN), se aplicava anteriormente a uma terra muito mais setentrional, hoje desconhecida, talvez desaparecida, **Ogygie** ou antes **Thulé**, que foi um dos principais centros espirituais, senão mesmo o primeiro centro supremo de um determinado período.

A recordação dessa "ilha dos quatro Mestres" se encontra até na tradição chinesa, fato que parece nunca ter sido notado; eis um texto taoista que disso faz fé: "O Imperador Yao se atribuiu muitos trabalhos e se imaginava ter reinado idealmente bem. Depois que visitou os quatro Mestres, na longínqua ilha de **Kou-Chee** (habitada pelos "homens verdadeiros", **Tchenn-Ien**, isto é, homens reintegrados no "estado primordial"), ele reconheceu que tinha estragado tudo. O

Egípcios. Um exemplo notável de figuração do **Omphalos**, é o "betyle" de Karmaria, cuja forma geral é a de um cone irregular, arredondado no alto, e do qual uma das partes traz o signo da Swastica. M.J. Loth, no estudo que citamos acima, publicou várias fotografias desse "betyle", bem como de algumas outras pedras do mesmo gênero.

192 O número 5 tem, nas tradições chinesas, uma importância toda particular

193 **Brehon Laws**, citadas por M. J. Loth.

194 Deve-se lembrar que a China é também designada sob o nome de Império do Meio.

195 A capital do reino de Mido era **Tara**; ora em sânscrito, a palavra **Târa** significa "estrela" e designa mais particularmente a estrela polar.

196 O nome de São Patrício, que não é conhecido geralmente senão sob sua forma latinizada, era originalmente Cothraige, que significa "o servidor dos quatro".

ideal é a indiferença (ou antes o desapego, na atividade "inoperante") do super homem[197] , que deixa virar a roda "cósmica" [198]. Além disso, os "quatro Mestres" se identificam com os quatro Maharajas ou "grandes reis" que, segundo as tradições da Índia e do Tibete, presidem os quatro pontos cardeais [199]; simultaneamente correspondem aos elementos: o Mestre Supremo, o quinto, que reside no centro, sobre a montanha sagrada, representando o Eter (Akasha) a "Quintessência" dos hermetistas, o elemento primordial do qual do qual procedem os quatro[200]; e tradições análogas se encontram também na América Central.
.

CAPÍTULO X

NOMES E REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DOS CENTROS ESPIRITUAIS

[197] O "homem verdadeiro", estando colocado no centro, não participa mais do movimento das coisas, mas na realidade dirige este movimento por sua simples presença, porque nele se reflete a "Atividade do Céu".

[198] **Tohoang-Tseu**, cap. 1º, tradução de P.L. Wieger, p. 213. O Imperador Yao reinava, diz -se, no ano 2356 antes da era cristã.

[199] Poder-se-ia, também aqui fazer uma comparação com os quatro **Awtâd** do esoterismo islâmico

[200] Nas figuras cruciais, tais como a Swastica, este elemento primordial é igualmente representado pelo ponto central, que é o polo; os quatro outros elementos, bem como, os quatro pontos cardeais correspondem aos quatro braços da cruz, simbolizando, aliás, o quaternário em todas as suas aplicações.

Poderíamos ainda citar, no que diz respeito à "região suprema", muitas outras tradições concordantes; há especialmente para designá-la um outro nome, provavelmente mais antigo ainda que o de **Paradesha**: esse nome é **Tula**, do qual os gregos fizeram **Thule**; e como acabamos de ver, era verdadeiramente idêntica à primitiva "Ilha dos quatro Mestres". É preciso observar, além disso, que o mesmo nome de **Tula** foi dado a várias regiões diferentes, pois que, ainda hoje, o encontramos igualmente tanto na Rússia como na América Central; sem dúvida, deve-se pensar que cada uma dessas regiões, foi, em época mais ou menos longínqua, a sede de um poder espiritual que era como uma emanação daquela **Tula** primordial. Sabe-se que a **Tula** mexicana deve sua origem aos Toltecas; estes, diz-se, vinham de Aztlan, "a terra no meio das águas", que, evidentemente, não é outra senão a Atlântida, e tinham trazido esse nome de Tula de seu país de origem; o centro ao qual deram esse nome devia provavelmente substituir, em certa medida, o do continente desaparecido[201]. Mas, de outro lado, é preciso distinguir a **Tula** atlante da **Tula** hiperbórea, e é esta última que, em realidade, representa o centro primitivo e supremo para o conjunto do atual **Manvantara**; é ela que foi a "ilha sagrada" por excelência e, como dissemos, sua situação era literalmente polar na sua origem.

Todas outras "ilhas sagradas", que são designadas por toda parte com vários nomes de idêntica significação, não foram senão imagens daquela; e isto se aplica, da mesma forma, ao centro espiritual da tradição atlante, que não regeu senão um ciclo histórico secundário, subordinado ao **Manvantara** [202] .

A palavra Tula, em sânscrito, significa "balança" e designa, em particular, o signo zodiacal desse nome; mas segundo uma tradição chinesa, a Balança celeste foi primitivamente a Grande Ursa [203]. Essa observação é de maior importância, porque o simbolismo que se refere à Grande Ursa está, naturalmente, ligado à do Pólo [204] ; não podemos aqui esmiuçar essa questão, que mereceria ser tratada em estudo particular[205]. Haveria aí lugar para se examinar também a relação que pode existir entre a Balança polar e a Balança zodiacal; esta é aliás, vista como o "sinal do Julgamento", e o que dissemos precedentemente da balança como atributo da Justiça, a propósito de Melki-Tseddeq, permite compreender que seu nome tenha sido a designação do centro espiritual supremo.

---

[201] O signo ideográfico da Aztlan ou de Tula era a garça branca; a garça e a cegonha exercem no Ocidente o mesmo papel que o íbis, entre os egípcios, era um dos símbolos de Thoth, isto é, o da Sabedoria.

[202] Uma grande dificuldade para determinar de uma forma exata o ponto de junção da tradição atlante com a tradição hiperbórea, provém de certas substituições de nome que podem dar lugar a numerosas confusões, mas a questão, apesar de tudo, não é talvez inteiramente insolúvel.

[203] A Grande Ursa teria sido mesmo chamada "Balança de Jade", sendo jade símbolo da perfeição. Entre vários outros povos, a Grande Ursa e Pequena Ursa, foram comparadas com os dois pratos de uma balança. Essa Balança simbólica não deixa de estar em ligação com a que se menciona no Siphra Ditseniutha (o "livro do Mistério, seção do Zohar); esta se acha "suspensa em um lugar que não está em parte alguma", isto é, no "não manifestado", que o ponto polar representa para nosso mundo; pode-se até dizer que é sobre o Polo que repousa efetivamente o equilíbrio do mundo.

[204] A Grande Ursa é na Índia o **Sapta-Riksha**, isto é, a morada simbólica dos sete **Rishis**; isto é, naturalmente, de acordo com a tradição hiperbórea, enquanto na tradição atlante a Grande Ursa é substituída nessa função pelas Plêiades, que igualmente são formadas de sete estrelas; sabia-se, aliás, que, para os gregos, as Plêiades eram filhas de Atlas e, como tais, chamadas também **Atlântidas**.

[205] É curioso também notar, em conexão com o que dissemos d concordância fonética entre Meru e Meros que, entre os antigos egípcios, a Grande Ursa era denominada a constelação da Coxa.

Tula é ainda chamada a "ilha branca", e dissemos que esta cor é a que representa a autoridade espiritual; nas tradições americanas, Aztlan tem por símbolo uma montanha branca, mas esta figuração se aplicava principalmente à Tula hiperbórea e à "montanha polar". Na Índia, a "ilha branca" (Shweta-Dwipa), que, geralmente, é colocada nas longínquas regiões do Norte[206], é vista como a "mansão dos Bem-aventurados", fato que claramente a identifica com a "Terra dos Viventes" [207].

Existe, entretanto, uma aparente exceção: as tradições celtas falam sobretudo da "ilha verde" como sendo a "ilha dos Santos" ou "ilha dos Bem-aventurados"[208]; mas no centro dessa ilha se eleva a "montanha branca", que não foi, dizem, submergida por nenhum dilúvio[209], e cujo pico é de cor purpúrea[210]. Essa "montanha do Sol", como também é chamada, é a mesma que o Meru: este, que é também a "montanha branca", é cercado por um cinturão verde pelo fato de estar situado no meio do mar[211] , e no seu cimo brilha o triângulo de luz.

Sobre a designação de centros espirituais, como a "ilha branca" (designação que, recordamos ainda, pode ser aplicada da mesma forma que as outras aos centros secundários e não, apenas, ao centro supremo ao qual ela convinha em primeiro lugar), é preciso ligar os nomes dos lugares, cidades e regiões, que exprimem igualmente a idéia de brancura. Com essa idéia existe grande número, de Albion a Albânia, passando por Alba a Duradoura, a cidade mãe de Roma, e as outra cidade antigas que usaram o mesmo nome[212]**;** entre os gregos, o nome da cidade de Argos tem a mesma significação [213]; e a razão destes fatos aparecerá mais nitidamente pelo que mais adiante diremos.

Há, ainda, uma observação a se fazer sobre a representação do centro espiritual como uma cidade, que encerra? É essa palavra? Aliás, a "montanha sagrada", porque, no mesmo tempo em que tal localização pode existir, efetivamente (não obstante as "Terras Santas" não serem ilhas), ela deve Ter também uma significação simbólica. Os fatos históricos por si mesmos, e sobretudo os da

---

[206] O Shweta-Dwipa é uma das dezoito subdivisões do Jambu-Dwipa.

[207] Isto lembra igualmente as "Ilhas Afortunadas" da antigüidade ocidental; mas essas ilhas estavam situadas a Oeste (O Jardim das Hespérides": Hesper em grego, Vésper em latim, significa a tarde, isto é, o Ocidente) o que indica uma tradição de origem atlante e o que pode, além disso, fazer pensar no "Céu Ocidental" da tradição tibetana.

[208] O nome de "ilha dos Santos" foi aplicado ulteriormente à Irlanda, como o de "Ilha verde", bem como à Inglaterra. Assinalemos igualmente o nome da ilha de Heligoland, que tem a mesma significação

[209] Já temos assinalado as tradições semelhantes concernentes ao Paraíso terrestre. No esoterismo islâmico, a "ilha verde" (El Jezirah El Khadrah) e a "montanha branca" (El-Jabal El-Abiod) são também conhecidas, conquanto pouco se fale a respeito no exterior.

[210] Encontra-se aqui as três cores herméticas: verde, branca e vermelha das quais falamos em O Esoterismo de Dante.

[211] Às vezes é questão de um cinturão com as ores do arco-íris que pode ser comparado ao véu de Ísis; Sant-Yves a isso faz referência em sua Missão da Índia, e a mesma coisa se encontra nas visões de Anne Catherine Emmerich. Retornar-se-á ao que dissemos precedentemente sobre o simbolismo do arco-iris, assim como sobre os sete Dwipas.

[212] O latim **Albus**, "branco" é comparável ao hebraico **Laban**, que tem o mesmo sentido, e cujo feminino **Le**-latim, **Luna** pode significar ao mesmo **banah** serve para designar a Lua; em tempo "branco" e "luminoso"; as duas idéias são, entretanto, conexas.

[213] Não há, entre o adjetivo **Argos,** "branco" e o nome da cidade senão uma simples diferença de acentuação; o nome da cidade é neutro e este mesmo nome no masculino é **Argus**. Pode-se, ainda, pensar aqui no navio **Argo** (que diz Ter sido construído por **Argus**, e cujo mastro era feito de um carvalho da floresta de Dodona); neste último caso, a palavra pode, igualmente, significar "rápido", sendo a rapidez encarada como um atributo da luz (e especialmente do brilho), mas o sentido primitivo é "brancura" e depois "luminosidade".
Da mesma palavra deriva ainda o nome da prata, que é o metal branco e que corresponde astrologicamente à Lua; o latim Argentum e o grego Arguros tem visivelmente uma raiz comum.

história sagrada, traduzem efetivamente, à sua maneira, várias verdades de ordem superior, em razão da lei de correspondência que é o fundamento do simbolismo e que une todos os mundos na harmonia total e universal. A idéia que evoca tal representação é essencialmente a de "estabilidade", que indicamos precisamente como característica do Polo: a ilha permanece imutável no meio da agitação incessante das vagas, agitação que é uma imagem do mundo exterior; e é preciso Ter atravessado o "mar das paixões" para se alcançar o "Monte da Saúde", o "Santuário da Paz" [214].

Capítulo XI
LOCALIZAÇÃO DOS CENTROS ESPIRITUAIS

No que precede, deixamos quase que inteiramente de lado a questão da efetiva localização da "mansão suprema", questão muito complexa e, aliás, completamente secundária do ponto de vista em que nos quisemos colocar.

[214] "O **Iogue**, tendo atravessado o mar das paixões, está unido à Tranqüilidade e possui o "Ser" em sua plenitude", diz Chankarâcharya (**Atma-Bodha**). Paixões aqui tem o sentido de todas as modificações contingentes e transitórias que constituem a "corrente das formas": é o domínio das "águas inferiores", segundo o simbolismo comum a toda as tradições. É por isso, que a conquista da "Grande Paz", é, muitas vezes, representada sob a figura de uma embarcação navegando (e aí está uma das razões pelas quais o barco, no simbolismo católico, representa a Igreja); ela o é também, representada sob a alegoria de uma guerra e o **Bhagavad-Gitâ** pode ser interpretado nesse sentido, da mesma forma que se poderia desenvolver, sob este ponto de vista, a teoria da "guerra santa" **(Jihad**), segundo a doutrina islâmica. Acrescentemos que a "marcha sobre as águas" simboliza o domínio do mundo das formas e das mutações: **Vishnu** é chamado **Nârâyana**, "Aquele que caminha sobre as águas"; uma comparação se impõe com o Evangelho, onde se vê precisamente o Cristo caminhar sobre as águas.

Parece que houve ocasião de se encarar diversas localizações sucessivas, correspondentes a diferentes ciclos, subdivisões de um outro ciclo mais amplo que é o MANUÂNTARA; se, entretanto, se considerasse o conjunto deste colocando-se de algum modo, fora do tempo, ter-se-ia uma ordem hierárquica a observar entre essas localizações, correspondendo à constituição de formas tradicionais que, em suma, não são mais do que adaptações da tradição principal e primordial que domina todo o MANUÂNTARA.

Além disso, lembraremos, ainda uma vez, que aí, também, simultaneamente pode haver, além do centro principal, muitos outros centros que se unem e que dele são outras tantas imagens, fato este que é uma fonte de confusões assaz fáceis de serem cometidas, tanto mais que estes centros secundários, estando mais exteriorizados, são, por isso mesmo, mais aparentes do que o centro supremo[215].

Sobre este último ponto, já notamos em particular a semelhança de Lhassa, centro do Lamaísmo, com a AGARTHA; acrescentaremos agora que, mesmo no Ocidente, conhecem-se ainda, pelo menos duas cidades cuja disposição topográfica apresenta particularidades que, em sua origem, tiveram uma mesma razão de ser: Roma e Jerusalém (e vimos que esta última era, efetivamente, uma imagem visível da misteriosa SALÉM de MELKI-TSEDEK). Havia, efetivamente, na antigüidade, como já indicamos, o que se poderia chamar uma geografia sagrada ou sacerdotal, e a posição das cidades e dos templos não era arbitrária, mas determinada segundo leis muito precisas[216]; por esse fato pode-se pressentir os laços que uniam a "arte sacerdotal" e "arte real" com a "arte dos construtores" [217], bem como as razões pelas quais as antigas corporações estavam de posse de uma verdadeira tradição iniciática[218] . Aliás, entre a fundação de uma cidade e a constituição de uma doutrina (ou de uma nova forma trdicional, pela adaptação às várias condições definidas de tempo e de lugar), havia uma tal relação que a primeira era freqüentemente tomada para simbolizar a segunda[219].
Naturalmente, devia-se recorrer a precauções especiais quando se tratava de fixar a localização de uma cidade que estava destinada a se tornar, sob um outro aspecto, a metrópole de toda uma parte do mundo; e os nomes das cidades, assim como o que se relacionasse com as circunstâncias de sua fundação, mereceriam ser examinados cuidadosamente sob este ponto de vista.

Sem nos estendermos sobre essas considerações que não se relacionam senão indiretamente com o nosso objetivo, diremos ainda que um centro do gênero destes que acabamos de nos referir, existia em Creta na época pré-

---

[215] Segundo a expressão que Saint-Yves empresta ao simbolismo do Taro, o centro supremo é entre outros centros como o "zero fechado dentro dos vinte e dois arcanos".

[216] O TIMEU de Platão parece conter, sob uma forma velada, certas alusões à ciência de que se trata.

[217] Lembraremos aqui o que dissemos do título de PONTIFEX; aliás, a expressão de "arte real" tem sido conservada pela Maçonaria moderna.

[218] Entre os romanos, Janus era ao mesmo tempo deus da iniciação aos Mistérios e o das corporações dos artesãos (collegia fabrorum); há nessa dupla atribuição um fato particularmente significativo.

[219] Citaremos como exemplo, o símbolo da Amphion batizando os muros de Tebas com os sons de sua lira; ver-se-á imediatamente o que significa o nome dessa cidade de Tebas. Sabe-se qual a importância que tinha a lira no orfismo e no Pitagorismo; é, freqüentemente o assunto de instrumentos de música que desempenham um papel semelhante e evidentemente, o que foi dito deve também ser entendido simbolicamente

helênica[220]., e que parece que o Egito contava com muitos provavelmente fundados em várias épocas sucessivamente, como Memphis e Tebas[221].
O nome desta última cidade, que foi também o de uma cidade grega, deve prender mais particularmente nossa atenção, como designação de centros espirituais, em razão de sua manifesta identidade com o da THEBAH hebraica, isto é a Arca do dilúvio. Esta é ainda uma representação do centro supremo considerado especialmente enquanto ela assegure a conservação da tradição, de algum modo em estado de envolvimento[222]., no período transitório que é como o intervalo de dois ciclos e que é assinalado por um cataclismo cósmico destruindo o estado anterior do mundo para dar lugar o novo estado[223]. A ação do NOAH[224] bíblico é semelhante ao que representa na tradição hindu SATYAVRATA , que se torna em seguida, sob o nome de VAIVASWATA, o MANU atual; mas é preciso notar que, enquanto esta última tradição se relaciona com o início do presente MANUÂNTARA , o dilúvio bíblico marca somente o início de um outro ciclo mais restrito, incluído neste mesmo MANUÂNTARA[225]: não se trata do mesmo acontecimento, mas somente de dois acontecimentos análogos entre si [226].

O que é ainda mais digno de ser aqui consignado é a relação que existe entre o simbolismo da Arca e o do arco-íris, relação que é sugerida, no texto bíblico, pelo aparecimento deste último depois do dilúvio, como sinal da aliança entre Deus e as criaturas terrestres[227]. A Arca, durante o cataclismo, flutua sobre o oceano das águas inferiores; o arco-íris, no momento em que marca o restabelecimento da ordem e a renovação de todas as coisas, parecia "dentro das nuvens", isto é, na região das águas superiores. Trata-se, portanto, de uma relação de analogia, no mais estrito sentido da palavra, isto é, que as duas figuras são inversas e complementares uma da outra: a convexidade da Arca é virada para o lado de baixo, a do arco-íris para cima, e sua reunião forma uma figura

---

[220] O nome de MINOS é por si mesmo uma indicação suficiente a este respeito, como o de MENÊS no que se refere ao Egito; retornaremos igualmente a Roma, quanto ao que dissemos do nome de NUMA, lembraremos a significação do de SHLOMOH para Jerusalém. – A propósito de Creta, assinalamos, de passagem, o uso do LABIRINTO, como símbolo característico, pelos construtores da idade média; o mais curioso é que o percurso do Labirinto, traçado sobre o lajedo de certas igrejas, era considerado como substituindo a peregrinação à Terra Santa para aquele que não podiam realizá-la.

[221] Vimos, também, que Delfos tinha desempenhado este papel para a Grécia, seu nome evoca o do golfinho, cujo simbolismo é muito importante. Um outro nome notável é o de Babilônia: BAB-ILU significa "Porta do Céu", que é uma das qualificações aplicadas por Jacó à LUZ ; aliás, também, pode Ter o sentido de "casa de Deus", como BEITH-EL , mas torna-se sinônimo de "confusão" (BABEL) quando a tradição é perdida, dá-se, então, a transposição do símbolo, a JANUA INFERNI tomando o lugar de JANUA COELI.

[222] Este estado é semelhante àquele que representa para o início de um ciclo o "Ovo do Mundo", contendo em germe todas as possibilidades que se desenvolverá no curso do ciclo; a Arca contém, igualmente, todos os elementos que servirão para a restauração do mundo, e que, assim, são os germes de seu futuro estado de ser.

[223] É ainda uma das funções do "Pontificado" assegurar a passagem ou transmissão tradicional de um ciclo a outro; a construção da arca tem aqui o mesmo sentido que o de um ponto simbólico, porque ambos são igualmente destinados a permitir a "passagem das águas", que aliás tem significações múltiplas.

[224] Deverá ser notado também, que Noé é designado como tendo sido o primeiro que plantou a videira (Gênese, IX, 20 –), fato que se relaciona com o que dissemos sobre a significação simbólica do vinho e seu papel nos ritos iniciáticos a propósito do sacrifício de Melki-Tsedek.

[225] Uma das significações históricas do dilúvio bíblico pode ser relacionada com o cataclismo em que desapareceu a Atlântida.

[226] A mesma observação naturalmente se aplica a todas as tradições diluvianas que se encontram entre grande número de povos; existe entre eles alguns que se referem a ciclos ainda mais particulares, especialmente, é o caso, entre os Gregos, dos dilúvios do DEUCALIÃO e de OGYGES.

[227] Gênese, IX, 12-17

circular ou cíclica completa da qual eles são como que as duas metades[228]. Esta figura era, efetivamente, completa, no início do ciclo: ela é o corte vertical de uma esfera cujo corte horizontal é representado pelo cinto circular do paraíso terrestre[229].; e este é dividido por uma cruz que forma os quatro rios saídos da "montanha polar" [230]. A reconstituição deve se operar no fim do mesmo ciclo; mas, então, na figura da Jerusalém celeste, o círculo é substituído por um quadrado[231], e isto indica a realização do que os hermetistas designavam simbolicamente como a "quadratura do círculo": a esfera que representa o desenvolvimento das possibilidades pela expansão do ponto primordial e central se transforma em um cubo quando este desenvolvimento é terminado e que o equilíbrio final é atingido pelo ciclo considerado [232].

CAP XII
Algumas conclusões

---

[228] Essas duas metades corresponde às do "Ovo do Mundo" como as "águas superiores e as "águas inferiores" próprias; durante o período da perturbação, a metade inferior que se produziu então o que Fabre d'Olivet chama a "Reunião das espécies". As duas figuras complementares de que se trata podem, ainda, sob certo ponto de vista, ser assimiladas a dois crescentes lunares, virados em sentido inverso (sendo um como o reflexo do outro e seu simétrico pela ligação com a linha da separação das águas), no que se refere ao simbolismo de Janus, do qual o navio, além disso é um dos emblemas. Notar-se-á , também, que existe uma certa equivalência simbólica entre o crescente, a taça e o navio e que a palavra "navio" serve para designar ao mesmo tempo estas duas últimas (o "Santo Vaso" é uma das denominações mais comuns do GRAAL na idade média).

[229] Essa esfera é ainda o "Ovo do Mundo": o Paraíso terrestre se encontra no plano que o separa em duas metades superior e inferior, isto é, no limite do Céu e da Terra.

[230] Os Cabalistas fazem corresponder a estes quatro rios as quatro letras que formam, em hebreu, a palavra PARDES ; assinalamos, além disso, sua relação analógica com os quatro rios dos Infernos.

[231] Esta substituição corresponde à do simbolismo vegetal pelo simbolismo mineral, do qual algures demos a significação. As doze portas de Jerusalém celeste correspondem naturalmente aos doze signos zodiacais, do mesmo modo que as doze tribos de Israel; trata-se de uma transformação do ciclo zodiacal em virtude da pausa da rotação do mundo e a sua fixação em estado final que é restauração do estado primordial, quando for terminada a manifestação sucessiva das possibilidades que esta continha. – A "Árvore de Vida", que estava no centro do Paraíso terrestre está, igualmente, no centro da Jerusalém celeste e aqui traz doze frutos; estes não deixam de apresentar uma certa relação com os doze ADITYAS, da mesma forma que a própria "Árvore da Vida" em uma relação com ADITI, a essência única e indivisível da qual eles são originados.

[232] Poder-se-ia dizer que a esfera e o cubo correspondem aqui, respectivamente aos dois pontos de vista dinâmico e estático; as seis faces do cubo são orientadas segundo as três dimensões do espaço, como os seis braços da cruz traçada a partir do centro da esfera.

Do testemunho unânime das tradições, uma conclusão se tira muito claramente: a afirmação de que existe uma Terra Santa por excelência, protótipo de todas as outras Terras Santas, sede espiritual à qual todas as demais sedes são subordinadas. A "Terra Santa" é também a " Terra dos Santos" a "Terra dos Bem-aventurados" a "Terra dos Viventes" a "Terra da Imortalidade"; todas essas expressões são equivalentes e pode-se acrescentar a de "Terra Pura", que Platão adotou para significar a "Morada dos Bemaventurados" [233].

Situa-se habitualmente esta morada em um "mundo invisível", mas, se se quer compreender porque aí ela surge, não se deve esquecer que ela é a mesma das "hierarquias espirituais", da qual falam também todas as tradições , e que representam na realidade os graus da iniciação[234] .

No período atual de nosso ciclo terrestre, quer dizer, na Idade Negra, esta "Terra Santa", defendida pelos "guardiões" que a ocultam aos olhos dos profanos, mantendo, entretanto certas relações exteriores, apesar de permanecer invisível, inacessível, mas somente para aqueles que não possuem qualificações exigidas para ali penetrar.

Atualmente, sua localização numa região determinada, deve ser vista como literalmente efetiva? Ou somente como simbólica? Ou é ela ao mesmo tempo uma coisa ou outra? A esta questão, respondemos simplesmente que para nós os fatos geográficos, bem como os históricos, têm como todos os outros um valor simbólico, que de resto não afeta sua realidade própria, pois que existente, mas que lhe confere, além desta realidade imediata, uma significação superior [235].

Não pretendemos ter dito tudo quanto se poderia dizer sobre o assunto a que se reporta o presente estudo; e as deduções que propusemos poderão seguramente sugerir muitas outras; apesar de tudo, dissemos muito mais do que se disse até agora, e alguns poderão ser tentados a nos censurar. Entretanto, não pensamos que isto seja muito, e estamos mesmo persuadidos de que não há nada que não deva ser dito, embora reconheçamos que se deve aguardar oportunidade quando se trata de divulgar certas coisas de um caráter pouco comum. Sobre esta questão de oportunidade, porém, devemos observar que no meio em que vivemos hoje, os acontecimentos se desenvolvem com tal rapidez que muitas das coisas cujas razões não aparecem ainda, poderiam encontrar, e até mais cedo do que se espera, aplicações imprevistas, senão totalmente imprevisíveis.

Queremos abster-nos de tudo quanto de certo modo se assemelhe a "profecias"; mas para terminar citaremos uma frase de Joseph de Maistre, tão verdadeira hoje como há um século atrás: "É preciso que estejamos preparados

---

[233] A descrição simbólica desta "Terra Pura" se acha ao fim da obra Fedo, de Platão (tradução de Mário Meunier, pp. 285-289);notouse um certo paralelismo entre esta descrição e aquela que Dante faz do Paraíso Terrestre (John Stewart, The Myths of Plato, pp. 101-113).

[234] Os diversos mundos são propriamente "estados", e não lugares, se bem que eles possam ser descritos simbolicamente como tais; o termo sânscrito loka, que lhe diz respeito, e que é idêntico a latino "locus", enfeixa em si mesmo a indicação desse simbolismo espacial. Existe também um simbolismo temporal, segundo o qual estes mesmos estados são descritos sob forma de ciclos sucessivos ainda que o tempo, como também o espaço, não são realidade mais que uma condição própria de um dentre eles, de modo que a sucessão não é senão a imagem de um encadeamento casual.

[235] Isto pode ser comparado à pluralidade dos sentidos segundo os quais se interpretam os textos sagrados; e que longe de se oporem ou se destruírem, completam-se e harmonizam-se ao contrário do que acontece ao conhecimento sintético e integral. Do nosso ponto de vista, os fatos históricos correspondem a um simbolismo temporal, e os fatos geográficos a um simbolismo espacial; e há entre uns e outros um liame ou correlação necessária, como entre o tempo e o espaço. Este o motivo por que a localização do centro espiritual pode ser diferente conforme os períodos evolutivos.

para um acontecimento imenso na ordem divina, para o qual marchamos com uma velocidade acelerada, e que abalará todos os observadores. Os oráculos anunciam que os tempos são chegados".

ÍNDICE PÁGINA

Prefácio 1
INTRODUÇÃO
Governo Mundial..... 3
Diretório Oculto e um Executivo..... 9
A Lenda do Cavalo Branco..... 12
O REI DO MUNDO
Palavras Necessárias..... 21
Capítulo I – Noções da Agartha no Ocidente..... 25
Comentários..... 27
Notas e Comentários- Os tempos esperados já chegaram... 40
Capítulo II - Realeza e Pontificado..... 39
Comentários..... 43
Capítulo III - A Shekinah e Metraton..... 52
Comentários..... 56
Capítulo IV - As três funções Supremas..... 84
Comentários de Tratamentos..... 88
Tratamento Mental..... 90
Subdivisão do Tratamento Mental..... 92
Eficácia da Fé 94
Resumo do modo Operatório..... 97
Conclusão..... 100
Capítulo V – Simbolismo do Graal..... 105
Capitulo VI – Melki-Tsedeq..... 109
JHS e o Rei do Mundo..... 115
O Santo Cálice no Culto de Melki-tsedek 116
O Senhor das duas faces 118
Agartha e as escrituras Sagradas..... 119
Capítulo VII – Luz, Morada da Imortalidade..... 121
Capítulo VIII – O Centro Supremo durante a Kalli-Yuga..... 125
O Rei do Mundo e os Mundos Subterrâneos – A bibliografia
Hodierna e as Tradições Milenares..... 128
Três Mundos e seis dimensões 129
Onde se processa a evolução..... 130
O Templo do Caijah em Duat..... 130
A sede da Agartha e o testemunho de Saint'Yves 131

Os Infra Mundos na Tradição Egípcia 132
A Importância dos Rituais..... 133
Críticas passíveis de críticas. A Missão de Helena P. Blavatsky
Quem são os legítimos representantes Agarthinos?.. 135
CAPÍTULO IX – Onphalus e Betilos 137
CAPÍTULO X – Nomes e representações simbólicas 142
CAPÍTULO XI – Localizações dos Centros Espirituais 145
CAPÍTULO XII – Algumas conclusões.....148

AUGUSTINHO KOSCHDOSKI, Grau 33 do REEA, membro do Consistório nº 1, agraciado com a Comenda D. Pedro I, Benemérito e Grande Benemérito da Loja Adonai 1377 e Loja Maçônica Professor Henrique José de Souza de Estudos e Pesquisas. Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Eubiose e Ordem do Santo Graal; Ex-Acólito da Fraternidade Rosicruciana Antiqua e Eclésia Gnóstica.
Rua Senador Dantas, 117, Conj 1.213, tel 2215-7890 e 2215-7898, CEP 20.031-201 – Email: koschdoskiapc@yahoo.com.br
RIO DE JANEIRO
2010

CAPÍTULO XI – Localizações dos Centros Espirituais 142
CAPÍTULO XII – Algumas conclusões.....

AUGUSTINHO KOSCHDOSKI, Grau 33 do REEA, membro do Consistório nº 1, agraciado com a Comenda D. Pedro I, Benemérito e Grande Benemérito da Loja Adonai 1377 e Loja Maçônica Professor Henrique José de Souza de Estudos e Pesquisas. Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Eubiose e Ordem do Santo Graal; Ex-Acólito da Fraternidade Rosicruciana Antiqua e Eclésia Gnóstica.
Rua Senador Dantas, 117, Conj 1.213, tel 2215-7890 e 2215-7898, CEP 20.031-201 – Email: koschdoskiapc@yahoo.com.br
RIO DE JANEIRO
2010